

ANTOLOGIA

DA LITERATURA DRAMÁTICA DO
RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)



VOLUME VI

O IDEAL REPUBLICANO

ANTENOR FISCHER

ANTOLOGIA

DA LITERATURA DRAMÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)

Produzida ao longo de um Estágio Pós-Doutoral, realizado no PPGL da PUCRS, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Moreira, em 2009, a presente Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) faz parte de uma série de estudos acadêmicos realizados por Antenor Fischer, nos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS, entre 2002 e 2011.

A Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (cujos ensaios introdutórios, em seu conjunto, constituem e/ou proporcionam uma visão sociológica do Rio Grande do Sul oitocentista, a partir do teatro nele produzido), foi precedida pelos seguintes estudos: A literatura dramática do Rio Grande do Sul, do século XIX – Subsídios para uma história (Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003) e A literatura dramática do Rio Grande do Sul – de 1900 a 1950 (Tese de Doutorado, PUCRS, 2007, 2 volumes).

A esses estudos, o autor acrescentaria o Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul, produzido ao longo de novo Estágio Pós-Doutoral, agora no PPGL da UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Luís Augusto Fischer, em 2011. A obra, que reúne 900 verbetes de autores, foi considerada, pelo crítico teatral Antonio Hohlfeldt, “o principal livro publicado no Rio Grande do Sul, em 2014, sobre teatro”.

Radicado em Porto Alegre, desde 1978, Antenor Fischer nasceu na Linha Vista Alegre, Crissiumal, RS, a 26/10/1959. Passou a infância e a juventude em Palmitos e Cunha Porã, municípios do Oeste de Santa Catarina. Ex-ator do “Caixa de Pandora” (grupo teatral porto-alegrense, que integrou ao longo de quase dez anos), diretor de teatro, historiador da literatura dramática gaúcha, escritor e bancário aposentado (CEF), Fischer, como é conhecido, é Bacharel em Artes Cênicas – Direção Teatral, pelo DAD-UFRGS (1997), Mestre e Doutor em Letras, pela PUCRS (2003 e 2007, respectivamente), com Pós-Doutorado, na mesma área, pela PUCRS (2009) e pela UFRGS (2011).

Além do Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Porto Alegre: FischerPress, 2014, 350 p.), publicou as seguintes obras: A república dos miseráveis – Ascensão e queda do Reich da Modernidade (2000); A odisseia de H.Romeo (2005); A primavera de Praga (2006); Que mistifório é este? – Crônica, poesia, teatro & Cia. (em parceria com César Dias da Silva, 2008); Era uma vez no Leste – Impressões de uma viagem a República Tcheca, Polônia, Repúblicas Bálticas e Rússia (2010); Em busca do sentido perdido – No Caminho de Santiago (2012); e Do outro lado do mundo – Crônicas da Ásia e da Oceania (2015).

Antenor Fischer

ANTOLOGIA
DA LITERATURA DRAMÁTICA
DO RIO GRANDE DO SUL
(SÉCULO XIX)

VOLUME VI
O IDEAL REPUBLICANO

1ª Edição

Porto Alegre

P | Fischer
Press

2015

Copyright@ 2015 por Antenor Fischer

Título Original

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Século XIX)

Editor

Antenor Fischer

Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica

Daniel Scheer

Ilustração da Capa

Gilmar Fraga

Bibliotecária Responsável

Ginamara de Oliveira Lima – CRB 10/1204

Catálogo na Fonte

F529a

Fischer, Antenor

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) /
Antenor Fischer. – Porto Alegre : FischerPress, 2015.
8 v. ; 21 cm.

Conteúdo: v.1. Autores primordiais e textos fundadores. – v.2. A desonra como *Machina Fatalis*. – v.3. O jusuitismo na alça de mira. – v.4. O divórcio em cena. – v.5. O drama abolicionista. – v.6. O ideal republicano. – v.7. A mulher como autora. – v.8. A comédia.

ISBN: 978-85-68558-02-7 – Coleção

978-85-68558-03-4 – v.1

978-85-68558-04-1 – v.2

978-85-68558-05-8 – v.3

978-85-68558-06-5 – v.4

978-85-68558-07-2 – v.5

978-85-68558-08-9 – v.6

978-85-68558-09-6 – v.7

978-85-68558-10-2 – v.8

1. Literatura Brasileira - Teatro. 2. Literatura Sul-rio-grandense - Teatro.
3. Literatura Dramática do Rio Grande do Sul. 4. Teatro do Rio Grande do
Sul. 5. Dramaturgia brasileira. 6. Dramaturgia gaúcha. I. Título.

CDD 869.99209

Antenor Fischer

fischerpress@gmail.com

www.fischerpress.com.br





SUMÁRIO

O ideal republicano	07
Notas sobre os autores.....	51
<i>Escrava e mãe</i> (1880), de José Alves Coelho da Silva	55
<i>Lucinda</i> (1875), de Hilário Ribeiro.....	119
<i>Estrelas e diamantes</i> (1874), de João da Cunha Lobo Barreto	165
Bibliografia	217



O IDEAL REPUBLICANO

De todas as nações da Antiguidade, foi na Grécia que se fez a primeira tentativa para dar ao Estado uma base humana dissociada da *vontade divina* e popular. Naquela época, em quase todas as regiões do mundo, achava-se a autoridade investida numa classe aristocrática, empenhada unicamente em manter um certo estado de ordem puramente artificial, com manifesta negação das tendências progressivas, que porventura surgissem no seio do organismo social. Foi nesse contexto que o gênio altamente inventivo dos gregos introduziu, na ordem política, modificações profundas, imprimindo à corrente das ideias e dos sentimentos nacionais um impulso democrático.

A evolução política que se operou na Grécia, em que pesem suas imperfeições, foi em parte continuada pelos romanos. À semelhança dos gregos, que só depois da expulsão da realza adotaram a forma democrática, também os romanos iniciaram sua vida política no regime da monarquia teocrática. O papel decisivo na difusão do regime republicano caberia, séculos mais tarde, à França, onde a Revolução de 1789 pôs fim ao antigo regime – a monarquia absolutista –, executou Luís XVI e proclamou a República.

Os historiadores são unânimes em afirmar que a vocação republicana acompanhou o Brasil desde antes da independência política. Para Marco Antonio Villa (2000, v. IV, p. 3), por exemplo, o ideário republicano, mesmo de forma difusa, já estava presente nas rebeliões anticoloniais, desde o final do século XVIII. Com a Independência e a manutenção do regime monárquico, sua defesa associou-se aos movimentos democráticos que abalaram o período regencial (1831-1840) e o início do Segundo Reinado.

Em sua obra *A república federal*, o gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil (1885, p. 89)¹ – nas suas próprias

¹ A primeira edição é de 1881. No preâmbulo da segunda edição, de 1885, consta: “10.000 exemplares para distribuição gratuita oferecidos pelo Partido Republicano de São Paulo”.



palavras, um dos mais convictos e ardentes soldados da causa republicana no Brasil – explica que já na época da Independência, havia no País, inclusive, “um Partido disposto a proclamar a República, para o que se aguardava a partida do príncipe regente para a Europa”. A Independência, com a República, só acabou não acontecendo porque o príncipe, avisado da existência e da força desse Partido, decidiu por sua permanência no “nefasto dia do *Fico*”.

Assis Brasil (1885, p. 87-89) afirma que “as únicas manifestações de vitalidade que este povo deixou pelo curto caminho da sua história política, as suas tradições mais puras e legítimas – são republicanas”:

Republicana foi a malograda conspiração mineira, que tantos mártires fez e que levou ao cadafalso o heroico Tiradentes; republicanas foram as duas revoluções de Pernambuco: a de 1817, que desfraldou a bandeira branca, como símbolo de paz, e a de 1824, que, com o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, fundou a efêmera *Confederação do Equador*, primeiro e mais definido ensaio de federalismo entre nós; republicana foi a revolução de 1835, na heroica Província do Rio Grande do Sul, onde um punhado de gaúchos mal disciplinados e mal armados, a cujo lado também luziu a espada invicta do general Garibaldi, lutou dez anos, com denodo incrível, contra a mole formidável de todo o Império; republicana foi a revolução da Bahia, de 1837, como o foi também uma infinidade de outros movimentos havidos em todo o Império, movimentos que, conquanto não deixassem bem definidos os seus fins, pela rapidez da sua duração, eram, contudo, tendências para a liberdade, protestos contra as usurpações da Monarquia.

Com efeito, para o autor de *Os homens microscópicos*² (1885, p. 499), os movimentos revolucionários de 1817, 1824, 1835 e 1837 eram os mais eloquentes atestados da decidida preferência que sempre manifestou o povo brasileiro pelo governo republicano. “Travada, porém, a luta entre a vontade

² Drama representado em São Gabriel, em 1876 (CESAR, 1956, p. 361).



popular e a autoridade real, é bem sabido que a esta coube sempre a vitória”.

Segundo Villa (2000, v. IV, p. 3), a derrota desses movimentos revoltosos e a consolidação da ordem imperial limitaram a defesa da República a grupos politicamente marginais, sem expressão social. Para Assis Brasil (1885, p. 90), os contínuos revezes sofridos pelos “heroicos” ou “patrióticos” republicanos, aliados à corrupção monárquica (que teria entorpecido a consciência do País), fizeram com que, por largo tempo, a causa republicana não tivesse mais voz que a defendesse.³

Abatido ou desnorteado “pelas maquinações hipócritas da desmantelada dinastia dos Bragança, pela resistência tirânica do primeiro imperador e pela profunda anarquia que se seguiu à abdicação”, o mais antigo partido político do Brasil, o Republicano, foi levado, segundo Assis Brasil (1885, p. v-vi), “a um estado de inércia que duraria trinta anos”. Da corrupção fomentada pela monarquia, ainda segundo o mesmo autor (1885, p. 500), “nasceram os elementos que deviam mais tarde servir de estimulantes à agitação republicana”.

Até pouco antes da reestruturação do Partido Republicano, o País contava apenas com dois partidos: o Conservador e o Liberal – os quais, segundo Alberto Salles (1882, p. 486-7), “esquecidos propositalmente da promoção do bem público e completamente indiferentes ao desenvolvimento da sociedade brasileira”, constituíam “elementos de perturbação e desordem”, que agitavam violentamente o País em períodos eleitorais. A posse do poder era sua única aspiração. As ideias e os princípios, que enobrecem e legitimam as agremiações políticas, cederam o lugar aos homens e às individualidades. Confundiram-se os programas e tornaram-se meros partidos pessoais, que se moviam e se agitavam unicamente pelo egoísmo e pela ambição de seus chefes. Não havia “uma ideia, um princí-

³ Assis Brasil (1885, p. v) inicia a introdução de *A república federal* com o seguinte parágrafo: “Pouco tempo depois do estrondoso descalabro pelo qual o Segundo Reinado levou o cepticismo ao coração dos últimos *liberais* sinceros deste País, Teófilo Otoni escrevia, em 1845, ao general Canabarro, ex-diretor da efêmera República de Piratini, que: – em todo o Brasil, exceto o Rio Grande do Sul, só havia um único republicano. Este republicano era o ilustre patriota mineiro”.



pio, um único ponto de doutrina”, que os separasse ou distinguísse, como dois grupos opostos e independentes.⁴

O Partido Republicano, que havia sido o flagelo da monarquia em seus primeiros anos, e que já parecia inteiramente aniquilado, só teve oportunidade de se reorganizar graças às divergências ocorridas no seio do Partido Liberal, em 1868, cuja divisão deu formação ao Partido Radical. Dois anos mais tarde, segundo Assis Brasil (1885, p. v-vi), alguns homens, “derradeiros representantes das antigas aspirações livres, abandonando comodidades e conveniências pessoais”, romperam abertamente com a corrupta ordem estabelecida, desfraldando “o estandarte da democracia legítima, o estandarte republicano”.

Para Assis Brasil (1885, p. 81), a monarquia constitucional jamais se justificou em nosso País, por exigir condições que não tínhamos: “o contato de duas classes distintas, inalienáveis, uma das quais constitua, pela sua procedência, pelos seus hábitos, pelos seus antecedentes, o que se chama nobreza ou aristocracia, enquanto que a outra, por causas diversas, constitua o povo e a plebe”. Além disso, ainda segundo o republicano gaúcho (1885, p. 82-85), a índole do Brasil era fundamentalmente democrática:

⁴ Na opinião de Gilberto Freyre (2000, p. 69), tal situação não sofreu alterações significativas após a derrocada do Império: “A República de 89 foi, no Brasil, tanto quanto o Império, ou talvez, mais do que o Império, um choque constante entre personalidades, isto é, entre caudilhos e líderes de formações regionais e intelectuais diversos, de ideologias antagônicas, de interesses e aspirações econômicas contrários. De modo que para bem compreendê-la impõe-se o maior conhecimento possível da bibliografia biográfica, autobiográfica e personalista, em geral, em que a outra – a impessoal, rigidamente jurídica, filosófica, sociológica, técnica, administrativa, ideológica – tem muitas vezes suas raízes ou suas explicações. Como compreendermos bem o antagonismo em Rui Barbosa e Pinheiro Machado, sem conhecermos os antecedentes gaúchos e dizem que até cigano de um Pinheiro Machado – sua vida, toda de aventuras e de gestos de “caudillo” valente, conhecedor de cavalos, bebedor de chimarrão, voluptuoso de churrascos sangrentos – e os antecedentes, a formação, a personalidade de Rui, nascido, criado a chá e amadurecido antes do tempo na Bahia, entre lições de Latim e de Gramática à hora certa, entre igrejas velhas e iaiás delicadamente quituteiras, entre tios doutores, parentes magistrados e primos burocratas?”.



País civilizado num tempo em que eram já impossíveis as causas que deram origem ao estabelecimento dos direitos senhoriais na Europa, nunca puderam lançar raízes no seu solo esses simulacros do feudalismo antigo que ainda hoje se notam no velho mundo. Tem sido em vão que a monarquia se tem esforçado aqui por construir uma aristocracia artificial. O Brasil tem de seguir fatalmente os destinos da América. A América é uma conquista da democracia. Pretender aristocratizar o Brasil é pretender um absurdo perante as leis da história. (...) Aqui não há aristocracia possível. A nossa *nobreza* será sempre caricata. Os nossos barões hão de continuar a ser, como têm sido, uns tristes burgueses, tão endinheirados quanto inofensivos. (...) Nestes tempos, quando não existem mais nem as *marcas*, nem as baronias antigas, só os pobres de espírito acham sociedade em títulos sem significação de *barões*, *marqueses*, etc. É por esse motivo que, em regra, só homens de pouco talento ou quase absolutamente incultos compõe a nossa nobreza artificial”.

Para Marco Antonio Villa (2000, v. IV, p. 4), o surto cafeeiro e o rápido crescimento econômico da região Sudeste, a partir de meados da década de 1860, formaram uma nova elite. Uma fração dessa elite teria passado a sustentar a necessidade de uma outra organização política, que possibilitasse um controle direto do Estado e uma reordenação nas relações entre as províncias e o governo central.

Foi nesse período que o sonho republicano voltou à cena política. Em 1870, no Rio de Janeiro, Quintino Bocaiúva lançava o Manifesto Republicano e, com ele, as bases do movimento que, alguns anos mais tarde, viriam a pôr fim a mais de meio século de monarquia. Iniciado na Corte, o movimento republicano – cuja tônica era a defesa do federalismo – ganhou maior força nas províncias de São Paulo e Minas Gerais.

No Manifesto Republicano, publicado em 3 de dezembro de 1870, acentuava-se, segundo Villa (2000, v. IV, p. 4), “a posição política de identidade americana, pois o Brasil igualava-se em regime político aos demais países da América”. O documento ressaltava que a permanência da Monarquia, além de nos excluir do convívio com as nações latino-americanas,



justificava as guerras com os países limítrofes. O novo regime, acreditavam os republicanos, “retiraria o Brasil do isolamento político, não só na América como no mundo”.

A constituição definitiva do Partido Republicano, segundo Assis Brasil (1885, p. vii-viii), data daquela época. Com “as mais ilustres ideias substituídas pela grosseira política do sortilégio e das transações humilhantes” e “sufocado o último alento da liberdade pela pressão vitoriosa da turba dos exploradores”, os republicanos lutaram com toda sorte de adversidades.

A propaganda, muito restrita, era sua única arma de combate. Os seus adeptos, apesar de serem homens de muito talento e honestidade, eram em número insignificante e tinham pouco dinheiro. Além disso, “divorciado das conveniências materiais, o Partido não podia fazer pesar a sua influência nos negócios públicos; não podia disputar eleições, não podia levantar a voz no seio do parlamento, aberto exclusivamente ao escandaloso nepotismo”.

Objetivando demonstrar a rápida assimilação das ideias republicanas pela sociedade, Assis Brasil (1885, p. viii-ix) faz uma comparação do Partido Republicano, na época de sua constituição (1870), com sua situação no momento da publicação da obra, em sua primeira edição (1881): em apenas dez anos, o Partido Republicano se organizou como partido militante nas províncias de Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Na grande, rica e nobre Província de São Paulo, “apesar dos esforços dos dois partidos monárquicos coligados e do iníquo sistema eleitoral de então”, o Partido Republicano conseguiu levar três representantes à Assembleia Provincial e fazer a maioria de várias câmaras municipais.

Essa rápida transformação no campo sócio-político; o fato de que cada vez mais jornalistas e tribunos levavam o eco dos sentimentos populares aos ouvidos de um poder “impotente para reprimir essas nobres explosões de liberdade, por tanto tempo sopeadas”; mais a aspiração crescente do povo, a cada momento mais consciente de si, da sua força e dos seus direitos, exigindo reformas que a Monarquia não podia conceder,



sem cavar o próprio sepulcro; a próxima mudança do ocupador do trono, destinado a “uma princesa fanática e impopular”; a marcha natural, enfim, a evolução, levaram Assis Brasil (1885, p. xi-xii) a vaticinar o fim da Monarquia e a instalação do Império, num futuro próximo:

Esta verdadeira progressão geométrica em que têm ido os princípios republicanos demonstra que tais princípios tornaram-se uma urgente necessidade para a consciência do País, demonstra que a sua realização vem perto, que estão contados os dias do sistema que até hoje infelizmente nos tem dominado. Outros e mais sérios motivos contribuem para que de dia para dia se vão toldando mais os horizontes políticos, onde já se presentem grandes tempestades, que nos farão em próximo futuro expiar os erros do passado.

Na opinião de Assis Brasil (1885, p. 91-96), o mais eloquente libelo que se podia articular contra a Monarquia, no Brasil, era a narração da sua própria história: “se o País lhe deve alguma coisa, é a miséria, sob todos os pontos de vista. A história da Monarquia, entre nós, é a história do rebaixamento do caráter nacional, que ela começou hostilizando abertamente pela violência da tirania, e sufocando depois numa atmosfera de corrupção”.

Repelida pelo espírito nacional (prova disso seriam as várias revoltas eclodidas no território brasileiro), a Monarquia só teria encontrado um meio de prolongar sua existência, que era exatamente o de abater esse espírito nacional que a repelia: “ela conseguiu isso por dois métodos distintos, cada qual mais fatal ao País: pela violência e pela corrupção. O Primeiro Reinado, (...) marca o período da violência; o Segundo Reinado, (...) assinala o da corrupção”.⁵

⁵ A corrupção não foi, no Brasil, uma exclusividade da Monarquia. Em palestra proferida no segundo semestre de 1991, em Curitiba, José Murilo de Carvalho (1998, p. 275) invocou a tese de que a corrupção, mais do que a fauna e a flora tropicais, é coisa nossa: “os republicanos acusavam o regime monárquico de ser corrupto, os revolucionários de 30 acusavam a Primeira República de ser corrupta, os democratas de 45 acusavam o Estado Novo de ser corrupto, os militares de 64 acusavam a democracia de 45 de ser corrupta, a Nova República acusou a República dos militares de ser corrupta, hoje todos acusam a Nova República de ser corrupta...”. Se quiséssemos ir mais



Assis Brasil (1885, p. 104-5) explica essa passagem da tirania para a corrupção da seguinte maneira:

Até hoje ninguém soube a razão por que os primeiros homens foram imensamente superiores aos atuais, por que as nossas primeiras câmaras foram independentes e patrióticas, quando as atuais são impudentes e servis. Entretanto, esse fato estranho, que parece desmentir as leis da história, explica-se facilmente. A causa revela-se clara no próprio efeito: no princípio, o caráter não tinha sido dominado pela lei, muito recente para sobrepujá-lo; depois, a lei fez o caráter. No princípio, podia haver tirania, mas não podia haver corrupção. Havia a opressão, que revolta a dignidade; mas não podia haver a corrupção, que avilta a natureza; havia a força ostentosa, que ataca a descoberto; mas não o sofisma legal, que arma a emboscada e não deixa quartel à defesa. O País sabia que estava sob a pressão tirânica, e conspirava para a liberdade; hoje iludem-se com a liberdade, e ele entrega-se incauto à decomposição e à morte.

Cercado por uma América republicana e já liberta da prática da escravidão negra constitucional, quais seriam os argumentos a favor da manutenção da Monarquia no Brasil, ou então, quais seriam as objeções monarquistas à adoção da forma republicana de governo?

longe, poderíamos dizer que a Frente Popular, que acusava os social-democratas – que assaltaram o Estado em nome da democracia, contra a corrupção e a moralidade, e que governaram o País por oito anos – de serem corruptos, hoje, no poder, não escapa a essa mesma acusação. Alguns setores da imprensa insistem em vender, inclusive, a ideia de que a corrupção teria chegado a níveis alarmantes e jamais vistos antes, neste País. Não há como negar que nos quase dois séculos que separam Luís Inácio Lula da Silva de D. Pedro I, o povo brasileiro, na voz dos políticos opositores, sempre clamou contra a corrupção e, também, em prol de um mínimo de ética na vida pública nacional – muitas vezes, com a sensação de efetivamente haver chegado ao fundo do poço. Aliás, esse fato levou o historiador Elio Chaves Flores (2003, p. 23) a afirmar que “historicamente, aqui a corrupção revoluciona-se a si mesma e cria um mundo a sua imagem, donde supõe não constituir nenhuma ironia dizer que todo movimento histórico, inclusive a inércia, se concentra em mãos corruptas e que toda vitória obtida seja uma vitória da corrupção. E, mais do que um motim, aqui e ali, a luta se transforma em propina”.



No “Livro II”, o autor d’*A república federal* (1885, p. 124, passim) trata da oportunidade de se introduzir a República no Brasil e apresenta as principais objeções monárquicas, que foram por ele assim enumeradas:

- I) Governo sábio, em que o povo exerce por si grande parte da sua soberania, a república não pode ser aplicada a um País como o nosso, sobre o qual pesa ainda uma densa camada de ignorância;
- II) Governo da opinião, a república não pode ser aplicada a um País como o nosso, onde não há opinião pública, onde o partido do governo é sempre necessariamente o vencedor;
- III) A república precisa de cidadãos ilustres que a dirijam e desenvolvam – e nós não temos homens em tais condições;
- IV) Ignorante e sem homens ilustres que o dirijam, o povo, se fizer já a república, tem forçosamente de cair na anarquia, que, por sua vez, provocará a reação monárquica;
- V) O Brasil está cercado de repúblicas, cada qual mais turbulenta. As repúblicas hispano-americanas são exemplos vivos contra as pretensões democráticas. Se nós nos fizéssemos republicanos, havia de acontecer-nos exatamente a mesma coisa, etc. etc.;
- VI) Nós vivemos em perfeita liberdade, vivemos mesmo melhor do que alguns povos republicanos, podemos insultar a Monarquia, o imperador, tudo o que quisermos, sem que nada nos aconteça, sem que nos levem para a cadeia, sem que nos tirem um pedaço; tudo isto mostra que não temos necessidade de sair da monarquia; pelo contrário, devemos ser gratos a ela, que tantas liberdades nos concedeu.

O republicano gaúcho analisou e refutou, uma a uma, essas objeções monarquistas à inconveniência ou inoportunidade da instalação da República em terras brasileiras, em princípios da década de 1880. O enunciado das quatro primeiras objeções, por si só, depunham contra a Monarquia. Afinal, a quem se devia o atraso na educação, a falta de opinião pública e a ausência de homens ilustres, senão à própria Monarquia?



Segundo Assis Brasil (1885, p. 125), o nosso atraso em matéria de instrução popular era imenso; estava acima mesmo do que poderia supor quem não consultasse as estatísticas: “de duzentos habitantes do Brasil, apenas três sabem ler e escrever, de mil – apenas quinze!”⁶ Sendo matéria de administração, logo de competência do Governo, o atraso na instrução devia ser creditado unicamente a ele. Por conseguinte, conservar a Monarquia seria conservar o mal, porque seria conservar a causa. A eliminação da Monarquia, que fazia questão de manter o povo na ignorância, seria também a condição única do progresso na instrução.⁷

Para Assis Brasil (1885, p. 134-140), a passagem do Primeiro Império, marcado pela tirania, para o Segundo Império, caracterizado pela corrupção, ainda que não tenha extinguido a opinião pública, a entorpeceu e atrofiou. Esse atrofiamiento seria o mais palpitante sintoma do profundo desacordo entre a sociedade e as instituições. “Quem não sabe que a nossa Monarquia, pela sua própria natureza, torna impossível que a opinião se manifeste e se faça valer?”, questiona o autor. “Não há um só escritor, um só partidário da monarquia constitucional representativa que não sustente que ela é também o gover-

⁶ Em nota, Assis Brasil (1885, p. 164) apresenta dados referentes à instrução em algumas repúblicas da América espanhola e nos Estados Unidos, comparando-os com os brasileiros.

⁷ Ainda que essa opinião de Assis Brasil possa refletir a realidade e tenha sido compartilhada por vários outros historiadores, dão o que pensar, no aspecto da instrução no período monárquico, as seguintes palavras do monarquista Eduardo Prado (1891, p. 7): “A única figura grande, a mais nobre personalidade, é a do Imperador destronado, contra quem o manifesto revolucionário do governo provisório nem uma só acusação ousou formular, e nem uma só queixa articulou. Esse vulto deixou um País onde começou a reinar aos cinco anos de idade, e tão brasileiro foi ele que a sua *Biografia* não deve ter este nome, mas sim o de *Meio século de História do Brasil*. Caiu pelo excesso de algumas das virtudes que hão de immortalizá-lo. O que era a inteligência nacional do Brasil há cinquenta anos? Basta dizer que era talvez inferior à de Portugal no começo do século... O Imperador D. Pedro II elevou o nível intelectual do seu País sendo um rei civil. Ora o Brasil, em vez de uma sociedade, seria hoje um quartel, se o Imperador fosse, não um rei constitucional, mas um major instrutor coroado. Se em vez de um rei sábio, o Brasil tivesse durante esse período um soberano soldado que, em lugar das bibliotecas frequentasse os quartéis, em lugar dos museus e das universidades visitasse os acampamentos e fortalezas, a monarquia ainda existiria decerto no Brasil. O divórcio do Imperador das coisas militares, entendidas à espanhola, foi o que salvou a civilização brasileira, mas foi o que perdeu a monarquia”.



no da opinião”.⁸ Logo, a Monarquia seria a causa do mal. Combatendo o efeito pela causa, eliminando-se a Monarquia, o povo continuaria a pensar por si.

O republicano gaúcho (1885, p. 140-146) diz ser inegável “que poucos homens de *reconhecido* mérito aparecem hoje no País”. Afinado com a teoria evolucionista e com o determinismo em voga, defende que “os homens são filhos das circunstâncias, assumem as proporções do seu tempo, a estatura das ideias que representam. O caráter é produto do meio ambiente. E o meio falso criado pela Monarquia não comporta o aparecimento e a existência de grandes homens”. Em sendo os homens servidores das ideias e resultado imediato do meio em que se agitam e vivem, a solução neste caso seria a mesma proposta para o ressurgimento da opinião pública: o fim da Monarquia. Só a República seria capaz de criar uma nova or-

⁸ Os romancistas, poetas, teatrólogos, pintores e músicos foram surpreendidos pelo golpe militar que instaurou a República. Entre os intelectuais, alguns subsistiam como funcionários públicos da monarquia; outros viviam com muitas dificuldades, tendo no trabalho artístico a única fonte de sobrevivência. Com uma população de aproximadamente 14 milhões de habitantes (a maioria deles analfabetos), no Brasil não havia mercado suficientemente amplo para consumir a produção cultural da época. Na realidade, os intelectuais necessitavam de uma ocupação que lhes garantisse uma renda fixa. Funcionário governamental desde 1867, quando foi contratado como ajudante do diretor do Diário Oficial, Machado de Assis, por exemplo – que, à época, já era considerado o maior escritor brasileiro –, assistiu aos acontecimentos do 15 de novembro como primeiro oficial no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras. (O escritor não se manifestou sobre o fato em seus contos e nem em suas crônicas publicadas na imprensa carioca, já que havia interrompido sua colaboração, desde o final de agosto daquele ano, só voltando ao ofício em abril de 1892. Para não dizer que calou completamente sobre a República, em 1904, Machado de Assis descreveria a mudança de regime no livro *Esaú e Jacó*). O poeta e romancista Coelho Neto foi designado secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro pelo governador Francisco Portela. O escritor aproveitou a oportunidade para indicar três amigos – Olavo Bilac, Pardal Malet e Aluísio de Azevedo. Este último, autor já reconhecido e com várias obras publicadas, com destaque para *O mulato* (1881) e *Casa de pensão* (1883), tentou, sem êxito, conseguir um emprego público durante o Império, para dedicar-se à tarefa de escrever com maior tranquilidade. Mas foi só em maio de 1890, um dia após haver publicado *O cortiço*, que finalmente conseguiu o tão almejado e necessário emprego público. Com a iniciativa de Coelho Neto, Portela inaugurou uma prática política que acabaria se transformando em rotina na vida republicana: os políticos se cercavam de intelectuais-funcionários públicos, e esses, em troca do emprego, passariam a bajular o governante padrinho (VILLA, 2000, V, p. 7-12).



dem de coisas e um novo meio, no qual novos homens haveriam de aparecer necessariamente.

À ameaça do império da anarquia, em caso da instalação da República, Assis Brasil contrapõe o exemplo das repúblicas hispano-americanas (essas, na opinião dos monarquistas, amparados em dois levantes isolados ocorridos na vastíssima América espanhola, mais precisamente na Província de Entre Rios e no Departamento de Taquarembó, seriam “cada qual mais turbulenta que as demais”).

Não bastasse o fato de algumas delas estarem resolvendo com competência o problema da instrução, “em muitos outros pontos a *horda selvagem* das repúblicas da América estava acima de nós”. Na maioria das repúblicas, a questão do trabalho livre havia sido resolvida com a maior simplicidade possível, já há alguns anos. “Aos povos livres da América, nós, emperrados escravocratas, inspiramos o mais profundo horror”, diz o autor.⁹

A própria obra publicada por Assis Brasil parece demonstrar que, pelo menos na imprensa, existia a liberdade de expressão¹⁰ (o citado autor, em várias passagens de seu livro,

⁹ O *Almanaque Popular Brasileiro*, para o ano de 1896 (1895, p. 154), apresenta a data da abolição da escravatura em diversos países: Áustria e possessões: 1782; França e possessões: 1794; Inglaterra e colônias: 1834; Índias orientais: 1838; Bolívia: 1826; Peru: 1827; México: 1828; Venezuela: 1853; Estados Unidos: 1873; e Cuba: 1886. No Brasil, a magna carta teve as seguintes fases: Proibição do tráfico: 1831; Lei repressiva do tráfico: 1850; Libertação do ventre: 1871; Libertação dos sexagenários: 1885; e Extinção da escravidão: 1888.

¹⁰ No campo específico do teatro e, também, no das manifestações artísticas em geral, jamais houve total liberdade de expressão, no Império. Segundo J. Galante de Sousa (1960, p. 309-310), “a primeira manifestação de censura teatral, no Brasil, foi o edital de 29 de novembro de 1824, expedido pelo Interventor Geral da Polícia da Corte, Francisco Alberto Teixeira de Aragão”. Após esse e vários outros editais, o artigo nº 137 do Regulamento nº 120, de 31 de janeiro de 1842, que deu execução à lei nº 261, de 3 de dezembro de 1841, prescreveu o seguinte: “Nenhuma representação terá lugar sem que haja obtido aprovação e o visto do Chefe de Polícia ou delegado, que o não concederão quando ofenda a moral, a religião e a decência pública”. Em 1843, surgiu, no Rio de Janeiro, o Conservatório Dramático, sob o comando do gaúcho Araújo Porto Alegre, que passou a ser o responsável pela censura oficial das peças. Ainda segundo Sousa (1960, p. 311), o decreto nº 425, de 19 de julho de 1845, que estabeleceu as normas para censura, veio consolidar ainda mais a linha dura do Conservatório. “A atividade da censura não era pequena, por essa época. Durante o ano de 1845 foram censuradas 228 peças”. Sousa (1960, p. 321) informa que com o advento da



critica asperamente a Monarquia e a figura do Imperador), o que não quer dizer que o povo vivesse em liberdade.

A tolerância governamental em relação à opinião pública seria decorrente do não cumprimento da lei. Para Assis Brasil (1885, p. 169-170), a tolerância dos governos (central e provinciais), consistindo em não executar a lei, é sempre um grande mal:

Ou demonstra que o governo não tem força moral, acostumando os povos ao desrespeito da lei – e não há pior chaga do que esta; ou, então, indica que o governo, não se sentindo capaz de defender-se sinceramente perante a opinião e viver do influxo dela – hipocritamente a combate pelo silêncio. Entre nós, tudo leva a crer que é este último o motivo pelo qual os governos têm permitido até a *licença*, nas críticas que lhe são feitas; já houve tempo em que a monarquia ensaiou o regime da violência, e sentiu-se abalada até os fundamentos. Veio depois a quadra da corrupção e com ela a dissimulação hipócrita. De fato, do que nos serve podermos gritar, gritar muito, até reventar os pulmões, se o poder é surdo a esses gritos, se ele vai fazendo o que quer, sem dar ouvidos aos reclamos da opinião? E esta faculdade é a lei que lhe dá. É clamar no deserto!

Conforme já referimos, Assis Brasil (1885, p. 173) não concordava que o povo brasileiro devesse ser grato à Monarquia, uma vez que, sem o Imperador, sem a intervenção do elemento monárquico, teríamos conquistado a República com a Independência: “à nossa Monarquia, ao nosso Império, em particular, devemos: o atraso em todos os sentidos, e, o que é pior, a formidável borrasca que nos aguarda no futuro”.

República foi extinto o Conservatório Dramático. Mas não a censura. O decreto nº 2557, de 21 de julho de 1897, no seu artigo 10º, transferiu à Polícia a censura teatral. Em termos de imprensa, segundo Villa (2000, V, p. 39), se, durante o Segundo Império, existiu ampla liberdade, o mesmo não ocorreria no início da República. Deodoro da Fonseca e seus ministros não conseguiam conviver com as críticas e denúncias publicadas nos jornais e revistas. Mesmo as publicações republicanas foram censuradas. A partir do decreto conhecido como “decreto-rolha”, assim denominado pelo insuspeito “Estado de São Paulo”, a imprensa perdeu completamente a liberdade de informar. O decreto 85º, de 23 de dezembro de 1889, oficializou a censura no Brasil.



Segundo Marco Antonio Villa (2000, v. IV, 4), o ano de 1889 encontrou a Monarquia – pela sua incapacidade de realizar as reformas necessárias à sua própria sobrevivência – no auge da crise: de um lado, os conservadores, julgando-se portadores de “direitos eternos”, buscavam preservar seus privilégios; de outro, o Partido Republicano, à margem do jogo político e mesmo sem ter programa próprio (que o fazia depender de outras forças, especialmente a dos militares, para definir sua forma de atuação), se oferecia como uma alternativa para os insatisfeitos com a lei de 13 de maio, que se dividiam em “puros”, a exemplo de Silva Jardim¹¹, e em “realistas”, como Quintino Bocaiúva¹².

¹¹ Advogado, eficiente agitador, polemista audaz, além de ser o elemento mais representativo da corrente republicana sequiosa por reformas profundas, capazes de alterar a estrutura político-econômica do Brasil, Silva Jardim participou ativamente dos clubes e da imprensa republicana. Às vésperas do 15 de novembro, Jardim estava rompido com Quintino Bocaiúva. Acusou-o de moderação excessiva e de servir de instrumento dos cafeicultores paulistas, ansiosos por manter total controle sobre os rumos do Partido Republicano. Silva Jardim era um entrave à estratégia política conservadora da plutocracia (composta principalmente pelos fazendeiros paulistas), para quem a passagem para a República deveria ocorrer sem traumas, sem convulsão social e sem risco à ordem latifundiária, não devendo transformar-se em um movimento de massas (VILLA, 2000, p. 17-18).

¹² O jornalista carioca Quintino Bocaiúva foi fortemente marcado pelo modelo político portenho (sua mãe era argentina). Eleito para a liderança do Partido Republicano pouco antes da proclamação, Bocaiúva foi durante os dezenove anos da propaganda republicana o principal responsável pela estratégia da luta contra a Monarquia. Provavelmente, sua estada em Buenos Aires, durante os cinco anos da Guerra do Paraguai, como funcionário do Ministério da Fazenda, sedimentou seus valores republicanos. Em 1870, ao retornar da Argentina, foi o grande inspirador do Manifesto Republicano. Bocaiúva exerceu forte influência em alguns setores sociais. Como diretor de “O País”, acabou por transformar o jornal em ponto de referência para os republicanos e também para as guarnições militares em todo o Brasil. O jornalista carioca considerava mais importante para o movimento republicano a ampliação da influência política do que a limitação aos princípios doutrinários. Um exemplo foi o seu posicionamento em 1871 criticando a Lei do Ventre Livre, pelo fato de ela não estipular qualquer indenização aos senhores. Dessa forma, objetivava angariar a adesão dos escravocratas, insatisfeitos com a ação da Coroa, à emancipação. Como Ministro das Relações Exteriores e interinamente da Agricultura, o nome de Bocaiúva consta na “Proclamação dos Republicanos”, dirigida ao povo em 15 de novembro de 1889, ao lado do de Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisório; do recém-convertido ao ideário republicano, Rui Barbosa, Ministro da Fazenda e interinamente da Justiça, entre outros (VILLA, 2000, p. 18-19).



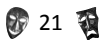
As personalidades de Silva Jardim e Quintino Bocaiúva, segundo Villa (2000, p. 19), simbolizavam os dilemas dos republicanos: radicalismo e contemporização, arrojo e moderação, revolução e reforma. Com posturas tão distintas, era impossível que os dois concordassem com uma estratégia comum no combate à Monarquia ou que compusessem um mesmo governo.

O Partido Republicano não conseguiu conquistar muitos adeptos entre 1870 e 1885. Em São Paulo, segundo Villa (2000, v. IV, p. 8), as divergências entre os partidos Liberal e Conservador não permitiram um acordo no interior da elite política. Ao contrário dos republicanos cariocas, que associavam a República à garantia dos direitos individuais dos cidadãos, ao federalismo e ao fim do regime escravista, os de São Paulo davam maior ênfase à federação.

Tendo sua base constituída principalmente por profissionais liberais, jornalistas, estudantes universitários, jovens oficiais do exército e por algumas áreas cafeeiras de São Paulo e Minas Gerais, até o final do Império a maioria dos Estados ainda não havia conseguido organizar seus partidos republicanos.

Eventuais candidatos republicanos só chegaram à Câmara dos Deputados graças a alianças feitas com os outros dois partidos existentes à época. Os futuros presidentes da República Prudente de Moraes e Campos Sales, por exemplo, só se elegeram deputados, em 1884, em razão da aliança feita com os conservadores.

Segundo Villa (2000, v. IV, p. 11), “a aliança era extremamente vantajosa, pois impedia a eleição de sete liberais (eram nove os representantes da Província na Câmara), enfraquecendo o gabinete de Dantas [um liberal baiano] e suas medidas abolicionistas”. Contudo, a prática de alianças com os conservadores, ao invés de fortalecer os republicanos, acabou por enfraquecê-los e ao próprio Partido. Em janeiro de 1888, por ocasião do preenchimento de uma vaga para o Senado, foram lançados três candidatos: os liberais e republicanos foram derrotados pelos conservadores.





No Rio Grande do Sul, ainda segundo Villa (2000, v. IV, p. 12), “embora os republicanos tenham conseguido eleger vereadores, jamais elegeram representantes para a Câmara dos Deputados ou para o Senado. Os republicanos gaúchos ficariam conhecidos nacionalmente devido à moção aprovada pelo Conselho Municipal de São Borja”¹³, que tinha apenas um republicano entre seus componentes.

Em São Paulo, cinco Conselhos Municipais resolveram seguir o exemplo de São Borja, aprovando moções idênticas. Face à enorme repercussão política, a reação do presidente da Província paulista, o Conselheiro Rodrigues Alves¹⁴, foi de suspender os vereadores. De acordo com Villa (2000, v. IV, p. 15), a simpatia suscitada pelos republicanos após o 13 de maio, fez com que uma ala representante dos conservadores acabasse por incentivar os Conselhos Municipais a se coligarem com os gaúchos.

Na última eleição do Império, realizada em agosto de 1889, conservadores e republicanos estabeleceram uma nova aliança, a qual se fez por recomendação de Quintino Bocaiúva, líder máximo dos republicanos. Apesar da aliança (ou por causa dela), o Partido Republicano não elegeu nenhum representante para a Câmara dos Deputados.

Mesmo tendo encaminhado a solução definitiva do problema da escravidão, através da Lei Áurea (uma iniciativa do gabinete conservador liderado por João Alfredo), D. Pedro II enfrentava outros problemas que minavam sua base de sustentação política, no derradeiro ano do Império, entre eles a permanente pressão dos militares (exigindo que os ministros da

¹³ A referida moção foi apresentada à Câmara de Vereadores de São Borja, em 13 de janeiro de 1888, pelo vereador republicano Apparício Mariense da Silva, para que fosse convocado um plebiscito em todo o País, por intermédio das Câmaras de Vereadores. A finalidade era saber se o Terceiro Reinado seria aceito com a princesa Isabel. A moção foi aprovada, com a comunicação para as demais Câmaras. O movimento tomou vulto em todo o País. Apparício Mariense e todos os que aprovaram a moção tiveram seus mandatos cassados. Posteriormente, a justiça os reintegrou e isso deu ainda maior força ao Movimento Republicano (SILVEIRA, 2000, p. 111-112).

¹⁴ Apesar de sua postura ultraconservadora e escravocrata (vetava e votada contra qualquer lei que ameaçasse o estatuto da escravidão ou favorecesse o negro escravo), Rodrigues Alves viria a ser Ministro da República e eleito duas vezes Presidente da República (1902 e 1918).



Guerra e da Marinha fossem representantes das corporações e não civis), a insatisfação dos escravocratas com a abolição sem indenização e o crescimento da propaganda republicana.

Como a maioria parlamentar conservadora não admitia qualquer reforma que significasse perda ou limites aos seus privilégios de classe, D. Pedro viu-se obrigado a buscar apoio junto aos liberais, para iniciar o quanto antes as reformas indispensáveis à manutenção do regime. Meio ano antes da proclamação da República, os liberais realizaram um congresso e aprovaram uma plataforma que poderia alterar profundamente a estrutura político-social do País.¹⁵

A maior divergência no Congresso Liberal, segundo Marco Antonio Villa (2000, p. 20), foi sobre os limites do federalismo. Enquanto o baiano Rui Barbosa defendia enfaticamente a forma federativa, segundo o modelo dos Estados Unidos, a maioria dos liberais apoiava a proposta encabeçada pelo Visconde de Ouro Preto, que ampliava a autonomia das províncias sem chegar ao federalismo radical de Rui Barbosa.

Diante da pressa que tinha e da recusa de alguns líderes conservadores, D. Pedro II convidou o Visconde de Ouro Preto para comandar o gabinete responsável pela implantação das reformas propostas pelo Congresso Liberal. O Visconde apresentou seu programa à Câmara em 11 de junho, sendo amplamente derrotado pela maioria conservadora, fato que levou o Imperador a dissolver o Congresso e convocar novas eleições. Realizadas a 31 de agosto, os liberais obtiveram esmagadora vitória elegendo cento e vinte deputados, os conservadores sete e os republicanos somente dois.

Temendo as reformas que ganhavam força com a nova bancada de maioria liberal (à época, em razão da imigração, tramitava na Câmara um projeto de democratização da propriedade da terra, o que era considerado pelos conservadores

¹⁵ O programa definido se comprometia com a defesa da ampliação do colégio eleitoral; o voto secreto, com proporcionalidade entre o número de deputados e a representação provincial parlamentar; maior autonomia administrativa às províncias; o casamento civil; a liberdade de culto; a extinção da vitaliciedade dos senadores; a eleição direta dos presidentes das províncias, até então nomeados pelo Imperador, a partir de uma lista tríplice (VILLA, 2000, p. 20).



como mais um atentado aos seus privilégios de classe, tal qual ocorrera com o ato da abolição, que não previu indenização), os conservadores debandaram para as hostes republicanas.

Eduardo Prado (1891, p. 7) afirmou que “o divórcio do Imperador das coisas militares, entendidas à espanhola, foi o que salvou a civilização brasileira, mas foi o que perdeu a monarquia”. Esse parece ter sido mesmo o grande erro de D. Pedro II.

Se existia no Brasil um Partido Republicano, tornando-se cada vez mais numeroso, mais ruidoso, mais ansioso por dominar o País; existia aqui, também, um Exército esquecido, mal organizado, mal instruído e mal pago, relegado a uma situação dissolvente de toda a disciplina e destruidora de todo o respeito. Não fosse assim, a República não teria resultado de um golpe militar.

Ernesto Sena (1999), no livro *Deodoro*: subsídios para a história¹⁶, defende que a proclamação da República aconteceu não só por meio de um golpe militar, mas também por acidente. Em razão de não terem encontrado eco na opinião pública com sua pregação, fato evidenciado pelo inexpressivo desempenho nas últimas eleições para o Parlamento do Império, os clubes republicanos encontravam-se mergulhados na frustração.

No Exército, contudo, a situação não era a mesma. O ressentimento provocado pelo tratamento que a Monarquia lhe dispensava, fez com que alguns nichos das Forças Armadas fomentassem as ideias republicanas, principalmente na guarnição da Corte.

A República, para estes, era a libertação do Exército da tutela dos gabinetes, tidos e havidos como inimigos da corporação, à qual perseguiam, discriminavam e humilhavam. Os militares julgavam-se dignos do respeito nacional pela sua atuação na manutenção da ordem e defesa da unidade nacional, na Guerra do Paraguai.

¹⁶ Publicada originalmente em capítulos, no *Jornal do Comércio*, entre 23 de agosto de 1911 e 23 de agosto de 1912, a obra de Sena foi reeditada em livro pelo Senado Federal, na *Coleção Biblioteca Básica Brasileira* (Brasília: Conselho Editorial, 1999).



Segundo Roberto Magalhães Jr (1957, p. 122), “é fato incontestável que a guerra contra o Paraguai favoreceu a ascensão social e política de uma força nova, representada pelos militares, prestigiados pelo triunfo nos campos de batalha e fortalecidos por laços de solidariedade que se desenvolveram sob o estímulo da luta contra o inimigo comum”. Magalhães relata que “a recepção não foi apenas festiva, mas apoteótica. As ruas estavam apinhadas de populares, que aplaudiam os soldados vitoriosos, enquanto o desfile seguia pela cidade”.¹⁷

De acordo com o sociólogo gaúcho Raimundo Faoro (1976, p. 476), “a década de oitenta encontra o Exército coeso nos seus desgostos e reivindicações, espiritualmente estruturado em valores tradicionais, já consagrados em Caxias, o Caxias símbolo e não o militar”. A auréola de prestígio decorrente da Guerra do Paraguai, o desdobramento da Questão Militar, a consolidação da liderança do marechal Deodoro da Fonseca e a doutrina do *soldado cidadão*, a consagração jurídica dos seus direitos, etc., deram nova fisionomia ao Exército brasileiro.

Em São Paulo, principalmente, as fazendas de café da zona de Campinas se despovoavam, com a fuga de escravos para o litoral. Convocado a fazer a repressão, o Exército, sem comprometimento com a propriedade territorial (de onde não saíam oficiais) e incitado pelo líder abolicionista Joaquim Nabuco, se negou a desempenhar o papel degradante de “capitão do mato à cata de negros fugidos”. Desvinculado da camada dirigente e, de certa forma, afastado da Monarquia, pelo caráter excludente do papel das Forças Armadas no mecanismo do governo, o complemento ideológico que lhe faltava viria da propaganda republicana.

¹⁷ O proclamador da República reconheceu a importância da Guerra do Paraguai para ele próprio, em entrevista dada a um jornalista em 19 de setembro de 1889, transcrita por Sena (1999 p. 27). Ao ser questionado: “Vossa Excelência é conservador?”, Deodoro respondeu: “Era conservador, porque só os conservadores protegem o Exército. Não a mim, porque só tive um protetor – Solano Lopez; devo a ele, que provocou a Guerra do Paraguai, a minha carreira. Era conservador, mas votei sempre nos homens que estimava. Votei em Osório, em Porto Alegre e Beaurepaire Rohan. Há três republicanos em que votaria de bom grado, três moços distintos da Província do Rio Grande do Sul: Assis Brasil, Ramiro Barcelos e Júlio de Castilhos”.



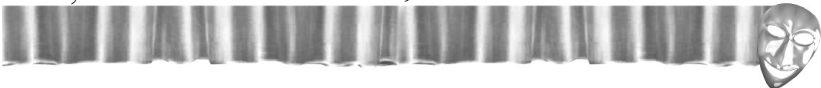
A República ofereceu ao Exército o caminho para a integração, ao preço do afastamento do trono. Segundo Faoro (1976, p. 483), a proposta aproximadora veio de lideranças da Corte e das províncias: de Quintino Bocaiúva, na Corte; de Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul; de Glicério, em São Paulo; e, na hora derradeira, de Rui Barbosa, que, mesmo navegando no mar revolto, se dizia monarquista.

O ressentimento dos militares tornou-se mais consistente depois que eles conheceram o gosto da popularidade com a sua participação na Abolição. Somou-se a este estado de espírito a chamada Questão Militar¹⁸ não resolvida, além de outros problemas menores como a queixa de que às Forças Armadas não eram dados títulos de nobreza – que nutriam a vaidade e o prestígio no Império – e a falta de recursos para aparelhar instalações militares.

Entre os marginalizados do Exército, encontrava-se o marechal Deodoro da Fonseca. Herói de guerra, militar totalmente dedicado às suas tarefas profissionais e sem ligações maiores na política, o velho general, que viria a proclamar a República (pelo menos oficialmente, já que os textos da proclamação e da organização do Governo Provisório foram assinados por ele), jamais se declarou republicano.

Agravada, a crise política chegaria ao seu ápice em novembro de 1889. Embora não representassem a maioria da

¹⁸ Embora as relações dos militares com o poder civil não fossem boas desde o fim da Guerra do Paraguai (o governo via no Exército um fardo financeiro muito oneroso para os tempos de crise econômica, por que passava o Brasil), a Questão Militar começou a ganhar contornos de crise em 1883, quando o governo decidiu punir o capitão Antonio de Sena Madureira por seu apoio público ao abolicionismo, e seria agravada posteriormente pela punição de outro oficial, Ernesto Augusto da Cunha Matos. Com essas duas punições, que acabaram transformadas em uma questão de honra para a corporação, viria à tona a insatisfação dos militares com as constantes tentativas do governo de impedir manifestações políticas de oficiais. Em fevereiro de 1887, a tensão chegaria ao seu ponto máximo, após uma reunião, no Rio, de cerca de duzentos oficiais sob a presidência do marechal Deodoro da Fonseca, que exigiu o fim das penas disciplinares. Pressionado, o governo cedeu, mas isso não significou a reconciliação dos militares com a Monarquia. A partir de 1880, com o crescimento da campanha abolicionista junto à opinião pública, inclusive com a participação da família real, é que a questão revelaria sua verdadeira dimensão política. (*Almanaque Abril – A enciclopédia em um volume*. 16ª ed. São Paulo: Editora Abril, 1990, p. 95).



oficialidade, os militares republicanos tentavam, a todo o custo, arrastar o Exército para o centro da arena política, o que só contribuiu para o acirramento da correlação de forças no interior da Monarquia.

Alguns civis, como Rui Barbosa, defendiam a participação do Exército para solucionar a crise. O maior problema, entretanto, era a falta de liderança no interior da instituição. O boato de que o Visconde de Ouro Preto desejava a dissolução do Exército foi decisivo para que os jovens oficiais conseguissem o apoio do marechal Deodoro da Fonseca.

Segundo Villa (2000, V, p. 25), ainda que não houvesse a intenção apregoada da dissolução do Exército e apesar da saúde do Imperador estar em processo de recuperação, o clima político se fazia cada vez mais tenso:

Na noite do dia 14 de novembro, os militares espalharam a falsa notícia da iminente prisão de Deodoro da Fonseca e de Benjamin Constant e, ainda, que os quartéis seriam atacados por tropas fiéis ao Imperador. Alguns regimentos rebelaram-se. No dia 15, Deodoro dirigiu-se ao quartel-general, no Campo de Santana, e cercou os ministros que estavam de prontidão. O Imperador, que se encontrava em Petrópolis, recebeu a comunicação da renúncia do Visconde de Ouro Preto à chefia do gabinete. Os acontecimentos foram se precipitando e, à tarde, a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro proclamou a República, em nome do povo brasileiro.

Durante os 50 anos do Segundo Reinado nenhum brasileiro havia sido banido. Por ironia, essa viria a ser a pena imputada ao Imperador e sua família, por decisão do Governo Provisório, um dia após a proclamação da República. Enquanto se decidia seu destino, D. Pedro II foi mantido prisioneiro no Paço de São Cristóvão, onde o major Sólon entregou-lhe uma carta de Deodoro da Fonseca intimando-o a se retirar do País no prazo máximo de 24 horas. Sem alternativa, D. Pedro II em-



barcou, juntamente com sua família, no “Parafba” e, posteriormente, no “Alagoas”, rumo à Europa.¹⁹

Logo após o golpe, o Governo Provisório tratou de apagar a memória do Império. Segundo Villa (2000, V, p. 25-28), ruas e institutos mudaram de nome, passando a adotar denominações vinculadas à República. Os símbolos da Monarquia foram arrancados dos edifícios públicos. O País passou a se denominar Estados Unidos do Brasil, adotou uma nova bandeira e separou a Igreja do Estado. Com isso, o regime republicano rapidamente se consolidou.

Já nas primeiras horas da República, os políticos monarquistas se converteram à nova ordem. Três dias depois da proclamação, os partidos Conservador e Liberal passaram a apoiar a República²⁰. Antes mesmo de saber a reação nas províncias (onde as guarnições militares seguiram os seus superiores do Rio de Janeiro e, em nome do povo, proclamaram a República, sem qualquer reação ao novo regime) e se a família real de fato se dirigia para a Europa, os cafeicultores também aderiram incondicionalmente à nova ordem. E isso para impedir qualquer movimento restaurador. Afinal, o novo regime não se propunha realizar nenhuma reforma social. Seus privilégios econômicos, suas propriedades e o regime jurídico permaneceriam intactos.

É impossível avaliar se com a mudança de regime se confirmou a expectativa de que o povo brasileiro viria a se

¹⁹ Em resposta ao “convite” que lhe fora feito pelo chefe do Governo Provisório, o ex-Imperador D. Pedro II despediu-se do povo brasileiro, nos seguintes termos: “À vista da representação escrita que me foi entregue hoje, às três horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir, com toda a minha família, para a Europa, deixando esta pátria, de nós tão estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quase meio século em que desempenhei o cargo de chefe de Estado. Ausentando-me, pois, com todas as pessoas de minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo os mais ardentes votos por sua grandeza e prosperidade. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. [Ass.] D. Pedro de Alcântara” (BONAVIDES, Paulo & VIEIRA, R. A. Amaral. *D. Pedro II se despede do Brasil*. Textos políticos da história do Brasil. – Independência – Império – I. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, s/d, p. 809).

²⁰ As lideranças políticas dos partidos Republicano, Conservador e Liberal, com raríssimas exceções, tinham a mesma origem social (VILLA, 2000, V, p. 28).



tornar “mais civilizado, mais enérgico, mais apto para realizar a sua missão na história”, mas é certo que os muitos pensadores estrangeiros, citados por Eduardo Prado (1891, p. 6), se equivocaram ao afirmar que o Brasil se dividiria em vários Estados independentes e que as rivalidades regionais, da época, facilmente se transformariam em hostilidade inextinguível.

Em frase que se tornou famosa, o propagandista da República Aristides Lobo²¹ manifestou, três dias após a proclamação, seu desapontamento com a maneira pela qual foi proclamado o novo regime. Segundo ele, o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos do 15 de novembro, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ver talvez uma parada militar. Aliás, várias citações de outros observadores daquele momento histórico apontam na mesma direção, ou seja, para a não participação do povo na instalação da República.

Louis Couty (1881, p. 87, citado por Carvalho, 1999, p. 9-10), um sábio francês, há muito residente no Brasil, ao analisar a situação sócio-política da população do País, conclui – talvez por não ver aqui aquela população ativa e organizada a que estava acostumado a ver em sua terra de origem – que poderia resumi-la em uma frase: “o Brasil não tem povo”. No momento da transição do Império para a República, o povo brasileiro foi um mero espectador, posto numa condição de vítima impotente diante das maquinações do poder e, principalmente, dos grupos dominantes.

Segundo José Murilo de Carvalho (1999, p. 11), “tratava-se da primeira grande mudança de regime político após a Independência”. E mais ainda: “tratava-se da implantação de um sistema de governo que se propunha, exatamente, trazer o povo para o proscênio da atividade política”. Se juntarmos o comportamento político ou a ausência de espírito de luta do povo à falta de coesão do Partido Republicano (principalmente no Rio de Janeiro, capital política e administrativa, que, nos

²¹ Carta de Aristides Lobo (um dos 58 assinantes do Manifesto republicano de 1870 e ex-deputado) ao Diário Popular de São Paulo, em 18 de novembro de 1889. Citada por Leôncio Basbaum, em *História sincera da República, de 1889 a 1930*. São Paulo: Fulgor, 1968, p. 18.



primeiros anos da República era a maior cidade do País, com mais de 500 mil habitantes), não fica difícil entender por que a proclamação da República resultou, afinal, de um motim de soldados, com o apoio de grupos políticos da capital.

* * *

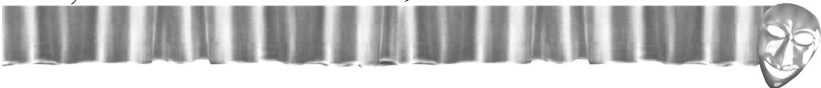
No caso específico do Rio Grande do Sul, os sentimentos republicanos, a exemplo do País, vêm de longe; tiveram aplicação prática em plena vigência do Império, com a malograda República Rio-Grandense de Piratini.

Como nenhum outro conflito da história gaúcha, a Guerra dos Farrapos foi fundamental para a constituição da própria identidade sul-rio-grandense. Na opinião de Fábio Kühn (2002, p. 79), “o episódio forneceu uma série de elementos que, ainda hoje, compõe o imaginário político gaúcho. Inerentes a essa autopercepção são os valores associados à liberdade, ao caráter guerreiro e à independência em relação ao poder central”.

Para Guilhermino Cesar (1956, p. 343), “tal experiência, vivida no ardor de sanguinosos combates, embora frustrada, permaneceu no substrato coletivo, não sendo estranha à paixão republicana que desde então inflamou a mentalidade do gaúcho”. Ainda que Caxias e os seus sucessores no governo tenham pacificado a Província, não lograram extirpar-lhe o republicanismo, latente, sobretudo, no seio das elites e dos prósperos estancieiros da campanha.

Frustrado o projeto político que teve no federalismo a sua bandeira – em outras palavras, enterrado o sonho da República Rio-Grandense –, em torno do qual, por vínculos e crenças políticas, haviam se reunido parte da elite da campanha do Rio Grande do Sul (charqueadores e estancieiros) e outros setores sociais (todos enormemente prejudicados com a reorganização da produção de charque na Banda Oriental, após a Independência do Uruguai, em 1828), o povo gaúcho não tardaria a se irmanar em torno de uma nova luta: o ideal republicano, em nível nacional.

A luta, por esse ideal, viria a se tornar mais acirrada, em âmbito regional, com a aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871. Na Assembleia, digladiavam-se, então, os partidos



Liberal e Conservador. A maior parte da bancada conservadora gaúcha votou contra a aprovação da lei, que contrariava os interesses escravistas (paradoxalmente, essa nova lei fôra aprovada, nacionalmente, pelo governo conservador, o que levou à desunião entre os conservadores gaúchos).

Mesmo perdendo a hegemonia na Assembleia Legislativa provincial, para o Partido Liberal, os conservadores se mantiveram na presidência da Província, até 1878, quando os liberais conquistaram também o poder executivo, devido ao sucesso do partido nas eleições nacionais daquele ano. Tão conservadores, quando no poder, quanto os seus adversários, os liberais permitiram a volta de seus adversários ao governo, entre 1885 a maio de 1889, para assumirem novamente o poder nos meses finais da Monarquia.

Segundo Kühn (2002, p. 105), “no último quartel do século XIX (...), os liberais eram identificados com o monarquismo, além de terem fracassado em sua política abolicionista. Os republicanos, por seu turno, eram naturalmente contrários ao regime monárquico e embora não fossem num primeiro momento abolicionistas, mais tarde acabaram por se posicionar contra a escravidão”.

Da experiência republicana gaúcha, do chamado “período farroupilha”, aproveitaram-se, após a campanha vitoriosa no Paraguai, que enfraqueceu os liames do regime monárquico, homens como Demétrio Ribeiro, Antonio Augusto Borges de Medeiros, Antão de Faria, João Cezimbra Jacques, Joaquim José Felizardo Júnior, Raul Abbott, Faria Santos, Artur Homem de Carvalho, entre outros, todos ardorosos propugnadores do regime republicano e figuras de relevo na história do positivismo rio-grandense (no ambiente esbraseado da propaganda, pelo menos teoricamente, República e Positivismo eram sinônimos).

Nenhum deles, porém, segundo Cesar (1956, p. 346), sobrepuiu em vigor, neste terreno, a Júlio de Castilhos, “inteligência admiravelmente bem dotada, polemista destro e persuasivo”. Com sua dialética de fundo positivista e o seu espírito de doutrinador veemente e sagaz (postos, primeiramente, a serviço da propaganda e, depois, do federalismo), logo passa-



ram a lhe fazer coro os seus conterrâneos e contemporâneos da Academia de São Paulo, deitando aos quatro ventos a sua profissão de fé revolucionária.

Esses homens, de acordo com Cesar (1956, p. 344-345), constituíram uma pequena elite, capaz e extremamente combativa, que pôs em ação, a partir de 1884, como chamariz para o grande público, os postulados mais suscetíveis de aliciar a simpatia do povo gaúcho: a Abolição e a República. Quanto a isso, ainda segundo o mesmo autor, nada mais fizeram do que continuar a batalha sistemática iniciada com a Sociedade Partenon Literário, em 1869.²²

A imprensa, que teve papel fundamental na difusão das ideias republicanas, desde que fundada no Rio Grande do Sul, em 1827²³, ocupou-se preferentemente de assuntos políticos partidários, de tal modo que não sobrou muito espaço em suas colunas para a publicação de trabalhos literários.²⁴

Após uma relativa estagnação da atividade periodística, após a Guerra Civil de 1835 (a pacificação da Província, e a volta da estabilidade política na conjuntura nacional, afetaram a atividade jornalística brasileira, fazendo com que, também aqui, houvesse um período de arrefecimento dos debates políticos), o novo avanço do jornalismo político deu-se, mormente, segundo Barbosa Lima Sobrinho (1923, p. 122), a partir da inversão partidária de 1868, acompanhando o acirramento das disputas que a partir de então marcaria a vida política brasileira.

²² Segundo Guilhermino Cesar (1956, p. 345), “a diferença fundamental entre as duas gerações – a de Apolinário Porto Alegre e a de Júlio de Castilhos, que fôra discípulo do primeiro no curso de Humanidades – é que a mais velha se formara ao influxo do liberalismo romântico, concentrando-se, sobretudo, na interpretação dos fenômenos literários. A mais nova, negando a anterior, como é próprio do jogo, se fez uma geração política, impregnada da *moral positiva*, cujos princípios procurou resguardar, embora transigindo com o meio”.

²³ Nesse ano, segundo Borges Fortes (2000, p. 41 e 44), foram inauguradas a Imperial Tipografia do Exército, em São Gabriel (a primeira do Rio Grande do Sul) e a Tipografia Rio-grandense (a primeira de Porto Alegre).

²⁴ “O editorial com que se lançou a *Revista do Partenon* (1869), escrito por Apolinário Porto Alegre, exprime o descontentamento da *intelligentia* local ante a circunstância a que aludimos; e ainda em nosso século, João Pinto da Silva, na *História literária do Rio Grande do Sul* (1924), anotou que a imprensa rio-grandense vinha vivendo à margem da evolução literária, ocupada quase que exclusivamente em divulgar matéria política” (CESAR, 1956, p. 379-380).



No Rio Grande do Sul, onde a transição da Monarquia para a República foi extremamente marcada por disputas políticas que redundariam nas militares, o jornalismo de cunho político-partidário encontrou campo bastante fértil para desenvolver-se. Em que pese o fato de muitos periódicos e jornais menores terem propagandeado e defendido a República²⁵, o principal órgão de divulgação do ideário republicano (e, também, do positivismo) somente surgiria em 1884: A Federação.

Nesse mesmo ano, segundo José Luiz Silveira (2000, p. 112), ocorreu uma reunião no Município de Vila Rica (atual Júlio de Castilhos), à qual compareceram os mais proeminentes representantes republicanos do País. Na ocasião, foi selado o compromisso de derrubada do Império e da Proclamação da República – compromisso esse registrado em ata, denominada Ata da Fazenda da Reserva. A partir desse encontro, cresceu em todas as camadas o ardor pela queda do Império e a consequente proclamação da República.

Segundo Gabriel Pereira Borges Fortes (2000, p. 55), nos primeiros anos da década de 1880 os republicanos gaúchos passaram a contar com o talento e o ardente entusiasmo de jovens rio-grandenses, que regressavam, formados, das escolas superiores de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Recife, principalmente das Faculdades de Direito, exercitados nas lutas acadêmicas em prol da República, tornando-se cada vez mais fortes e aguerridos.

A imperiosa necessidade de contar com um diário, para a mais ampla e proveitosa divulgação de sua doutrina, e a conquista mais rápida e eficiente de novos adeptos, fez com que as lideranças do Partido Republicano lançassem A Federação. O jornal, surgido no dia 1º de janeiro de 1884, sob a direção de Venâncio Aires, passaria para o comando de Júlio de Castilhos, a partir de maio daquele mesmo ano.

²⁵ O *Álbum do Domingo*, Ano I, n. 28, 13 de outubro de 1878, p. 217, por exemplo, ostenta a seguinte nota: “*Reação* – com este título apareceu também o primeiro número de um periódico hebdomadário, consagrado à defesa e sustentação dos princípios republicanos”.



Segundo Borges Fortes (2000, p. 56), Castilhos, argumentador de inesgotáveis recursos, tornar-se-ia “um dos mais eficazes demolidores das instituições monárquicas”. E mais:

Foi o de sua direção talvez o período de maior destaque do jornal. Sua pregação repercutia pelo Brasil inteiro e em toda a parte era discutida. Memoráveis foram as campanhas pela República e a abolição da escravatura. Quanto a esta, resultou em notável êxito a 7 de setembro de 1884, quando por todo o Rio Grande os senhores foram concedendo alforria a seus escravos e comunicando telegraficamente ao jornal, como se constata pelos números do segundo semestre desse cotidiano.

Pela longa e histórica existência d’A Federação, que somente encerraria suas atividades após a imposição do Estado Novo, em novembro de 1937, passaram, segundo Borges Fortes (2000, p. 56), como diretores, redatores e colaboradores, nomes tutelares da propaganda republicana e da política rio-grandense posterior ao 15 de novembro de 1889.

Além dos já citados Venâncio Aires e Júlio de Castilhos, atuaram em suas páginas Joaquim Francisco de Assis Brasil, Antonio Augusto Borges de Medeiros, Ramiro Fortes de Barcelos, Ernesto Alves, Demétrio Ribeiro, João de Barros Cassal, Germano Hasslocher, Arthur Pinto da Rocha, Evaristo Teixeira do Amaral, Vieira Pires, Lindolfo Collor, Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Otelo Rosa, entre tantos outros. A cisão partidária determinou o afastamento de alguns dos citados.²⁶

Com o advento da República, a figura de Júlio de Castilhos passou a dominar o cenário político do Rio Grande do Sul. Republicano histórico, positivista, líder do Partido Republicano

²⁶ As cisões e desavenças se tornaram mais intensas, entre os republicanos, após o 15 de novembro de 1889. Dessa data até 25 de janeiro de 1893, passaram pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, nada mais nada menos que 20 presidentes republicanos, uns representando os presidencialistas e outros os parlamentaristas. Houve ocasião em que o Estado teve dois governadores – um em Bagé e, outro, em Porto Alegre, a capital oficial. Durante os meses de fevereiro de 1893 a agosto de 1895 ocorreu um movimento revolucionário – feito de combates, trocas de governo e lutas sangrentas –, que entrou para a história com o nome de Revolução Federalista de 1893 (SILVEIRA, 2000, p. 111-113).



Rio-grandense, Castilhos impôs ao Estado uma política autoritária e centralizadora, entrando em choque com seus adversários do Partido Federalista, liderados por Gaspar da Silveira Martins e pelo general João Nunes da Silva Tavares, adeptos do federalismo e do sistema parlamentar de governo.

Tudo o que foi dito acima, permite concluir que a nova ordem instalada no País em 15 de novembro de 1889 provocou várias alterações, mas não mudou o conservadorismo da nossa sociedade e, tampouco, significou uma ruptura do processo histórico brasileiro.

Ainda que o Brasil tenha registrado momentos de grandes transformações no final do século XIX (são exemplos marcantes a substituição da mão de obra escrava pelo trabalho assalariado e as inovações técnicas nos setores de produção, beneficiamento e comércio do açúcar e do café), as condições de vida dos trabalhadores rurais continuaram as mesmas; permaneceram o sistema de produção e o caráter colonial da economia; e manteve-se a dependência em relação aos mercados e os capitais estrangeiros.

Em suma, a proclamação da República talvez possa ser vista ou entendida como um momento da história nacional, em que as elites alcançaram um acordo que conservava seus privilégios econômicos, sociais e políticos.

* * *

Ao tratar da literatura dramática e do teatro dos integrantes do Partenon Literário, Guilhermino Cesar (1956, p. 263) diz que, “em todas as peças, pelo menos nas que chegaram até nós, a ação social imediata, enquadrada no fraseado característico do romantismo liberal, senhoreia a própria inventiva”. E mais: “dos temas explorados, salientam-se estes: a escravidão do negro, o heroísmo brasileiro no Paraguai, o idealismo republicano, a opressão do dinheiro, os preconceitos de família, o jesuitismo, a maçonaria”.

De acordo com Lothar Hessel e Georges Raeders (1986, p. 8), nos primeiros decênios do reinado de Dom Pedro II predominavam nos repertórios, em âmbito nacional, as peças “procedentes em geral de Lisboa ou de Paris e sem maiores reivindicações sociais ou políticas imediatas” (em outras pala-





bras, peças completamente dissociadas de nossa realidade social, cuja situação perdurou, na Província sulina, pelo menos até o surgimento do Partenon Literário); ao passo que, “na vertente descendente do reinado, três assuntos maiores interessaram ao povo nas diversas províncias do país: a guerra do Paraguai, a abolição da escravatura negra e a substituição do Império por um regime republicano”.

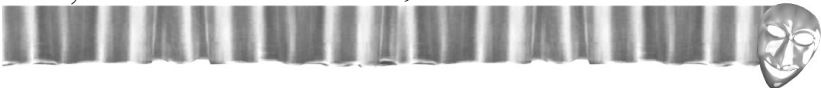
Desses três temas, ainda segundo os mesmos autores, “o menos fértil em obras de teatro, o que menos acendeu a imaginação dos teatrólogos patrícios, foi a republicanização do país. Seus promotores parece haverem (sic) preferido a tribuna parlamentar, os conciliábulos políticos e as manobras de quartel”.

De todos os temas, o da abolição foi o que mereceu, possivelmente, a maior atenção por parte dos dramaturgos, da segunda metade do século XIX, não só no Rio Grande do Sul, mas também em âmbito nacional.

Se o ideal republicano não chegou a constituir propriamente tema na dramaturgia gaúcha, o heroísmo brasileiro no Paraguai mereceu apenas referências isoladas, em dois ou três dos dramas que obtivemos para análise, razão pela qual não foi possível lhe dedicar um volume temático, na presente Antologia.

No Rio Grande do Sul – especialmente nos escritores do Partenon – o ideal republicano vem irmanado à causa abolicionista (ambos vislumbram o mesmo horizonte: a liberdade), razão pela qual não temos, na dramaturgia gaúcha, nenhuma peça em que a temática seja o “ideal republicano”. Apesar disso, vários dos nossos textos discutem a corrupção na política e criticam o governo imperial – caso de *O filho bastardo* (1875), de Arthur Rocha, e *O marido de Ângela* (1884), de Joaquim Alves Torres, por exemplo –; em outros, o ideal republicano é defendido explicitamente.

Em *Escrava e mãe* (1880), de José Alves Coelho da Silva, o sistema de governo republicano é defendido, com argumentos sólidos, pelo Dr. Agripino. Talvez seja esse o texto que, além de criticar o jogo no Brasil imperial e o estrangeirismo (principalmente, a baixa estima do brasileiro, que então – como



ainda hoje, talvez – alimentava a ideia de que tudo que vem de fora é melhor que o produzido aqui!), defende, com mais propriedade, a abolição da escravatura e o ideal republicano:

SOARES (*deixando a janela e largando o binóculo sobre a secretária*) – O que dizem as folhas de hoje? (*Senta-se*).

LIMA – O dueto da moda. Emancipação e república.

DR. AGRIPINO – A liberdade nacional e a redenção do homem. E[,] com efeito[,] um sacratíssimo dueto entoado pela civilização e o progresso.

SOARES – Forçado à música de Offenbach.

LIMA – E de pomposo efeito para a grande classe social.

DR. AGRIPINO – Que muitas vezes transforma a burlesca comédia em sanguinolenta tragédia, quando os histriões abusam da sua paciência.

SOARES – Já vejo que é republicano, doutor.

DR. AGRIPINO – É surpreendente a sua perspicácia, senhor comendador.

LIMA – Confesso que tirei a mesma dedução das suas palavras, doutor. Não é republicano?

DR. AGRIPINO – Não faço questão de denominação. Se me permite um novo qualificativo nesta ordem de ideias, direi que sou simplesmente reformador oportunista.

SOARES – As reformas são sempre prejudiciais, senão funestas.

DR. AGRIPINO – Deu-se mal com a sua reforma de *modesto e honrado* negociante de escravos em rico e opulento comendador?

SOARES (*de mau humor*) – Não se trata de mim, senhor doutor. (*Doutor ri*).

LIMA – Mas, como julgar-se das suas ideias, doutor?

DR. AGRIPINO – Eu explico-as. Sou livre como é livre o país em que nasci, e ao homem livre, sem que ele tenha postergado sua própria dignidade e seus direitos de cidadão, não se lhe impõe um mandante alheio a sua vontade e confiança, e indiferente aos seus sentimentos de afeto e respeito. Proceder-se assim no seio de uma nação civilizada, é ostentar-se o mais protervo menosprezo às sagradas prerrogativas de um povo inteiro em homenagem aos caducos privilé-



gios de uma circunscrita raça. É a espoliação do natural direito e supremacia de todos pela casual e absurda soberania de um.

LIMA – Entretanto, são os republicanos que pregam as doutrinas de todos para um.

DR. AGRIPINO – Porém, um, escolhido e proclamado por todos.

SOARES – E, doutor, os reformistas o que fazem? O que querem eles? Talvez substituir os privilégios de raça pelo privilégio da força; o inviolável direito hereditário pelo direito do aventureiro. A distinção dos títulos e da nobreza pelo desenfreamento da canalhocracia.

DR. AGRIPINO – Eu não faço questão de raça, de nascimento nem de forma de governo desde que ela seja tão livre quanto é livre o povo que tem de governar. Quero o livre direito de escolher de entre meus concidadãos um homem experimentado nas lides da vida pública, conhecido do povo pelo privilégio da virtude, pela nobreza do caráter, pelos títulos do seu talento e grandeza do seu saber. Entendo que não devemos continuar a ser levados pelo monstruoso absurdo de aceitarmos das caprichosas mãos do acaso o chefe de uma nação que é nossa. Não posso tolerar que hoje o festivo troar da artilharia anuncie o nascimento do meu rei futuro.

LIMA – E o povo bom patriota, jubiloso deve adorar essa criança, que, sendo herdeira de um trono é uma nova garantia para a sua nação.

DR. AGRIPINO – Entretanto, os cânticos de glória que hoje saúdam o recém nascido, podem mais tarde converter-se em clamorosos prantos arrancados pela iniquidade e crimes dessa criança, transformada em homem de inteligência embotada e coração pervertido. Neste sentido, a longa história do mundo é triste e bem triste com os seus mil exemplos. A inteligência e a virtude não são infalíveis na família do trono.

SOARES – Quer então o senhor, ou os reformistas, tirar o rei ao povo e do povo tirar o rei!

DR. AGRIPINO – De entre o povo tem saído grande parte dos homens gloriosamente célebres. Centenares de descendentes de reis têm massacrado seu povo e desonrado sua pátria. Napoleão I nasceu longe



do trono e fez do seu povo um herói imorredouro, e de sua pátria uma glória eterna.

LIMA – Felizmente, para os senhores reformistas, é tão exageradamente absurdo o seu programa, que, para realizá-lo, lhes faltará sempre o oportunismo de que nos falou o doutor.

SOARES – Salvo se o doutor, com seus colegas, jurarem, com a irresponsabilidade da sua profissão, exterminar todos os testas coroadas e suas descendências.

DR. AGRIPINO – Nos restariam ainda os papalvos, os ignorantes, os traficantes de casaca e comenda que por aí formigam, flagelando a humanidade com as suas tolas impertinências.

SOARES (*de mau humor*) – Lembro ao senhor doutor que nada tem com a nossa discussão as casacas e as comendas que muito honram a quem as tem.

DR. AGRIPINO – E que quase sempre estes a desonram. Tem razão, senhor comendador.

LIMA (*intervindo*) – Voltemos ao nosso assunto, doutor. Quando talentos esclarecidos e espíritos elevados, como o do doutor, concebem uma ideia, ela deve encerrar bonitas teorias embora seja de prática impossível. Neste caso está a primeira parte do seu programa de reformador; devendo-nos ainda a parte segunda que se refere à oportunidade da execução.

DR. AGRIPINO – E asseguro-lhe que só dela depende a proficuidade do único meio que nos resta para salvar a nossa pátria do deplorável e fatal sistema atual de governo que a empobrece, desmoraliza e corrompe.

LIMA – Mais fatal será aquele que trará a contínua conflagração nacional ateadada pela ambição à suprema cadeira. Se a união faz a força, o esfacelamento enfraquece. A ordem, o prestígio e a confiança da nação decrescerão na razão do crescimento das paixões e das lutas. Daí, sim, evidentemente a pobreza do país, a desmoralização do povo e a corrupção dos homens.

DR. AGRIPINO – Seria, talvez, este o resultado se hoje, tão bruscamente, fosse tentada uma tal transformação de coisas.

SOARES – Espera então converter o povo, já vejo. Muito tem que trabalhar e esperar.

DR. AGRIPINO – Não. A conversão de um povo é sempre tardia, perigosa e incerta.



LIMA – O que espera então, doutor, a intervenção de Deus?

DR. AGRIPINO – A intervenção da inteligência, da instrução e do patriotismo bem entendido. Há de convir que é uma insensatez construir-se arquitetura moderna sobre antiquárias ruínas; um desacerto, enxertar-se brotos novos em carcomidos troncos. Seria um erro imperdoável, uma desastrosa perda de tempo e de causa o querer-se inocular ideias tão florescentes em espíritos tão gastos.

SOARES – Tente sempre, doutor. A lógica tudo vence e a todos convence.

DR. AGRIPINO – A lógica da palavra e dos fatos, a pureza da verdade palpitante, a santidade da causa pode convencer um grupo de homens pelo coração, pela instrução e pela inteligência clara. Pode incutir a dúvida na razão de outros e abalar o espírito de muitos; porém, não converte um povo inteiro nascido e erroneamente educado e doutrinado em um sistema, que a sua ignorância não deixa compreender o que ele tem de mal, nem conhecer outro melhor. Seria uma louca temeridade buscar-se desviar o impetuoso curso de um caudaloso rio quando, previamente, atendendo a todas as circunstâncias precisas, pode-se abrir e preparar-se o leito por onde, ao romper-se os diques que o prendem, ele naturalmente se precipite, se estenda e domine.

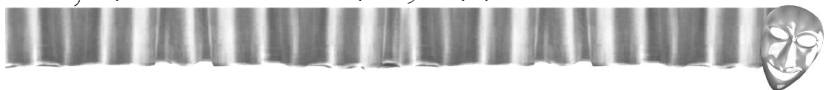
LIMA – Se o argiloso solo ceder ao aluvião do operário.

DR. AGRIPINO – Nada resiste a princípios radicais, inteligentemente aplicados.

SOARES – Meros palavrões, meu caro.

LIMA – Não vê que tudo isto são arroubos de uma imaginação de moço, doutor? Onde estão estes princípios radicais com que sonha?

DR. AGRIPINO – Na inteligência humana e no coração de cada brasileiro. Mostre-se com a verdade o mau caminho que segue a geração que passa. Rasguem-se as portas dos templos da instrução, acendam-se luzes que iluminem o espírito da geração que nasce. Substitua-se o acaso pela razão, o cetro pela pena, os paços régios por escolas, as cartas nobiliárias por pergaminhos escolares. Troque-se a sotaina pela blusa do



operário, os claustros por oficinas, a espada pelo livro, a força pelo direito. Esmague-se a hidra escravocrata que morde o coração da nossa pátria, fundam-se os ferros da escravidão em troféus da liberdade! Amputem-se esses membros gangrenados que corrompem, enfraquecem o nosso corpo social e político, e o Brasil será forte, grande e invencível como é grande, forte e invencível a consciência, o direito e a liberdade! (Ato III, Cena I, p. 50-57).

Mas é em *Lucinda* (1875), de Hilário Ribeiro, que iremos encontrar o republicano mais fervoroso: o General, tio de Lucinda. As críticas que o mesmo faz ao governo e à sociedade da época são contundentes. Tome-se, como exemplo, o início da terceira cena, do primeiro ato:

GENERAL – Então[,] que novidades ocorrem?

BARÃO – Os paraguaios invadiram[,] com efeito[,] o Mato Grosso.

GENERAL – E o que faz o Governo?

BARÃO – Tem dado as necessárias providências, como sabe.

GENERAL – Sempre tarde, como é seu costume.

BARÃO – É prudente.

GENERAL – Imprudente, digo eu.

BARÃO – Já começa o mano com suas catilinárias.

GENERAL – Que venham, podem vir estes novos vândalos. Se for preciso, o velho soldado, o farrapo encanecido e sem valimento[,] desembainhará a espada!... Este braço ainda tem força para dar um golpe e este peito não foge às cicatrizes... Afrontas dessas[,] lavam-se com sangue!

BARÃO – O Governo tem tomado medidas enérgicas, descansemos no seu patriotismo.

GENERAL – Oxalá que não comprometa os brios da nação[,] com uma paz vergonhosa. Ontem[,] era o ministro inglês, hoje[,] é o tirano do Paraguai... Amanhã...

BARÃO – Se fosse ainda possível evitar a guerra, o Governo o faria[,] a bem dos povos.

GENERAL (*frenético*) – Pois julga possível isso, depois de enxovalhada a dignidade nacional?! Para mim[,] há só um dilema: a guerra ou a vergonha. (*Pausa*). Go-



vernos corruptos e corruptores! Levam uma bofetada e ainda pagam[,] com rios de ouro[,] o audacioso agressor. Isto faz subir o sangue às faces!

BARÃO – O mano é um exaltado, está falando irrefletidamente: cega-o a paixão partidária.

GENERAL – Paixão partidária! Boa lembrança!... O meu partido já não existe, bem o sabe; aos de hoje[,] sou indiferente, porque vejo poucos homens e várias crenças. Há dois bandos que se guerreiam e mutilam a pátria. Paixão partidária!... O meu acampamento está deserto, é a necrópole de um heroísmo passado... Restam ossos, só, mais nada... Fiquei eu para chorar sobre tantos manes.

BARÃO – Quanto à mim[,] creio firmemente no patriotismo do gabinete.

GENERAL – Que entende por patriotismo? Queria ouvir a definição de sua boca... Pensa que é uma palavra vã?

BARÃO – Ora!

GENERAL – Talvez ignore.

BARÃO – O mano tem o sestro de supor que só os republicanos são os únicos patriotas do mundo... Deixe-se disso.

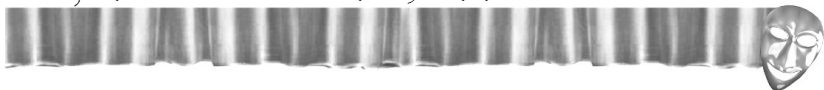
GENERAL – Está dizendo uma tolice. Conheci republicanos que não valiam nada, como há liberais e conservadores que mereciam uma calceta. O que é verdade, é que não mudei, não transigi, e creio que o ideal dos povos há de ser a democracia.

BARÃO – Sempre utopias e dissertações banais.

GENERAL – Utopias?!... Este povo é grande, como todos os povos, este país aspira ser livre como todos os países. Fui, sou e morrerei republicano, fiel à minha bandeira e crente no seu triunfo. Outros começaram liberais, tornaram-se conservadores e[,] depois[,] especuladores. Pérfidos[,] que atraíam a pátria e o rei!... Conheço-os como os copos da minha espada!

BARÃO (*irônico*) – O brigadeiro tem ideias muito adiantadas...

GENERAL – As coisas têm uma marcha providencial. Época virá em que estas utopias, tão motejadas hoje, serão a prática governamental. É cedo, bem sei. Nem eu proclamo a República ou seria capaz de concitar os ânimos para uma revolta. Quando a nação tiver plena



consciência de suas garantias e deveres, quando cada cidadão estiver preparado para entrar nos comícios populares, então terá soado a hora solene, o rebate do futuro. Então o povo será o agente de suas ações, o motor de sua grandeza. Hoje é o carneiro adormecido, para amanhã acordar o leão esmagador; hoje é o réu, amanhã será o tribunal; é a mola, será a máquina prepotente, é o escravo, será o senhor absoluto.

BARÃO – Ainda bem que não é para os nossos dias.

GENERAL – Isso[,] que importa? Quando estes olhos se fecharem, descerei tranquilo à minha cova, porque o futuro é a conquista da humanidade. Hei de morrer sorrindo, porque acredito em Deus e na liberdade. Estou pronto para a viagem de além-túmulo, não me arreceio de nada. A espada e as dragonas irão comigo; foram as minhas companheiras na vida, serão as únicas pompas do finado. (*Com ironia*). Onde está a sua espada de republicano, Barão? Ah! Ah! Ah!

BARÃO – Ficou no Rio Grande, nunca tive queda para a vida militar.

GENERAL – Diga antes[,] que nunca foi republicano (Cena III, Ato I).

Em *Martírios de amor* (1873), de Joaquim Alves Torres, o republicano Henrique Alves (pai de Virgílio) e o monarquista democrático Manoel Soares promovem também um debate sobre a questão:

MANOEL – (...) Vou contar-lhes [a Dario e Virgílio] o que houve. Estávamos eu, Henrique e mais dois companheiros jogando o voltarete. Era a última partida. Dá-se, porém, o acaso que um rei é o motivo de Henrique perder. Ele ergue-se enraivecido e faz desabar dos lábios uma torrente de imprecizações contra os reis e as monarquias concluindo com vivas à república. Desagradou-me o seu desarrazoado e o repeli energicamente, defendendo a monarquia.

ALVES – O que também desagradou-me.

MANOEL – Eu sou monarquista, porque a república como eu concebi e como realmente ela deve ser, é impossível existir.

ALVES – Protesto.



MANOEL – Entretanto sou um monarquista democrata, porquanto eu adoro a causa do povo regida por uma testa coroada, e detesto toda e qualquer coletividade que se revestir com o manto da aristocracia. Se o povo elegendo um governo o sagraisse e nem um só homem o desrespeitasse, por certo que eu seria um democrata na acepção mais lata da palavra. Do modo, porém, porque as repúblicas do globo são constituídas declaro-me pela oposição e tenho mil dados para comprová-la.

ALVES – Os teus dados são sofisticos, repito.

MANOEL – Mas não tens o poder de desorganizá-los.

ALVES – Isso é o que tu dizes.

MANOEL – E o provarei sempre (Ato I, Cena VII, p. 157).

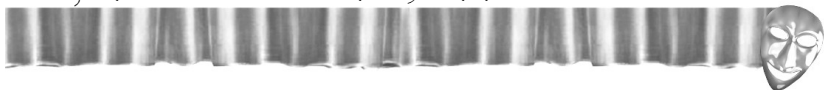
Nem sempre a defesa do ideal republicano aparece de forma explícita nos textos. Em *O marido de Ângela* (1884), também de Joaquim Alves Torres, quem manifesta seu desagrado com a Monarquia é o deputado oposicionista Luís, em conversa com Peregrino (primo de Ângela): “Não imagina como profundamente me desgosta este sistema de governar”. Segundo ele, às críticas da oposição, o governo “responde que a oposição é injusta, que faz de tudo política, que o governo procede com critério, que tem consciência de seus atos, que o estado do Brasil é próspero e que finalmente as coisas marcham às mil maravilhas” (Ato I, Cena III, p. 23).

Quem afirma que a corrupção na política nunca atingiu níveis tão alarmantes quantos os da atualidade parece desconhecer a história brasileira do século XIX. Ainda que estejamos diante de uma peça de ficção, o pensamento expressado no seguinte diálogo entre o deputado Luís e Peregrino, além de bastante afinado com a realidade política da época, é de uma atualidade impressionante:

PEREGRINO – Todos os governos guiam-se por uma cartilha, todas as oposições por outra. É dessa forma que o tempo decorre e a nação vive.

LUÍS – Pois eu asseguro-te que se porventura um dia for governo, desmentirei o que acabas de dizer.

PEREGRINO – Concedo; abro mesmo para ti uma exceção: mas afirmo a meu turno que serão poucos os



dias do teu governo. Crê no que te digo, Luís. Não há hombridade de caráter que aniquile o elemento corruptivo, porque este, infelizmente, é mais forte (Ato I, Cena III, p. 24).

Também no drama *Um fruto da escravidão*, de Boaventura Soares, escrito naquele mesmo ano (1884), apesar de não termos a defesa de um outro sistema de governo, as críticas aos políticos são contundentes. O bastardo Américo, ao ser convidado, por Hemetério, a entrar para a política, reage dessa forma:

Não, meu caro amigo; seria macular minha honra ir me reunir aos homens ambiciosos que suplantam a dignidade pelos interesses da vida. Quem sabe se o senhor Hemetério acredita que na política há ainda caracteres respeitáveis? Não pode e é impossível até, porque desde o instante em que um lançar do direito para livrar a dignidade, começará a perseguição até o momento da apostasia. (...) O dinheiro, o nosso maior inimigo, perverte tudo, até o caráter. Buscarei uma ocupação que seja honrada... Mas não a mísera política, onde jaz adormecido o progresso de nossa pátria (p. 27-8).

Diante do argumento de Hemetério, de que “no caso do doutor não me importaria, iria para o precipício; restava ao menos a consolação de ser igual aos outros”, Américo rebate: “Nunca, senhor Hemetério, pisar um nome adquirido com trabalho, num ápice ver morta a minha consciência, na flor da juventude? Isso jamais!” (p. 28). Eduarda reforça essa visão pessimista da política quase ao fim do Império: “Américo, a política tem estragado de tal forma esta terra, que só se ouvem calúnias, nada se respeita; se deres ouvido ao que dizem ficarás louco!” (p. 42).

Em *Estrelas e diamantes* (1874), de João da Cunha Lobo Barreto, o negociante e capitalista Conceição (pai de Flora) tenta comprar o voto do republicano Arnaldo (protetor de Cândido):



CONCEIÇÃO – Então decididamente não quer servir-me, senhor Arnaldo?

ARNALDO – Nunca! Senhor Conceição, quando o homem tem crenças e não segue a opinião inconstante das facções, nunca as renega, nunca!... Não tenho partido, tenho convicções; não sigo homens, sigo ideias... E assim, se como eu, todos não esquecessem o bem da pátria, o engrandecimento e prosperidade do Brasil, se se devotassem à defesa de uma causa e não a tricas partidárias, não haveria na política de nossa terra esse jogo constante de insultos a personalidades; porque na defesa de uma causa só argumenta-se com a razão, com a verdade!

CONCEIÇÃO – Ora, lá vem o senhor com o seu republicanismo... Esta mocidade de hoje tem na verdade ideias extravagantes!...

(...)

ARNALDO – Pois saiba, senhor capitalista – homem que quando se trata de crenças, fala em dinheiro, saiba que os republicanos, como eu, que dependem do mundo, afrontam os seus adversários e ao seu ouro; porque entendem que a sua pátria prosperará um dia, se tiver homens livres que combatam para elevá-la e não partidários corruptos que se batam para elevar-se (Ato I, Cena XI, p. 49-50).

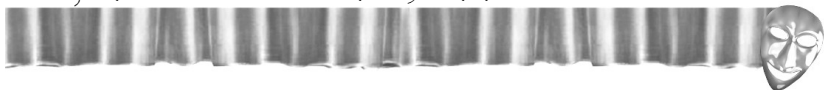
Em *Os filhos da viúva* (1881), de Arthur Rocha, o jovem republicano Alberto, filho da viúva Elvira, defende ideias revolucionárias através dos artigos que escreve e publica em jornais:

BARBEIRO – O senhor Alberto ainda dorme?

JOÃO [empregado da casa de Elvira] – Pois não dormiste... Há duas horas que está à sua banca escrevendo para as *Gazetas*.

BARBEIRO – Ah! Ele também escreve pras folhas?

JOÃO – Se escreve pras folhas?! Você está às cegas: não vê nada... Esses homens das monarquias têm-lhe um ódio de morte, por causa do que ele põe contra eles lá no seu jornal. Aquilo é que é dizer as coisas como as coisas são! *Tim tim por tim tim; pão-pão; queijo-queijo*.



BARBEIRO – Mas tão moço... Já metido nessas barafundas! Nos tempos de agora, seu João, as coisas andam às avessas. Fossem lá dizer ao meu pai que eu aos 20 anos pensava sequer em escrever para jornais, para ver como ele me escrevia às costas com uma suculenta pena de vara de marmeleiro (Ato II, Cena I, p. 27-28).

Por publicar artigos no jornal contra a Monarquia, Alberto é caluniado e sua mãe difamada pelos adversários políticos. É o Barbeiro (que, mais tarde, se revelará um monarquista, acusando Alberto de pregar a revolta, ao dizer “que o povo não tem liberdade, quando sabemos que a temos em demasia”) quem faz a primeira revelação, nesse sentido, ainda em sua conversa com o serviçal João:

BARBEIRO – (...) Vai lá à casa muita gente e gente de todos os caracteres. Ora, imagina que há poucos dias estava eu a raspar muito consciente e tranquilamente a caraça de um freguês, quando lhe ouço dizer para outro amigo que o acompanhava: *São dessa laia os Catões modernos*. À força de ensinarem aos outros moralidade ficam sem nenhuma para o gasto e casa. Aí está esse tal Alberto da Cunha, jornalista, republicano, mas que não passa de um grande criança, na minha opinião, a jogar doestos às nossas mais puras e santas instituições, sem reparar que, enquanto se perde nas ruas farejando escândalos e fazendo praça de ideias absurdas e revolucionárias para constituir reputação, a mãe e a irmã, em casa, encarregam-se de a comprometerem. É reparar para a frequência das visitas do tal Frederico... Olhe que não sou eu que digo estas coisas. Ouvi-as (Ato II, Cena I, p. 29).

Ao tomar conhecimento do que os adversários escrevem no jornal, a respeito de sua família, Alberto não contém a indignação, de modo que o Barbeiro – que está a lhe fazer a barba, enquanto Alberto lê – quase lhe corta com a navalha:

ALBERTO – Infames!... Não podendo bater-me no terreno das ideias, ferem-me naquilo que mais prezo. (...) E são estes os que se dizem os sacerdotes da imprensa e arautos da opinião!... Mentira... Sabem no-



doar, conspirar, rebaixar, aviltar esse apostolado sublime, que não lhes é, nas mãos impuras e venais, mais do que o instrumento de ódios e paixões ignóbeis... Não são operários de nenhuma ideia; não são obreiros de nenhuma causa justa; são assassinos morais, bandidos repelentes, abrigados à sombra de uma grande bandeira. Ah! Que os não possa esmagar a todos!... (Ato II, Cena II, p. 21-22).

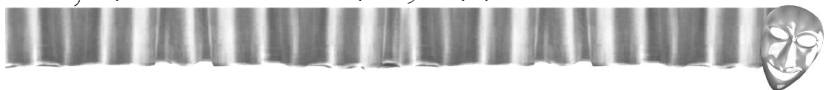
No Prólogo de *A adúltera* (1887), de João Maia, encontramos o jovem republicano Luciano. Além de ser filho de um general farrapo, é um revolucionário, que – a exemplo de Alberto, de *Os filhos da viúva*, de Arthur Rocha – escreve artigos para um jornal. A queixa de Luciano, em conversa com o amigo Henrique, é a de que o dono do jornal não publica seus artigos tais como saem de sua pena:

HENRIQUE – (...) O editor do jornal em que escreves atreve-se a muito. Deus queira que ele não seja vítima, quando menos o esperar.

LUCIANO – Em um presente tão horrível como o que transpomos, em que tenta-se abater de todo o caráter nacional pela perversão que, rolando do alto, procura embaraçar as legítimas aspirações deste povo americano, qual a linguagem de que devemos usar, nós que combatemos pela regeneração da pátria? Acharo-nos colocados entre as duas pontas deste dilema: ou consentir que os corifeus do monarquismo façam do povo uma entidade inconsciente ou colocarmo-nos no posto que a civilização do século nos destinou e apontar ao povo as avenidas que o conduzirão à sua redenção, colocando-lhe na destra o lábaro augusto da liberdade. Este deve ser o principal dever da imprensa independente.

CLÉLIA (*entrando da esquerda*) – Muito bem, ilustre republicano, muito bem! Quando o ouço falar assim, sinto-me possuída de tão veemente entusiasmo que, esquecendo-me que pertenço ao sexo frágil, por pouco que não corro a empunhar as armas da revolta bradando: Viva a república! (*rindo-se*) Ah! ah! ah!

HENRIQUE (*cortês*) – Minha senhora, tenho a honra de saudá-la.



CLÉLIA – Oh! Queira desculpar a minha distração. O nosso moderno Desmoullins (*referindo-se a Luciano*) falava tão possuído do sentimento de patriotismo, que vim ter aqui dir-se-ia arrastada por uma força magnética.

LUCIANO – Como não ser assim, se a senhora é tão patriota...

CLÉLIA – Tanto que aplaudo a forma por que o senhor combate em prol das ideias avançadas. Quisera, entretanto, que destacasse da magna questão da soberania popular, para discutir isoladamente, uma parte dessa grandiosa causa, que por si só constitui uma das mais importantes questões da atualidade: falo da emancipação da mulher – esse importante problema social de que se têm ocupado vultos contemporâneos da estatura de Stuart Mill, Victor Hugo, Alexandre Dumas e outros (Prólogo, Cena III, p. 7-8).

A discussão em torno do ideal republicano, contudo, restringe-se a essa cena. Quando inicia o primeiro ato da peça, transcorreram já 22 anos, e o revolucionário Luciano, depois de passar 12 anos na França e Alemanha, retorna a Porto Alegre, onde gastará seu tempo tentando evitar uma tragédia edípica (o casamento de seu irmão, o Dr. Mário, com a própria mãe, a Clélia que aparece na cena acima, que, aos 15 anos, obedecendo talvez a uma fantasia romântica ou a um poderoso impulso de temperamento, casa-se com um velho general, a quem, depois de trair, abandona, juntamente com seu filho de pouco mais de ano) e com a punição da adúltera. Luciano é, na verdade, já desde o Prólogo, o portador do objetivo moralizante, conferido ao drama pelo seu autor, João Maia.

No drama *Adelina* (1879), de Damasceno Vieira, o ideal republicano merece, também, uma discussão passageira:

DOUTOR – Eu não me impressiono muito com a marcha da sociedade, porque...

OTÁVIO (*interrompendo-o*) – Mas como membro dela tem o dever de impressionar-se.

HENRIQUE – E como médico deve compreender que é maior a responsabilidade de vossa senhoria.

DOUTOR (*com ironia*) – Concordo, mas deixo aos moços o cuidado de satisfazer as necessidades públicas.



A juventude com suas tendências republicanas, as suas ideias exaltadas, mas balofas, emprega-se quase sempre em vãs tentativas para uma conflagração geral.

HENRIQUE – É exatamente esse exagero que eu condeno.

DOUTOR – Fala-se com grande entusiasmo em liberdade e em república, porém todos os democratas só esperam uma ocasião oportuna para arrojarem ao longe o barrete vermelho, esquecidos de todos os seus compromissos. Não preciso citar nomes, porque os exemplos são numerosos... Já veem que homens de semelhante quilate poderão servir para tudo, menos para dirigir o bem-estar do povo (Ato I, Cena V, p. 19-20).

No presente volume da Antologia, resgatamos os dramas *Escrava e mãe* (1880), de José Alves Coelho da Silva, *Lucinda* (1875), de Hilário Ribeiro, e *Estrelas e diamantes* (1874), de João da Cunha Lobo Barreto.



NOTAS SOBRE OS AUTORES

1. JOSÉ ALVES COELHO DA SILVA

José Alves Coelho da Silva nasceu na cidade de Salvador, Bahia, em 1839 (J. Galante de Sousa, 1960, p. 505) ou 1845 (Lothar Hessel, 1999, p. 80), e morreu em Porto Alegre, em 1900. Teatrólogo e músico, radicado por muitos anos no Rio Grande do Sul (mais precisamente, em Jaguarão), surgiu no cenário teatral gaúcho no fim da década de 1870. Sua obra dramática é composta pelas seguintes peças:

1) *Boêmia*, drama abolicionista, em quatro atos, 1879. Representado em Jaguarão, em 1887, e em Taquari, entre 1891/1905 (Hessel, 1999, p. 80 e 161). Em 1885, ocorreu representação de peça com o mesmo título, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, porém, na informação não consta o nome do autor (Damasceno, 1956, p. 220). Sobre a primeira edição da peça, de 1879, não se tem informação. A segunda edição ocorreu em Rio Grande: Tipografia de “O Comercial”, 1880, 144 p. (Villas-Bôas & Martins, 1968, p. 29).

2) *Escrava e mãe*, drama em cinco atos, 1880. A data da peça é informada por Hessel (1999, p. 80) e Sousa (1960, p. 505). O drama foi publicado em Rio Grande: L. Salcedo & Andrade, 1885, 132 p. O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar da edição.

3) *Jorge*, drama em cinco atos, 1881. A peça aparece, também, com o título de *Jorge Elisier* (Damasceno, 1956, p. 282 e 1975, p. 40). Em Sousa (1960, p. 505), consta: “drama em cinco atos, Rio de Janeiro, 1884”. Para Hessel (1999, p. 80), a peça seria de 1895. Publicado em Porto Alegre: s/indic. Editora, 1881, 134 p. (Villas-Bôas & Martins, 1968, p. 8).

2. HILÁRIO RIBEIRO

Segundo J. Galante de Sousa (1960, p. 453), Hilário Ribeiro de Andrade e Silva nasceu em Porto Alegre, em 1º de



janeiro de 1847²⁷, e morreu no Rio de Janeiro, em 1º de outubro de 1886. Professor de desenho da Escola Normal de Porto Alegre, e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, autor de vários livros didáticos, poeta e dramaturgo. Sua obra teatral é composta pelas seguintes peças:

1) *As aparências enganam*, comédia em um ato, 1868. Athos Damasceno (1956, p. 368) é o único autor a fazer referência a esta peça, apresentada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 20 de dezembro de 1868, pelo Departamento de Teatro do Partenon Literário, cuja apreciação crítica, segundo o mesmo autor, aparece no *Jornal do Comércio*, de 22 de dezembro de 1868.

2) *Risos e lágrimas*, drama em cinco atos, 1869. Na *Revista Mensal* do Partenon Literário (Ano 1, abril de 1869, n. 2, p. 32), consta a seguinte nota de Aurélio de Bittencourt: “*Risos e lágrimas* – assim se chama um drama novo do Sr. Hilário Ribeiro de Andrade e Silva. Tenho-o em meu poder, e apenas dele li algumas páginas; por elas, porém, julgo que o dramaturgo não fica aquém do poeta, tão merecidamente festejado do público da capital”. O drama, representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1870, pela Companhia Dramática (Damasceno, 1956, p. 123), foi publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário (n. 1, p. 9-, n. 3, p. 17-, n. 4, p. 20-, n. 5, p. 23-, e n. 6, p. 34-, de 1872). O IHG do RS possui os números da revista em que ocorreu a publicação.

3) *Aurélia*, drama em cinco atos, 1872. Na *Revista Mensal* do Partenon Literário, de agosto de 1872 (n. 2, p. 40), José de Sá Brito informa que encontra-se em ensaio o drama *Aurélia*, de Hilário Ribeiro. A peça foi publicada naquela *Revista* (2ª série, n. 7, p. 295-310; n. 8, p. 332-344; n. 9, p. 390-402; n. 11, p. 485-490; e n. 12, p. 540-545, de 1873). O IHG do RS possui os números da revista em que ocorreu a publicação.

4) *Uma história*, drama, 1874. Texto publicado, parcialmente, na *Revista Mensal* do Partenon Literário. O primeiro ato, que se encontra no n. 11, p. 206-210, de 1874, foi aproveitado pelo autor, com algumas reformulações, em seu drama *Lucinda* (1875).

²⁷ Na história da literatura de Guilhermino Cesar (1956, p. 314) consta, equivocadamente, 1874.



5) *Lucinda*, drama em cinco atos, 1875. Publicado em Porto Alegre: Tipografia da Imprensa Literária, 1875. O único exemplar localizado desta peça integra o Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS.

3. JOÃO DA CUNHA LOBO BARRETO

João da Cunha Lobo Barreto²⁸ nasceu em Porto Alegre, em 1853, e morreu na mesma cidade, em 1º de dezembro de 1876. Segundo J. Galante de Sousa (1960, p. 103), colaborou na imprensa com o pseudônimo Cândido Sílvio.

Guilhermino Cesar (1956, p. 266) escreveu o seguinte parágrafo sobre este autor e sua obra: “João da Cunha Lobo Barreto Filho deixou três obras que se tornaram conhecidas e louvadas em Porto Alegre: *Estrelas e diamantes*, drama, *O senhor Queirós* e *Efeitos da aguardente*, comédias. Revelou dons de observação e humorismo de primeira ordem, segundo a crítica contemporânea, mas, tendo falecido muito moço, não teve tempo de maturar as suas excelentes qualidades”.

A produção dramática de João da Cunha Lobo Barreto resume-se, efetivamente, a essas três peças:

1) *Estrelas e diamantes*, drama em três atos e um prólogo, 1874. Representado pela Sociedade Dramática União Militar, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em setembro de 1878 (Athos Damasceno, 1956, p. 178 e 1975, p. 33). Publicado em Porto Alegre: *Revista da Sociedade Ensaios Literários*, n. 1, abr 1875, p. 10-25 (Prólogo), n. 2, mai, p. 37-51 (Ato I), n. 3, jun, p. 69-80 (Ato II), n. 4, jul, p. 101-112 (Ato III) e n. 5, ago 1875, p. 101-112 (Ato III). O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul possui os cinco números da revista, em que ocorreu a publicação.

2) *Efeitos da aguardente*, comédia em um ato, 1875. Segundo Hessel (1999, p. 171) e Cesar (1956, p. 266), comédia; para Sousa (1960, p. 103), ato cômico. Peça representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1887 (Damasceno, 1956,

²⁸ João da Cunha Lobo Barreto Filho, segundo Guilhermino Cesar (1956, p. 266) e Athos Damasceno (1956, p. 178 e 1975, p. 33). Na publicação de *Estrelas e diamantes* consta J. C. Lobo Barreto.



p. 235) e em Triunfo, em 1899 (Hessel, 1999, p. 171). Publicada em Porto Alegre: *Revista da Sociedade Ensaaios Literários*, n. 8, ano 2, agosto de 1875.

3) *O senhor Queirós*, comédia em três atos, 1876. Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, pela Sociedade Dramática Melpômene, em 1890 (Damasceno, 1956, p. 254) e 1901 (Damasceno, 1975, p. 57). Publicada em Porto Alegre: *Revista da Sociedade Ensaaios Literários*, n. 13, de abril ou maio de 1876 (possivelmente, a última edição da *Revista*, de que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul possui apenas as edições n. 1 a 6, 10 e 12).



ESCRAVA E MÃE

*Drama original em cinco atos
por
José Alves Coelho da Silva*

*RIO GRANDE
Tipografia do Diário –
de Z. Salcedo & Andrade*

1885²⁹

²⁹ Segundo J. Galante de Souza (1960, Tomo II, p. 505) e Lothar Hessel (1999, p. 80), o drama é de 1880. O único exemplar localizado integra o Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS.



PERSONAGENS

ANDREZA, mulata clara, escrava, 53 anos.

HENRIQUETA, moça rica, 17 anos.

DR. AGRIPINO, médico, 25 anos.

OTÁVIO, cego, 20 anos.

PEDRO DE LIMA, 37 anos.

COMENDADOR SOARES, 50 anos.

DR. BELFORT, médico, 50 anos.

PAULO, preto escravo, 60 anos.

ANTUNES, 30 anos.

NABUCO, tabelião, 55 anos.

A ação passa-se no Rio de Janeiro, na atualidade.

Dedicado à patriótica, humanitária e civilizadora Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro.

28 de setembro de 1885.



ATO I

Sala mobiliada com elegância. À esquerda[,] uma secretária; à direita[,] um divã e[,] ao fundo[,] aparadores com candelabros, vasos com flores, e espelhos. Sobre o aparador da direita[,] um pequeno cofre de madeira. Portas laterais, tendo à direita uma janela. Ao fundo[,] uma porta e[,] além[,] uma grade aquém de arvoredo. Aproxima-se a noite e ouvem-se longínquos trovões[,] acompanhados de relâmpagos e rajadas de vento. Estão abertas a janela e a porta do fundo.

Cena I

ANDREZA e PAULO.

(Andreza[,] tristemente encostada à janela, olhando para fora, e Paulo[,] colocando velas nos candelabros).

PAULO – O que faz aí, tia Andreza? Olhe que o vento vai cobrir de pó estes móveis, e amanhã é o velho Paulo que tem que limpá-los.

ANDREZA – Que feia tempestade se vai levantando lá fora, tio Paulo. Dali[,] o céu é todo negro, o vento cada vez mais forte, a noite aí vem e sinhazinha sem aparecer.

PAULO – Vamos procurá-la, tia Andreza?

ANDREZA – Se o fizermos[,] ela zanga-se; entretanto, tenho medo de tantas coisas que lhe podem acontecer...

PAULO – Deus e minha senhora lá no céu velam por ela.

ANDREZA *(indo a Paulo)* – Ah, tio Paulo! Se é verdade o que dizem os brancos, se os mortos que vão para o céu de lá veem o que se passa na terra, quanto terá sofrido minha santa senhora, comparando a menina Henriqueta, de hoje, com o anjo dócil e tímido que no mundo há cinco anos deixou.

PAULO – A sinhazinha é um pouco estouvadinha, mas tem bom coração, tia Andreza.

ANDREZA – Sim, o coração ainda é bom, mas a cabeça desvairou ou a desvairaram; não sei o que foi. Deus é quem sabe o que se passa hoje naquele espírito e o que está guardado no futuro.

PAULO – Sossegue, tia Andreza. Não pode ser infeliz quem teve uma santa por mãe.

ANDREZA *(indo à janela)* – Deus o ouça, tio Paulo.

PAULO *(acendendo as velas)* – Se for bom e justo, há de ouvir-me, sim.

Cena II

OS MESMOS e LIMA, que entra apressadamente, abre a secretária e tira dinheiro.

ANDREZA *(indo a Lima)* – Ah, meu senhor! Sinhazinha saiu à tarde[,] para caçar na quinta[,] e ainda não voltou.



LIMA (com aspereza) – E o que te importas com isso?

ANDREZA (timidamente) – Faz um tempo tão mau, meu senhor!

LIMA (o mesmo) – Ela há de vir. (Sai como entrou[,] levando dinheiro).

Cena III

ANDREZA e PAULO.

ANDREZA – E talvez também a desgraça.

PAULO (descendo) – Se a desgraça vier, tia Andreza, será para castigo desse homem (aponta para dentro), tão sem compaixão para nós, pobres escravos, como sem coração para sua filha.

ANDREZA – Cale-se, tio Paulo. Bem sei que o senhor não é bom para nós e que não ama a sinhazinha como devia, mas ainda assim eu o estimo muito.

PAULO (intencionalmente) – Por que pode estimar tanto a um ente que você conhece ser mau para infelizes criaturas como nós? Como pode ter afeição a um branco, que ama menos à sua filha do que ela é amada por você e pelos negros como eu?

ANDREZA – Não sei, tio Paulo. É destas coisas que o coração sente e que a gente não pode explicar.

PAULO (o mesmo) – Mais tarde ou mais cedo, tudo neste mundo se explica. (Outro tom, e apontando para a janela). Olhe, tia Andreza, é noite fechada.

ANDREZA (sobressaltada) – Mãe santíssima! (Indo à janela). Como está medonho lá fora, tio Paulo! E ela sem vir. (Forte trovão e relâmpagos). Deus de misericórdia (ajoelha-se), livrai de todos os perigos aquele anjo e aceitai em recompensa todos os martírios desta pobre escrava.

PAULO (descendo) – Sossegue, tia Andreza. Eu vou buscar sinhazinha.

(Trovões longínquos, e ouve-se fora uma voz de mulher cantando).

Quem me dera ser águia altaneira
Pra rasgar da tormenta o seu véu,
E além, adejando entre as nuvens,
Ver de perto as fúrias do céu.

ANDREZA – Perdoai-lhe, meu Deus! Perdoai-lhe, minha senhora! Ela não sabe o que faz, é uma criança.

(Forte trovão e relâmpagos que iluminam o fundo, onde se vê Henriqueta[,] através da grade).

PAULO – Ela aí está. Ralhe-lhe bastante, tia Andreza. (Sai).

(Andreza levanta-se e vai encontrar Henriqueta).

Cena IV

ANDREZA e HENRIQUETA.

HENRIQUETA (entrando vestida à caçadora, espingarda ao ombro, faca à cinta e saco à tiracolo[,] com algumas aves. Alegre) – Apre! Quase que faz medo.



ANDREZA (*tomando-lhe a espingarda*) – E é para temer-se uma noite assim, sinhazinha. (*Coloca a espingarda a um canto*).

HENRIQUETA – Estavas medrosa, já sei. (*Tira o saco e atira-o*).

ANDREZA – Sinhazinha fora de casa a esta hora, em uma quinta tão solitária, exposta à tempestade que desaba, confesso que tinha medo.

HENRIQUETA (*rindo-se*) – O muito amor que me tens é o teu martírio. Não havia motivo para tanta inquietação. Fui até a margem do rio e a tempestade surpreendeu-me um pouco longe de casa.

ANDREZA – E a noite que está tão feia!

HENRIQUETA – Ora, conheço bem todos os caminhos e desvios da quinta; não me consta que hajam lobos por aqui nem almas penadas; assim nada mais me inquietava senão a lembrança do teu costumado desassossego. (*Rindo-se*). Esperava encontrar-te a rezar. (*Atira o chapéu sobre o divã[,] onde se senta*).

ANDREZA – Como no tempo da minha santa senhora. Então, a raiva do céu amedrontava a todos, e ela ajoelhava-se abraçada com um anjo de cabeça loira, que era sua filha, e lhe ensinava a Ave-Maria. (*Henriqueta entristece*). Hoje, tudo e todos mudaram. A santa foi para o céu, o anjo se fez criatura e zomba do que então temia e respeitava; e a escrava que não tem o direito de aconselhar aquela que embalou em seus braços, nem sempre pode rezar pela sua felicidade, porque o infeliz escravo não tem licença para rezar todas as vezes que o coração lhe pede.

HENRIQUETA (*levantando-se muito comovida*) – Cala-te, Andreza. Para que me falas assim de minha mãe? Para que me recordas esse tempo em que eu só conhecia no mundo a ela e o seu amor, que a minha vida estava no seu olhar e o céu no seu sorriso? Naquele tempo, Andreza, eu rezava porque ouvia de seus lábios palavras da verdadeira religião de Cristo. Amava, porque tinha minha mãe, que era toda amor e carícias para mim. (*Chora*).

ANDREZA – E hoje, sinhazinha?

HENRIQUETA (*enxugando as lágrimas*) – Hoje[,] quem tenho? O que me resta?

ANDREZA – No céu[,] Deus e sua mãe, sinhazinha.

HENRIQUETA (*exaltando-se*) – E na terra, as trevas em que se debate o meu espírito, a solidão que me cerca, o abandono em que vivo, e o eterno luto em minha alma por minha mãe[,] que perdi.

ANDREZA – Ainda tem seu pai, sinhazinha.

HENRIQUETA (*indignada*) – E onde está meu pai? Fala.

ANDREZA (*a custo*) – Meu senhor está com os seus amigos...

HENRIQUETA (*o mesmo*) – De ontem, de hoje e de sempre, não é assim?

ANDREZA – Sinhazinha se esquece que tem junto de si o senhor moço Otávio, que é tão bom e que tanto a quer desde pequena.

HENRIQUETA (*com tristeza*) – Pobre Otávio! A fatalidade roubou-lhe todas as alegrias da vida, deixando-lhe olhos só para chorarem.



ANDREZA – Resta então à sinhazinha o amor de sua escrava Andreza.

HENRIQUETA – Obrigada, Andreza. Bem sei que me amas muito, porém, isto não basta ao meu coração.

ANDREZA (*com mágoa*) – Porque[,] apesar de grande e santo, é o amor de uma escrava.

HENRIQUETA – Não, não digas isto, Andreza. Bem sabes quanto te quero, e que por muitas vezes tenho pedido a tua liberdade a meu pai, ao que ele obstinadamente se tem recusado, ameaçando-me até de vender-te ou a qualquer de seus escravos que tente ser livre.

ANDREZA – Deixe-me ser o que sou, sinhazinha. Eu prefiro tudo a ter de separar-me de vosmecê, do senhor moço Otávio, e mesmo de meu senhor.

HENRIQUETA – Quanto és boa, Andreza! Porém olha, não te zangues nunca comigo. Deixa-me desafogar este coração que se atrofia, expandir esta imaginação que escalda. (*Ouvem-se trovões ao longe*). Não posso suportar este viver de fria monotonia e completo abandono. Falta-me espaço, preciso de ar, quero viver, Andreza!

Cena V

AS MESMAS e OTÁVIO, que entra Tateando. É cego.

OTÁVIO – É Henriqueta que está aí?

HENRIQUETA (*indo a ele e conduzindo-o para o divã*) – O que me queres, Otávio?

OTÁVIO – Nada. Uma vez que estás aqui, estou sossegado.

HENRIQUETA (*rindo-se*) – Também tinhas medo?

OTÁVIO – Algum. Já deve ser noite, ouço a tormenta que rugue lá fora, e tu saíste tão tarde à caçar...

ANDREZA – E voltou agora[,] que é noite horrível, sinhozinho.

HENRIQUETA – Cala-te, má. (*A Otávio*). Tu e a velha Andreza temem mais pela caçadora do que ela é temida pelas rolas e sabiás, que, cantando, a esperam tranquilamente[,] para se deixarem matar. (*Vai buscar o saco e aproxima-o de Otávio*). Sentes o que aí está? É a minha famosa caçada de hoje. Agora ralhem ainda comigo, se lhes parece. Toma, Andreza. (*Dá-lhe o saco*). Pago com uma opípara³⁰ ceia os arrufos e sermões dos meus severos censores, a quem prometo não desgostar mais, salvo, se me contrariarem.

ANDREZA – Ah! Se eu o pudesse fazer, minha senhora lá do céu me daria o prêmio. (*Sai*).

Cena VI

OTÁVIO e HENRIQUETA, que vai à janela.

OTÁVIO – O tempo melhora, Henriqueta?

³⁰ Esplêndida, pomposa.



HENRIQUETA – O céu conserva-se escuro, porém[,] os relâmpagos iluminam todo o espaço e a terra.

OTÁVIO – Já não devemos esperar que venha hoje o nosso Dr. Agripino, como nos havia prometido.

HENRIQUETA – Por quê? O Andaraí não é o fim do mundo, e a noite está esplêndida. Gosto desta raiva dos elementos.

OTÁVIO (*repreensivo*) – Henriqueta!

HENRIQUETA – Assim devia ser sempre a natureza. A bonança nos faz adormecer a alma, e daí nos vem o tédio, o esquecimento da vida. Sabes, Otávio? Tenho pesar de não ser poetisa.

OTÁVIO (*surpreso*) – Tu, Henriqueta?! Tu que aborreces a poesia e menosprezas os poetas?

HENRIQUETA (*deixando a janela*) – Menosprezo os poetas que fazem da poesia um val de lágrimas; que as suas estrofes são ridículos madrigais de suspiros e queixumes de Romeus. Tenho dó desses pobres visionários, dessas imaginações enfermas e corações sem vida. É esta a poesia narcótica que aborreço, são estes os poetas ridículos que detesto.

OTÁVIO – Preferes então um Byron, um Junqueiro com o seu D. João, não é assim, Henriqueta?

HENRIQUETA – Quero a poesia que nos arranque desse viver e sentir de hoje como o de ontem, de amanhã como o de sempre; que nos desperte a alma e arrebate o espírito. Prefiro o poeta morto para essas belezas e delícias fantásticas, e que, levado por uma imaginação vulcânica, cante a natureza em toda a sua nudez, devasse o infinito, e descarne aos olhos do mundo as misérias que o mundo tem.

OTÁVIO – Então, Henriqueta, os idílios de uma alma infantil, os afetos de um coração bem formado, o perfume das flores, o mavioso cantar dos passarinhos, a esperança e o amor, as lágrimas de um filho e os sorrisos de nossa mãe não devem ser cantados? (*Levantando-se*). Ah, Henriqueta! Se um dia sofreres, se um dia chorares, compreenderás, então, que a poesia das lágrimas é a única inspirada por Deus, que é o bálsamo consolador derramado pela mão do Altíssimo nos corações que sofrem.

HENRIQUETA (*muito comovida[,] tomando-lhe as mãos*) – Os sorrisos de nossa mãe!... E eu que os perdi tão cedo!... Se um dia eu chorar, Otávio, é porque não tenho minha mãe!

OTÁVIO – E não será um D. João que virá enxugar o teu pranto, e só no divino poema da religião e amor acharás lenitivo às tuas dores.

HENRIQUETA (*reanimando-se*) – Cala-te, Otávio. (*Ouvem-se trovões com relâmpagos*). Ouves? É a voz sublime da natureza a dizer que te cales. (*Indo à janela*). Tracem os pintores em suas telas esse quadro de sombras e fogo, cantem os poetas em seus versos esse belo horrível da natureza, e eu serei poeta. Era assim que eu o quisera ser.



Cena VII

OS MESMOS e DR. AGRIPINO, à porta do fundo.

DR. AGRIPINO – Diana fazia versos.

HENRIQUETA (*voltando-se e com aspereza*) – Mas não à Esculápio. (*Com faceirice*). Meu caro doutor...

DR. AGRIPINO (*cortejando*) – Minha gentil caçadora. (*Deixa o chapéu sobre o aparador e desce*).

OTÁVIO – Pois te animaste a sair da Corte, com um tempo como está? Não te esperávamos.

DR. AGRIPINO – Te havia prometido vir, e estava ansioso por saber da opinião do Dr. Belfort.

HENRIQUETA – E veio bem a propósito, doutor.

DR. AGRIPINO – Para o quê, minha feiticeira realista?

HENRIQUETA – Para ficar de posse do seu enfermo. Assustado e sonhador como é, eu não o queria deixar só, quando lá fora os pintassilgos escondem-se em seus ninhos e as sensitivas murcham crestadas pelo fogo do céu. Olhe que está hoje horripelantemente lírico o nosso Otávio, doutor. Peça-lhe uma nova edição, correta e aumentada, do mavioso idílio de Paulo e Virgínia, inspirada pelo doce luar desta plácida noite de primavera. Ah, ah, ah. Até logo, doutor. (*Sai quase a correr*).

Cena VIII

OTÁVIO e DOUTOR AGRIPINO.

OTÁVIO (*com tristeza*) – É um anjo demônio.

DR. AGRIPINO – Ou um demônio mulher, se me perdoas o pleonasma.

OTÁVIO – Entretanto, demônio ou anjo, eu amo-a sempre.

DR. AGRIPINO – Deixa em paz o teu amor, e dize-me: ainda encontro por cá o Dr. Belfort?

OTÁVIO – Ainda, e passa aqui o dia de amanhã.

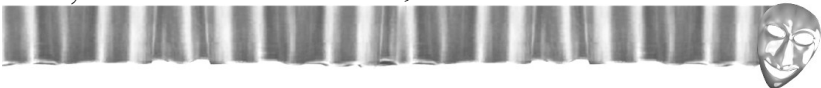
DR. AGRIPINO – Examinou os teus olhos?

OTÁVIO – O mais detidamente possível.

DR. AGRIPINO – Disse-te a sua opinião sobre a tua moléstia?

OTÁVIO – Positivamente, não. Porém[,] com o pouco que disse, despertou no meu espírito o pressentimento de que estou cego para sempre.

DR. AGRIPINO – Apreensões de enfermo, e nada mais. Quando estamos à beira de um abismo, a nossa imaginação tem a péssima fantasia de nos afigurar[,] a cada instante[,] que rolamos para ele. (*Tomando-lhe o pulso*). A comoção que deves ter sentido esperando a sentença do médico, especialmente escolhido pelo senhor Lima para decidir dos teus olhos, e o peso de eletricidade que hoje se tem desenvolvido na atmosfera, abalaram consideravel-



mente o teu sistema nervoso. Daí, esse aniquilamento moral e o estado febril em que estás. Precisas de repouso, vem deitar-te.

OTÁVIO (*levantando-se*) – Obrigado pelo muito que me animas. Vamos. (*Saem*).

Cena IX

SOARES e LIMA, que entram.

SOARES – Este é o mundo das compensações, meu caro. Hoje a derrota, amanhã a vitória.

LIMA – Vitória incerta e tardia.

SOARES – Porém[,] que há de vir. Só não vence quem foge.

LIMA – Porém[,] há de concordar que é desesperadora a má sorte que ultimamente me persegue. Trinta e seis contos de réis perdidos em três dias.

SOARES – E três noites, meu caro. Em setenta e duas horas de jogo forte perde-se a fortuna de um Nababo, e ganha-se o triplo. Não vejo motivo para tão grande irritação em um jogador da nossa esfera.

LIMA – É que nunca perdi tanto dinheiro em tão pouco tempo.

SOARES – Em compensação tens ganho muito mais. Cavacos do ofício, meu amigo.

LIMA – O que não priva de ver-me hoje seriamente embaraçado para pagar parte do que acabo de perder. Devo ao barão seis contos de réis, e a ti dois contos e oitocentos mil réis; e todo o dinheiro que tinha disponível[,] joguei e perdi até ontem.

SOARES – Queres continuar a jogar?

LIMA – Hoje, não. Preciso, antes de tudo, procurar um meio de pagar o que já perdi, e preparar-me para a desforra.

SOARES – É só isto que te aflige?

LIMA – E achas pouco?

SOARES – Menos ainda. Esse meio que vais procurar e que talvez te desse um pouco de trabalho para achá-lo, porque terias de vender alguns dos teus bens, vem ao teu encontro.

LIMA – De onde jorrará essa cascata aurífera?

SOARES – Da bolsa de um amigo, se como tal me consideras. (*Tira a carteira e conta dinheiro*). Deves ao barão de S. Cosme seis contos, que vais, a bem do teu crédito, imediatamente pagar; mais tarde me indenizarás do total da nossa dívida. Empréstimo-te dez contos de réis, dos quais ficam-te quatro para provocares a boa sorte.

LIMA (*radiante*) – Seria este o meu procedimento para contigo[,] em iguais circunstâncias. Aceito, pois me abres as portas da fortuna. Vou me desquitar, te prometo. (*Estende a mão para receber o dinheiro*).



SOARES – Espera. Bem sabes que a morte é bem pouco diplomata na forma de anunciar-se. Senta-te e escreve qualquer coisa que represente doze contos e oitocentos mil réis. Amigos[,] amigos, negócios seguros.

LIMA (*à secretária*) – Cautela e caldo de galinha...

SOARES – Ainda bem que sabes destas coisas. Escreve.

LIMA (*depois de escrever[,] lê*) – Fica em meu poder a quantia de 12:800\$000 que pagarei ao senhor comendador José Soares, no prazo de... três dias, serve-te?

SOARES – Seja. Não há necessidade de apuros.

LIMA (*escrevendo e lendo*) – Três dias.

SOARES (*indo a ele*) – Muito bem. Data e assina. (*Aparece Andreza[,] à D. B.*).

LIMA (*levantando-se e entregando o papel[,] depois de assinar*) – Aqui tens. (*Recebe o dinheiro*). Juro-te que[,] até amanhã[,] terei ganho o duplo do que me ganharam.

SOARES – Deus te ouça, e não me poupes. Vai pagar ao barão.

LIMA – Fica, para não suspeitarem que precisei deste empréstimo.

SOARES – Tens razão. Vai. (*Lima sai apressado*).

Cena X

SOARES e ANDREZA, entrando.

ANDREZA – Vosmecê não tem coração.

SOARES (*contrariado*) – Onde estavas?

ANDREZA (*indicando a porta de D. B.*) – Ali.

SOARES – Então viste?...

ANDREZA – Vi e ouvi tudo, e estou convencida do que suspeitava.

SOARES (*o mesmo*) – E o que suspeitavas tu?

ANDREZA – Que vosmecê[,] fazendo-se amigo de meu senhor, é a sua fatalidade, a ruína desta casa e a desgraça de sinhazinha.

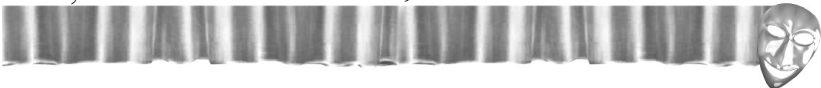
SOARES – Entretanto[,] acabas de ver o contrário.

ANDREZA – O que eu vi foi vosmecê emprestar dinheiro ao meu senhor, para ele continuar a jogar. O que eu sei é que meu senhor, iludido com a sua amizade e de outros maus amigos, vai perdendo a sua fortuna, tornando-se mau pai, esquecendo-se de sua filha que, só tendo a ele no mundo para guiá-la no caminho da virtude, vive esquecida e abandonada nesta casa, entregue a si mesma, seguindo livremente os caprichos da sua imaginação, sem ter quem eduque aquele coração que se perde e aquela cabeça que desvaira.

SOARES – Deixa lá o coração e a cabeça da menina, que eu respondo pelo seu futuro.

ANDREZA (*indignada*) – Vosmecê!! Antes minha senhora[,] que está no céu[,] a leve para junto dela!

SOARES – Entretanto, eu contava contigo para fazeres com que a menina Henriqueta correspondesse ao meu amor, retribuindo-te eu esse serviço com a tua liberdade.



ANDREZA – A liberdade do corpo pela infâmia do coração. Obrigada. Quero ser escrava; prefiro e preciso ficar perto do meu senhor e de sinhazinha.

SOARES – Ainda a mesma retórica de quando moça. Onde aprendeste tanta coisa asnática, e palavrões tão bonitos?

ANDREZA – Nas escolas[,] onde minha velha e santa senhora me fez educar, e nos exemplos da sua virtude.

SOARES (*com desprezo*) – Para seres sempre uma escrava.

ANDREZA – Para assim provar que há escravos com mais nobreza de sentimentos do que muitos brancos, que são ou podem ser senhores.

Cena XI

OS MESMOS e ANTUNES, que entra, e depois LIMA.

ANTUNES (*a Soares*) – O que é isto?

SOARES (*à meia voz*) – Ganhei a segunda partida com o senhor e perdi a primeira com a escrava.

ANTUNES (*o mesmo*) – Mau...

LIMA (*entrando*) – Então, meus senhores! Os companheiros estão a postos. Maldito seja aquele que fugir do combate.

SOARES e ANTUNES – Apoiado. Vamos. (*Saem estes*).

Cena XII

LIMA e ANDREZA.

LIMA (*asperamente*) – O que fazes aqui? É este o teu lugar?

ANDREZA (*com humildade e embaraço*) – Meu senhor, eu procurava...

LIMA – O que tu procuras é chicote. Vai cuidar na ceia. (*Sai Andreza, e Lima vai a sair também*).

Cena XIII

LIMA e DOUTOR AGRIPINO.

DR. AGRIPINO (*entrando*) – Uma palavra, senhor Lima.

LIMA (*de mau humor*) – O que me quer, doutor?

DR. AGRIPINO – Já sei que o Dr. Belfort procedeu ao exame preciso nos olhos de Otávio. O que resolveu?

LIMA (*com indiferença*) – Que é caso perdido. Otávio está, irremediavelmente, cego para sempre.

DR. AGRIPINO – É impossível!

LIMA – Tão possível como ser o Dr. Belfort uma das primeiras sumidades oculistas da França. Quer vir jogar, doutor?

DR. AGRIPINO – Bem sabe que não jogo.

LIMA – Então, boa noite. (*Sai*).



Cena XIV

DOUTOR AGRIPINO e OTÁVIO.

OTÁVIO (*à porta e dolorosamente*) – Agripino! (*Entra bateando e agitadíssimo*).

DR. AGRIPINO (*correndo a ele*) – Que vieste fazer, Otávio? (*Descem*).

OTÁVIO (*com pungente dor*) – Ouvir a minha fatal sentença! Estou cego para sempre, meu Deus! Noite eterna para este desgraçado.

DR. AGRIPINO – Não, Otávio. Eu também sou médico. A última palavra não está dita.

OTÁVIO (*atirando-se-lhe nos braços*) – O que mais posso esperar!?

DR. AGRIPINO (*imponente*) – Tudo de Deus, e muito da ciência!

FIM DO PRIMEIRO ATO.



ATO II

A mesma sala do ato anterior. Ao suspender o pano[,] estão em cena e sentados Dr. Belfort, no divã; Dr. Agripino[,] em uma cadeira, próximo; Pedro de Lima, junto à secretária.

Cena I

[DOUTOR BELFORT, DOUTOR AGRIPINO e LIMA.]

DR. BELFORT – O meu colega, apesar da sua pouca idade, revela admirável adiantamento na ciência médico-cirúrgica; e alegra-me vendo assim desmentido o desfavorável conceito que[,] no Velho Mundo[,] goza o ensino das ciências no Brasil.

DR. AGRIPINO – Com infatigável vontade dediquei-me ao estudo, e os bons mestres supriram, da melhor forma que lhes foi possível, o talento que me faltava.

DR. BELFORT – E hoje estes mestres devem, como eu, estar encantados com o seu discípulo, que é uma glória para eles. Foi no Brasil que praticou na sua especialidade oftalmológica?

DR. AGRIPINO – O meu país oferece, por enquanto, um campo muito limitado para tão ricas colheitas.

DR. BELFORT – Oh! Por quê?

DR. AGRIPINO – Por uma circunstância positivamente material. Se fosse possível em um país novo, como o meu, o desenvolvimento material acompanhar os voos intelectuais, estou certo que o Brasil admiraria sempre as gloriosas tradições do Velho Mundo, mas dispensaria dele qualquer recurso.

DR. BELFORT – O que falta ao Brasil[,] tão grande e tão rico, doutor?

DR. AGRIPINO – É que a população deste país, como a de todos, é proporcional à sua idade, e limitada como é a do meu[,] não é possível oferecer, ao alcance de um espírito observador, os inúmeros casos de uma certa e determinada especialidade[,] precisos a um estudo profundamente analítico, de escrupulosa observação, e de tão variadas experiências como a da minha especialidade cirúrgica.

DR. BELFORT – Onde praticou, então?

DR. AGRIPINO – Na Escola Francesa, em Paris, com o professor Dr. Luiz Wecker.

DR. BELFORT – Só este nome vale uma respeitável garantia para a sua reputação, doutor. Porém, diga-me: na sua longa e estudiosa clínica[,] encontrou algum caso nas condições deste que hoje nos ocupa?

DR. AGRIPINO – Rigosamente idêntico[,] encontrei dois.

DR. BELFORT – E é bastante. Como pensou e procedeu então?



DR. AGRIPINO – Pensei como hoje, e procedi como hoje procederia. Fui mero observador da primeira operação praticada pelo professor Wecker, e pratiquei a segunda.

DR. BELFORT – E o resultado?

DR. AGRIPINO – Esplendidamente positivo[,] em ambos os casos.

DR. BELFORT – É que na sua apreciação anatômica, no diagnóstico da enfermidade, naqueles casos, escapou ao atilado espírito do meu colega a não existência da funesta circunstância, que no caso atual torna improficuo qualquer meio restaurador.

DR. AGRIPINO – Talvez que não. Apesar dos poderosos e sábios argumentos do meu ilustre e notável colega, eu tenho a ousadia de persistir na plena convicção de que, no caso atual como naqueles, trata-se simplesmente de uma irite dupla[,] com grandes sinequias³¹ anteriores, cuja debelação depende, sim, de um melindroso processo operatório, porém de indubitável e benéfico resultado.

DR. BELFORT – Entretanto, no meu conceito, é evidente e inquestionável que, além da irite, existe opacidade completa no cristalino, e[,] disto convencido[,] não procedo nem aconselho meio algum operatório porque seria nulo, positivamente improficuo.

DR. AGRIPINO – Bem sei que esse fenômeno de opacidade é refratário a todos os recursos médicos e cirúrgicos. Felizmente, porém, apesar do grande respeito que me impõe a justa e honrosa fama de que goza o nome e o saber do Dr. Belfort, seja-me permitido afirmar que, as poucas luzes que recebi da ciência oftalmológica asseguram-me que na moléstia de Otávio não há tal funesta complicação.

DR. BELFORT – Cumpre-me, pois, tributando o respeito devido à notável celebridade que recomenda o real talento médico do Dr. Agripino, dar por concluída a missão com que me honrou o senhor Lima, deixando ao meu ilustre colega toda a responsabilidade e desprazer que produzir qualquer operação que tente nos olhos do seu doente.

DR. AGRIPINO – E eu, animado pela mais sólida esperança, não hesitarei um instante em operar os olhos de Otávio, se o senhor Lima o permitir.

LIMA – O ultimato está pronunciado pelo Dr. Belfort, abalizado e reconhecido mestre na questão de que se trata. Lamento o infortúnio desse pobre moço, a quem minha irmã amou como a um filho, e que, à sua última hora, mo confiou para que velasse por ele e empregasse todos os esforços possíveis para restituir-lhe a vista. Estes esforços esgotaram-se com a sábia opinião do Dr. Belfort. Como bom amigo que é, doutor, recomende-lhe resignação e coragem. Nada mais temos a fazer. *(Dr. Agripino levanta-se contrariado e fica pensativo).*

³¹ Aderências (entre partes vizinhas, especialmente da íris com córnea ou com cristalino).



Cena II

OS MESMOS e HENRIQUETA, que entra com SOARES.

HENRIQUETA (*entrando*) – Ai tem meu pai, que bem deve conhecer o caráter de sua filha, e estes senhores que, como médicos, com os olhos da ciência[,] são capazes de anatomizar o coração humano, que lhe podem explicar este fenômeno que tanto incomoda ao senhor comendador.

LIMA – Que fenômeno é esse, minha filha?

SOARES (*atrapalhado*) – Eu gracejava com D. Henriqueta.

HENRIQUETA – Procurando saber a razão porque me rio sempre das coisas mais sérias que me diz.

DR. BELFORT – A ciência é uma deusa, e como tal não denuncia os segredos de suas irmãs.

HENRIQUETA – Cuidado, doutor. Olhe que não está aqui parisiense alguma. (*A Agripino*). Vamos, meu caro Esculápio, veja se é mais complacente do que o Dr. Belfort, satisfazendo a curiosidade que tanto inquieta o senhor comendador Soares.

DR. AGRIPINO – É que o senhor comendador Soares é a seriedade personificada, minha senhora.

HENRIQUETA – Ah! Ah!Ah! Está satisfeito, senhor comendador?

SOARES (*com despeito*) – O doutor tem muito espírito. (*A Lima*). Vamos mostrar a tua quinta ao Dr. Belfort. É esplêndida, doutor.

LIMA – Da melhor vontade. Vamos, doutor. Vou mostrar-lhe o nosso poético Maracanã[,] que, sem a imponência do seu ruidoso Sena, esconde-se por entre os laranjais do Andaraí.

DR. BELFORT – Não deve lembrar-se do Sena quem tem um Amazonas. Estou curioso por ver esta pequena amostra das mil belezas com que a natureza dotou o seu Brasil. Se me permitem vou ao meu quarto e voltarei para acompanhá-los.

LIMA – E descansaremos no chalé, onde nos espera o xadrez, e ali daremos a nossa batalha decisiva. Deve-me desforra e eu serei inclemente.

DR. BELFORT – Sou dos velhos soldados franceses[,] que morrem mas não se rendem. Até já. (*Sai*).

Cena III

LIMA, SOARES, DOUTOR AGRIPINO e HENRIQUETA.

HENRIQUETA – Também vai gozar das comoções da batalha, doutor?

DR. AGRIPINO – Não pode gozar quem não entende do que vê. (*Henriqueta toma um álbum e[,] folheando-o[,] senta-se no divã*).

LIMA – Também não joga o xadrez, doutor?

DR. AGRIPINO – Não conheço jogo algum.



SOARES – Com a fortuna que possui[,] não sabe o que perde em não provocar a sorte, doutor.

DR. AGRIPINO – Não sei o que perco, porém sei o que ganho. Detesto o jogo como a mais perigosa e traiçoeira distração e o mais corrupto e criminoso dos vícios.

SOARES – Cuidado, doutor. Olhe que esta distração ou vício tem mil facetas de deslumbrantes e atraentes cores.

DR. AGRIPINO – Não tenho receio desse fascinador atrativo porque acredito piamente que todo o homem pode resistir aos impulsos dos seus mais impetuosos desejos. Nunca jogarei; porém, se hoje jogasse, amanhã deixaria de o fazer[,] se assim o entendesse.

LIMA – É que o senhor não sabe o que é o jogo. É a ideia fixa do homem que joga, uma embriaguez constante, um delírio sem tréguas. No jogo estão todas as comoções do espírito, todas as crenças, todas as esperanças do jogador. Em cada carta atirada sobre a mesa vai um pedaço de sua alma que, uma vez perdida, ele tem de lutar para reavê-la.

DR. AGRIPINO – O jogador, senhor Lima, é o bandido que leva o requinte da perversidade de sua alma ao extremo de roubar e desonrar a seus pais, a sua própria esposa e aos seus filhos; saqueia e desonra a si mesmo[,] no intento de saquear e desonrar os outros. O jogo é a execração de todos os sentimentos bons da criatura; é um vampiro que se alimenta de lágrimas, desesperos e desonras.

SOARES – Porém[,] que não assusta a maioria dos homens, mesmos os das classes mais distintas e dos povos mais cultos.

DR. AGRIPINO – E como pode admirar que um povo engolfe-se no crime do vício, se o chefe desse povo, o governo, pelo mesmo vício[,] ostensivamente[,] é mais criminoso do que ele?! O jogador de banca precisa do ócio, da incômoda reserva, de parceiros tão corrompidos como ele para mitigar a sede do vício; o governo autoriza que o jogo vá às oficinas tentar o laborioso operário, que entre no lar doméstico[,] para seduzir ao honesto pai, à virtuosa e econômica mãe e incautos filhos de família. O homem honrado vive resignado com os poucos haveres, fruto do seu labor diário, e o governo consente que os seus agentes lhe despertem no espírito a funesta ambição da riqueza adquirida sem trabalho. Abre as portas do vício e autoriza o crime com a força de uma lei; ele é o banqueiro e o povo o seu consócio no jogo. Nas espeluncas[,] o traficante impõe e paga-se dos proventos de cada parada do jogo, o governo decreta e recebe como aqueles os mesmos tributos!

LIMA – O doutor, levado pela suscetibilidade das suas teorias, exagera essas coisas[,] que não estão de acordo com os seus princípios.

DR. AGRIPINO – Se julga que exagero ou erro nessa minha apreciação, peça-lhe que me diga o que é, qual o fim, que nome se deve dar a isso que por aí corre com o nome de loterias autorizadas, criadas pelo governo.



Cena IV

OS MESMOS e DOUTOR BELFORT, entrando.

DR. BELFORT – Aqui me tem ao seu dispor.

LIMA – Vamos. Vem, doutor?

SOARES – Não nos acompanha, D. Henriqueta?

HENRIQUETA – Eu e o doutor ficamos, se nos permitem.

LIMA – Como quiserem. (*Dá passagem a Belfort[,] que cumprimenta aos que ficam e saem*).

Cena V

DOUTOR AGRIPINO e HENRIQUETA.

DR. AGRIPINO – Por que não acompanhou o senhor comendador Soares, D. Henriqueta?

HENRIQUETA – Preciso lhe falar, doutor.

DR. AGRIPINO – Estou às suas ordens.

HENRIQUETA – Diga-me: qual foi o resultado da sua conferência com o Dr. Belfort?

DR. AGRIPINO – Onde está o Otávio?

HENRIQUETA – Passeando com a boa Andreza[,] que[,] como o doutor sabe, ama-o e cuida-o como se fosse seu filho.

DR. AGRIPINO – Bem. O Dr. Belfort, apoiado pelo seu grande saber, condenou o nosso Otávio à eterna cegueira.

HENRIQUETA (*levantando-se e em grito doloroso*) – Ah! Doutor!

DR. AGRIPINO (*encarando-a e tomando-lhe a mão*) – O que é isto, D. Henriqueta?

HENRIQUETA (*acalmado-se*) – Não sei, doutor. As suas palavras foram um ferro candente que me atravessou o coração. Senti uma dor que nem sei definir. Já passou, estou calma; porém, veja que nem sempre me rio, como diz aquele imbecil.

DR. AGRIPINO (*observando-a*) – Criança! Que importa que os seus lábios riam sempre, se o seu coração muitas vezes chora?

HENRIQUETA – Deixe o meu coração, doutor. A quem importa que ele chore ou não, se meu pai não cuida em evitar-lhe as dores, e se não tenho minha mãe para enxugar-lhe o pranto?

DR. AGRIPINO – Tem o amor de Otávio[,] que a vê com os olhos da alma, e ama-a como pode amar um coração cheio de candura e pureza.

HENRIQUETA – Esse coração nas minhas mãos se despedaçaria, doutor. Otávio é o colibri que esvoaça à sombra dos rosais, não suportaria o voo do albatroz arrastado pela tempestade. (*Olha para o fundo[,] onde se vê Otávio conduzido por Andreza*). Silêncio, ele aí vem.

DR. AGRIPINO – Peça-lhe para afastar daqui a sua Andreza; preciso ficar só com Otávio.



Cena VI

OS MESMOS e OTÁVIO, com ANDREZA.

HENRIQUETA (*indo aos que entram*) – Sabes, Andreza? Já me vai despertando zelos essa tua preferência pelo Otávio. Ainda não me deste hoje os bons dias, ao passo que ele já gozou uma boa hora da tua companhia.

ANDREZA – Perdoe a sua escrava, sinhazinha, porque...

OTÁVIO (*com tristeza*) – Suplico-lhe, Henriqueta, que culpe só a mim, por esta, como por todas as faltas de Andreza. Bem vê que sou um infeliz cego que...

HENRIQUETA (*indo a Otávio*) – Cala-te[,] doidinho! Não vês que estou gracejando? Não sabes que a nossa Andreza torna-se para mim sublime quando a vejo dispensar-te esses cuidados[,] de que só é capaz uma mãe carinhosa?

OTÁVIO – Oxalá que eu fosse seu filho.

ANDREZA – Não diga isto, sinhozinho.

DR. AGRIPINO – Por que, Andreza?

ANDREZA – O filho de uma escrava, embora livre, bom e talentoso[,] é sempre um espúrio da sociedade[,] que a todo momento o humilha com os seus preconceitos.

OTÁVIO – Preconceitos malditos! Sou, talvez, filho de uma mulher livre, e quem sabe se poderosa e rica. Entretanto, ao passo que a escrava alquebrada pelo cansaço, flagelada pelo açoite[,] amamenta o seu filho, a mulher rica e livre nega o leite materno ao fruto de suas entranhas, confiando-o a seios mercenários e quase sempre escravos.

ANDREZA – Pelo amor de Deus, não diga estas coisas, sinhozinho!

OTÁVIO – Tu disseste que o filho da escrava é uma vítima dos preconceitos sociais, entretanto[,] quando a pobre escrava cobre com o seu corpo desnudado o inocente filhinho[,] para que não lhe toque os golpes do azorrague³², a mulher livre, em nome destes preconceitos, para salvar uma honra mentida, atira para bem longe, à primeira porta ou aos cães da rua, o fruto do seu amor, o filho de suas entranhas!

ANDREZA – Ao menos nas veias desse filho gira o sangue da liberdade.

OTÁVIO – Eu antes quisera nas minhas artérias o sangue bebido nos seios de minha mãe, embora escrava! (*Andreza chora*).

DR. AGRIPINO – Tens razão, Otávio. É mais feliz o filho embalado pela mãe cativa, sobre as palhas de uma senzala, do que o enfeitado adormecido nos coxins de ricos palácios!

HENRIQUETA – Não chores, Andreza. Tu és escrava e serias uma mãe como aquela de quem sou filha, e o teu coração, como o meu, compreende que a mulher mais nobre e livre que repudia o seu filho é mais vil do que a mais vil escrava. (*Em outro tom*). Era assim que eu te quisera sempre, Otávio. Deixa

³² Chicote.



que as leis da natureza despertem esse coração adormecido pelos sonhos da fantasia. (*Sorrindo-se*). Até logo, doutor. Vamos, Andreza, deixa por um momento o Otávio[,] que eu também sou tua filha.

ANDREZA – Vamos, sinhazinha. (*Saem*).

Cena VII

DOUTOR AGRIPINO e OTÁVIO.

DR. AGRIPINO (*conduzindo Otávio para o divã*) – Dize-me, Otávio. Sabes por que me fiz especialmente oculista?

OTÁVIO – A fraternal amizade que nos liga desde a infância, despertou em teu generoso coração o caridoso propósito de me restituíres a vista[,] que perdi no ano em que recebias o teu anel de médico. Em seguida[,] partiste para Europa, de onde acabas de voltar para realizares o teu humanitário intento.

DR. AGRIPINO – Porém, sabes também que ainda perdura entre nós um rifão que diz: “Santo de casa não faz milagres”; e este estúpido adágio é levado ao superlativo do ridículo[,] com a pedantesca monomania do estrangeirismo[,] que tão fatalmente predomina no nosso país.

OTÁVIO – Sei. São prejuízos que ficaram dos nossos avós, quando as artes e as ciências ainda apenas nasciam aqui e além já envelheciam. Hoje, porém, que no Brasil tudo se aprende, tudo se ensina e tudo se sabe, estou certo que no centro de um foco tão luminoso não haverá mais quem julgue ainda necessárias as luzes vindas de além-mar.

DR. AGRIPINO – Enganas-te, meu amigo. A persuasão é a mesma, e a prova é que estando a teu lado um médico brasileiro, especialista na tua enfermidade, e ainda mais, teu amigo estremecido, foi escolhido pelo senhor Lima o Dr. Belfort, como celebridade, por ser francês, para nos vir dizer se a tua moléstia era ou não possível de ser curada.

OTÁVIO (*com ansiedade*) – E o que disse ele?

DR. AGRIPINO – Espera. Isto explica claramente que o senhor Lima[,] vendo em mim, a criança que outrora conheceu, um médico, ilustrado nas escolas brasileiras, faltando-me portanto o prestígio do desconhecido, as cãs e o estrangeirismo, duvidou da possibilidade de eu curar-te e apelou para este médico, que por acaso acha-se no Rio de Janeiro, para vir sancionar ou opor-se ao meu desígnio de operar-te.

OTÁVIO – Só tenho gratidão para o meu padrinho[,] pelo interesse que toma para restituir-me a vista. Confesso-te, porém, que mais contente ficaria vendo-me confiado exclusivamente a ti.

DR. AGRIPINO – E terias em mim inteira e plena confiança, como médico, como oculista?

OTÁVIO – Toda, Agripino.



DR. AGRIPINO – Dize-me, Otávio. Tratando-se dos teus olhos, em quem acreditarias mais, em mim ou no Dr. Belfort? Fala com toda a franqueza de tua alma, porque assim é preciso.

OTÁVIO – Se o Dr. Belfort é[,] com efeito[,] essa sumidade científica que meu padrinho me anunciou, eu confio nele tanto como em ti.

DR. AGRIPINO – E se as nossas opiniões fossem opostas?

OTÁVIO (*levantando-se e dolorosamente*) – Então[,] o Dr. Belfort julga os meus olhos incuráveis? Fala, por caridade, Agripino.

DR. AGRIPINO – Eu não o disse; porém, se fosse assim?

OTÁVIO (*o mesmo*) – Mas eu quero que digas de uma vez a verdade. Não vês que esta dúvida é horrível? Fala, por compaixão, não me cegues a razão como já tenho cegos os meus olhos. (*Andreza aparece à porta do fundo*).

DR. AGRIPINO – Pois bem. O Dr. Belfort condenou-te à escuridão eterna; porém[,] uma vez já te disse, que tudo espero de Deus e muito da ciência. Eu também sou médico! Deixa-me operar os teus olhos, senão com a certeza, ao menos com a esperança de restituir-lhe a vista.

OTÁVIO (*com dor profunda*) – Não, Agripino. Todo o teu saber é impotente diante da fatalidade que me persegue.

DR. AGRIPINO – Deus combaterá a fatalidade e a ciência vencerá o mal. Deixa-me curar-te, eu te peço. Fala, dize se queres.

Cena VIII

OS MESMOS e ANDREZA.

ANDREZA (*entrando*) – Sim! Pelo amor de Deus[,] diga que sim, sinhozinho. Creia, tenha confiança no senhor doutor, que também é sábio e é seu amigo de infância, que é a Providência lhe oferecendo a salvação. (*Ajoelha-se*). De joelhos a seus pés, sinhozinho, está sua escrava Andreza[,] que, com as mãos erguidas para o céu, lhe pede pelo muito amor que ela lhe tem, pelo nome de sinhazinha, pela memória daquela santa que lhe chamou de filho, que ouça as súplicas desta escrava como se ouvisse a voz da sua verdadeira mãe. Diga que sim.

OTÁVIO (*com grande comoção*) – Pois bem! Levanta-te, Andreza, não é a meus pés o lugar daquela que a cada instante me revela tanto amor quanto é grande o afeto e a gratidão que eu lhe consagro. (*Fazendo-a levantar*). Levanta-te. (*Andreza levanta-se e cobre o rosto a chorar*). Escuta-me, Agripino. Não era a desconfiança de teu saber que me fazia vacilar. O que tem um cego a perder nos seus olhos? Era o medo, era o terror de sentir o novo e tremendo golpe de uma nova e cruel desilusão, se por fatalidade morresse essa divina esperança que fizeste reviver em minha alma. Estou pronto para tudo. (*Andreza descobre o rosto e encara-o*). Antes, porém, prestarás um juramento.

DR. AGRIPINO – Farei o que quiseres. Fala.



OTÁVIO (*chamando*) – Andreza.

ANDREZA – O que é, sinhozinho?

OTÁVIO – Vai ao meu quarto. (*Dá-lhe uma chave*). Abre aquela mala cuja chave nunca confiei nem a ti mesmo. À direita[,] procura uma imperceptível saliência, calca sobre ela[,] que se abrirá a tampa de um pequeno esconderijo, tira o que lá encontrares e traze-me.

ANDREZA – Sim, sinhozinho. (*Sai apressada*).

Cena IX

DOUTOR AGRIPINO e OTÁVIO.

DR. AGRIPINO – O que tens tão misteriosamente guardado nesse esconderijo que mandaste abrir?

OTÁVIO – Escuta. Como sabes, com um ano de idade fui[,] por meus pais[,] atirado à porta de D. Ricardinha de Lima, irmã de Pedro de Lima, que a minha benfeitora escolheu para meu padrinho. Daquela santa e virtuosa mulher, viúva e sem outro parente, a não ser seu irmão, tive[,] em criancinha, os beijos, os sorrisos e os carinhos que me havia negado aquela que me deu o ser. Até aos vinte anos gozei todo o amor reconcentrado naquele coração de mulher mãe, que no mundo vivia órfão de afetos.

DR. AGRIPINO – Lembro-me que[,] aos meus cinco anos de idade, indo uma tarde com minha mãe à casa de D. Ricardinha, ela nos mostrou uma criancinha que haviam deixado à sua porta. Essa criancinha eras tu, que tiveste também de minha querida mãe beijos, sorrisos e lágrimas, e essas lágrimas e beijos selaram a indelével amizade que de dia a dia com mais fervor te consagrou.

(*Ouve-se dentro[,] ao piano[,] a morte da Traviata*).

OTÁVIO – E bem sabes com quanta generosidade te recompensou essa invejável amizade. Porém[,] ouve-me. Completava eu vinte anos, quando no dia vinte e sete de agosto, minha benfeitora, nos seus últimos lampejos da vida, fazendo afastarem-se do seu leito as poucas pessoas que a cercavam, incluiu-se seu irmão, apertando-me em seus braços convulsos pela agonia, balbuciou ao meu ouvido estas palavras: Na tua mala de criança há um falso, à direita, onde estão encerrados papéis preciosos para ti. Não confies este segredo a ninguém.

DR. AGRIPINO – E não te disse o que continham esses papéis?

OTÁVIO – Não, apenas me disse só: Agripino há de voltar, e se ficares cego para sempre, então, a ele e só a ele confiarás este segredo. Porém[,] morro crendo que Deus te restituirá a vista, e nesse dia lê o que ali fica guardado, e sejas feliz!

DR. AGRIPINO – E depois?

OTÁVIO (*quase sufocado pelo pranto*) – Depois!... A morte congelou aquele coração de santa, entorpeceu-lhe os lábios, e eu, desgraçado cego, sem poder ver pela última vez aquele rosto adorado, com o meu peito sobre o



seu peito, os meus lábios junto aos seus lábios, senti estremecer aquele corpo e morrer minha benfeitora mãe! (*Em pranto angustioso*).

Cena X

OS MESMOS e ANDREZA, entrando apressada com uma caixa metálica pequena e achatada.

ANDREZA (*olhando para Otávio, aflita*) – O que é isto, senhor doutor! Meu Deus! O que tem, sinhozinho?

OTÁVIO (*sufocando o pranto e acalmando-se*) – Não é nada, Andreza.

ANDREZA (*dolorosamente*) – Por que esconde assim da sua Andreza as dores que o afligem, sinhozinho? Não tem nada e chora tanto!

DR. AGRIPINO – As lágrimas lhe fazem bem.

OTÁVIO – Tens razão, Agripino. Ouvem? É a morte da Traviata. Riu a vida inteira e por isso nem as lágrimas lhe suavizaram a morte. (*Em transição*). Mas o que achaste, Andreza?

ANDREZA (*entregando-lhe a caixa*) – Está aqui, sinhozinho.

OTÁVIO (*recebendo-a, apalpa os fechos e entrega-a ao doutor*) – Aí tens, Agripino. Agora sabes o que tens a fazer.

DR. AGRIPINO (*recebendo a caixa*) – Guardo-a; porém[,] é cedo ainda para cumprir a missão que me toca e que só tu a cumprirás.

OTÁVIO – Não, Agripino. Tu me prometeste um juramento e eu o quero.

DR. AGRIPINO – E darei. O que queres?

OTÁVIO – Consentirei em tudo que quiseres fazer dos meus olhos, seja qual for o resultado. Antes, porém, jura-me que abrirás hoje esta caixa, conhecerás o que ela contém e que[,] no momento que me considerares cego para sempre, antes que eu morra, me revelarás tudo o que aí se encerra. (*Doutor reflete*).

ANDREZA – Não fale em morrer, sinhozinho.

DR. AGRIPINO (*com firmeza*) – Pois bem, juro!

OTÁVIO – Minha benfeitora, lá do céu és testemunha de quanto sofre o teu pobre enjeitado, e que[,] no meio dos dolorosos embates que lhe dilaceram a alma[,] respeitou até hoje a tua última vontade como adora a tua memória, como chora a tua morte. (*Em transição nervosa[,] procurando as mãos do doutor*). Obrigado, Agripino, pela tua amizade, obrigado, Andreza, pelo amor que me tens, únicos tesouros que me restam na vida.

ANDREZA (*sufocando o pranto*) – Por caridade, sossegue, sinhozinho.

OTÁVIO (*afetando calma*) – Estou calmo, não vês? Estou pronto para tudo! (*Chegando-se para o doutor e com firmeza*). Agora, Agripino, cessou o terror, acabaram-se as lágrimas! Quero a vista ou a morte.

DR. AGRIPINO (*com energia*) – Ou eu restituo-te a vista, ou a ciência é uma mentira e Deus uma quimera.

FIM DO SEGUNDO ATO.



ATO III

A mesma sala dos atos anteriores.

Cena I

[DOUTOR AGRIPINO, LIMA, SOARES e PAULO.]

(Doutor Agripino sentado à secretária, Lima no divã lendo um jornal, Soares, à janela, olha para fora por um binóculo, e Paulo[,] de pé[,] em respeitosa distância).

DR. AGRIPINO *(deixando de escrever. A Paulo)* – Leva esta receita à botica do Góes, na Corte, e volta o mais depressa possível com o remédio. *(Paulo sai)*.

LIMA *(suspendendo a leitura)* – O que tem o Otávio, de extraordinário, doutor?

DR. AGRIPINO – Uma pequena inflamação nos olhos.

LIMA – Quando, há três dias, ele foi examinado pelo Dr. Belfort, essa inflamação já existia?

DR. AGRIPINO – Não. Um motivo qualquer deve ter produzido esse incidente, que espero combater com um ligeiro tratamento e um leve aparelho que preserve os olhos da intensidade da luz solar.

LIMA – Ao menos suavize-lhe esse pequeno sofrimento, já que é impossível restituir-lhe a vista.

DR. AGRIPINO – Esteja certo que farei tudo quanto à ciência e a dedicação puderem para melhorar a sorte de Otávio.

LIMA – O que te prende a esta janela, Soares?

SOARES – O esplêndido panorama que se desenrola por aí além. E para maior beleza do quadro, ora aparece, ora perde-se nas veredas da quinta[,] a tua encantadora Henriqueta, que, em vertiginoso galope do seu cavalo negro, zomba de todos os perigos da equitação. Seria uma divindade se não fosse uma formosa e incomparável criatura aquela tua filha.

LIMA – Agradeço-te o cumprimento.

SOARES *(deixando a janela e largando o binóculo sobre a secretária)* – O que dizem as folhas de hoje? *(Senta-se)*.

LIMA – O dueto da moda. Emancipação e república.

DR. AGRIPINO – A liberdade nacional e a redenção do homem. É[,] com efeito[,] um sacratíssimo dueto entoado pela civilização e o progresso.

SOARES – Forçado à música de Offenbach.

LIMA – E de pomposo efeito para a grande claque social.

DR. AGRIPINO – Que muitas vezes transforma a burlesca comédia em sanguinolenta tragédia, quando os histriões abusam da sua paciência.

SOARES – Já vejo que é republicano, doutor.

DR. AGRIPINO – É surpreendente a sua perspicácia, senhor comendador.



LIMA – Confesso que tirei a mesma dedução das suas palavras, doutor. Não é republicano?

DR. AGRIPINO – Não faço questão de denominação. Se me permite um novo qualificativo nesta ordem de ideias, direi que sou simplesmente reformador oportunista.

SOARES – As reformas são sempre prejudiciais, senão funestas.

DR. AGRIPINO – Deu-se mal com a sua reforma de *modesto e honrado* negociante de escravos em *rico e opulento* comendador?

SOARES (*de mau humor*) – Não se trata de mim, senhor doutor. (*Doutor ri*).

LIMA – Mas, como julgar-se das suas ideias, doutor?

DR. AGRIPINO – Eu explico-as. Sou livre como é livre o país em que nasci, e ao homem livre, sem que ele tenha postergado sua própria dignidade e seus direitos de cidadão, não se lhe impõe um mandante alheio à sua vontade e confiança, e indiferente aos seus sentimentos de afeto e respeito. Proceder-se assim no seio de uma nação civilizada, é ostentar-se o mais protervo³³ menosprezo às sagradas prerrogativas de um povo inteiro[,] em homenagem aos caducos privilégios de uma circunscrita raça. É a espoliação do natural direito e supremacia de todos pela casual e absurda soberania de um.

LIMA – Entretanto, são os republicanos que pregam as doutrinas de – todos para um.

DR. AGRIPINO – Porém, um, escolhido e proclamado por todos.

SOARES – E, doutor, os reformistas o que fazem? O que querem eles? Talvez substituir os privilégios de raça pelo privilégio da força; o inviolável direito hereditário pelo direito do aventureiro. A distinção dos títulos e da nobreza pelo desenfreamento da canalhocracia.

DR. AGRIPINO – Eu não faço questão de raça, de nascimento nem de forma de governo[,] desde que ela seja tão livre quanto é livre o povo que tem de governar. Quero o livre direito de escolher de entre meus concidadãos um homem experimentado nas lides da vida pública, conhecido do povo pelo privilégio da virtude, pela nobreza do caráter, pelos títulos do seu talento e grandeza do seu saber. Entendo que não devemos continuar a ser levados pelo monstruoso absurdo de aceitarmos das caprichosas mãos do acaso o chefe de uma nação que é nossa. Não posso tolerar que hoje o festivo troar da artilharia anuncie o nascimento do meu rei futuro.

LIMA – E o povo bom patriota, jubiloso deve adorar essa criança, que, sendo herdeira de um trono é uma nova garantia para a sua nação.

DR. AGRIPINO – Entretanto, os cânticos de glória, que hoje saúdam o recém-nascido, podem mais tarde converter-se em clamorosos prantos arrancados pela iniquidade e crimes dessa criança, transformada em homem de inteligência embotada e coração pervertido. Neste sentido, a longa história do mundo é triste e bem triste com os seus mil exemplos. A inteligência e a virtude não são infalíveis na família do trono.

³³ Impudente, petulante, insolente, descarado.



SOARES – Quer então o senhor, ou os reformistas, tirar o rei ao povo e do povo tirar o rei!

DR. AGRIPINO – De entre o povo tem saído grande parte dos homens gloriosamente célebres. Centenares de descendentes de reis têm massacrado seu povo e desonrado sua pátria. Napoleão I nasceu longe do trono e fez do seu povo um herói imorredouro, e de sua pátria uma glória eterna.

LIMA – Felizmente, para os senhores reformistas, é tão exageradamente absurdo o seu programa, que, para realizá-lo, lhes faltará sempre o oportunismo de que nos falou o doutor.

SOARES – Salvo se o doutor, com os seus colegas, jurarem, com a irresponsabilidade da sua profissão, exterminar todos os testas coroadas e suas descendências.

DR. AGRIPINO – Nos restariam ainda os papalvos, os ignorantes, os traficantes de casaca e comenda[,] que por aí formigam, flagelando a humanidade com as suas tolas impertinências.

SOARES (*de mau humor*) – Lembro ao senhor doutor que nada tem com a nossa discussão as casacas e as comendas que muito honram a quem as tem.

DR. AGRIPINO – E que quase sempre estes as desonram. Tem razão, senhor comendador.

LIMA (*intervindo*) – Voltemos ao nosso assunto, doutor. Quando talentos esclarecidos e espíritos elevados, como o do doutor, concebem uma ideia, ela deve encerrar bonitas teorias[,] embora seja de prática impossível. Neste caso está a primeira parte do seu programa de reformador; devendo-nos ainda a parte segunda[,] que se refere à oportunidade da execução.

DR. AGRIPINO – E asseguro-lhe que só dela depende a proficuidade do único meio que nos resta para salvar a nossa pátria do deplorável e fatal sistema atual de governo[,] que a empobrece, desmoraliza e corrompe.

LIMA – Mais fatal será aquele que trará a contínua conflagração nacional ateadada pela ambição à suprema cadeira. Se a união faz a força, o esfacelamento enfraquece. A ordem, o prestígio e a confiança da nação decrescerão na razão do crescimento das paixões e das lutas. Daí, sim, evidentemente a pobreza do país, a desmoralização do povo e a corrupção dos homens.

DR. AGRIPINO – Seria, talvez, este o resultado se hoje, tão bruscamente, fosse tentada uma tal transformação de coisas.

SOARES – Espera então converter o povo, já vejo. Muito tem que trabalhar e esperar.

DR. AGRIPINO – Não. A conversão de um povo é sempre tardia, perigosa e incerta.

LIMA – O que espera então, doutor, a intervenção de Deus?

DR. AGRIPINO – A intervenção da inteligência, da instrução e do patriotismo bem entendido. Há de convir que é uma insensatez construir-se arquitetura moderna sobre antiquárias ruínas; um desacerto, enxertar-se brotos novos em carcomidos troncos. Seria um erro imperdoável, uma desastrosa perda de tempo e de causa o querer-se inocular ideias tão florescentes em espíritos tão gastos.



SOARES – Tente sempre, doutor. A lógica tudo vence e a todos convence.

DR. AGRIPINO – A lógica da palavra e dos fatos, a pureza da verdade palpante, a santidade da causa pode convencer um grupo de homens pela cora-ção, pela instrução e pela inteligência clara. Pode incutir a dúvida na razão de outros e abalar o espírito de muitos; porém, não converte um povo inteiro[,] nascido e erroneamente educado e doutrinado em um sistema, que a sua ignorância não deixa compreender o que ele tem de mau, nem conhecer outro melhor. Seria uma louca temeridade buscar-se desviar o impetuoso curso de um caudaloso rio quando, previamente, atendendo a todas as cir-cunstâncias precisas, pode-se abrir e preparar-se o leito por onde, ao rom-per-se os diques que o prendem, ele naturalmente se precipite, se estenda e domine.

LIMA – Se o argiloso solo ceder ao aluvião do operário.

DR. AGRIPINO – Nada resiste a princípios radicais, inteligentemente aplica-dos.

SOARES – Meros palavrões, meu caro.

LIMA – Não vê que tudo isto são arroubos de uma imaginação de moço, doutor? Onde estão estes princípios radicais com que sonha?

DR. AGRIPINO – Na inteligência humana e no coração de cada brasileiro. Mostre-se com a verdade o mau caminho que segue a geração que passa. Rasguem-se as portas dos templos da instrução, acendam-se luzes que ilumi-nem o espírito da geração que nasce. Substitua-se o acaso pela razão, o cetro pela pena, os paços régios por escolas, as cartas nobiliárias por pergaminhos escolares. Troque-se a sotaina pela blusa do operário, os claustros por ofici-nas, a espada pelo livro, a força pelo direito. Esmague-se a hidra escravocrata que morde o coração da nossa pátria, fundam-se os ferros da escravidão em troféus da liberdade! Amputem-se esses membros gangrenados que cor-rompem, enfraquecem o nosso corpo social e político, e o Brasil será forte, grande e invencível[,] como é grande, forte e invencível a consciência, o direito e a liberdade!

Cena II

OS MESMOS e ANDREZA.

ANDREZA (*entrando*) – O senhor barão está aí, meu senhor.

SOARES – Eu bem sabia que ele não faltaria. É um valente soldado.

LIMA – Principalmente quando se bate com armas do inimigo. Vamos vê-lo. É preciso que saiba que a minha divisa de hoje é – tudo ou nada. Desforra completa ou ruína absoluta. Até já, meu caro petroleiro.

SOARES – Espero vê-lo ainda menos irritado contra a soberania, meu amável reformista.

DR. AGRIPINO – Quando pelo menos ela deixar de ser hereditária e[,] sim[,] eleita pelo povo. (*Lima e Soares saem*).



Cena III

DOUTOR e ANDREZA, que vai sair.

DR. AGRIPINO (*observando sempre Andreza*) – Ouve-me, Andreza. (*Andreza desce*). Desde quando conheces o senhor Soares?

ANDREZA (*depois de ligeiro sobressalto*) – Há 37 anos. Em 1846 casou-se, em São Paulo, o senhor Anselmo de Lima, pai do meu senhor de hoje, com minha sinhá moça Eulália, que era minha colaça³⁴; e um ano depois do seu casamento meu senhor mandou-me para a Corte, onde fui comprada pelo senhor Soares, quando eu tinha 16 anos de idade.

DR. AGRIPINO (*tira a carteira e toma notas*) – Em tais condições[,] devias ter a estima da tua senhora que fôra tua colaça. Por que foste vendida?

ANDREZA (*com embaraço*) – Porque... Porque os meus serviços como escrava não agradavam a minha senhora.

DR. AGRIPINO – Bem. E depois?

ANDREZA – Servi 17 anos ao senhor Soares, que, em 1864, me vendeu ao senhor Tristão da Cunha, que mais tarde foi sogro do meu atual senhor que, em 1867, casou-se com a minha sinhá moça[,] que me trouxe no seu dote, e 12 anos depois morreu, deixando a sinhazinha Henriqueta órfã[,] com 11 anos de idade.

DR. AGRIPINO – E contigo[,] por boa mãe.

ANDREZA – Por boa escrava[,] pode ser, senhor doutor.

DR. AGRIPINO – E por que te vendeu o senhor Soares?

ANDREZA (*confusa*) – O senhor Soares... O meu senhor me vendeu porque seguia para Portugal, de onde voltou há dois anos. Mas, vosmecê não me diz por que me pergunta estas coisas?

DR. AGRIPINO (*tendo escrito na carteira[,] guarda-a. Sorrindo-se*) – Ora! Julgava-te uma criatura antediluviana, e[,] entretanto[,] acabo de verificar que tens 53 anos de idade. Prometo-te escrever a tua biografia[,] como exemplo das escravas virtuosas.

Cena IV

OS MESMOS e HENRIQUETA, que entra em traje de montar, e depois PAULO.

HENRIQUETA (*entrando ligeira e alegre*) – Precedida de anotações[,] por sua filha Henriqueta[,] que nelas dirá muitas coisas boas e coisas más da mamãe Andreza. (*Abraça freneticamente Andreza*).

ANDREZA – Jesus, sinhazinha. Olhe que a mulata Andreza é sua escrava.

HENRIQUETA (*afastando-se amuada*) – Má!

³⁴ Este termo, que aparece outras vezes adiante, não figura nos dicionários. Existe, isto sim, o vocábulo “colaço”. Diz-se do indivíduo em relação a outro que foi amamentado pela mesma mulher, embora filhos de mães diferentes.



ANDREZA (*indo a ela*) – Três horas correndo e saltando naquele maldito cavalo[,] que um dia lhe pode ser funesto. (*Tirando-lhe o chapéu*). Me dê o seu chapéu e o chicotinho, e vá descansar um bocadinho, sinhazinha.

HENRIQUETA (*o mesmo*) – Não vou, não vou e não vou. (*Com interesse*). Como está o Otávio, doutor?

DR. AGRIPINO – Espero o remédio[,] com o qual pretendo deixá-lo radicalmente curado.

HENRIQUETA (*com impetuosa alegria*) – Radicalmente curado?! Repita o que disse, doutor.

ANDREZA – O senhor doutor quis dizer que...

HENRIQUETA – Cala-te, Andreza. Fale, doutor. Diga se é verdade o que entendi de suas palavras.

DR. AGRIPINO – É, tomando-as no seu verdadeiro sentido. Farei desaparecer a inflamação[,] que torna mais dolorosa a cegueira do nosso doente.

HENRIQUETA (*dolorosamente*) – Ah, doutor! Que cruel despedaçar de uma esperança que nascia. (*Encosta-se a uma cadeira e soluça*).

ANDREZA (*ao doutor*) – É o anjo de outrora.

DR. AGRIPINO – Quando lhe fala o coração.

HENRIQUETA – E quem lhe disse que o meu coração não fala sempre, doutor? Surdos que não ouvem[,] a todo instante[,] ele gritar de dor e desespero[,] por não ter uma voz poderosa, meiga e santa que, como gotas de orvalho, o suavize do ardor que o queima. Incautos que não compreendem que esta razão se desvaia[,] por não ter um fanal protetor que a conduza ao grande oceano da vida, onde o coração respira e a imaginação se dilata, e ali poder aventurar-se por entre todos os parcéis³⁵[,] sem medo de naufragar.

DR. AGRIPINO – Acalme-se, D. Henriqueta. A senhora é moça, é rica, dispõe de uma vasta inteligência e de um espírito superior. Tem seu pai[,] que a deve amar com todos os carinhos de uma alma paterna. Tem o Otávio[,] que a idolatra; a nossa Andreza[,] que a estremece como se fôra sua mãe; e tem em mim um amigo sincero e dedicado. O que lhe falta?

ANDREZA (*triste*) – Diga, sinhazinha. O que lhe falta para ser feliz?

HENRIQUETA – O que me falta? Tudo, doutor, tudo[,] Andreza. Sou moça, diz o doutor. Tenho a mocidade do claustro, a juventude atrofiada neste ermo, à flor da vida condenada ao mais triste esquecimento e abandono. Sou moça, é verdade, porém, quem sofrerá mais, o cadáver fechado no seu esquite, ou um corpo cheio de força e de vida, preso em grilhões inquebráveis? Sou rica! Maldita riqueza[,] que só aguça ambições e desperta no meu espírito aspirações irrealizáveis. Se de nada me serve essa riqueza[,] para que esse dinheiro[,] se não sou idólatra do ouro?

ANDREZA – Para ser caridosa[,] como é, sinhazinha.

³⁵ Escolhos, recifes.



HENRIQUETA – Não exerço a caridade[,] como aprendi de minha mãe, porque não posso ser caridosa. Aqui, sepultada entre estas quatro paredes, trajo sedas, piso finos tapetes e tenho joias de subido valor[,] que só diante do meu espelho ostentam o seu brilho. Lá fora, onde seria admirado o esplendor dessas riquezas[,] choram de fome milhares de criancinhas, cujo pranto eu poderia enxugar com a menor das minhas joias. Mendigam[,] de porta em porta[,] desgraçadas mães[,] pedindo pão para si e seus filhinhos, às quais eu poderia socorrer com um punhado desse ouro aqui imprestável.

DR. AGRIPINO – Onde há um coração esmoler a esmola é procurada, D. Henriqueta.

HENRIQUETA – Aqui, sequestrada do mundo, à minha porta ninguém bate[,] porque não vivo nem para os felizes nem para os desgraçados. Só bate o vício (*apontando para dentro*), que me rouba os duplicados cuidados, amor e carícias de meu pai[,] que ficou depositário dos desvelos, da ternura e amor que minha mãe me consagrava. Tenho vasta inteligência, disse também o doutor.

DR. AGRIPINO – E disse a verdade.

HENRIQUETA – Se assim fosse, doutor, eu lhe responderia que é mil vezes preferível a obscuridade do espírito[,] quando a vida é obscura.

ANDREZA – Reparta os tesouros do seu coração com aqueles que a cercam e lhe amam, sinhazinha.

HENRIQUETA – Com os que me cercam e me amam! Falam-me de Otávio. Bem sei que ele extremadamente me quer. Mas, como pode ele dulcificar a minha existência[,] tendo na alma a mais pungente das agonias? Como pode conduzir-me[,] se ele tateia em volta de si em densas trevas? Como posso eu consolá-lo[,] se tenho no coração e no espírito os embates de uma revolta constante?

DR. AGRIPINO – Ame-o[,] como ele lhe ama.

ANDREZA – Ele é tão bom, sinhazinha.

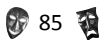
HENRIQUETA – E sabe que eu não amo a Otávio, doutor?!

ANDREZA (*com alegria*) – Graças[,] meu Deus! Minha senhora me ouviu!

HENRIQUETA – Cala-te, Andreza. O meu amor seria uma nova desgraça para Otávio. Já lhe disse, doutor, aquele coração é uma sensitiva[,] que se crestaria ao primeiro bafejo do amor ardente de um coração como o meu. Darei parte, grande parte da minha vida para dissipar os efeitos do golpe com que a fatalidade o feriu, porém[,] nada mais posso dar-lhe, porque, ao primeiro passo, Otávio fugiria de mim[,] assustado dos ímpetos do meu afeto, dos arroubos da minha imaginação.

DR. AGRIPINO – Bem, D. Henriqueta. Tenho certeza que um dia há de amar a Otávio, como ele merece e precisa ser amado. Entretanto, já lhe lembrei o afeto maternal de Andreza, que a senhora parece esquecer.

ANDREZA – Eu?! Pobre de mim! Triste escrava!





HENRIQUETA – É assim mesmo: pobre de ti! É verdade que me amas como mãe e eu te amo como filha, porém[,] de que serve este amor recíproco se desgraçadamente a iniquidade, a perversão dos homens sem religião e sem alma te fizeram escrava, embora tenhas a nobreza dos sentimentos e um coração de mãe carinhosa?

ANDREZA – Assim mesmo[,] sou feliz junto de sinhazinha, do meu senhor e do sinhozinho Otávio.

PAULO (*entrando*) – Está aqui o remédio, senhor doutor.

DR. AGRIPINO – Dá cá. (*Recebe o remédio e Paulo sai*). Quer vir ver o nosso doente, D. Henriqueta?

HENRIQUETA – Não. Não teria, talvez, a calma precisa para estar junto dele[,] agora. Iria perturbar o seu curativo, doutor. (*Senta-se[,] agitadaíssima[,] escondendo o rosto sobre o braço encostado na espaldar do divã. Doutor observa-a por algum tempo e fazendo sinal para que Andreza o acompanhe, saem*).

Cena V

HENRIQUETA e LIMA[,] que entra precipitadamente e[,] logo depois[,] SOARES com ANTUNES.

(*Lima[,] ao entrar[,] vai à secretaria, abre e revolve-a com desespero. Henriqueta levanta-se[,] sobressaltada*).

SOARES (*entrando*) – Sossega, meu amigo. Aconselho-te que não jorges mais. Se queres pagar a esse homem[,] a minha bolsa é tua.

LIMA – Não! Hei de jogar!

HENRIQUETA – Por caridade, meu pai, por amor à sua filha, pelo nome de minha mãe[,] ouça o que lhe diz o senhor Soares. Não jorges mais, eu lhe suplico.

LIMA (*colérico, fechando a secretária*) – Aconselham-me agora que não jogue mais! Agora que um homem, o barão de S. Cosme, rejeitou a minha palavra de honra[,] que eu parava contra os seus maços de notas que foram minhas! Não! Hei de jogar até ao fim! Ainda sou rico. (*Olhando em volta de si*). Ainda tenho muito para jogar! (*Corre ao aparador e pega no cofre*). Este cofre encerra um tesouro de brilhantes!

HENRIQUETA (*correndo a ele e agarrando-se ao cofre nas mãos de Lima*) – Meu pai, não toque neste cofre! Não profane estas joias[,] que profana as cinzas de sua esposa, a memória de minha mãe! Jogue, jogue tudo, jogue até a vida de sua filha, mas respeite, por Deus, por compaixão, as joias de minha santa mãe!

SOARES – Lima, ouve a tua filha.

LIMA (*em desespero*) – Deixem-me! Quero jogar! Preciso afogar aquele homem[,] em ondas de ouro.



HENRIQUETA (*com uma das mãos[,] arranca o colar que tem ao pescoço*) – Olhe, meu pai. Este colar tem vinte brilhantes, vale muito, muito dinheiro! (*Tira os brincos*). Estes brincos também valem muito! (*Com os dentes[,] arranca o bracelete de um braço*). Este bracelete vale mais ainda! Dar-lhe-ei todas as minhas joias e terá[,] assim[,] uma fortuna para jogar!

LIMA (*quase desvairado[,] tomando as joias*) – Dá cá, dá cá tudo, tudo que é pouco ainda!

HENRIQUETA – E tudo lhe darei, meu pai! (*Ajoelha-se[,] segurando sempre o cofre*). Mas, de joelhos, lhe peço pela honra de sua filha, pela sua própria honra[,] não jogue os brilhantes que ornaram o peito de minha mãe!

LIMA (*no auge do desespero*) – Jogarei até a minha alma[,] se Satanás a quiser! Deixa-me, pelo inferno!

HENRIQUETA (*levantando-se[,] com energia*) – Este cofre é meu! É um legado santo de minha mãe! Hei de defendê-lo à custa da minha vida!

LIMA (*desvairado*) – Desgraçada! (*Repele Henriqueta[,] que vai cair sobre o divã*). Sou ainda rico, barão de S. Cosme! (*Sai correndo*).

HENRIQUETA (*levantando-se*) – Meu pai! Meu pai, ouça a maldição de minha mãe! (*Desce[,] convulsa[,] agarrando-se às cadeiras*).

SOARES (*em meia voz[,] a Antunes*) – Venci, é minha!

ANTUNES (*o mesmo*) – Vamos ao resto. (*Saem*).

HENRIQUETA (*agarrada ao espaldar de uma cadeira[,] dá uma gargalhada estridente e convulsa e[,] com uma das mãos[,] rasga o peito do casaco*) – Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah...

Cena VI

HENRIQUETA, ANDREZA, DOUTOR, e depois OTÁVIO, que traz os olhos vendados por um aparelho cirúrgico.

ANDREZA (*correndo e abraçando-se com Henriqueta*) – O que é isto, sinhazinha de minha alma?! O que tem?! Fale! Meu Deus! (*Doutor toma-lhe o pulso e observa-a atentamente. Henriqueta estremece e vai desfalecendo*). Senhor doutor, minha sinhazinha morre! (*Soluça. Doutor coloca uma cadeira[,] onde Andreza vai sentando Henriqueta e ajoelha-se junto a ela[,] segurando-a*).

OTÁVIO (*entra Tateando[,] agitado*) – Doutor! Andreza! Onde estão? O que tem Henriqueta?!

DR. AGRIPINO (*indo a ele*) – Uma comoção nervosa, que vai passando.

OTÁVIO – Onde está ela? Leva-me, Agripino. Quero sentir o seu hálito[,] já que não a posso ver! (*Doutor leva-o até junto de Henriqueta, vai à secretária, toca a campainha e escreve. Otávio[,] apalpando a cabeça de Henriqueta[,] toca-lhe na face*). Ah! Ela está aqui e fria como o mármore! Porém[,] a morte não lhe tocou[,] porque eu vivo ainda!

ANDREZA – Pelo amor de Deus, sossegue, sinhozinho!



OTÁVIO – Sempre tu, Andreza! Sempre a escrava como o anjo de misericórdia! *(Paulo entra e o doutor estende-lhe a mão com o papel que escreveu[,] olhando para Henriqueta).*

HENRIQUETA *(como que despertando e dolorosamente chamando)* – Minha mãe...

ANDREZA – Está no céu, sinhazinha!

FIM DO TERCEIRO ATO.



ATO IV

O cenário representa um bosque com árvores dispersas, tendo[,] junto de algumas[,] bancos de pedra. Ao fundo[,] um rio margeado de parapeito.

Cena I

DOUTOR AGRIPINO, recostado em um dos bancos, lê em um livro. Da direita[,] entra PAULO conduzindo OTÁVIO[,] que tem o aparelho cirúrgico sobre os olhos.

OTÁVIO (*entrando*) – Então, Paulo, onde está o doutor?

PAULO – Perto de nós, sinhozinho.

DR. AGRIPINO (*apercebendo-os. A Otávio*) – Imprudente! Eu não disse que não te expusesses ao sol[,] que está ardentíssimo? (*Levantando-se*). Vem sentar-te aqui[,] onde há sombra. (*Paulo conduz Otávio até junto ao doutor[,] que o faz sentar e senta-se também*).

OTÁVIO – Não ralhes nem te zangues comigo. Se o cego vive reconcentrado em si mesmo[,] como o único ente de um mundo sem luz, bem podes calcular o benéfico efeito que devem produzir em sua alma as vibrações de uma voz amiga.

DR. AGRIPINO (*tomando-lhe a mão*) – E esta voz, vieste procurar...

OTÁVIO – Onde tu estavas.

DR. AGRIPINO – Ainda bem que não me consideras simplesmente teu médico.

OTÁVIO – Bem sabes que não.

DR. AGRIPINO – Faça-te justiça. Onde está D. Henriqueta, Paulo?

PAULO – Andreza tanto pediu para ela vir se distrair que[,] afinal[,] sinhazinha cedeu e veio caçar.

OTÁVIO (*com interesse*) – Henriqueta está triste, Paulo?

PAULO – Nunca vi sinhazinha como está hoje. Ela bem finge rir-se[,] como sempre, porém[,] ao velho Paulo sinhazinha não engana. Se o sinhozinho me dá licença[,] eu vou para o meu serviço. (*Sinal afirmativo de Otávio, Paulo sai*).

Cena II

DOUTOR AGRIPINO e OTÁVIO.

OTÁVIO – Dize-me, Agripino. Henriqueta está completamente restabelecida daquele incidente de ontem?

DR. AGRIPINO – Nas compleições robustas, como a de D. Henriqueta, aquelas crises são passageiras[,] quando deixam de ser imediatamente fatais por um insulto cerebral.



OTÁVIO – Entretanto, acabas de ouvir o que nos disse o Paulo. Henriqueta sofre e sofre muito, Agripino, e é preciso conhecermos a origem desse padecer. Aquele incidente teve[,] necessariamente[,] uma causa, e uma causa capaz de abalar tão profundamente uma organização física e moralmente tão vigorosa como a de Henriqueta.

DR. AGRIPINO – Aquelas violentas comoções são fáceis e naturais nos temperamentos nervosos[,] excitados por uma imaginação ardente como a dela. Eu e Andreza a tínhamos ouvido, com o exaltamento de espírito que lhe é peculiar, lamentar o teu estado, e queixar-se da monotonia, do abandono e da obscuridade em que ela vive. E devemos compreender que a imaginação e o espírito de Henriqueta, como que se esbarram[,] a todo momento[,] nas paredes desta clausura a que ela está condenada. Deixei-a bastante comovida, porém[,] sem prenúncio algum do insulto nervoso que sofreu momentos depois.

OTÁVIO – Logo, alguma circunstância extraordinária concorreu para ele.

DR. AGRIPINO – Convenho. A comoção[,] que então a dominava[,] era favorável predisposição para o mal, que uma impressão desagradável e séria veio provocar. Não sei, porém, o que de tão mau poderia dar-se com D. Henriqueta[,] em sua casa, onde só achavam-se, além das pessoas que a extremecem, amigos escolhidos por seu pai.

OTÁVIO – Lembro-te que, Henriqueta vivendo em casa de seu pai, cercada por entes que a idolatram, vive entregue a si mesma e aos arroubos da sua imaginação de fogo, sem uma proteção autorizada, sem uma defesa legal e sem a respeitosa guarda de seu pai, único baluarte que lhe resta[,] para defendê-la dos mil golpes que a podem ferir.

DR. AGRIPINO – Se desconfias ou sabes de alguma coisa, dize-me tudo, Otávio.

OTÁVIO – Nada sei, porém[,] receio, tenho medo de tudo[,] porque estou cego ainda.

DR. AGRIPINO (*com energia*) – E eu?

OTÁVIO – Tu não podes acompanhar a vida íntima de Henriqueta, não podes velar por ela como seu pai, como um irmão. Andreza, se muito pode o seu amor, a nobreza do seu coração e os seus maternais cuidados, nada pode obstar[,] porque é uma pobre mulher alquebrada pelos anos e humilhada pelo cativoiro.

Cena III

OS MESMOS, LIMA e SOARES, que vão atravessando no fundo.

LIMA – Cada um defenda a sua propriedade[,] como eu farei.

SOARES (*vendo os que estão em cena*) – Cuidado. Olhe que temos pela frente o nosso implacável reformador. (*Descem*).



LIMA – Que[,] apesar de todo o tresloucamento do seu programa de reforma, não incluiu nele o atentado contra o mais positivo dos direitos, que é o direito de propriedade.

DR. AGRIPINO – De que se trata, senhor Lima?

SOARES – Daqueles que[,] nada possuindo[,] querem destruir o que os outros possuem.

OTÁVIO – Quem são esses pobretões tão pretensiosos, não nos dirá, senhor comendador?

LIMA – São estes patriotas de feição que, por não poderem ser senhores[,] não são escravocratas; por terem, geralmente[,] nas veias sangue de escravos[,] são abolicionistas.

DR. AGRIPINO – Perdão, senhor Lima. Geralmente[,] os abolicionistas são como eu. Quando fui homem[,] já era senhor e o primeiro passo que dei na sociedade foi restituir a liberdade a dez criaturas livres como eu, perante Deus, e escravizados pela cruel desumanidade dos meus antepassados. É esta a norma invariável do abolicionista, mesmo sendo os seus pais tão conhecidos quanto são os meus.

LIMA – Deve ter certeza que não me referi ao doutor.

DR. AGRIPINO – E eu me refiro aos abolicionistas em geral. Eles são os verdadeiros patriotas[,] que morrem de vergonha pela degradação que macula a sua pátria, como o filho se suicida pela desonra que nodoa as faces de sua mãe. Os abolicionistas respeitam a raça escrava como se respeita a desgraça, e esse respeito é uma barreira levantada entre os seus instintos de homem e o aviltamento imposto àqueles infelizes.

SOARES – E[,] porventura[,] os escravocratas não procedem da mesma forma?

DR. AGRIPINO – Ao menos[,] as suas teorias e vida prática não justificam tais princípios. O escravagista[,] vivendo do escravo e com ele convivendo[,] como o negociante com as suas mercadorias, facilmente com ele se familiariza[,] como o mercador com o gênero de seu comércio; e como[,] para esse tráfico[,] o homem já tem esquecido todos os sentimentos do pudor e humanidade, convencido que do senhor para o escravo há o direito pleno e absoluto, julgando ainda que honra a escrava com a sua intimidade, daí resulta que muitos escravocratas[,] que hoje habitam esplêndidos palácios[,] tiveram a sua origem em asquerosas senzalas.

LIMA – Se houvessem desses homens e fossem conhecidos[,] deviam ser expulsos da comunhão social, doutor.

OTÁVIO – Por que, meu padrinho?

LIMA – Porque[,] além da degradação que lhes vêm dos pais, sendo filhos de ventres escravos são escravos ingênitos, e como tal, enxertos apodrecidos que procuram medrar no seio da sociedade pura, da gente honesta.

OTÁVIO – Um tal procedimento seria um horror perante Deus! Não pode[,] porventura[,] ser honesto o filho de uma pobre escrava? Não pode ser virtu-



osa a mãe desse infeliz? A virtude está no coração, meu padrinho, e muitas mães cativas têm mais honradez em sua alma do que muitas mães que se ostentam nessa sociedade pura.

LIMA – Cale-se, insensato.

SOARES (*escarnecendo*) – Também é abolicionista, senhor Otávio?

OTÁVIO – Sou brasileiro, senhor comendador. E um filho do Brasil, em respeito à religião de Cristo, que professa, à sua própria dignidade e sentimentos de honra, à moralidade e civilização do seu país[,] não pode admitir a persistência de um crime que tão infamemente avilta, degrada e desonra a sua nação. Sou abolicionista!

SOARES – Em tal caso[,] estou contentíssimo por ser português[,] para assim poder livremente ser escravocrata.

DR. AGRIPINO – Orgulhe-se simplesmente de ser escravagista, senhor comendador. Não envolva o nome de uma nação[,] de tão velhas e nobres tradições[,] em sentimentos tão repulsivos.

LIMA – Então, eu[,] como brasileiro[,] lhes declaro que sou escravocrata, e protesto[,] em nome das leis constitucionais do meu país, que garantem o inviolável direito de propriedade, contra essa pirataria mascarada com os pomposos nomes de humanidade, civilização e progresso[,] que tenta roubar-nos aquilo que nos pertence por uma legal escritura de compra e venda, e constitui um capital da nossa fortuna. São patriotas os tais senhores abolicionistas e desrespeitam, desacatam as leis que regem sua pátria.

OTÁVIO – É em nome de uma lei do meu país[,] que encerra os princípios de humanidade e civilização[,] que o abolicionista quer, exige e há de conseguir em breve a redenção da escravatura no Brasil. Decerto[,] não é patriota aquele que desrespeita as leis de sua pátria. Mas, quem desacatou a lei de 1831[,] que mandou cessar o nefando crime do tráfico de africanos[,] roubados do seu país livre como o sol que o aquece, ao seu lar e à família[,] para serem conduzidos como escravos à nossa terra?

LIMA – Aos próprios homens do governo convinha o olvido da lei.

OTÁVIO – E o decreto de 1850[,] punindo de piratas, de ladrões no mar[,] esses malditos traficantes? Quem desrespeitou essa lei? Quem ainda feriu a moral desta nação? Esses vampiros do sangue humano!

SOARES – A eles deve o Brasil a sua primeira riqueza.

DR. AGRIPINO – A esses miseráveis deve hoje o Brasil a sua desmoralização social, a sua corrupção moral, a sua pobreza e o desprezo com que é acolhido por todos os povos cultos. A esses réprobos de Deus e dos homens deve o Brasil a vergonha, a humilhação de vir uma nação estrangeira, a orgulhosa Inglaterra, em nome da moral, do direito, da civilização e humanidade[,] vigiar-nos como se espregueira o bandido, postar sentinelas às nossas portas marinhas como no covil de salteadores; prender ou humilhar a nossa bandeira[,] todas as vezes que a encontrava desfraldada aos ventos do oceano.



SOARES – E o que fez o Brasil[,] tão poderoso[,] que aceitou tais humilhações?

OTÁVIO – O Brasil curvou a fronte[,] envergonhado! Foi fraco e humilde[,] como é sempre humilde e fraco o vício diante da honra, o criminoso em face da justiça. E a quem devemos nós tanta infâmia, tanta baixeza e vergonha[,] senão aos senhores escravagistas?

LIMA – Não aos de hoje[,] que já encontraram o crime consumado, se crime existe.

OTÁVIO – A persistência na culpa é o requinte do crime.

LIMA – Estou pasmo com as teorias do senhor meu afilhado. São suas tais lições, doutor?

DR. AGRIPINO – Seriam, se delas Otávio ou o Brasil inteiro precisassem.

OTÁVIO – Não, senhor Lima, não são lições de ninguém. São sentimentos natos[,] no meu coração brasileiro. São reflexos da educação que recebi da minha benfeitora, sua irmã. São os instintos de humanidade que imperam em minha alma. São os preceitos da religião de Cristo.

SOARES – E Cristo foi vendido.

OTÁVIO – Cristo morreu[,] proclamando a liberdade; os homens que lhe cuspiram nas faces são os escravagistas de hoje. Porém, Deus, em breve os fulminará com a sua cólera e[,] num raio de sua justiça[,] mandará a redenção da raça escravizada.

DR. AGRIPINO – Basta, Otávio. (*A Lima e Soares*). Desculpem, porém[,] é necessário que o médico intervenha com a frieza da ciência. (*A Otávio*). Esta exaltação é seriamente prejudicial à tua saúde. Vamos.

OTÁVIO – Foi exaltação de momento[,] que facilmente acalmará. Não desejo ir para casa[,] onde faz um calor excessivo.

LIMA – O chalé está a dois passos, e ali goza-se sempre de uma temperatura agradável.

OTÁVIO – Sim, vamos para o chalé. Tenho saudades do piano de minha madrinha[,] que está ali.

DR. AGRIPINO – Vamos. (*Toma a mão de Otávio, cortejam os que ficam e saem pela direita*).

Cena IV

LIMA e SOARES.

SOARES – Como está perdido o espírito da mocidade! Isto faz medo.

LIMA – Aquilo é fogo que morre com o gelo dos anos. Maior medo tenho eu dos homens que chegam à tua idade refratários às leis sociais.

SOARES – Por que não quero casar-me?

LIMA – Sim. Levado pela franqueza de amizade[,] te ofereci a mão de Henriqueta[,] que parece fascinar-te com a sua beleza e de cuja virtude não podes



nem ousas duvidar. Entretanto, com o maior estoicismo[,] rejeitastes a posse desse tesouro[,] por muitos ardentemente desejado.

SOARES – Com a invencível negação que tenho para o casamento[,] iria fazer o infortúnio duma santa que fosse minha esposa, e[,] como teu amigo[,] não devo nem quero infelicitar tua filha. Trata de assunto mais razoável e preciso. Vai para casa pensar nos nossos negócios, enquanto eu vou dar um passeio pela quinta.

LIMA – Se soubesses como eu tenho a cabeça[,] não me mandarias pensar. *(Saem pela direita).*

Cena V

[HENRIQUETA e ANDREZA.]

(Ouve-se vozes que[,] da direita[,] pelo rio[,] se aproximam cantando. Henriqueta, trazendo só a espingarda, entra triste e abatida[,] acompanhada de Andreza. Aquela, atraída pelo canto[,] aproxima-se do parapeito, e esta a contempla com a tristeza).

(VOZES em um pequeno bote que atravessa ao fundo[,] com dois remadores, sendo um deles Antunes).

Voga, voga para o largo, marujo,
Larga a vela à brisa fagueira,
Corre, corre no dorso das vagas,
Deixa a terra que é traiçoeira.

Ora vamos avante rapazes,
Rema, rema que vamos além;
Toca, toca a fugir da tormenta,
Ferra a vela que o vento aí vem.

(HENRIQUETA, indo sentar-se[,] sempre em soluços).

ANDREZA *(aproximando-se)* – O que é isto[,] desde ontem, sinhazinha? Se tem pena de sua mulata[,] me diga por que sofre e chora assim.

HENRIQUETA – Não é nada, Andreza; caprichos deste coração. Aquele canto me causou uma impressão profundamente triste. Toca, toca a fugir da tormenta – Deixa a terra que é traiçoeira! Foge-se da tormenta[,] quando ela não está em nossa alma; a terra é traiçoeira[,] quando nela se é desgraçado!

ANDREZA – Meus Deus, que ideias tão tristes! Olhe, sinhazinha, isto assim não está bom. Não dormiu toda a noite e não almoçou[,] até agora.

HENRIQUETA – É verdade. Vai preparar alguma coisa, que eu irei almoçar.

ANDREZA – Pois[,] sim. Porém[,] a sinhazinha não se demore muito. *(Sai. Henriqueta encosta a fronte em uma das mãos[,] cobrindo os olhos com um lenço).*



Cena VI

HENRIQUETA e SOARES[,] que entra e[,] vendo-a[,] esboça um sorriso perverso.

SOARES (*aproximando-se mansamente e com voz comovida*) – O que tem, D. Henriqueta?

HENRIQUETA (*erguendo-se e com aspereza*) – O que me querem? Ah, é o senhor! (*Dissimuladamente[,] enxuga os olhos*).

SOARES – Sou eu[,] que adivinhei que a senhora sofria e chorava.

HENRIQUETA (*com altivez*) – E quem lhe disse que eu choro?!

SOARES – Os seus lindos olhos[,] que ainda tem lágrimas. Enxugue-as e confie-se ao meu coração[,] que não pode ser indiferente ao seu sofrimento[,] porque lhe ama muito.

HENRIQUETA (*depois de encará-lo[,] dá uma gargalhada forçada*) – Ah! Ah! Ah! Desta vez[,] não é censurável a minha hilaridade[,] porque o senhor Soares não disse coisa séria.

SOARES – Entretanto, é tão sério o que lhe disse[,] quanto são respeitáveis os sentimentos do coração.

HENRIQUETA – E o coração do senhor comendador ainda sente?

SOARES (*dolorosamente*) – Sempre esta injúria atirada pela mocidade à face da velhice. Sempre este escárnio ao afeto[,] que só uma vez se faz sentir na vida, e por isso mesmo[,] cedo ou tarde[,] pode avassalar o coração humano.

HENRIQUETA (*com seriedade*) – Já não me rio, senhor Soares. Bem sei quanto é implacável este sentimento a que alude. Bem sei que todas as leis, todos os preconceitos, raças, posições e idades, nulificam-se, prosternam-se³⁶, confundem-se, se amalgamam e nivelam-se diante da sua prepotente vontade. Porém[,] sei também que há enorme diferença no sentir dos corações.

SOARES – O verdadeiro amor é exclusivamente um só, e para ele todos os corações são iguais na forma de sentir.

HENRIQUETA – Engana-se, ou pretende enganar-me, senhor Soares.

SOARES (*com fingida comoção*) – Juro-lhe por Deus, pela minha honra[,] que mais fácil seria eu tentar iludir à minha consciência do que lhe enganar D. Henriqueta. Por favor[,] não duvide um só instante da verdade das minhas palavras e da pureza de meus sentimentos, porque essa dúvida seria um insulto atroz, e este insulto a morte para mim[,] que lhe amo como nem compreende que se possa amar.

HENRIQUETA – Pois bem, senhor Soares. Acredito nos seus bons sentimentos e quero crer nesse amor que mil vezes me tem jurado. Não vou insultar os seus cinquenta anos, porque a velhice é um efeito natural e eu respeito a natureza. Disse-lhe³⁷ que há grande diferença no sentir dos corações, e dessa

³⁶ Na edição original, “prosternam-se”.

³⁷ Na edição original, “Lhe disse”.



diferença, inevitavelmente[,] resulta sempre o invencível tédio, o fatal afastamento entre dois entes que um dia[,] imprudentemente[,] se amaram.

SOARES – Não, D. Henriqueta, porque o amor confunde, nivela e amalgama os corações; a senhora mesma o disse.

HENRIQUETA – Mas não destrói as leis da natureza. Ouça. Há[,] mesmo na mocidade, corações adormecidos na embriaguez da fantasia[,] que o seu sentir é plácido e sereno como o sonhar do poeta e o dormir da criança. São corações tão tímidos, tão frágeis[,] que seria um crime convulsioná-los[,] porque ao primeiro estremecimento se despedaçariam como apertados pela mão convulsa da natureza irritada.

SOARES – Há, porém, outros[,] tão veementes, tão fortes[,] que zombam de tudo e de todos, como o seu, D. Henriqueta.

HENRIQUETA – Estes não zombam nunca. Escondem o seu sofrimento[,] para que não o escarneçam; lutam[,] para que não sejam esmagados. São corações cheios de seiva e ardor que, quando batem em um peito moço como o meu, despertam a própria natureza[,] se a natureza dorme. Vivos e ardentes, acompanham os sentimentos em todas as suas impressões, livremente desprendem-se arrebatados nos voos de todos os entusiasmos do espírito, sentem todas as emoções do prazer e da mágoa, do riso e do pranto. Sacudidos por qualquer sentimento íntimo[,] palpitam, estremeecem, agitam-se[,] como o oceano açoitado pelo vendaval. Se lhe[s] é imposta a obediência[,] as suas fibras se contraem, distendem-se, gemem, gritam[,] como as retesadas cordas de uma harpa que rebentam.

SOARES (*acentuadamente*) – Porém, na vida calma, solitária e livre que goza, D. Henriqueta, o seu coração não tem motivos para sofrer.

HENRIQUETA – Quando um coração[,] como o meu[,] sente-se cercado desta sufocante atmosfera do isolamento, monotonia e abandono, sequestrado de todos os prazeres e lutas do mundo, então não geme nem soluça; com a força do desespero[,] bate nas suas paredes[,] como o redivivo bate na tampa do sepulcro[,] que o abafa; ruge e estala entre as arcadas do peito[,] como ruge e estala a tempestade no seio da natureza.

SOARES – E pensa que só na mocidade existem corações assim? Engana-se, D. Henriqueta.

HENRIQUETA – Ouça e pense com a razão calma. O coração que já libou todos os prazeres, sofreu e resistiu a todas as lutas da mocidade, saciou-se, cansou-se e arrefeceu[,] na longa progressão da vida; e neste enregelamento³⁸ físico e moral deixa-se atrair pelo primeiro coração que encontra no seu caminho, mais cheio de vida e calor: é isto uma lei natural. Aqueles, quando sentem, as paixões que irrompem de seu seio são lavas de um vulcão que deslumbram a humanidade, invadem a choça e o palácio, fulminam todas as barreiras que diante de si se levantem, atravessam o espaço e se refletem no

³⁸ Na edição original, “regelamento”.



céu. Estes, quando incendiados pela enérgica influência daqueles[,] apenas podem exalar baços lampejos de uma vida morbosa.

SOARES – Triste, desgraçada situação da criatura que, como eu, ouve cruelmente amesquinhar os sentimentos mais íntimos, mais fervorosos de sua alma! E por quê? Porque o amor não perscruta a idade do coração que invade! Entretanto, são os corações que já libaram e sofreram todos os prazeres e lutas da mocidade que podem amar com a verdade de um sentimento inabalável, porque estão retemperados pelas desilusões dos prazeres fictícios, e pelo calor dessas lutas inglórias que a juventude imprudentemente provoca.

HENRIQUETA – É que estes têm o ardor natural que lhe transmite o sangue[,] aquecido pelo sol dos primeiros dias da vida; aqueles[,] estão congelados pelo frio das muitas noites dos longos anos.

SOARES – Pobres criaturas que, alucinadas pela vaidade de moços, pensam que a neve que nos esmalta a cabeça nos chega ao coração. Incautas crianças que zombam da velhice, desprezando, muitas vezes, o afeto mais santo que lhes estende a mão[,] para salvá-las de medonhos abismos[,] que a seus pés se escondem em tapetes floridos! Que escarnecem da mais casta e sincera dedicação[,] que tenta defendê-las dos mil golpes com que a desgraça está prestes a fulminá-las! Louca juventude[,] que cospe nas faces sulcadas pela velhice, quando, talvez, a sua própria fronte acetinada, cheia de viço e beleza, amanhã estará macerada, horrenda, dilacerada pelas gangrenosas garras da miséria!

HENRIQUETA (*horrorizada*) – Cale-se, por Deus! Quem sonha com abismos? Quem fala aqui em desgraças? Quem[,] nesta casa[,] se lembra da miséria e seus horrores?!

SOARES – Pobre Henriqueta! Deixe que a trate assim, se não pelo amor que lhe tenho, ao menos pela compaixão que me inspira?

HENRIQUETA (*indignada*) – Eu! Henriqueta de Lima, inspirar-lhe compaixão?! Cuidado, senhor Soares. Veja que não é uma criança, um espírito banal, uma imbecil a quem pretende assustar. Se[,] para qualquer fim oculto[,] busca aterrar-me, mentindo, verá que se engana fatalmente para si!

SOARES – E se eu lhe provar que[,] desgraçadamente[,] o futuro que lhe espera é mais aterrador do que tudo que acabou de ouvir?

HENRIQUETA – Prove-o ou será um infame.

SOARES (*tirando um papel do bolso e mostrando*) – Vê este papel? Conhece esta firma?

HENRIQUETA – Conheço[,] sim, é a de meu pai.

SOARES – Ouça. (*Lê*). “Ficam em meu poder 32:000\$000 réis que[,] no prazo de três dias, a contar desta data, restituirei ao senhor comendador José Soares”. (*Falando*). Sabe o que é isto?

HENRIQUETA – Sei que é um título de dívida[,] que meu pai resgatará no prazo estabelecido. (*Com amargura*). E é o senhor[,] que conseguiu fazer-se



credor de meu pai, que me vem falar na miséria que me espera! Teve pressa, senhor Soares! Devia aumentar, triplicar esta dívida[,] para então assustar-me com a mendicidade!

SOARES – Peço-lhe que não injurie o melhor amigo de seu pai, o único que lutou sempre para salvá-lo do abismo em que tombou. Se me fiz credor de seu pai[,] foi para lhe retardar a miséria e também a desonra. Seu pai jogava, perdia e já não tinha com que pagar aos seus credores[,] que eram implacáveis. Vi então o desespero, a desonra daquele que era pai da criatura por quem eu daria a minha vida, se ela bastasse para fazê-la feliz. Resgatei o nome desse homem[,] que estava à mercê dos miseráveis que lhe haviam roubado o ouro, a honra, a felicidade e o futuro de sua filha.

HENRIQUETA (*tomando-lhe as mãos*) – Obrigada, obrigada, senhor Soares, por tão generosa dedicação[,] da qual o desespero e o terror[,] por um momento[,] me fizeram duvidar. Bem ouvi ontem as suas palavras, únicas que fortaleciam as minhas súplicas aos pés de meu pai desvairado!

SOARES – Era a embriaguez do vício, a sede do ouro, a alucinação do crime[,] que o desvairava!

HENRIQUETA – Do crime, diz o senhor?!

SOARES – A honra do jogador, Henriqueta, rola por sobre a mesa do jogo ao desaparecer a última moeda; e seu pai, depois de perder tudo quanto possuía, jogou a sua palavra de honra[,] que já não podia resgatar, e[,] para jogar ainda, roubou!

HENRIQUETA (*com altivez*) – Senhor! Lembre-se que trata de meu pai!

SOARES – É seu pai, Henriqueta, e não teve compaixão de seu futuro, não ouviu as suas súplicas, não se comoveu com as suas lágrimas! É seu pai e[,] com mãos sacrílegas[,] lhe roubou, profanou, jogou e perdeu os brilhantes de sua mãe!

HENRIQUETA (*em grito de agonia*) – Oh! (*Em transição dolorosa*). Tem razão, senhor Soares, sou duplicadamente desgraçada! Para mim[,] as humilhações, a vergonha e a indignação! Para meu pai, o desprezo dos homens, o peso da sua desonra e a maldição de minha mãe! (*Atirando-se de joelhos*). Oh! Minha santa mãe, não abandoneis também a vossa filha[,] a quem só resta abrigo no seio de Deus.

SOARES (*depois de sorrir-se, fingindo comoção*) – Engana-se, Henriqueta. Tem abrigo no coração de um homem[,] que jurou velar pelo seu futuro, fazê-la feliz, afugentar a desgraça que vai expô-la ao escárnio do mundo, às vergonhas e humilhações da pobreza, às agonias da fome ou ao recurso de uma morte covarde!

HENRIQUETA (*levantando-se de ímpeto*) – Basta! Quem é esse homem? Quero conhecê-lo.

SOARES – Antes de tudo[,] é preciso que eu justifique plenamente o meu procedimento[,] até hoje[,] nesta casa, e que fique bem conhecido o meu caráter. Este título de dívida[,] que espontaneamente me foi dado por seu



pai, em troca dos empréstimos que lhe fiz para salvá-lo dos dilapidadores que o perderam, representa tudo quanto hoje lhe resta da sua fortuna, Henriqueta. Aquela casa, esta quinta e seus escravos.

HENRIQUETA (*com amargura*) – Então, Andreza[,] a quem amo como minha segunda mãe, esta quinta[,] onde brinquei, aquela casa[,] onde nasci e onde morreu minha querida mãe, nada mais me pertence? Nada foi respeitado pela voragem do vício!

SOARES – Nada! Porém[,] se desta forma procedi[,] inspirado pela amizade e dedicação que votava ao pai, e pelo amor e felicidade da filha, este documento nas minhas mãos de nada serve. Aí o tem, Henriqueta. (*Oferece-lhe um papel*). Leve-o a seu pai, e[,] se quiser[,] peça-lhe que ao menos resgate os brilhantes de sua mãe.

HENRIQUETA (*comovida*) – Tem uma alma grande e generosa, senhor Soares. Não esquecerei nunca que[,] no momento em que a miséria e o opróbrio me fechavam as portas do mundo[,] o senhor me abriu o seu coração magnânimo! Guarde[,] porém[,] este papel[,] que lhe pertence. As joias de minha mãe estão profanadas, eu não as quero mais. (*Com resolução*). Nada mais desejo, nada mais preciso[,] senão conhecer esse homem que jurou amparar esta infeliz quando ela, rindo de tudo e de todos, incautamente resvalava da opulência honrada à miséria infamada! Fale, diga quem é esse homem!

(*Ouve-se dentro[,] à direita, ao piano, a orgia de Lucrecia Borgia*).

SOARES – Esse homem sou eu, Henriqueta.

HENRIQUETA – Devia já ter adivinhado; não se encontra dois corações como o seu[,] neste imundo chafurdar em que vivem os homens da atualidade. Jurou salvar-me do medonho abismo em que meu pai me arrojou, e bem vejo de quanto é capaz uma alma como a sua. Porém[,] lembre-se que a sua proteção seria, para o mundo, um raio fulminador contra a minha honra!

SOARES – A sua honra!... E a pobreza? Não se iluda, Henriqueta. A honra na pobreza é uma quimera, o vício na opulência é uma virtude. Eu sou rico e quis possuí-la pobre e honrada como é, porém[,] seu pai recusou-me a sua mão, reservando-a, talvez, para com ela pagar uma noite de jogo infeliz, ao barão de S. Cosme.

HENRIQUETA (*em crescente indignação*) – Oh! É muito! É demais para o coração de uma filha! Atrofia-se a mocidade de uma mulher, com o desprezo e o abandono estraga-se a sensibilidade de sua alma cândida, mata-se o seu futuro, troca-se todo o amor que se lhe deve pelo criminoso delírio do vício; tudo isto é nada. Pode-se exigir de uma mulher o sacrifício da vida e ela obedecerá, porém[,] o sacrifício do coração, não! Nunca!

SOARES – E a indigência que amanhã fará da feliz, bela, rica e altiva Henriqueta, a humilde peregrina[,] mendigando uma esmola àqueles que ontem lhe invejavam a beleza e o ouro[,] e que[,] por esmola[,] lhe pediam um sorriso?



HENRIQUETA (*horrorizada*) – Oh! Por piedade, senhor Soares, diga que tudo isto é um sonho, embora o despertar seja a morte!

SOARES – É[,] porventura[,] Henriqueta de Lima a covarde que pensa em morrer quando tem diante de si uma vida imensa, bela, risonha e feliz?

HENRIQUETA (*em desprezo*) – É que já não posso lutar, o mundo já me amedronta! Sinto-me só, em tenebroso caos[,] cercada de horrendos fantasmas a me gargalharem nos ouvidos os mais pungentes insultos! Chamo por minha mãe[,] para nos seus braços zombar de todas as desgraças, e o silêncio de uma campa mais aterroriza o meu espírito! Quero fugir e não sei para onde!

SOARES – Fuja para o seio onde se alberga um coração que lhe idolatra. Espanque as trevas desse caos que a horroriza e busque um mundo cheio de luz, de prazeres e venturas que embriagam. Zombe desses fantasmas que a insultam, que são a pobreza, a miséria, o escárnio dos ricos, a compaixão dos pobres, e desprezo de todos! É a desonra de seu pai, a vergonha do seu nome!

HENRIQUETA (*o mesmo*) – Cale-se, olhe que me enlouquece!

SOARES – Enlouquecerá, Henriqueta, quando trocar estas sedas que traja pelo vestido andrajoso da mendiga; o seu perfumado leito, as alcatifas, cristais, esplendores e riquezas desta casa pela dura e nauseabunda enxerga[,] no solitário, escuro e imundo albergue. Quando as sarjetas das ruas se tingirem de sangue[,] gotejado³⁹ de seus pés desnudados. Quando[,] enfim, lhe oferecerem um pão em troca de um beijo!

HENRIQUETA (*cheia de horror[,] conchegando-se a Soares*) – Não, não, senhor Soares! Por misericórdia[,] me salve! Só a ideia desses horrores[,] me congela o sangue e desvaira a razão! Não abandone esta infeliz[,] que não tem amparo nem socorro!

SOARES (*chegando-a bem a si*) – Sossegue, Henriqueta; entregue-se à minha honra, confie-se ao meu amor e eu lhe juro que será tão feliz, que esse mundo, que amanhã lhe cuspiria nas faces, se curvará a seus pés, humilhado, pela sua soberania e deslumbrado pela sua beleza, seu ouro e ostentação. Mas, é preciso fugir, fugir já desta casa, onde a fatalidade entrou e donde[,] em poucas horas[,] sairá arrastando tudo e todos que nela encontrar.

HENRIQUETA – Meu Deus! Fugir da casa de meu pai! Ah! Minha mãe, minha mãe, por que me deixaste?!

SOARES (*afastando-se*) – Pois bem, Henriqueta; fique e resigne-se à desgraçada sorte que a espera. Pode escapar à indignância[,] se a esta hora já estiver, por seu pai, vendida ao barão de S. Cosme.

HENRIQUETA (*desvairada*) – Não, não quero ficar; salve-me, tire-me daqui, porém, ao menos me diga para onde me leva.

SOARES – Ali está um bote, e[,] nele[,] em poucos momentos estaremos no Hotel Jordão. Ali estará em seguro repouso[,] algumas horas, e amanhã

³⁹ Na edição original, “cotejado”.



iremos para onde quiser. Será rica[,] porque a minha fortuna é imensa e toda lhe pertence. Tinha sede de conhecer o mundo e conhecerá o mundo inteiro se desejar. Admira a natureza e ela se patenteará aos seus olhos[,] no seu maior vigor, no seu mais fascinante esplendor. Partiremos por onde escolher ou o acaso nos levar; a terra e o mar nos pertencem e nós pertencemos ao amor e à ventura! Seremos livres[,] como o condor nos pináculos das serras e como o albatroz nos céus do oceano.

HENRIQUETA (*com entusiasmo*) – Sim, sim! Preciso de vida que me encha o coração, preciso de ar para sorver às golfadas, quero espaço para minha alma expandir-se.

SOARES (*com exaltação*) – Vem, Henriqueta, partiremos amanhã. Vamos à Itália, o grande berço das paixões! Iremos a Veneza, e ao luar das esplêndidas noites italianas, percorreremos os 147 filetes de água, donde surge aquela linda sereia adormecida[,] ao canto dos gondoleiros! Passaremos a Nápoles e visitaremos Pompéia, vítima de um capricho raivoso da natureza! Subiremos ao Vesúvio e sentiremos debaixo dos teus pés as convulsões daquele gigante[,] em cujo seio se agita um dos mais formidáveis vulcões. Passaremos à França, à Bélgica, iremos a Waterloo[,] onde contarás por monumentos as glórias que ali morreram! Depois remontaremos aos Alpes, e[,] do cimo do Monte Branco, orgulhosa[,] verás à 4.810 metros, formigar[,] a teus pés[,] a humanidade inteira. Voaremos à Sicília e[,] ali[,] queimarás as fímbrias do teu vestido[,] nas lavas do Etna! Afrontaremos o sol africano e[,] entre o Nilo e o Mar Vermelho[,] atravessaremos o Saara.

HENRIQUETA (*em delirante entusiasmo*) – Vamos, vamos, que já me tarda a liberdade e a vida. Assim o quiseste, meu pai! Deus assim o quis[,] roubando-me minha mãe[,] em cujo regaço eu poderia atravessar o mundo[,] sem ferir os pés nas suas urzes⁴⁰! Vamos, vamos, que o meu espírito arde de impaciência, a minha imaginação quer voar em busca desse mundo! Ouve? É a *Orgia de Lucrecia*! É a vida do rir e folgar! É a matéria no gozo da vida e o espírito no gozo da liberdade! (*Cessa o piano*).

SOARES – Vem! Fugamos[,] que o prazer, a riqueza, o mundo e o desconhecido te esperam[,] com toda sua esplendorosa magia e encantos!

HENRIQUETA – Partiste a última corda do meu coração, meu pai; vou deixar de ser tua filha[,] para ser algum dia...

SOARES (*continuando*) – Minha esposa, eu te juro.

HENRIQUETA – Vamos! (*Dirige-se precipitadamente para a esquerda e para[,] ouvindo[,] da direita[,] a voz de Otávio[,] cantando ao piano. Durante o canto[,] Henriqueta[,] que principia a entristecer[,] acaba em desesperado e convulso pranto, tendo-se aproximado da direita[,] como que atraída pelo canto*).

⁴⁰ Arbustos silvestres, de flores coloridas.



OTÁVIO (*dentro*) –

Dorme[,] filhinha[,] ao bafejar dos anjos,
Dorme sorrindo, ao despertar não chores.
Só dos meus beijos, do amor de esposo[,]
Não estremeças, de pudor não cores.

Se um dia a morte tua mãe roubar-te,
A virgem santa tua mãe será.
Só crê em Deus, na virtude austera,
Só almejes glórias que a honra dá!

Cena VII

[OS MESMOS e ANTUNES.]

ANTUNES (*entra pela esquerda e aproxima-se de Soares, sem ser visto por Henriqueta. À meia-voz*) – E então?

SOARES (*o mesmo*) – Venci!

OTÁVIO (*dentro*) –

Coragem, filha! Se na luta insana
Faltar-te a força e sumir-te a luz,
Qual Madalena entre o povo ingrato,
Abre caminho e te abraça à cruz!

SOARES (*a Henriqueta[,] que[,] encostada a uma árvore[,] soluça em desespero*) – Por Deus, Henriqueta, enxugue este pranto e fuja, enquanto é tempo.

HENRIQUETA – Cale-se! Não profane os meus ouvidos[,] que ainda ouvem aquele canto[,] que me falou ao coração como a alma de minha mãe! Era esta a canção que ela entoava quando me fazia adormecer em seus braços! Fuja, fuja o senhor que é Satanás, e arrastava-me para o inferno. Fuja, que está entre nós a imagem de minha mãe.

SOARES – Henriqueta, lembre-se das mil venturas que a esperam e ria-se dessas ridículas impressões.

HENRIQUETA – Silêncio, homem maldito. Manda que me ria das impressões que me vêm do céu, que escarneça da voz de minha mãe, que se fez ouvir pelos lábios de Otávio, para salvar sua filha! (*Desce*). Otávio tinha razão. A poesia das lágrimas é a única inspirada por Deus. Só no divino poema da religião e amor encontramos lenitivo às nossas dores! (*Ajoelhando-se*). Perdão, Otávio, a quem hei de amar com toda santidade de minha alma virgem! Perdão, meu pai, perdão, minha querida mãe[,] para os desvarios de vossa filha. (*Soluça*).

ANTUNES (*ao fundo[,] à meia-voz*) – Perdeste.

SOARES – Mas hei de vingar-me.

FIM DO QUARTO ATO.



ATO V

A mesma sala dos primeiros atos.

Cena I

[DOUTOR AGRIPINO, SOARES e PAULO.]

(Doutor Agripino[,] sentado junto à secretária[,] tomando café, e Soares[,] fazendo o mesmo, sentado no divã. Paulo[,] de pé[,] em respeitosa distância).

DR. AGRIPINO – Que novidade foi esta de me trazeres tu[,] hoje[,] o café, e não Andreza, como sempre, Paulo? Estará ela doente?

PAULO – Antes fosse isto, senhor doutor.

DR. AGRIPINO (voltando-se) – Então[,] o que é?

PAULO – Andreza está com sinhazinha, que[,] desde ontem[,] não quer que ela a deixe só, um instante.

DR. AGRIPINO – Mas, o que tem D. Henriqueta?

PAULO – Não sei, senhor doutor. Sinhazinha está sossegada e calma[,] como nunca a vi um minuto, porém[,] está tão triste e com o rosto tão desfigurado que corta o coração vê-la assim.

DR. AGRIPINO (depois de refletir, levantando-se) – Sabes, Paulo? Há três dias que existe um mistério na vida de D. Henriqueta. Alguém ou alguma coisa há que atormenta aquele coração inocente.

PAULO – Eu também conheço isto, senhor doutor, e daria a minha vida para saber e remediar o mal que atormenta minha sinhá moça.

DR. AGRIPINO – Queres-lhe⁴¹ muito, Paulo?

PAULO – Como devo querer à neta do meu velho senhor Anselmo de Lima, que, desde pequenino até morrer[,] foi sempre amigo e bom para o seu escravo Paulo. O bem com o bem se paga. Se eu soubesse que alguém, fosse quem fosse, fazia sinhazinha derramar uma lágrima...

SOARES (com altivez) – O que farias?!

PAULO (com firmeza) – Matava.

SOARES (levantando-se colérico) – Atrevido!!

DR. AGRIPINO (com soberania) – És um homem de bem, Paulo; e[,] por tua sinhá moça[,] te agradeço esta dedicação[,] que muito te honra.

SOARES (repreensivamente) – Doutor!... (Doutor Agripino olha-o com desprezo). Retira-te, negro.

DR. AGRIPINO – Vai, Paulo. (Paulo toma as xícaras em uma salva e sai. A Soares). E dizem os senhores que o negro escravo não tem sentimentos nem coração; o branco[,] que se faz senhor[,] é que não os tem!

LIMA (entrando) – O seu doente procura-o, doutor.

DR. AGRIPINO – Vou vê-lo. (Sai).

⁴¹ Na edição original, “Lhe queres...”.



Cena II

LIMA e SOARES.

SOARES (*sentando-se*) – O que tens resolvido?

LIMA – O que pode resolver um homem que se confessa totalmente perdido?

SOARES – Ou completamente pobre[,] que é a mesma coisa. Bem vêes, portanto, que só um amigo como eu aceitaria estas migalhas que te restam[,] para indenização de 32:000\$000 réis.

LIMA – Mas tu chamas de migalhas esta casa, a minha quinta e cinco escravos?

SOARES – Casa e quinta que não valem mais de 25:000\$000 e os teus escravos[,] de 40 a 60 anos de idade, que, mesmo moços, nada valeriam hoje.

LIMA – Estranho-te hoje, Soares. Não abuses da desgraçada situação em que me acho e para a qual poderosamente concorreste.

SOARES (*sorrindo-se*) – Tanto não abuso[,] que estou disposto a aceitar os restos do teu naufrágio, como indenização dos 32:000\$000 réis[,] que me devias restituir em boa moeda, como te comprometeste no documento que tenho em meu poder.

LIMA – Bem, Soares. Reconheço que tenho de sujeitar-me às circunstâncias, e[,] por isso, ontem à noite escrevi ao tabelião Nabuco[,] para trazer-me hoje as escrituras de venda destes meus bens; ele não pode tardar e só teremos de assinar esses papéis[,] que me deixam no mundo só com a desgraça e minha filha.

SOARES – E ainda posso dar-te parabéns por te livrares de Andreza[,] que é coisa má e imprestável, e de Paulo[,] que é um negro insolente e de maus instintos.

LIMA – E qual deixa de o ser[,] nessa raça infame? Andreza foi colaça de minha mãe, e meu pai teve o bom senso de vendê-la[,] porque essa intimidade de criação com escravos é sempre pernicioso; porém, como Paulo o carregou ao colo, teve a fraqueza de tratá-lo sempre com uma certa e inconveniente distinção de amizade.

SOARES (*irônico*) – Admira-me como não lhe deu a liberdade.

LIMA – Não o fez porque eu lhe pedi para ceder-me este prazer que eu desejava ter no dia do meu casamento, visto ele haver também acompanhado a minha infância.

SOARES (*rindo-se*) – Boa pilhéria. Por que não o fizeste?

LIMA – Porque[,] então[,] meu pai já era morto, e eu entendi ser um crime fazer-se livre um vadio de 42 anos de idade, forte e cheio de vida.

SOARES – E procedeste com acerto, como hoje procedes[,] livrando-te dele e de Andreza, que também é uma escrava perigosa[,] pela loucura que praticaram dando-lhe uma educação superior à sua condição. Demais[,] são dois diabos velhos[,] com os pés na sepultura, mas que ainda representam duas



parcelas para o total do pagamento da tua dívida. E ainda dizes que abuso da tua posição!

LIMA – Não tive a menor intenção de censurar-te nem de ofender-te, e[,] enquanto a mim[,] estou resignado. O que profundamente inquieta-me é a sorte de Henriqueta, e[,] por isso[,] tive a franqueza ou fragilidade de, como pai e como teu amigo, oferecer-te a sua mão[,] que recusaste. (*Henriqueta vem entrando com Andreza e ouve as últimas palavras de Lima*).

Cena III

LIMA, SOARES, HENRIQUETA e ANDREZA.

HENRIQUETA (*descendo precipitadamente*) – Repita o que acaba de dizer, meu pai!

SOARES (*levantando-se[,] contrariado*) – Nós conversávamos...

HENRIQUETA – Cala-se, senhor! Fale, meu pai, diga se é verdade que ofereceu minha mão de esposa a este homem!

LIMA – Um pai tem obrigação de cuidar no futuro de sua filha, por isto assim procedi.

HENRIQUETA (*no auge da indignação*) – Então este homem é um infame, um miserável que meu pai[,] por amor aos restos de sua dignidade e pela honra de sua filha[,] deve expulsar desta casa.

SOARES – Onde hoje tenho o direito de ser respeitado.

HENRIQUETA – Por que ela e tudo que nela existe lhe pertence, não é assim?

LIMA (*afrito e surpreso*) – Como sabes disso, Henriqueta?

HENRIQUETA – Sei de tudo, como[,] infelizmente[,] sei que este homem de tudo faz armas contra as vítimas incautas[,] que o criminoso descuido de outros deixa ao seu alcance.

LIMA (*irritado*) – Mas, por Deus, expliquem o que há. Fala, Soares, fala, Henriqueta!

SOARES – Não dê tanto valor às criancices de tua filha.

HENRIQUETA (*indignada*) – Eis o requinte do ousado cinismo! Considerou-me uma criança e contou com a minha inexperiência; ateou todos os ressentimentos reconcentrados em minha alma, prevaleceu-se do abandono e descuido de meu pai, do exaltamento da minha imaginação, do ardor do meu coração, do hábito da riqueza em que tenho vivido e do terror da miséria[,] cercada do seu mais horroroso cortejo, para me desvairar a razão e levar-me a crer nas infâmias que me dizia.

SOARES – Lima, tua filha desvaira.

HENRIQUETA – Não desvairo, bem o sabe. Ouça ainda, pois tudo lhe perdoaria se o senhor não tivesse caluniado tão vil e infamemente os sentimentos daquele que me deu o ser. Serviu-se de um momento de alucinação de meu pai[,] para torná-lo hediondo aos olhos de sua filha; me fez acreditar que ele lhe havia recusado minha mão de esposa[,] para um dia jogá-la ou a minha



honra sobre a mesa do jogo! Arrastou-me até a borda do abismo; porém, se na terra faltava-me a proteção de meu pai, no céu velava minha mãe por sua filha. (*Em transição*). Oh, como eu tenho horror ao que me fez pensar este homem! Graças, minha santa mãe! Graças, Otávio[,] que me salvaram! (*Soluçando[,] senta-se junto à secretária*).

LIMA (*com frieza austera*) – Compreendo tudo, senhor Soares. Não lhe bastaram a minha honra e o meu ouro, queria também a desonra e a degradação da minha filha! Felizmente[,] as nossas relações[,] dentro de uma hora[,] estarão terminadas.

SOARES (*com enérgica altivez*) – Logo que pagar-me o que me deve[,] estarão tacitamente concluídas.

PAULO (*entrando*) – Lá no chalé está um homem[,] que diz ser esperado por meu senhor. Pede para vosmecê ir até lá[,] enquanto ele descansa um pouquinho.

LIMA (*a Soares*) – É o tabelião; quer vir comigo?

SOARES – Vamos. É preciso realizar[,] o mais breve possível[,] o meu pagamento, pois tenho mais afazeres. (*Saem[,] acompanhados por Paulo*).

Cena IV

ANDREZA, HENRIQUETA e depois DOUTOR AGRIPINO.

ANDREZA – Vamos, sinhazinha, acabou-se tudo. Não me disse que o seu coração estava calmo e tranquilo como nunca?

HENRIQUETA (*enxugando os olhos e com serenidade*) – E disse a verdade. Hoje[,] não conheço a Henriqueta de ontem. Meu espírito vivia revoltado como as nuvens que rolam no espaço[,] impelidas por desencontrados vendavais. Hoje[,] sinto a minha alma adormecida pelo bafejar de minha mãe; meu coração dócil, calmo e tranquilo[,] só vive para Otávio.

ANDREZA – Eu bem sabia que o anjo de outrora havia de voltar.

HENRIQUETA – Voltou quando conheceu que o fogo da imaginação lhe queimava as asas e ele tombaria no inferno. (*Levantando-se*). Vamos ver o Otávio.

DR. AGRIPINO (*entrando*) – Bom dia, D. Henriqueta.

HENRIQUETA – Bom dia, doutor. Já viu[,] hoje[,] o seu doente?

DOUTOR AGRIPINO – Já, mas se deseja vê-lo...

ANDREZA (*sorrindo-se*) – E deseja muito, senhor doutor.

DOUTOR AGRIPINO (*sorrindo-se*) – Sei.

HENRIQUETA – Sabe?! Sabe o quê, doutor?

DOUTOR AGRIPINO (*com seriedade*) – Sei tudo, D. Henriqueta. A violência da cena que[,] há pouco[,] se deu nesta sala[,] não podia passar despercebida naquele quarto onde[,] felizmente[,] eu estava só.

HENRIQUETA (*perturbada*) – Então, sem que eu tivesse este propósito, ficou conhecendo de quanto é capaz aquele ente desprezível.



DOUTOR AGRIPINO (*acentuadamente*) – O senhor comendador é bem conhecido por todos nesta casa. (*Movimento rápido em Andreza*). Vou pedir-lhe um favor, D. Henriqueta.

HENRIQUETA – Disponha de mim, doutor.

DOUTOR AGRIPINO – Jure-me[,] pelo amor que há pouco disse ter a Otávio, que nunca lhe dirá uma só palavra do que se passou entre a senhora e esse homem.

HENRIQUETA (*surpresa*) – Por quê, doutor?

DOUTOR AGRIPINO – Garanto-lhe que disto depende a felicidade futura de Otávio.

HENRIQUETA – Bem, doutor. Tenho tanta confiança no seu bom senso e no seu caráter que[,] sem hesitar[,] juro o que me pede.

DOUTOR AGRIPINO (*sorrindo-se*) – E verá que nem sempre sou um estouvado. (*Oferece-lhe o braço*).

HENRIQUETA (*aceitando-o*) – Creio que nunca o foi. (*Saem todos*).

Cena V

LIMA, TABELIÃO NABUCO, SOARES, que senta-se no divã, fumando, e PAULO[,] que traz um grande livro[,] o coloca sobre a secretária.

NABUCO (*entrando*) – Confesso-lhe, meu amigo, que a sua carta foi um raio que me caiu aos pés. O senhor[,] que já possuía uma regular fortuna[,] que lhe veio de seus pais, quando herdou de sua irmã 120:000\$000 réis, há deztoito meses, e hoje ter de vender esta casa, a sua quinta[,] que é um primor, os seus escravos[,] que já eram bons escravos de seu pai[,] quando o senhor nasceu, logo presentiti a triste verdade que acaba de confessar-me. Maldito jogo.

Cena VI

OS MESMOS, DOUTOR AGRIPINO e OTÁVIO, de braço com HENRIQUETA[,] que se dirigem para a porta do fundo, acompanhados de ANDREZA.

HENRIQUETA (*a Otávio*) – Como conseguiste vir até aqui?

OTÁVIO (*sorrindo-se*) – Atraído por ti[,] que estavas cá.

HENRIQUETA – Lisonjeiro...

LIMA – Onde vais, minha filha?

HENRIQUETA (*parando-se*) – Não queríamos perturbá-los; levávamos Otávio a um passeio higiênico.

LIMA – Peço-lhes que fiquem. A ti[,] mais do que a ninguém[,] interessa o assunto de que vamos tratar. É preciso que saibas o que fiz da tua felicidade, o que é feito do teu futuro. Otávio, minha irmã te confiou aos meus cuidados e à minha fortuna, era esta casa o único abrigo que tinhas na tua triste vida de – cego, e eu o único amparo que te restava. Ouça-me[,] também, doutor, pois o considero, ao menos pela amizade, um membro desta família. Eu era



rico e mais rico fiquei com a herança de minha irmã Ricardina. Porém, o delírio do jogo apossou-se de mim e[,] em pouco tempo[,] reduziu-me à pobreza. De hoje em diante, minha filha, terei de ganhar o pão de cada dia[,] para não pedir uma esmola.

HENRIQUETA – Tenha eu o seu amor, meu pai, que nada me faltará para ser feliz.

LIMA – E tu, Otávio, agora que esperança alguma te resta de recobres a vista, mais triste e doloroso vai ser o teu viver junto a mim. Se queres, busca outro abrigo, outro amparo[,] que possa dulcificar o teu futuro de trevas.

OTÁVIO – Não, meu padrinho. Se tem comisseração de mim, seja qual for a minha sorte, deixe-me junto de si, de Henriqueta e Andreza[,] que são as minhas afeições de família, no mundo. Agripino continuará a ser nosso amigo, porque ele bem sabe que é o sol que ilumina os meus olhos.

LIMA – Doutor[,] amanhã estaremos recolhidos a qualquer albergue, cujas portas lhe estarão abertas[,] se nele quiser entrar; esta propriedade e tudo que ainda possuo pertence a este homem[,] a quem tenho ansiedade de pagar o que lhe devo.

DOUTOR AGRIPINO – Entraria amanhã e sempre no albergue[,] se lá tivesse de encontrar estas pessoas que me são caras, tenho[,] porém[,] certeza que será nesta casa onde as encontrarei amanhã, como hoje e como sempre.

SOARES (*irônico*) – Sim, doutor? (*A Lima[,] com aspereza*). As escrituras? É tempo de concluirmos com isto.

NABUCO – Estão escritas. (*Abre e folheia o livro*).

OTÁVIO (*em meia-voz[,] a Agripino*) – Que esperança te resta?

DOUTOR AGRIPINO (*o mesmo*) – Todas, se tiveres coragem.

NABUCO (*lendo*) – “Escritura pela qual Pedro de Lima vende[,] ao comendador José Soares, a sua casa com todos os móveis, quinta e suas dependências, situadas no Andaraí, uma mulata e quatro pretos escravos[,] que possui”⁴²

OTÁVIO (*dolorosamente*) – Ouves, Henriqueta? Andreza é vendida.

NABUCO (*continuando a ler*) – “Aos treze dias...”⁴³

HENRIQUETA – Não leia mais, senhor Nabuco. Venda tudo, meu pai, porém, por compaixão de mim[,] não venda Andreza[,] que é a mãe que eu tenho.

DOUTOR AGRIPINO – D. Henriqueta tem razão e Otávio também, senhor Lima. Não venda Andreza, que é o anjo bom desta casa, a vida destes dois entes.

SOARES – Senhor doutor, não se trata de considerações e[,] sim[,] de pagar-se o que se me deve, e eu não prescindo de coisa alguma[,] para indenização da minha dívida. (*Andreza soluça e Paulo leva-a para junto da grade*).

⁴² Na edição original, sem as aspas.

⁴³ Idem.



LIMA (*apontando para Henriqueta e doutor*) – Ali falam os corações, em mim fala o direito de senhor. Andreza será vendida.

SOARES – E há de ser minha escrava.

NABUCO (*a Lima*) – Meu amigo, enquanto os senhores discutem questão de família, se me permite, irei ver o seu jardim.

LIMA – Proceda como desejar. (*Nabuco sai*).

Cena VII

OS MESMOS, menos NABUCO.

DOUTOR AGRIPINO – Senhor Soares, em nome da sua dignidade, se a possui, em nome dos sentimentos de humanidade, consulte a sua consciência, o seu coração[,] e declare que não pode ser senhor dessa mulher.

SOARES (*dá uma gargalhada*) – Ah, ah, ah.

HENRIQUETA – Não ria, homem maldito! Não sei porque não pode ser senhor de Andreza, porém[,] sei que ela só pode ser escrava do Altíssimo.

OTÁVIO – Meu padrinho; pela alma de minha benfeitora; senhor Soares, por sua mãe[,] se a tem, ou pela sua memória, tenha pena de mim, não me roube aquela que me serve de mãe.

LIMA (*contrariado*) – Calem-se, por Deus! Maldita escrava!

SOARES – Bonita comédia para rir, senhor Lima!

DOUTOR AGRIPINO – Pois ria, homem sem alma! Se essa consciência e coração estão mortos para os seus próprios sentimentos[,] como para os sentimentos alheios, ao menos essa cínica altivez, essa crueldade de escravocrata[,] hão de vergar-se, humilhar-se perante todos, diante de uma escrava.

LIMA – Senhor doutor, lembre-se que se dirige ao homem de quem já fui amigo, que se refere a minha escrava e que está em minha casa.

SOARES – Onde preciso e quero ser respeitado.

DOUTOR AGRIPINO – Em sua casa, senhor Lima, está também este homem[,] que nunca nela devera ter entrado. Ainda pode evitar um escândalo[,] que lhe magoará também: declare que Andreza não será vendida e[,] sim[,] liberta agora mesmo!

SOARES – Isto é engraçado, senão ridículo, senhor Lima.

LIMA (*indignado*) – Escrava! (*Andreza entra e obedece*). De joelhos e reconhece neste homem o teu senhor!

DOUTOR AGRIPINO – Senhor comendador Soares, reconheça nesta escrava[,] que tem a seus pés[,] a mulher que há vinte anos teve em seus braços, a mãe de seu filho! (*Espanto de todos, e Soares recua voltando o rosto*).

ANDREZA – Ah, senhor doutor! (*A Soares*). Juro que não revelei este segredo. Serei sua escrava, suportarei todos os suplícios que me queira dar, porém[,] agora que todos sabem a verdade[,] não me responda com o silêncio de sempre, me diga o que fez de meu filho.



SOARES (*colérico*) – Também ousas repetir a mesma insolência?! Minha escrava há de ser porque eu quero, e o suplício será certo.

ANDREZA (*com angústia*) – O que foi fazer, senhor doutor?!

DOUTOR AGRIPINO – Otávio, se tua mãe fosse uma escrava?

OTÁVIO (*com exaltação*) – Era minha mãe, e não a trocaria pela mulher mais nobre! Porém[,] desgraçadamente não tenho mãe!

DOUTOR AGRIPINO – Andreza, queres ver o teu filho? Olha! (*Apona para Otávio*).

ANDREZA (*levanta-se de ímpeto e com surpresa*) – Ah!! (*Vai correr para Otávio e para*). Por compaixão, senhor doutor, não me engane! Quem lhe disse que o meu filho é o sinhozinho Otávio?!

OTÁVIO (*com surpresa e alvoroço*) – Eu, filho de Andreza?! (*Segurando no braço do doutor*). Fala, diz, jura, Agripino, que isto não é um ludíbrio da minha imaginação!

DOUTOR AGRIPINO – O teu coração e o de Andreza que respondam.

ANDREZA (*fervorosamente*) – É verdade, sim, que meu coração o diz, e o coração de mãe não se engana! É este, sim, o filho querido de minha alma. (*Corre para ele*).

OTÁVIO (*num grito de alegria*) – Minha mãe! (*Abraçam-se*). Bem me o dizia o santo amor que me inspiravas!

ANDREZA – Meu...

OTÁVIO – Seu filho: diga, diga, pelo amor de Deus!

ANDREZA – Meu querido filho.

HENRIQUETA – Como te invejo, Otávio, por teres mãe.

LIMA (*com desprezo*) – Escrava.

OTÁVIO (*soltando-se dos braços de Andreza e com altivez*) – A escrava mãe é rainha no coração de seu filho.

SOARES – Vamos, senhor Lima, é preciso terminar com estas cenas de ridículo melodrama.

LIMA – A escrava lhe pertence[,] como tudo o que consta da escritura que vou assinar. (*Dirige-se à secretária. Paulo sai pela direita*).

DOUTOR AGRIPINO – Senhor Lima, em nome da lei lhe declaro que não pode vender os únicos bens que possui, porque não lhe pertencem.

LIMA – Está louco, senhor doutor!

SOARES – Protesto[,] porque em tal caso estou roubado.

DOUTOR AGRIPINO (*tirando do bolso uma carta*) – Otávio, bem fizestes confiando-me os papéis que te havia deixado tua madrinha. Ouçam, já que o senhor Lima e o senhor Soares assim o querem. É uma carta escrita por sua irmã, senhor Lima, dias antes de morrer. (*Lê*). “Meu querido Otávio. Tenho-te mentido até hoje[,] temendo fazer-te mais infeliz[,] quando soubesses que tua mãe é uma escrava, e teu pai um homem refratário a todos os sentimentos nobres. No dia 24 de maio de 1864[,] nasceste nos braços de uma mulher de má vida, chamada Malvina, que vivia aos serviços secretos de teu pai,



senhor de tua infeliz mãe[,] que é mulata e hoje escrava de meu irmão. Oito dias depois do teu nascimento[,] tua mãe era vendida, tu eras dado a essa Malvina, funestamente ameaçada[,] se revelasse à tua mãe o segredo do teu destino; e teu pai[,] rico e feliz, embarcara para Portugal”.⁴⁴

LIMA – Isso nada tem que ver com os meus bens; não nos roube tempo, doutor.

DOUTOR AGRIPINO – Bem sabe que tem, ouça. “Um ano mais tarde[,] vindo essa mulher à minha casa, como sempre, pedir uma esmola, contou-me a história dessa criança[,] que não podia vender como escrava, e que lançaria à qualquer porta[,] se eu não a quisesse. Aceitei-a contente, e tu me foste entregue[,] para eu amar-te como serias amado por tua pobre mãe, e também por teu pai[,] se ele não fosse o comendador José Soares”.⁴⁵

SOARES – Senhor Lima, o tempo urge e eu quero ser pago.

ANDREZA – Senhor doutor, por caridade[,] não fale mais nisto.

LIMA – Sou obrigado a lembrar-lhe, doutor, que ainda estou em minha casa, senhor dos meus bens e que posso proceder como me convier.

DOUTOR AGRIPINO – Como lhe for permitido, senhor Lima. As últimas linhas desta carta lhe dizem respeito e há de ouvi-las. (Lê). “Sei que morro, meu caro Otávio, e[,] para garantir o futuro[,] lego-te a minha terça, que representa 40:000\$000 réis, da qual é depositário o meu irmão[,] teu padrinho Pedro de Lima, a quem deixo o resto da minha fortuna, sob condição de amparar-te como filho e envidar todos os esforços imagináveis para restituir-te a vista. Sejas feliz, meu querido Otávio, e ora a Deus por tua madrinha. Ricardina de Lima”.⁴⁶

LIMA – Isto é falso, senhor.

SOARES – Verdade ou mentira[,] aquilo nada vale.

DOUTOR AGRIPINO (*tirando outro papel*) – Porém[,] vale este testamento em forma, legalmente aberto e sancionado pelo juiz competente.

LIMA (*com surpresa desagradável*) – Um testamento! (*Com rancor*). Ah, minha irmã, minha irmã!... (*Com audácia*). Bem, senhor doutor, constituiu-se mentor do senhor meu afilhado, seu gracioso procurador, porém, a minha autoridade ainda não cessou. Otávio está cego, e[,] enquanto assim estiver[,] serei eu o autorizado administrador da sua herança; e só a ele, se um dia cobrar a vista, terei de prestar contas.

DOUTOR AGRIPINO – Tens coragem, Otávio? Não será amanhã, será hoje, já!

OTÁVIO – Não, Agripino, tenho medo.

DOUTOR AGRIPINO – Trata-se da tua fortuna, de teu futuro, Otávio.

⁴⁴ Na edição original, sem as aspas.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem.



OTÁVIO – E de que me serviria a riqueza[,] se uma imprudência me perdesse? (*Surpresa em todos, menos em Andreza que[,] ao fundo[,] se tem ajoelhado e ora em silêncio*).

DOUTOR AGRIPINO – Otávio, queres ver teu amigo de infância, queres ver Henriqueta, queres ver, de joelhos suplicando a Deus por ti, tua infeliz mãe?

OTÁVIO (*com resolução e alegria*) – Sim, sim, Agripino, quero ver minha mãe! (*Arranca dos olhos o aparelho*).

LIMA (*surpreso e severo*) – O que é isto, doutor?

OTÁVIO (*tirando a mão[,] com que tem tapado os olhos ao cair o aparelho*) – É a luz, é a vida! (*Correndo à boca da cena*). Eu vejo, Agripino! Já posso ver o céu! Já posso ver minha mãe!

ANDREZA – Graças, Mãe Santíssima! (*Levantando-se e descendo*). Graças, senhor doutor!

OTÁVIO (*correndo para ela e atirando-se-lhe nos braços*) – Como ainda és linda, minha mãe querida!

HENRIQUETA – Doutor, devo-lhe toda a gratidão de minha alma, toda a felicidade de minha vida futura.

ANDREZA – Só da mão do Criador pode ter a recompensa de tantos benefícios que fez a esta pobre escrava e mãe, senhor doutor.

LIMA (*colérico*) – Tenho tolerado demais; retira-te, mulata, ainda és minha escrava e aqui não é o teu lugar.

OTÁVIO – O lugar de uma mãe é no coração de seu filho, de onde só Deus a pode arrancar. Vá, minha mãe. (*Andreza retira-se para o fundo*).

LIMA – Foi o doutor que restituiu a vista a Otávio?

DOUTOR AGRIPINO – Foi Deus, a ciência e eu.

LIMA – Porém, deve se lembrar que o Dr. Belfort, como autoridade na ciência, e eu[,] como tutor de Otávio, lhe proibimos que...

DOUTOR AGRIPINO – Silêncio, senhor! Eu sou médico e, na minha sagrada missão, só da ciência aceito ditames e de Deus respeito decretos. O Dr. Belfort é mestre, porque é estrangeiro[,] e eu sou discípulo[,] porque sou brasileiro. Ridícula mania! O mestre condenou Otávio à eterna cegueira, o discípulo restitui-lhe a vista. Se cometi o crime de lesa prestígio, estou contente por ser criminoso.

SOARES – Toda a discussão é inútil, senhor Lima, em relação ao que me deve. O prazo deste documento terminou ontem e eu exijo o seu pagamento. Pague-me e[,] depois[,] restitua como puder a herança do seu afilhado.

LIMA (*com desespero*) – Que situação infernal! Não vê, senhor, que a existência daquele testamento priva-me de poder dispor dos únicos bens que possuo? Não sabe que essa herança que me foi confiada é um depósito sagrado que tenho de restituir, ou[,] entre as paredes de um cárcere[,] expiar o vergonhoso crime do estelionatário?!

HENRIQUETA – Meu Deus, tende compaixão de meu pai!



OTÁVIO – Dá-me este papel, Agripino. (*Toma o testamento*). Não, meu padrinho; o pai de Henriqueta, o irmão de minha benfeitora, não será desonrado por aquele para quem ela foi a divindade na terra. Fui ricamente dotado por minha madrinha; tive a sua caridade, o seu amor maternal e herdei as riquezas inesgotáveis do seu coração. Nada me deve, senhor Pedro de Lima. (*Rasga o testamento*).

ANDREZA (*do fundo*) – Deus te abençoe, meu filho!

HENRIQUETA – Meu pai não te agradece, agradeço-te eu, Otávio, em nome da minha mãe e da tua benfeitora, que do céu bendirão a tua abnegação. Eu sou feliz, estou contente porque sou pobre e quero-te pobre também. Bastam-me os tesouros do teu coração.

DOUTOR AGRIPINO – És sublime, Otávio!

SOARES – Ou um pobre louco. (*A Lima*). E agora, senhor, achará ainda algum embaraço para pagar-me? (*Paulo entra e fica ao fundo*).

LIMA – Teria a gratidão[,] que devia prender-me aos pés daquela criança, porém[,] é tarde para que eu ouça o coração. Está pago, tudo lhe pertence.

OTÁVIO – Menos minha mãe! Meu pai, seja humano, risque desta escritura o nome da mãe de seu filho.

SOARES – Cale-se, senhor, e lembre-se que os filhos dos meus escravos, há vinte anos, são meus escravos também.

OTÁVIO, HENRIQUETA e ANDREZA (*em grito doloroso*) – Ah!

DOUTOR AGRIPINO – Homem maldito[,] como só pode ser maldito o execrável escravocrata! Os teus filhos e as tuas amantes podem ser teus escravos, porém[,] Otávio é livre como é o ar que ele respira; a nódoa do cativo lhe foi lavada na pia batismal[,] que fez cristão um inocente abandonado por seu pai ou senhor.

SOARES – Tricas velhacas da lei...

HENRIQUETA – Das leis sagradas do Criador da natureza, perante o qual todos são livres, e só escravos de Satanás são os réprobos da religião e da humanidade[,] que fazem escravos os seus semelhantes e escravizam até o seu próprio sangue.

LIMA – Contenha-se, Henriqueta. Bem vê, Otávio, que mais lhe interessa esquecer-se de quem é filho. Disse-lhe⁴⁷ um dia que o filho do escravo é escravo ingênito, acaba de ouvir esta verdade[,] dita por seu próprio pai. Ele quer, exige com o direito de credor[,] que de novo seja sua escrava a mãe do seu filho, e eu não posso nem devo ter mais escrúpulos do que ele; vendo-a.

Cena VIII

OS MESMOS e PAULO, descendo.

PAULO – O meu senhor não pode vender Andreza.

⁴⁷ Na edição original, “Lhe disse”.



LIMA – Ainda! Também tu, negro?!

SOARES (*dá uma gargalhada*) – Ah, ah, ah!

PAULO – Só o negro Paulo pode dizer esta verdade ao meu senhor. Posso depois morrer[,] cortado pelo chicote, porém[,] cumpro com o meu dever de cristão, não deixando o meu senhor, o filho do meu velho senhor Anselmo de Lima, cometer um crime[,] que nem este nem Deus lá no céu lhe perdoariam. (*Mostrando uma carteira antiquária*). Meu senhor conhece esta carteira?

LIMA – Esta carteira?... Conheço, é a carteira de meu pai.

PAULO (*mostrando um retrato[,] na tampa da carteira*) – E tem aqui o retrato dele, meu senhor. Tome, senhor doutor. (*Entrega a carteira ao doutor*). Peça que leia o que está escrito nas páginas que encontrar dobradas. (*Doutor abre a carteira, folheia e lê baixo*).

LIMA (*raivoso*) – Que mistério é este, negro?

PAULO – Pelo amor de Deus, meu senhor, me perdoe, porque a minha intenção é boa.

LIMA – E o prêmio será melhor. (*Resolutamente[,] senta-se e assina a escritura*).

Cena IX

OS MESMOS e ANTUNES, que entra pelo fundo e aproxima-se de Soares.

ANTUNES (*em meia-voz[,] a Soares*) – E?...

SOARES (*o mesmo*) – Vinguei-me. (*Apontando para o livro. Alto*). Até que afinal!

OTÁVIO – O que fez, meu padrinho?!

LIMA – Vendi a minha escrava.

DOUTOR AGRIPINO – Vendeu sua mãe, desgraçado!

LIMA (*levantando-se de salto*) – Minha mãe!

ANTUNES (*à meia-voz[,] a Soares*) – Perdeste a partida. (*Retira-se para o fundo*).

LIMA (*acalmando-se e sorrindo*) – O doutor está zombando, porém[,] olhe que é extremamente grave o seu gracejo.

PAULO – Não é gracejo, meu senhor. Naquela carteira só escrevia o pai do meu senhor. Leia, senhor doutor.

DOUTOR AGRIPINO (*lendo*) – “Andreza foi a mulher que, clandestinamente, mais amei. Era virgem, linda e virtuosa. Foi minha escrava desde o dia do meu casamento, e[,] um ano depois[,] era mãe e eu era o pai de seu filho. Essa infeliz[,] extremamente querida por sua senhora, foi depois igualmente odiada, e esse ódio obrigou-me a vender, para a Corte, a mãe de meu filho, ficando este comigo[,] porque não pude separar-me dele. Depois, por intermédio de meu bom e fiel escravo Paulo, fiz constar à pobre Andreza que o seu filho era morto, e minha esposa, cedendo às minhas súplicas[,] adotou como seu o filho da sua escrava colaça, e como filho legítimo foi ele, a 25 de dezembro de 1847, batizado com o nome de Pedro”.⁴⁸

⁴⁸ Na edição original, sem as aspas.



LIMA (*em grande comoção*) – De quem será esta letra, doutor?! Quero vê-la! (*Arranca a carteira das mãos do doutor e examina as páginas escritas. Deixa cair a carteira, e com doloroso desespero*). Ah! É a letra de meu pai, não posso duvidar! Vergonha, miséria humana! Eu[,] filho de uma escrava, e senhor de minha mãe. (*Paulo apanha a carteira e retira-se para o fundo*).

ANDREZA (*descendo e ajoelhando-se aos pés de Lima*) – Sossegue, meu senhor. Serei só e sempre sua escrava, mas[,] pelo amor de Deus[,] lhe peço que não me separe de vosmecê, de meu filho Otávio e de sinhazinha. Pela memória do meu velho senhor[,] que deu o seu nome ao filho da sua escrava, não me venda àquele homem que repudiou, atirou à miséria o seu filho[,] que ainda hoje despreza.

LIMA (*em torturas*) – Deixa-me! Deixa-me, escria...

HENRIQUETA (*interrompendo-o[,] repreensivamente*) – Meu pai! Levante-se Andreza. A mãe de meu pai não se ajoelha aos pés de ninguém[,] diante de sua neta. (*Levanta Andreza*).

OTÁVIO – E se alguém quiser humilhá-la, o seu filho Otávio terá força e coragem para levantá-la tão alto, que o mundo admirará o amor e virtude da mãe escrava, e a vileza e degradação do filho escravocrata. (*Apona para Lima*).

SOARES (*com arrogância*) – Otávio!

OTÁVIO – Perdão, senhor! Eu sou escravo ingênuo[,] porque nasci de uma escrava e[,] como tal[,] devo ser expulso da comunhão social[,] como um enxerto apodrecido que busca medrar no seio da sociedade pura, da gente honesta. Aceito a condenação, sentindo sobre o meu coração o palpitar do coração de minha mãe.

LIMA – Basta, Otávio! A punição foi justa e cruel! Andreza não é só tua mãe[,] porque tu és meu irmão, e se eu a não puder amar, ao menos saberei respeitá-la! Não maldigo meu pai[,] porque foi vítima da fragilidade da carne; amaldiçoo os nossos antepassados[,] que nos fizeram vítimas[,] até hoje[,] da mais triste degradação social! Maldita escravidão[,] que avilta um país, corrompe a família e degrada o homem! Amaldiçoados escravocratas[,] que até no sangue das nossas artérias, nas fibras do nosso coração[,] inocularam o vírus desse cancro que estraga, corrói e apodrece a organização moral, os princípios religiosos e a dignidade nacional de um povo.

SOARES (*escarnecendo*) – É um escravagista que assim se pronuncia[,] porque é reconhecido filho de uma escrava.

LIMA – Fui escravagista porque as lições do berço formam o nosso espírito, e me ensinaram a ver[,] no escravo[,] cifras da minha fortuna; e eu, mais do que outro, tinha ambição, sede de dinheiro[,] para jogar e saciar a voragem de abutres que[,] devorando o meu ouro[,] mataram a minha honra e roubaram a felicidade e futuro de minha filha.

OTÁVIO – O homem arrependido é duplicadamente nobre perante Deus e o mundo, meu padrinho.



LIMA – Sim. Eu fui covardemente criminoso, e desceria ao mais horroroso crime[,] se a mão de um escravo, a quem roubei a liberdade[,] mentindo a meu pai, não me salvasse. Obrigado, Paulo. Já não tenho escravos, todos são livres como eu, como é livre minha mãe! (*Atira-se nos braços de Andreza. Paulo sai com Antunes*).

ANDREZA – Meu filho! Deus o recompensará do bem que faz!

SOARES – Aquela escritura está assinada, e[,] como todos os seus escravos[,] esta mulher é minha escrava também. É tarde para lembrar-se de lhes dar a liberdade.

LIMA – Miserável!

SOARES – Simplesmente, seu credor.

DOUTOR AGRIPINO – No seu conceito[,] quanto vale o nome do Dr. Agripino Aires, senhor comendador?

SOARES – Nem mais nem menos de 200:000\$000 réis[,] que lhe deixou seu pai.

DOUTOR AGRIPINO – Me dê o título de dívida que possui do senhor Pedro Lima.

SOARES – A sua palavra representa o importe deste título, senhor doutor?

DOUTOR AGRIPINO – Representa a honra de um homem de bem, senhor comendador.

SOARES (*dando-lhe um papel*) – Aqui o tem.

DOUTOR AGRIPINO (*recebe o título, vai à secretária, escreve nele e devolve-o a Soares*) – Tome, e peça-lhe que prive as suas vítimas da presença do algoz.

SOARES (*lendo*) – Aceito[,] para ser pago em 24 horas. Muito bem.

LIMA – O que é isto, senhor doutor?

DOUTOR AGRIPINO – É um negócio que me convém, e nada mais. O senhor vendia por trinta e dois contos de réis tudo quanto possuía, eu ofereço-lhe igual soma só por esta casa e a quinta.

HENRIQUETA – Obrigada, doutor.

LIMA – Aceito, doutor, e agradeço-lhe a generosa intenção de tirar-me da ignominiosa dependência[,] que me prendia a este homem. Agora senhor comendador Soares, lembro-lhe que a sua presença nesta casa é a desonra para todos. Saia.

OTÁVIO – Pedro, é meu pai que expulsas de tua casa[,] onde fica o seu filho.

SOARES – O que desonra, senhor Lima, é o contato de um homem de sangue puro com os filhos de uma escrava.

ANDREZA (*com exaltação crescente*) – Senhor. Como escrava[,] suportei todas as humilhações, afrontas, crueldades e insultos, porém, como mãe[,] a cordeira transforma-se em leoa e rasgar-lhe-á as carnes do peito[,] para arrancar-lhe este coração de monstro[,] que renega e insulta o seu próprio filho. (*A Otávio*). Meu filho, não te bastam o amor, o sangue, a vida de tua mãe?

OTÁVIO – Só o seu amor constitui o meu viver.



ANDREZA (*o mesmo*) – Então[,] sou eu quem diz ao livre e opulento pai de meu filho, que o seu contato desonra ao filho da escrava mãe. Saia! (*Soares sorri*).

LIMA – Não ouviu, senhor?

SOARES – Ouvi, e vou deixá-lo senhor Pedro de Lima, até que o senhor adquira nova fortuna[,] para de novo ser jogador e escravocrata. Adeus. (*Sai*).

OTÁVIO – Meu pai, abençoe seu filho.

LIMA – Teu pai serei eu, Otávio!

ANDREZA – Se sinhazinha quiser ser filha da mulata Andreza...

HENRIQUETA (*abraçando-a*) – Há muito que és minha mãe[,] pelo coração.

ANDREZA (*a Lima*) – Meu filho, se a voz desta feliz mãe ecoa no seu coração, pelos meus martírios passados[,] lhe peço que faça a felicidade destas duas crianças[,] que tanto se amam.

LIMA – Já o sabia. Porém[,] exauri o dote de minha filha; e Otávio...

DOUTOR AGRIPINO – Tem a herança de sua benfeitora. Esta casa e a quinta valem bem 40:000\$000 réis.

OTÁVIO – Mas não me pertencem.

LIMA – E sim ao doutor, pelo pagamento daquele título.

DOUTOR AGRIPINO – Tudo está feito. Sou moço e médico, tenho a minha clínica e uma fortuna que não sei o que fazer dela. Amanhã[,] o senhor Soares será pago, Otávio recebe a sua herança, e o senhor[,] mais tarde[,] me pagará a importância da sua dívida, garantindo-me, como prêmio, a sua amizade, a felicidade (*acentuadamente e sorrindo-se[,] apontando para Otávio e olhando para Henriqueta*), deste apóstolo da poesia narcótica (*aponta para Henriqueta*) e a ventura desta...

HENRIQUETA (*sorrindo-se*) – Demônio mulher, se me perdoa o pleonasma.

DOUTOR AGRIPINO – Ah, tivemos confidências?

OTÁVIO – Foi uma indiscrição do meu coração[,] provocada pelo sacrilégio do teu qualificativo.

Cena X

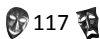
OS MESMOS e NABUCO.

NABUCO (*entrando*) – Está tudo concluído, já vejo. Assinaram as escrituras?

LIMA – As escrituras estão nulas, senhor Nabuco. Aqui[,] nada mais se vende. Os bens móveis que existem pertencem[,] de direito[,] a Otávio.

NABUCO – E os escravos?

LIMA – Nesta casa[,] já não há cativos! Há irmãos de Cristo, mártires como Ele e livres como manda a sua lei! Desse triste passado[,] existe aqui um homem cujo coração se despedaça torturado pelo remorso de Iscariote; que sente escaldar-lhe a fronte o torpe e aviltante estigma de escravocrata! Só agora compreendo e sinto[,] em minha alma[,] a vergonha que enluta a minha pátria!





DOUTOR AGRIPINO – Oxalá que o Brasil inteiro testemunhasse esta história, exemplo de outras mil que se passam no seio da família brasileira. Porém, Deus não consentirá que[,] por mais tempo[,] a terra de Santa Cruz seja transformada em Golgotá de uma raça de mártires!

OTÁVIO (*apontando para fora da janela*) – Vejam que dia esplêndido! Olha, Pedro, a natureza festeja a redenção de nossa mãe!

ANDREZA – É o Altíssimo[,] que abençoa a remissão de cinco escravos!

HENRIQUETA – É o céu[,] que se ilumina com a luz da liberdade. Cada elo que se quebra dos ferros da escravidão, é uma estrela que Deus crava na celeste amplidão.

FIM DO DRAMA.



LUCINDA

Drama em quatro atos e cinco quadros
de
Hilário Ribeiro

PORTO ALEGRE
Imprensa Literária

—
*1875*⁴⁹

⁴⁹ No final da edição, o editor esclarece que “o extravio, da oficina da imprensa, dos originais dos dois últimos atos do drama, forçaram (sic) o autor à sua recomposição, pois que deles não existia sequer o rascunho” (p. 150). Deve-se a isso, certamente, o fato de que, nesses dois últimos atos, no lugar de Lucinda, consta o nome Aurélia, que é personagem-título de outra peça do autor. O único exemplar localizado do drama *Lucinda* integra o Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS.



PERSONAGENS DOS DOIS PRIMEIROS ATOS⁵⁰

LUCINDA
BARONESA DE TAJUBÁ
BARÃO DE OURO VERDE
GENERAL, IRMÃO DO BARÃO
RAIMUNDO
FAUSTO
UM FÂMULO⁵¹

⁵⁰ No original, “Personagens do primeiro ato”.

⁵¹ Criado, servidor.



ATO I

Saleta elegantemente decorada, em casa do Barão.

Cena I

GENERAL e depois LUCINDA.

GENERAL (*dando pão-de-ló aos canários, que estão presos em duas bonitas gaiolas pendentes da janela*) – Aqui tendes, meus apreciáveis cantores... Os vossos gorjeios me agradam, alegam este pobre coração... Cantai, cantai assim... Suavizai as tristezas da velhice. (*Pausa*). Quando eu morrer[,] não tereis decerto estes cuidados.

LUCINDA (*entrando*) – Protesto contra a sua injustiça. Então[,] eu? Não sabe que também os amo? Eles não morreriam, juro-lhe.

GENERAL – Promessas vãs.

LUCINDA – O tio é um rabugento.

GENERAL – E a senhora é uma tagarela.

LUCINDA (*beijando-o na testa*) – Se eu fizesse caso das suas impertinências...

GENERAL (*sorrindo*) – És uma feiticeira.

LUCINDA – Deveras?

GENERAL – Um anjo.

LUCINDA – Um anjo?! Desta vez[,] não tenho o direito de supor que é uma cortesia banal.

GENERAL – Já te disseram o mesmo? Creio bem.

LUCINDA – Tantas vezes, tantas, que nem sei a conta... Frivolidades, galanteiras que podem satisfazer apenas a vaidade das levianas. (*Bocejando*). Ando tão aborrecida dos bailes...

GENERAL – Faço ideia.

LUCINDA – Creia-me, tio. Se não fosse obrigada, não iria a uma só reunião. Os salões inspiram-me tédio, entristeço ali, onde outras encontram tantas alegrias.

GENERAL – É o amor que te anda aí no coração.

LUCINDA – Há de ser pelo filho da baronesa. Não sabe que pediu-me em casamento?

GENERAL – Sim? Tem bom gosto.

LUCINDA – Que ideia faz dele?

GENERAL – Dizem que é um excelente moço, um brilhante talento, sei que é; gosto dos seus discursos, há de vir a ser um notável orador.

LUCINDA – Meu pai disse-lhe alguma coisa?

GENERAL – Não. Por quê?

LUCINDA – Deseja a todo transe esta união.

GENERAL – Sim? Vejo que não queres.

LUCINDA – Nunca, porque não o amo.



GENERAL – Nesse caso[,] meu irmão não será capaz de obrigar-te. É bom pai... É dos melhores.

LUCINDA – Receio que se torne mau.

GENERAL – É uma injustiça que lhe fazes.

LUCINDA – Por que insiste tanto? Não bastava a minha primeira negativa, quando falou-me? Respondeu-me que reconsiderasse, que o casamento era vantajoso... Casamento vantajoso, quando o coração repele?... Será vantajoso, por que é um homem de pergaminho? E se eu o aborrecer? Será vantajoso, por que tem dinheiro?... Onde há mil contos para uma única herdeira, esta mulher pode escolher marido e fazer a ventura de sua alma.

GENERAL – O que é certo, minha querida, é que o escolhido do teu coração deve ser uma criatura feliz. Não se me dava de apostar...

LUCINDA – O quê?

GENERAL – Ando muito desconfiado cá de uma coisa.

LUCINDA – Sim?

GENERAL – Já não é uma dúvida, é uma convicção... Desconfiava, tenho certeza agora. Aqui está o motivo, porque aborreceste tão depressa os bailes. Se ele não vai, se não aparece... (*Sorrindo*). Velhaqueta!⁵²

LUCINDA – Estou deveras enfastiada, quatro meses bastaram para saciar-me. Tantos bailes, uns após outros... Veio o cansaço... O tédio entrou-me na alma. A minha curiosidade está satisfeita... Queria dançar, ver os salões de baile, ouvir os homens, sentir a ebriedade da valsa... Então[,] a minha cabeça fervilhava!... Dissiparam-se as ilusões. Vi homens que sabem atar a gravata e calçar luvas, que só falam de si; respirei numa atmosfera que abafa e emurchece as flores dos castos sentimentos... Entrei alegre e saí triste... Eis tudo. Ou eu não compreendi aquele mundo, ou ele não me compreendeu... (*Pausa*). Mundo odioso!... Gente torpe!... Cercam-me[,] humilhados pelo ouro que os seduz; almas vis e abjetas[,] que se movem ao tinir do metal[,] que os escraviza! (*Com tristeza*). Depois, tio...

GENERAL – Depois?

LUCINDA (*disfarçando*) – Quero voltar à minha obscuridade, foi um capricho, é mister que não se torne uma imprudência. Não penso bem, tio Chico?

GENERAL (*sorrindo*) – As mulheres não sabem pensar[,] na tua idade.

LUCINDA (*idem*) – E os homens começam a esquecer-se[,] na idade do tio.

GENERAL – És um anjo.

LUCINDA – O anjo tutelar da sua velhice.

GENERAL – Lisonjeira!

⁵² De velhaquear. Proceder como velhaca.



Cena II

OS MESMOS e o BARÃO.

BARÃO (*a Lucinda*) – Vai ver o que quer tua mãe.

LUCINDA (*baixo, ao tio*) – Se lhe falar no casamento, desengane-o. (*Sai*).

Cena III

OS MESMOS, menos LUCINDA.

GENERAL – Então[,] que novidades ocorrem?

BARÃO – Os paraguaios invadiram[,] com efeito[,] o Mato Grosso.

GENERAL – E o que faz o Governo?

BARÃO – Tem dado as necessárias providências, como sabe.

GENERAL – Sempre tarde, como é seu costume.

BARÃO – É prudente.

GENERAL – Imprudente, digo eu.

BARÃO – Já começa o mano com as suas catilinárias.⁵³

GENERAL – Que venham, podem vir esses novos vândalos. Se for preciso, o velho soldado, o farrapo encanecido e sem valimento[,] desembainhará a espada!... Este braço ainda tem força para dar um golpe e este peito não foge às cicatrizes. Afrontas destas[,] lavam-se com sangue!

BARÃO – O Governo tem tomado medidas enérgicas, descansemos no seu patriotismo.

GENERAL – Oxalá que não comprometa os brios da nação[,] com uma paz vergonhosa. Ontem[,] era o ministro inglês, hoje[,] é o tirano do Paraguai... Amanhã...

BARÃO – Se fosse ainda possível evitar a guerra, o Governo o faria[,] a bem dos povos.

GENERAL (*frenético*) – Pois julga possível isso, depois de enxovalhada a dignidade nacional?! Para mim[,] há só um dilema: a guerra ou a vergonha. (*Pausa*). Governos corruptos e corruptores! Levam uma bofetada e ainda pagam[,] com rios de ouro[,] o audacioso agressor. Isto faz subir o sangue às faces!

BARÃO – O mano é um exaltado, está falando irrefletidamente: cega-o a paixão partidária.

GENERAL – Paixão partidária! Boa lembrança!... O meu partido já não existe, bem o sabe; aos de hoje[,] sou indiferente, porque vejo poucos homens e raras crenças. Há dois bandos que se guerriam e mutilam a pátria. Paixão partidária!... O meu acampamento está deserto, é a necrópole de um heroísmo passado... Restam ossos, só, mais nada... Fiquei eu para chorar sobre tantos manes.⁵⁴

⁵³ Acusações violentas e eloquentes, por alusão às que Cícero (séc. I a.C.), orador e escritor latino, fez a Catilina (Lucius Sergius Catilina, político romano, 109 - 62 a. C.).

⁵⁴ Entre os antigos romanos, as almas dos mortos, consideradas como divindades e invocadas sobre os túmulos. Por extensão, almas, espíritos.



BARÃO – Quanto à mim[,] creio firmemente no patriotismo do gabinete.

GENERAL – Que entende por patriotismo? Queria ouvir a definição de sua boca... Pensa que é uma palavra vã?

BARÃO – Ora!

GENERAL – Talvez ignore.

BARÃO – O mano tem o sestro de supor que só os republicanos são os únicos patriotas do mundo... Deixe-se disso.

GENERAL – Está dizendo uma tolice. Conheci republicanos que não valiam nada, como há liberais e conservadores que mereciam uma calceta.⁵⁵ O que é verdade, é que não mudei, não transigi, e creio que o ideal dos povos há de ser a democracia.

BARÃO – Sempre utopias e dissertações banais.

GENERAL – Utopias?!... Este povo é grande como todos os povos, este país aspira ser livre como todos os países. Fui, sou e morrerei republicano, fiel à minha bandeira e crente no seu triunfo. Outros começaram liberais, tornaram-se conservadores e[,] depois[,] especuladores. Pérfidos[,] que atraíam a pátria e o rei!... Conheço-os como os copos da minha espada.

BARÃO (*irônico*) – O brigadeiro tem ideias muito adiantadas...

GENERAL – As coisas têm uma marcha providencial. Época virá, em que estas utopias, tão motejadas hoje, serão a prática governamental. É cedo, bem sei. Nem eu proclamo a República ou seria capaz de concitar os ânimos para uma revolta. Quando a nação tiver plena consciência de suas garantias e deveres, quando cada cidadão estiver preparado para entrar nos comícios populares, então terá soado a hora solene, o rebate do futuro. Então o povo será o agente de suas ações, o motor de sua grandeza. Hoje é o cordeiro adormecido, para despertar amanhã o leão esmagador; hoje é o réu, amanhã será o tribunal; é a mola, será a máquina prepotente, é o escravo, será o senhor absoluto.

BARÃO – Ainda bem que não é para os nossos dias.

GENERAL – Isso[,] que importa? Quando estes olhos se fecharem, descerei tranquilo à minha cova, porque o futuro é a conquista da humanidade. Hei de morrer sorrindo, porque acredito em Deus e na liberdade. Estou pronto para a viagem de além-túmulo, não me arreceio de nada. A espada e as dragonas irão comigo; foram minhas companheiras na vida, serão as únicas pompas do finado. (*Com ironia*). Onde está a sua espada de republicano, barão? Ah! Ah! Ah!

BARÃO – Ficou no Rio Grande, nunca tive queda para a vida militar.

GENERAL – Diga antes[,] que nunca foi republicano.

BARÃO – Dei provas.

GENERAL – Não foi, não podia ser; era um falsário.

BARÃO – E quem me impedia de ser legalista?

⁵⁵ Argola de ferro fixada no tornozelo dum prisioneiro.



GENERAL – Mas onde está o republicano?

BARÃO – A experiência é a melhor companheira.

GENERAL – Sempre essa palavra[,] para desculpar os erros e apostasias.

BARÃO – O mano tem plena licença para dizer o que quiser. As suas rabugens fazem rir; são próprias dos setenta invernos.

GENERAL – Sim, sim, setenta invernos ou setenta primaveras também... A mesma árvore e os mesmos frutos[,] em todas as estações. Diga o mesmo com os seus cinquenta e quatro... A experiência tanto podou que a árvore foi-se.

Cena IV

OS MESMOS e um CRIADO.

BARÃO (*recebendo e lendo um cartão de visita[,] que lhe entrega um criado*) – Vai depressa abrir a porta da sala. (*Ao General*). É o ministro. (*Sai apressadamente*).

Cena V

GENERAL e depois LUCINDA.

GENERAL (*examinando as gaiolas*) – Com efeito! Já devoraram o pão-de-ló. Nisto vos pareceis com os tais políticos que devoram[,] dia e noite[,] o pão-de-ló do orçamento. (*Indo à janela*). Esplêndida manhã. Como a baía está serena! (*Pausa*). Pobre jardim, pobres flores! Morrem todas. Lucinda esquece tudo. Se aquela cabecinha é um catavento.

LUCINDA (*que tem ouvido as últimas palavras e aproximando-se[,] pé ante pé[,] do General*) – Quem lhe disse?

GENERAL (*frenético*) – Digo-lho eu, senhora... tagarela!... Anda-me sempre a pregar sustos.

LUCINDA – Bonito! Um general assustado.

GENERAL – Pensa que os generais são estátuas?

LUCINDA – E o peito e o braço do tio não são de bronze?

GENERAL – Se fossem, não trazia aqui (*indica o peito*) duas cicatrizes, nem a espada traiçoeira de um legalista golpearia este braço. Felizmente[,] deixou-me livre o direito para decapitá-lo.

LUCINDA – Teve ânimo, tio?

GENERAL – Defendi-me. Antes tivesse ficado morto ali, fôra melhor; não estaria hoje assistindo aos vexames da pátria. (*Pausa*). Diga-me cá uma coisa. Por que abandonou as suas flores? Olhe, veja como estão murchando as coitadinhas. Se essa cabecinha anda sempre girando!... É o gênio do pai[,] todo inteiro: vário, maleável, inconstante. Teu pai nunca teve uma ideia... Engano-me, o único pensamento de teu pai é enriquecer.

LUCINDA – O tio está insuportável.

GENERAL – Não se trata de mim. Por que desprezou as suas flores?



LUCINDA – Falta-me o tempo. E o piano, e o canto, e o desenho, e o francês e a geografia?

GENERAL – Muita ciência, muito aparato à primeira vista. Bom modo de educar-se. É por isso que não temos cidadãos nem mulheres. Aposto que não sabes fazer um caldo! Aposto que teu irmão não sabe atirar uma espada! Não sabem coisa alguma.

LUCINDA – No tempo do tio é que se aprendiam muitas coisas. Admira que a minha falecida tia não soubesse escrever.

GENERAL – Por causa da revolução. (*Pausa*). Todos os homens querem ser doutores. Não havendo um pergaminho na família, não se salva a pátria. Mil bacharéis para um agricultor. Qualquer pirralhinho de dez anos não fala senão em academias. Pensam que é por amor à ciência ou à humanidade?... Diz um[,] dali: “Eu quero ser médico, porque todos os médicos ganham dinheiro”. Diz outro: “Eu quero ser engenheiro para...” – naturalmente para ser estúpido como uma calçada. (*Lucinda solta uma risada*). Ri-se? Quanto às senhoras, se não forem pianistas ou cantoras, está a família de luto. Pois fique sabendo que as suas flores valem muito mais do que o francês, inglês e piano. Tenha a pureza delas, é o que desejo.

LUCINDA – Vou despedir[,] hoje mesmo[,] todos os mestres.

GENERAL – Eu não disse que a mulher deve ser ignorante.

LUCINDA – Não disse outra coisa.

GENERAL – O que eu queria[,] senhora tagarela, é que houvesse mais rigor nos costumes, mais recato, mais virtudes domésticas... Ouça o resto... Mais inocência. O que eu queria era menos tagarelice, menos vaidade; menos espírito e mais coração; mais estudo e menos pedantismo. Tocam e desenhavam, porque é moda: um pouco de cada coisa[,] para dizerem frivolidades na conversação e cantarem ridiculamente no intervalo de uma quadrilha. O que eu queria...

LUCINDA – Vejamos.

GENERAL – É que preparassem a mulher para ser esposa e mãe, porque esta é a sua grande missão, o seu grande papel. É isso o que fazem? Onde estão as lições de ciência doméstica? Boas esposas hão de sair!... Levam o dia inteiro em frente ao espelho consertando os cabelos, em vez de consertarem o juízo; pensam no casamento, escolhendo figurinos; casam-se desconhecendo os deveres de esposa e a responsabilidade materna.

LUCINDA (*tapando os ouvidos*) – Basta, basta e basta!

Cena VI

OS MESMOS e a BARONESA.

BARONESA (*da porta*) – Dão-me licença.

GENERAL – Pois não, senhora baronesa.

LUCINDA (*à parte*) – Que mulher aborrecida!



GENERAL – Como passa, vossa excelência[?]

BARONESA – Menos mal. E a minha joiazinha[,] como está? Sempre arrufada com a melhor de suas amigas.

LUCINDA (*secamente*) – É desconfiança de vossa excelência.

GENERAL (*à parte*) – Ainda não vi a fidalguia mais bem representada. É uma milhafre⁵⁶[,] de feia!

BARONESA – E a mãezinha[,] passa melhor? Esta visita é para ela.

LUCINDA – Felizmente[,] vai declinando a moléstia.

BARONESA – Ainda bem. Não pergunto pelo senhor barão, porque deu-nos o prazer de almoçar em nossa casa. Que almoço! Caiu-me o rosto aos pés[,] de vergonha. Não esperávamos a honra... Anda lá com uns negócios com o meu doutor... Negócios altos, em que pretendem ganhar muito dinheiro. Fornecimentos para o exército... A ocasião é *prospícia*...

GENERAL – E dito por vossa excelência[,] com tanta convicção (*contendo o riso*), não pode deixar de ser *prospícia*.

LUCINDA (*rindo-se às gargalhadas*) – Ai! Isto faz rir.

BARONESA (*com gestos desconfiados*) – É de mim que a menina se está rindo?! (*Lucinda continua a rir-se*). Se não fosse... (*Voltando-se para o general*). Se não fosse estimá-la cá do peito...

GENERAL – Foi alguma ideia que lhe veio à cabecinha. (*Lucinda desata nova gargalhada e sai correndo*).

Cena VII

OS MESMOS, menos LUCINDA.

BARONESA (*estupefata*) – De que se rirá ela?!

GENERAL – Não faça caso, senhora baronesa; leviandades de criança...

BARONESA (*disfarçando o ódio*) – É uma ingrata esta menina, sempre tratou-me com pouco caso.

GENERAL – Dizia vossa excelência que a ocasião...

BARONESA – Ah! Sim, meu filho é sócio do senhor barão, e contam ganhar muito. Tudo está encaminhado para um *desideratum*⁵⁷ feliz. O ministro é nosso parente...

GENERAL (*à parte*) – É parenta de todos os ministros.

BARONESA (*ao ouvido do General*) – Cá para nós, aqui em segredo: desconfio que o ministro também faz parte da sociedade. O negócio é da China.

GENERAL (*à parte*) – Em que perde o Brasil, já se vê.

BARONESA (*noutro tom*) – Já sabe do casamento que se projeta?... Que pergunta ociosa!... (*O general mostra nos gestos ignorância*). Pois[,] não sabe? O meu rapaz anda louco de amores e...

⁵⁶ Ave de rapina, europeia.

⁵⁷ Desejerato. Aquilo que se deseja, a que se aspira; aspiração.



GENERAL – Qual deles?

BARONESA – O meu doutor, o meu deputado. O outro é um tolinho.

GENERAL – Um homem, senhora baronesa. Aos 20 anos, eu trazia uma espada à cinta e nos punhos da farda os galões de alferes.

BARONESA – É uma cabecinha oca. Se tivesse juízo[,] estava em São Paulo. O meu maior pesar é que não se forme.

GENERAL (*à parte*) – Em formas.

BARONESA – E[,] depois, meteu-se-lhe no miolo que há de marchar como voluntário da pátria.

GENERAL – Já se vê que é um patriota, um bom cidadão!

BARONESA – Que o Lulu não o ouça!... Com o entusiasmo que tem o tolinho... Qual entusiasmo!... Bem sabe ele o que é *patiotrismo*. (*Consigo*). Não sei se disse bem a palavra... Parece que não disse.

GENERAL (*ao mesmo tempo, à parte*) – Pobre Lobato!

BARONESA (*continuando[,] no mesmo tom*) – Um menino de ontem! Tinha muito que ver o meu Lulu de farda às costas.

GENERAL – E por que não, senhora baronesa? Uma farda daquelas nobilita, é uma honra ser voluntário da pátria.

BARONESA – São modos de pensar...

GENERAL – Asseguro à vossa excelência que o dia da partida de meu filho há de recordar-me uma data memorável.

BARONESA – Ver morrer um filho...

GENERAL – Em defesa do pavilhão nacional, é um orgulho para a família. O marido de vossa excelência morreu de sezões⁵⁸...

BARONESA (*com enfado*) – Ora!

GENERAL – Qual é mais glorioso?

BARONESA (*saindo[,] bruscamente*) – Nem sei nem quero saber.

GENERAL – Vai deitando faíscas! Ah! Ah! Ah! (*Sai*).

Cena VIII

LUCINDA e depois RAIMUNDO.

LUCINDA (*pálida e abatida*) – Pobre coração! (*Enxugando as lágrimas*). Mas[,] por que choro eu?... Chorar por quê? Não há aqui uma só vontade, a minha?!... Não me conhecem[,] decerto!...

RAIMUNDO (*com surpresa*) – Ah! Não sabia que estava aqui...

LUCINDA – Tem alguma coisa a dizer-me?... Estou de muito mau humor.

RAIMUNDO – Incomoda-lhe a minha presença?

LUCINDA – É-me indiferente... (*Debruça-se no peitoril da janela*).

⁵⁸ Febres intermitentes ou periódicas.



RAIMUNDO (*seguindo-a*) – Sempre inexorável, a mesma[,] sempre!... Não vê, não adivinha que este amor é infinito? Por que dilacera o coração que a idolatra?

LUCINDA (*impaciente*) – Não posso estar um instante só! (*Vai sentar-se*).

RAIMUNDO (*súplice*) – É assim que paga esta paixão que escalda aqui no peito, estes afetos, que a minha palavra não exprime?!... Tenha compaixão... Dê-me uma esperança, um sorriso, uma...

LUCINDA – Não posso dar-lhe o que me não pertence: nem o meu amor[,] que é de outro, nem a minha fortuna, que tantos ambicionam.

RAIMUNDO – Se a frase pungente veio ferir-me intencionalmente, foi uma impiedade, minha prima.

LUCINDA – Neste mundo da aristocracia e da opulência em que temos vivido, para qualquer lado que se voltem as vistas, aí encontramos a miséria coberta de ouropéis⁵⁹, a corrupção contaminando como a lepra. Em quem há de acreditar o coração puro o crente, quando tudo é gasto, e a dialética desta sociedade é o dinheiro, o tráfico, a contravenção⁶⁰, a vileza?... Sinto-me só, atrofada no meio desta multidão que se humilha a meus pés; não há aí um homem, um só que não me inspire indignação!

RAIMUNDO – E confunde-me com eles? (*Lucinda faz com a cabeça sinal de dúvida*). É uma injustiça que faz aos meus brios, uma ofensa aos meus sentimentos.

LUCINDA – Não posso aceitar a sua corte, tenho-lhe dito muitas vezes, não posso. Ou ama-se uma vez ou não se ama nunca. Perdoe-me, se esta confissão o magoa... Perdoe-me, meu primo; mas não sei mentir, não se mente ante o altar da fé!... (*Com sublime esforço*). Eu sinto[,] aqui[,] essa paixão cega e irresistível, que é a vida ou a morte, a suprema ventura ou a suprema desgraça, que nos aponta o caminho das venturas, ou nos solda aos pulsos a cadeia dos martírios! Este amor, santo como um beijo de mãe, é a minha oração da noite, o meu sorriso da madrugada, os meus sonhos, o meu enlevo, o talismã de minha alma!... Perdoe-me, não me queira mal... Fomos companheiros de infância... Somos quase irmãos... Aceite estes afetos, únicos que lhe posso dar, mais avivados pelos anos, mais santificados pela confiança.

RAIMUNDO (*afetando calma*) – Que o seu amor seja mais feliz do que o meu. (*Consigo*). A estátua há de cair do pedestal. (*Sai*).

LUCINDA (*voltando-se para um dos lados*) – É ele! (*Sai*).

⁵⁹ Ouro falso; aparência enganosa.

⁶⁰ Na edição original, “a convenção”.



Cena IX

GENERAL e FAUSTO.

GENERAL – Então[,] o retrato está quase pronto?

FAUSTO – Faltam apenas os últimos retoques, quase nada.

GENERAL – Não lhe gabo o gosto. Retratar esta cara[,] que mais parece uma caveira... Se na mocidade fui feio, o que não serei hoje[,] carcomido pelos anos! É verdade, queria pedir-lhe uma coisa, que esqueceu-me. Apague as teteias⁶¹ do peito.

FAUSTO – Vossa excelência[,] que ganhou com tanta honra as insígnias do heroísmo e da benemerência, pode ufanar-se de trazê-las ao peito.

GENERAL – Houve tempo em que era uma glória aceitá-las; hoje[,] há desonra. A honra está em não recebê-las. O peito do bravo, do benemérito, não pode cobrir-se senão de luto, vendo por aí[,] aos centos[,] a torpeza galardoadada. (*Pausa*). Aposto que os seus quadros não lhe mereceram ainda um penduricalho?... Isso sabia eu. Pois fique certo de que não tem perdido nada; perderia o que vale, se andasse confundido com os moedeiros falsos. (*Pausa*). Queria pedir-lhe um favor.

FAUSTO – Vossa excelência manda.

GENERAL – Desejo possuir o retrato de Lucinda, quero surpreendê-la no dia 15 do mês entrante, em que faz 17 anos. (*Lucinda aparece ao fundo*).

FAUSTO – É impossível, senhor general, deixo por algum tempo a Corte.

GENERAL – Deixa-nos?

FAUSTO – Assim é preciso, vou passar algum tempo em minha Província.

Cena X

OS MESMOS e LUCINDA (que traz uma pasta de desenho).

GENERAL (*voltando-se para Lucinda*) – Estás ouvindo? Aqui[,] o nosso amigo[,] quer deixar-nos breve.

LUCINDA (*comovida*) – Sim?!

FAUSTO – É verdade, minha senhora; tanto assim[,] que esta é talvez a nossa última lição... (*Conversam baixo*).

GENERAL (*reclina-se no sofá e desdobra os jornais*) – Se é a última lição, aproveita, menina; professores como o senhor Fausto rareiam. (*Lê os jornais e depois adormece*).

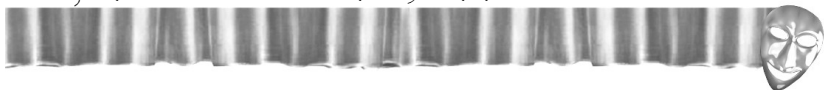
LUCINDA (*tirando da pasta os desenhos e lápis e colocando-os sobre a mesa*) – Demora-se muito? (*Senta-se*).

FAUSTO – Talvez...

LUCINDA – Tem mãe[,] ainda?

FAUSTO – Nem um só parente... Ninguém mais. Vou ver o meu Pará, vou mitigar saudades e espairar tristezas. Preferia viver lá, se pudesse. Gosto

⁶¹ Enfeites, berloques.



da vida íntima, arredada dos grandes centros... Depois, já não tenho as aspirações de outros tempos, já não me embalam as quimeras dos vinte anos. Tudo passou como um eco que se perde, nem vestígios de glória, nem uma esperança de futuro. Amei a arte pelo que ela tem de ideal, como amo a natureza pelo que ela tem de divino... Feriu-me o coração o espinho da desventura... Errei o caminho... Que vale o artista neste país que tanto inspira?

LUCINDA (*trêmula de comoção*) – E se eu lhe pedisse...

FAUSTO – Hei de voltar um dia... O tempo corre...

LUCINDA – Para os que vão.

FAUSTO – Os que ficam[,] esquecem!... (*O general acorda-se e observa*).

LUCINDA (*com paixão*) – Julga?

FAUSTO – Devo ir, bem sabe que devo poupar-me à irrisão da sociedade, que nos espreguiça. É mister que o império da vontade vença o império do... amor! Fui irrefletido, não devo ser ousado, para tornar-me vítima... Se eu tivesse títulos, um nome. . . O dinheiro é o brasão do século, a legenda da humanidade.

LUCINDA – O talento é um raio de Deus.

GENERAL (*à parte*) – Pilhei-os!

FAUSTO – Entre Homero e Crespo[,] o mundo não hesitaria.

GENERAL (*batendo no ombro de Fausto*) – Tem razão, mas é um erro universal.

(*Fausto e Lucinda olham-se atônitos*).

FIM DO PRIMEIRO ATO.



ATO II

Uma outra sala luxuosamente decorada, em casa do barão.

Cena I

GENERAL e depois RAIMUNDO.

GENERAL (*com impaciência*) – Há dois dias que não me aparece... (*Vendo o filho*). Falar no mau...

RAIMUNDO – Bom dia, meu pai.

GENERAL – Bons olhos o vejam... Há quantos dias não nos vemos?... Bom filho, ótimo filho!

RAIMUNDO – Mau filho, quer dizer...

GENERAL – Então, é sempre esta semana a viagem?

RAIMUNDO – Devia ser...

GENERAL – Não parte a canhoneira?

RAIMUNDO – Parte.

GENERAL – E o senhor fica?

RAIMUNDO (*confuso*) – Falei ao ministro para... Estou deveras doente, preciso de dois meses de licença...

GENERAL – Está doente? De quê? Diga antes que é um medroso, um poltrão.

RAIMUNDO – Talvez.

GENERAL – Ficar, quando os seus companheiros vão [a] caminho de glórias?!... Bonita ação!... Vai para a rua do Ouvidor, enquanto eles ganham postos, ou morrem envoltos na bandeira do heroísmo; vai para o alfaiate, enquanto eles expõem o peito às balas; vai ouvir as *grizetas* do Alcazar, quando os outros defendem a pátria! Não está doente para outras coisas!...

RAIMUNDO – Ouça-me primeiro.

GENERAL – É um covarde!

RAIMUNDO – Meu pai.

GENERAL – É um vilão, repito. Preferia chorar a sua morte, a lastimar tanta covardia!... Suportava as saudades, não posso suportar tamanha vergonha. Esta nódoa recai também sobre mim, vem manchar as minhas dragonas!... Que direi aos meus amigos, quando me perguntarem porque não foi?!... Morro, antes que mo perguntem.

RAIMUNDO – Não me quer ouvir?

GENERAL – Não o quero ver mais um instante. No fim da vida[,] uma vergonha destas!... (*Pausa*). Querias oferecer-lhe a minha espada no dia da partida, não merece a minha benção.

RAIMUNDO (*depois de vacilar*) – Eu vou, meu pai.

GENERAL – Dás-me a tua palavra?

RAIMUNDO – Juro-lhe.

GENERAL (*com júbilo*) – Dá-me[,] então[,] um abraço. (*Abraçam-se*).



Cena II⁶²

OS MESMOS e um CRIADO.

CRIADO (*anunciando*) – A senhora baronesa.

GENERAL – Manda entrar.

(*O criado retira-se e o mesmo faz Raimundo*).

Cena III⁶³

GENERAL, BARONESA e LUCINDA.

GENERAL (*à parte*) – Temos o inimigo pela frente. (*Alto*). Boa tarde, senhora baronesa.

BARONESA – Boa tarde. (*À Lucinda*). Então[,] minha querida[,] não pergunta por Inês? Também[,] nunca se lembra dela.

LUCINDA (*indiferente*) – Está boa?

BARONESA – Está. Quis vir, mas não pôde. Hoje é dia de lição de francês e os filhos... Mãe como aquela! Os filhos são as meninas dos olhos dela. E que lindos que são os meus netos, senhor general!... Já falam o francês que dá gosto!

GENERAL – E o português?

BARONESA – O português?... Isso eles aprenderão em casa.

GENERAL – Com vossa excelência?

LUCINDA (*contendo o riso*) – Que bonita tarde! (*Vai reclinar-se à janela*).

BARONESA – Estamos desgostosos com o tal mestre. É um homem insofrível, um grosseiro.

GENERAL – Por que, senhora baronesa!?

BARONESA – Quer governar na minha casa... Tinha sua graça... Um pobre-tão... Digo-lhe com franqueza, senhor general, ando muito aborrecida do tal mestre... Teve a audácia de dizer-me que não pode consentir que os meus netinhos deem lição com o chapéu na cabeça.

LUCINDA (*à parte*) – Estúpida!

GENERAL – No meu tempo, no nosso bom tempo, senhora baronesa, mal o menino enxergava o mestre, tirava respeitosamente o seu chapéu... A civilidade passou a ser hoje um anacronismo...

BARONESA (*com impaciência*) – O senhor general está no propósito de contrariar-me em tudo.

LUCINDA (*baixo*) – Jararaca!

GENERAL – Os pirralhos, como os netos de vossa excelência, não se contentam em passar pelos mestres de chapéu na cabeça; atiram-lhes às barbas as

⁶² Na edição original, "Cena XI".

⁶³ No original, "Cena XII".



fumaças do cigarro, e tudo isto[,] e muito mais do que tudo isto [,] com grande aprovação dos pais. (*A baronesa dá sinais de enfado*).

LUCINDA (*baixo*) – Estou me lavando em águas de rosas.

GENERAL (*continuando*) – Releve a minha rude franqueza... A mocidade de hoje está perdida, porque a família vicia em vez de educar; aplaude as extravagâncias e os desatinos[,] em vez de reprimi-los. Ouça, vossa excelência, o que me dizia[,] ainda hoje pela manhã, a minha vizinha da direita, a viscondessa... “Já não posso mais com estes filhos, senhor general; fico louca!”. “Castigue-os”⁶⁴, respondi-lhe... “Não tenho ânimo”. “Pois[,] então[,] espere que o mundo os ensine”⁶⁵, retuquei eu. (*Noutro tempo*). São dois peraltas que incomodam os transeuntes e toda a vizinhança, dois mariolas, um de doze e o outro de treze anos. Aqui está a educação atual.

BARONESA (*dando o braço a Lucinda*) – Vamos, minha joia; vamos ver a mamãe. (*Saindo*). O seu tio é um...

GENERAL (*rindo-se*) – Sapequei-a em regra! Ah! Ah! Ah!

Cena IV⁶⁶

GENERAL e BARÃO.

BARÃO – A Baronesa[,] onde está?

GENERAL – Agora mesmo foi visitar a mana.

BARÃO – Preciso do teu auxílio[,] para realizar um negócio; a tua palavra pode influir sobremodo.

GENERAL – Do que se trata?

BARÃO – Do casamento de tua sobrinha e minha filha com o Dr. Ladislau.

GENERAL (*à parte*) – Temos outro inimigo pela frente; é preciso toda a tática na manobra. (*Alto*). Sim?

BARÃO – É um casamento de partido.

GENERAL – Ainda não pude compreender estes casamentos.

BARÃO – O tempo urge e não podemos entrar em divagações.

GENERAL – Já consultaste a sobrinha?

BARÃO – Já falei e quando mesmo não falasse... São formalidades. Estou certo de que ela se regozijará... Todas as mulheres[,] na sua idade[,] querem casar. O Dr. Ladislau deseja esposá-la e[,] ante um enlace tão venturoso[,] não podia vacilar... O mesmo farias no meu caso...

GENERAL – Talvez não. Que respondeu a sobrinha?

BARÃO – Não ouvi bem. O Dr. Ladislau é um moço de futuro, deputado geral, e talvez ministro[,] daqui a uns dias.

GENERAL – Faço votos pela felicidade de Lucinda.

BARÃO – Há de ser muito feliz. Preciso, contudo[,] que me auxilies...

⁶⁴ Na edição original, esta fala não se encontra entre aspas.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ No original, “Cena XIII”.



GENERAL – Em quê?! Não te compreendo.

BARÃO – Lucinda tem uma paixão oculta... Tenho a prova nesta carta... (*Mos-trata-a*). É sua letra... Estava desvairada[,] quando escreveu. Surpreendi[,] há pouco[,] o criado que a levava... Precisamos dissuadi-la; este casamento deve efetuar-se muito breve, depende dele a realização de uma grande empresa...

GENERAL (*com altivez*) – Hipotecaste a mão de tua filha?... É uma caução?... Todos os meios são lícitos, quando...

BARÃO (*interrompendo*) – Meu irmão, general! Deves fazer mais justiça ao meu caráter.

GENERAL – Depois de uma confissão tão vergonhosa? Não te posso acompanhar, não sei concertar destes planos, onde se jogam o futuro e a felicidade de um anjo.

BARÃO – Ninguém pode desejar-lhe mais venturas do que eu, que sou pai.

GENERAL – As provas protestam contra tão falsária hipocrisia.

BARÃO – Está me ofendendo.

GENERAL – Ofendido[,] julgo-me eu. Devias compreender que uma tal revelação poderia desligar-nos no fim de uma vida de paz e boa amizade. Seria indigno de trazer uma espada à cinta, se pactuasse com a violência... Desembainhei-a em nome da liberdade... Cruzei-a[,] a primeira vez[,] em defesa dos oprimidos...

BARÃO – Contava contigo, vejo que iludi-me... Estou só.

GENERAL – Acompanhar-te-á o remorso.

BARÃO – Reflete, mano, o Dr. Ladislau é capaz de fazer a felicidade de tua sobrinha.

GENERAL – Desde que não é o escolhido de seu coração, pode ser o seu algoz. Não tens o direito de impor um marido à tua filha; não precisas, és rico demais... Não há pai que precise contar as notas do banco pelas lágrimas de uma filha... A miséria debaixo do lar, é preferível à miséria do coração... A fome mata; a corrupção desonra e avilta. Quantas mulheres que aí passam[,] salpicando de lama a sociedade, não decaíram do pedestal da virtude, impedidas pela família e alucinadas pelo sofrimento?

BARÃO – Está bem.

GENERAL – O que queres, não é um casamento, é um contrato, é... Devo-me calar. Tens deveres circunscritos; faze e procede como entenderes... Serei apenas o espectador de uma cena hedionda.

BARÃO – Basta de ofender-me, está em minha casa.

GENERAL – Posso sair[,] já. Nunca esmolei, nem precisava. (*Sai trêmulo de cólera*).

BARÃO (*querendo detê-lo*) – Escute, general. (*Só*). Começa a caducar.



Cena V⁶⁷

BARÃO, a BARONESA e LUCINDA.

BARÃO (*indo ao encontro da baronesa*) – Já, senhora baronesa?

BARONESA – São horas, aqui estou desde o meio-dia. Estou triste, Lucindinha não quer ir à partida de quinta-feira.

LUCINDA – Se minha mãe estiver melhor...

BARÃO – Não é moléstia grave... Prometo que há de ir. (*Voltando-se para a filha*). Não é verdade que nos prometes?

LUCINDA – Ando cansada de tantos bailes...

BARONESA – Ora! Isso é coisa que se creia!

LUCINDA – Deus sabe como os detesto...

BARÃO (*interrompendo*) – Bem, nós iremos, senhora baronesa.

BARONESA (*a Lucinda*) – Conto com a flor do baile. (*Beijando-a*). Apareça, não seja ingrata. (*Ao barão*). Até logo.

BARÃO – Até logo. (*Acompanha-a*).

Cena VI⁶⁸

LUCINDA e depois o BARÃO.

LUCINDA (*com desespero*) – Horrível situação!... Ah! Mas é preciso que eu triunfe, custe o que custar. (*O barão entra*). Não vou, não quero ir.

BARÃO – Uma desobediência formal... Os mimos demasiados começam a produzir frutos...

LUCINDA – Que vou eu fazer entre a baronesa e seu filho, criaturas que abomino; por que são a causa do meu infortúnio?... Ninguém era mais feliz do que eu, não havia um pai que o excedesse em carinhos e extremos; não havia uma existência mais calma e tranquila do que a minha... Dissipou-se tudo como um sonho... Murcharam as flores de minha alma, murcham ao contato da ambição e do cálculo vil!... E é o senhor, meu pai, que me aponta o abismo em que me hei de despenhar, rasgando o coração nos espinhos do martírio, atrofiando a alma nas desilusões que enlouquecem e desesperam?!... Ah! Que mudança incrível!...

BARÃO – Tens a cabeça cheia de romances... Dou-te um marido que é um dos mais belos ornamentos da câmara, um orgulho da sociedade, o tipo do homem de bem... E o rejeitas, contrariando a vontade paterna. Cabecinhas loucas[,] que se deixam seduzir pelo canto das sereias da moda, bonecos enfeitados, que gastam os dias nos alfaiates e dissipam as noites nas saturnais. São destes homens que as meninas incautas como tu escolhem para arruiná-las... Romances e só romances!

⁶⁷ No original, "Cena XIV".

⁶⁸ Na edição original, "Cena XV".



LUCINDA – Quando eu escolher um marido, cujo nome seja digno de ligar-se ao meu, o senhor pode e deve aconselhar-me; mas dispor de mim, do meu amor, do meu coração, do meu futuro, como uma coisa, como uma mercadoria... Ah! Isto eu não consinto!... Não é uma desobediência, é a reivindicação de um direito que ninguém pode usurpar-me e muito menos um pai[,] que é o salvaguarda da honra, da felicidade de sua família!... Ah! Ouça-me, ouça-me!... É a dor que extravasa, é a alma que precisa libertar-se de um ecúleo⁶⁹ fatal!...

BARÃO – Estas cenas e exaltações são mais próprias do teatro... Que os criados não a ouçam... Romances, sempre romances!

LUCINDA – Eu tenho lido em muitos romances a história de certos casamentos, que começam por um divórcio e terminam por uma catástrofe. Quer ouvir uma dessas histórias tristes?... Era uma menina de 17 anos como eu; o pai milionário; mas tinha o coração selado pela ambição insaciável... Para realizar um negócio[,] em que devia ganhar algumas centenas de contos, perjurou a religião do amor, pisou aos pés os mais santos deveres; oferecendo[,] ao sócio, a filha que fora um dia os seus encantos...

BARÃO – Quero ver até onde vai a tua imaginação.

LUCINDA (*abatida*) – O resto é um quadro lutuoso: o marido torna-se algoz; esquece a mísera, abandona-a. Depois[,] a moça rica é a mais pobre de todas as mulheres... Chora no abandono... De um lado a vergonha, do outro (*soluçando*) lado o hospício dos loucos ou o catre do hospital!

BARÃO (*como atentado*) – Cala-te!... Imaginaste...

LUCINDA – Quer que eu acabe também assim, meu pai? Vamos, dê-me a sua mão, abra-me os braços, cubra-me de beijos; dê-me outra vez os meus sorrisos, os meus dias de primavera e as minhas noites de sonhos!... (*Ajoelhando-se*). Se o ofendi, aqui estou prosternada[,] como a penitente arrependida... (*Levantando-se*). Quando a morte paira sobre nossas cabeças, as riquezas aí ficam... E não há dinheiro que valha a paz serena da consciência.

BARÃO (*depois de longa pausa*) – Escuta-me[,] ainda uma vez. Quando te falei com empenho neste casamento, era convencido de que ias esposar um homem merecedor dos mais altos créditos e digno do teu amor, porque saberia correspondê-lo. Quantas moças não disputam o Dr. Ladislau, quantos pais não o ambicionam para as suas filhas? No entanto[,] a tua resposta foi uma negativa estrondosa, uma ameaça... uma provocação. Acreditei que tinhas uma paixão oculta... (*Pausa*). Falaremos depois sobre isto...

LUCINDA (*com emoção; baixo*) – Meu Deus; dá-me forças!

BARÃO (*no mesmo tom*) – Que outro marido poderia eu também ambicionar para ti? (*Com esforço*). Depois, é forçoso confessar-te... Somos sócios numa grande empresa, e... Todo o homem é ambicioso...

⁶⁹ Tormento, flagelo. No original, “equuleo”.



LUCINDA (*com desespero*) – Basta, não me diga mais nada, meu pai! Não quero, nem posso ouvir de seus lábios uma confissão que o amesquinha!... (*No auge do desespero*). Cale-se e arrependa-se... (*Pausa*). Eu não ouvi nada, não ouvi coisa alguma, foi um sonho medonho... Um pesadelo terrível... Terrível como a desgraça!... Levante-se aos meus olhos, levante-se ante a própria consciência, meu pai!...

BARÃO (*áspero*) – Ridículas exclamações! (*Mais moderado*). Fazia gosto neste casamento, fazia sem visar outros cálculos, que não dependem dele... Está bem...

LUCINDA – Detesto esse homem.

BARÃO – A senhora detesta todo o mundo.

LUCINDA – É indigno do meu amor, e, tanta convicção tinha ele dos meus desprezos, que[,] no último baile de sua mãe, pedindo a minha mão, respondi-lhe que amava outro homem. (*O barão impacienta-se*). Não obstante, entendeu que eu devia tornar-me a escrava do seu orgulho... Enganou-se com toda a ciência de que se gaba; é um vilão que nem merece um olhar de mulher!

BARÃO – Lucinda! Estás diante de teu pai!...

LUCINDA – Estamos diante de Deus[,] que nos ouve.

BARÃO – Sei o que me cumpre fazer... Desde que deixa de falar a filha, cessa também de falar o pai. De hoje em diante[,] ficam-lhe fechadas todas estas portas; acabaram-se as visitas, acabaram-se as lições; o seu professor de desenho não transporá mais aqueles reposteiros[,] para dizer-lhe amores. (*Agitação em Lucinda*). Soubes-o esta manhã e, felizmente[,] à tempo de punir a audácia do maltrapilho... Um lacaio!...

LUCINDA (*com ironia*) – Um lacaio decerto!... Pobretões que levantam a poeira do trabalho, com que mancham ousadamente os vestidos dos nobres e fidalgos. Ai de mim[,] se descesse até nivelar-me com um desses que não tem coragem para levantar-me os olhos, e muito menos a insensatez de aspirar a mão de tanto preço! Estas distâncias não se vencem assim, nem estes braços de família se malbarateiam como julga vossa excelência... (*Pausa*). Demais, quando mesmo eu amasse esse homem, suponha por um instante que o amo, era desafiar a cólera do inferno, era uma luta de morte, em que forçosamente o preconceito venceria a natureza e a vontade paterna esmagaria o coração filial!...

BARÃO – Sei que o amas, aqui tenho a prova. (*Tira do bolso uma carta*).

LUCINDA – Ah!

BARÃO – Esta letra é tua, é uma carta sem assinatura[,] dirigida àquele miserável, que me há de pagar caro.

LUCINDA (*agitada*) – Que vai fazer?!

BARÃO (*bruscamente*) – Amarrar esta carta na cara... (*Saindo*).

LUCINDA (*detendo-o*) – Quer enlouquecer-me?

BARÃO – Louca estava a senhora[,] quando escreveu isto. (*Sai*).



Cena VII⁷⁰

LUCINDA e o GENERAL.

LUCINDA (*debulhada em lágrimas*) – Já não tenho pai, não tenho ninguém por mim.

GENERAL (*abraçando-a[,] comovido*) – Podes chorar sobre este peito.

FIM DO SEGUNDO ATO.

⁷⁰ Na edição original, “Cena XVI”.



ATO III

PERSONAGENS:

BARÃO
GENERAL
RAIMUNDO
FAUSTO
DR. HORTÊNCIO
PROENÇA
VICENTINA
LUCINDA⁷¹
UM CRIADO

A mesma decoração.

Cena I

RAIMUNDO e o DOUTOR HORTÊNCIO (que entram).

RAIMUNDO – É isto, meu doutor, deixo-te amanhã, bem a meu pesar.

DOUTOR – Sinto que não assistas ao meu casamento.

RAIMUNDO – Custa-me a acreditar que te cases, não posso me convencer. Tu, o estróina por excelência, o celibatário mais acérrimo que conheço, tu, que pregavas contra o casamento... Que dizias mal de todas as mulheres...

DOUTOR – Que queres? Não pude resistir.

RAIMUNDO – A noiva é rica?

DOUTOR – Como as minas da Califórnia.

RAIMUNDO – Sim? Deveras?... Virgem?

DOUTOR – Como o interior da Groelândia.

RAIMUNDO – Rica, virgem, moça...

DOUTOR – Velha como as ordenações do Reino.

RAIMUNDO – Uma ruína!

DOUTOR – Um ideal!

RAIMUNDO – Nessas condições[,] não rejeitava, invejo-te a conquista.

DOUTOR – A minha noiva vai fazer 68 invernos. É magra como a inveja, feia como o remorso e estúpida como a preguiça. Quando estou perto dela, parece que tenho ao lado um guarda-comida ou uma lata de *stractum carnis*. Deixa de ser um cofre de graças, para ser um cofre de ouro. São mais raras estas mulheres...

RAIMUNDO – E mais preciosas também[,] creio. Que fortuna calculas?

DOUTOR – Para cima de duzentos contos.

⁷¹ Na edição original consta "Aurélia", que é o nome da protagonista da peça homônima, do mesmo autor.



RAIMUNDO – Duzentos contos! 68 anos! Virgem!!

DOUTOR – E órfã.

RAIMUNDO – Órfã! A tua felicidade é completa! Hás de me apresentar à tua noiva, não devo partir sem vê-la... Ah! É uma curiosidade notável!

DOUTOR – Hoje mesmo, agora se quiseres.

RAIMUNDO – Descansemos um pouco[,] primeiro. (*Pausa*). Duzentos contos, 68 anos e órfã! Realmente é apetecível, invejável!... E o que pretendes fazer depois de casado?

DOUTOR – Estou imaginando o programa, é mais ou menos isto: 1ª parte: sinfonia pela grande orquestra dos credores, música do alfaiate; o crédito restabelecido. 2ª Parte: preparativos para uma viagem à Europa... O enjoo deve fazer bem à minha mulher.

RAIMUNDO – Está claro.

DOUTOR – Terceira parte...

RAIMUNDO – Vejamos.

DOUTOR – Em Paris, na grande capital do mundo. Imagina o que serei, o que farei naquela terra encantada?...

Cena II

OS MESMOS e o GENERAL.

GENERAL – Vim interrompê-los[,] decerto.

DOUTOR (*cumprimentando*) – Senhor general.

RAIMUNDO – Boa noite, meu pai.

GENERAL (*baixo[,] ao filho*) – Desejo falar a uma pessoa[,] nesta sala.

DOUTOR – Então o nosso querido Raimundo deixa-nos[,] com efeito[,] amanhã...

GENERAL – É verdade, assim é preciso.

DOUTOR – Há de custar muito a vossa excelência esta separação.

GENERAL – Certamente. (*Faz sinal ao filho para sair*).

RAIMUNDO – Vamos até o meu quarto?

DOUTOR – Como quiseres.

RAIMUNDO – Então vamos, lá estaremos mais a gosto. (*Saem*).

Cena III

GENERAL, UM CRIADO e depois FAUSTO.⁷²

GENERAL (*consultando o relógio*) – Não pode tardar.

UM CRIADO (*anunciando*) – Está aí!

GENERAL – Dize-lhe que entre. (*O criado retira-se. O General vai até o corredor e volta com Fausto*). Esperava-o[,] ansioso. (*Fecha as portas*).

FAUSTO – Nunca as horas correram[,] para mim[,] tão vagarosas.

⁷² Na edição original, "GENERAL e depois FAUSTO".



GENERAL (*indicando uma cadeira*) – Queira sentar-se. Pedi-lhe alguns momentos, para falar-lhe sobre um assunto que me interessa e ao senhor também. (*Pausa*). Minha sobrinha é uma dessas naturezas altivas, que não se dobram. O amor[,] que vota ao senhor, tem-lhe custado grandes sofrimentos, e eu não posso continuar a assistir estas cenas que me fazem sofrer também.

FAUSTO – Tenho uma resolução inabalável.

GENERAL – Qual?

FAUSTO – O que vou fazer, vossa excelência faria no meu caso, sem hesitar um momento. Não é para esquecê-la, que estes afetos assim profundos e arraigados, não se esquecem nunca, não morrem; vivem das saudades que brotam no coração, da memória!... Há destes afetos, general, afetos que nascem sem uma esperança e alimentam-se na soledade da alma... sem uma consolação. Não medi as distâncias... Era um amor cego... Tão cego que não via os escolhos, tão sereno, que não se lembrou nunca que havia um brasão naquela porta... Tão surdo ao ruído do mundo, que não ouvia a voz ameaçadora dos ricos. (*Pausa*). O artista não é um laçao, um vilão. Cartas destas (*tirando do bolso uma carta*), respondem-se...

GENERAL (*recebendo-a*) – É de meu irmão.

FAUSTO – Insultaram-me... E eu traguei[,] silencioso[,] os primeiros vitupérios na minha vida, sofri tudo por amor dela... Não posso ficar mais um dia nesta terra. Irei para longe, em busca de um desterro... Irei como quem se despede das alegrias do mundo, viver este resto de vida velando um amor que nasceu para o céu. Esta carta abriu-me uma ferida na alma.

GENERAL (*lendo a carta*) – “Deixa de continuar a dar lição à minha filha. Tencionava expulsá-lo de minha casa, as razões eram de sobra para fazê-lo; mas devia poupar escândalos.” (*Amarrotando-a*). Para que hei de ler o resto? Há de ser um acervo de injúrias. (*Pausa*). Então[,] vai mesmo?

FAUSTO – Amanhã, general.

GENERAL – Bem, resta-me também sair desta casa. (*Dando-lhe o chapéu*). Amanhã[,] irei abraçá-lo à bordo.

FAUSTO (*comovido*) – Obrigado, mil vezes obrigado. (*O general o acompanha e volta*).

Cena IV

GENERAL e LUCINDA.

LUCINDA (*com gesto aflitivo*) – Ouvi tudo, ouvi!... Ele vai partir, não é, tio? Vai e eu fico!... Ficarei morta ou louca!... Querem que eu morra ou enlouqueça... É um pai que assim quer, é obra dele este tormento!... Separam-nos. Cuidam que nos separarão as almas?... Em que é ele inferior a esses vis especuladores que me cercam, homens que não lhe ombreiam nos talentos, nem nas virtudes, nem no amor, nem na resignação?!...



GENERAL (*comovido*) – Sossega o teu espírito... Eu ainda tenho esperanças.

LUCINDA – Oh! Isto não pode ser, não pode... Uma escrava não sofre tanto!... O meu lugar nesta casa não é mais o de filha; aqui não há um pai, há um algoz e uma vítima!... (*Pausa*). De onde vem tamanho orgulho?... Vaidades mundanas[,] que um sopro da vida dissipa e acaba... Corações endurecidos!... Nem se compadecem das alheias dores, como não sentem as alegrias dos cândidos afetos!... Nem uma ideia generosa, nem uma ação meritória no lapso da existência!... Estátuas de ouro!...

GENERAL – Acalma-te, acalma-te, Lucinda.⁷³

LUCINDA – Há pais que dão às filhas a liberdade de gastarem num dia o que não ganham cem operários num mês, e[,] no entanto[,] negam-lhes a única liberdade que podem aspirar, a liberdade do coração. O mesmo que dá-me o direito de dissipar[,] em joias e sedas[,] rios de dinheiro, faz questão de um homem rico para desposar-me... A mim[,] que escondo as joias ao passar pela pobreza e as daria todas para enxugar as lágrimas dos aflitos. (*Pausa*). Que felicidade é esta?! (*Deixa cair a fronte sobre o peito do general, debulhando-se em lágrimas*).

GENERAL – É a felicidade dos ricos.

BARÃO (*fora*) – Lucinda!

LUCINDA (*em ato de sair*) – Compadeça-se de mim, compadeça-se dele, tio.

Cena V

GENERAL e BARÃO.

BARÃO (*entrando*) – Lucinda!

GENERAL – Agora mesmo saiu daqui. (*À parte*). É mister defendê-la[,] ainda uma vez. (*Alto*). Pode dar-me uma palavra?

BARÃO (*secamente*) – Estou às suas ordens.

GENERAL – Ainda persiste, mano?

BARÃO – O casamento está desfeito, venho de casa da baronesa.

GENERAL (*com alegria*) – Nunca é tarde para um arrependimento...

BARÃO – Quanto à outra união[,] é impossível...

GENERAL – Impossível?!

BARÃO – A minha vontade não se discute. Entende que devo entregar minha filha a qualquer beaguim?⁷⁴

GENERAL – Fausto é um talento superior[,] realçado por um caráter inflexível; é um modelo de virtudes, um homem que só tem o defeito de ser pobre.

BARÃO – Não o acho digno de esposar minha filha.

GENERAL – Escute, mano, esqueça o que é[,] para lembrar-se do que fomos...

Ouçá-me, bem sabe que não poderia cooperar para a infelicidade de minha

⁷³ Na edição original, "Calma-te, calma-te, Lucinda".

⁷⁴ Agente de polícia; esbirro, meirinho, tira.



sobrinha, que amo como se fôra seu pai. (*Pausa*). Estou à beira do sepulcro, poucos dias me restam... Pois bem, em nome do passado[,] que recorda uma amizade que não teve quebra, não me negues a última alegria neste resto de existência. Por que matar no coração as flores da crença? Amor assim[,] promete uma aurora de venturas, uma primavera de sorrisos. Que crime não seria o teu, meu irmão, se amaldiçoasses o que o céu abençoa?...

BARÃO – Não posso, não posso; seria uma humilhação, depois do que se tem passado.

GENERAL – Deixaste[,] então[,] de ser pai?...

BARÃO – Peça-me o que quiser... Este casamento não pode efetuar-se. Afianças o caráter de um homem, que me inspira os maiores receios. Quem é Fausto[,] nesta sociedade? Um aventureiro... Um especulador... De onde veio?

GENERAL – Tornas-te o soalheiro⁷⁵ de uma reputação. Que responderias àquele que insultasse as cinzas do peão Francisco Chaves, que foi nosso pai?... No entanto[,] o peão fez-se capataz, o capataz subiu a estancieiro e morreu legando-nos um nome honrado e vinte léguas de campo. Nosso pai foi peão... O marido de tua filha pode ser o artista laureado pelo talento que exalta, pelo trabalho que nobilita. O que valem estas experiências prestigiosas, que refulgem na terra como estrelas perdidas, o que elas valem, não podem avaliar os financeiros como tu, imersos em complicados cálculos.

BARÃO – Repito, a minha vontade não se discute.

GENERAL (*em ato de sair*) – A minha missão está completa.

Cena VI

OS MESMOS e LUCINDA.

LUCINDA (*caindo[,] ajoelhada[,] aos pés do pai*) – Queres matar este amor, pai?!...

BARÃO (*surpreso*) – Que é isto, Lucinda?... Estas cenas são ridículas...

LUCINDA (*levantando-se*) – Não se zangue, não se altere, não me ralhe, que tenho medo de enlouquecer... (*Rindo-se*). Que vontade tenho eu de rir-me.

BARÃO e GENERAL (*ao mesmo tempo*) – Lucinda!

LUCINDA – Não é assim que me querem ver, alegre, feliz?... Este mundo é mesmo uma comédia!... (*Começou a rir-se*).

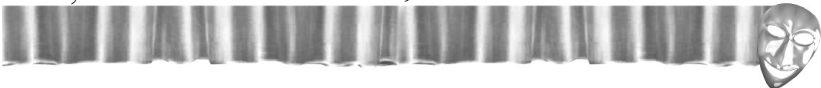
GENERAL (*baixo[,] ao barão*) – Salve-a, enquanto é tempo.

LUCINDA – A sua mão, meu pai, a sua, tio. Querem me ver alegre como dan-tes?

GENERAL – Se queremos.

LUCINDA – Eu já fui tão feliz! Que tempos venturosos que eram!... Os meus beijos te alegravam, pai; as minhas carícias, os meus afagos te enfeitavam...

⁷⁵ Integrante de um agrupamento de sujeitos ociosos e maldicentes, que se reúnem, geralmente, ao sol.



Veio o amor, tão puro[,] como o que sentiste por minha mãe, perturbar o meu céu cor de rosa, dissipar os meus sonhos fagueiros, cor do céu... Nasceu este amor como nascem as flores... Ele[,] de um raio da crença; elas[,] de um sorriso da primavera. (*Pausa*). E tens ânimo de o matar, meu pai?... Se as flores têm os carinhos de Deus nos orvalhos da noite, por que as tuas bençãos não santificaram este amor[,] que Deus acendeu no altar de minha alma?

GENERAL – Bravo!

LUCINDA – Restitua as minhas alegrias de outrora, eu era tão feliz, tu eras o melhor dos pais... Tão bom que eras!... Tira-me estas angústias, desata-me estes cilícios... Cobre-me de beijos, abre-me os teus braços!...

GENERAL – Resistes, meu irmão?

BARÃO (*abrindo-lhe os braços, comovido*) – Ela venceu.

LUCINDA (*no auge da alegria*) – Oh! Deus ouviu as minhas súplicas.

GENERAL – Foi uma batalha campal.

UM CRIADO – O senhor Proença e sua esposa.

GENERAL (*impaciente*) – Diz que não estamos em casa.

CRIADO – Porém...

BARÃO (*saindo*) – Receba-os, Lucinda, que preciso sair.

LUCINDA – Despache-os, tio. (*Sai*).

GENERAL (*ao criado, frenético*) – Que subam. (*Sai*).

Cena VII

PROENÇA e VICENTINA.

VICENTINA (*que traça no rigor da moda, voltando-se para o marido[,] que lhe tem pisado no vestido*) – Jesus, ainda não sabes andar ao lado de uma senhora! (*Olhando para o vestido*). Manchaste o meu vestido, bruto!

PROENÇA – Lembre-se que não estamos em casa, tenha mais juízo, senhora.

VICENTINA (*consigo*) – Tantas e tão altas aspirações, sonhar um paraíso... (*Suspirando*). Que monstro!

PROENÇA (*consigo*) – Sempre a recitar versos... Que mania!

VICENTINA – Quando teremos uma casa assim, Proença? Como isto é belo, como inspira, como deleita os sentidos! (*Indo à janela*). Que belo luar!

PROENÇA (*impaciente*) – Magnífico!

VICENTINA – A baía como está serena. Faz-me lembrar a *Judia*, de Tomás Ribeiro:

“Sumiu-se a barca, e eu chorava
Debruçada sobre o Tejo,
A aragem trouxe-me um beijo,
Que nos meus lábios tomei.”



(*Suspirando*). Tu não compreendes estas coisas, Proença, tu nadas compreendes. O tesouro fez-te o mais⁷⁶ prosaico dos empregados públicos.

PROENÇA – E os literatos fizeram da senhora a mais tresloucada das esposas.

VICENTINA – Fosses tu poeta, então[,] sim, então... Mas a tua poesia é o livro do ponto. (*Mirando-se no espelho*). Estou hoje tão pálida...

PROENÇA – Está ficando sem juízo, está ficando...

VICENTINA – Esteja calado, senhor Proença; ando muito enfasiada das suas repetidas sensaborias. Casei-me para emancipar-me e não para ser escrava da sua ignorância. O senhor devia ter casado na Índia... Maridos, maridos! (*Recitando*).

“Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta,
E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura,
Nem última ilusão beija e conforta
Meu ardente dormir...”

(*Suspirando*). Ai! Estas frases tão divinas é que não sabes dizer-me!... (*Pausa. Recitando*).

“Meu amor foi o sol que madrugava,
O canto matinal da cotovia...”

PROENÇA (*frenético*) – Põe-me doido.

VICENTINA – “Meu amor foi a verde laranjeira...”

(*Noutro tom*). “Era um gênio!... Que alma irmã da minha, tão igual, tão gêmea!...”

PROENÇA – Que desgraça!

VICENTINA – Desgraçada sou eu, eu, senhor Proença, que me arrependo[,] todos os dias[,] de ter ligado o meu futuro a um homem incapaz de compreender a linguagem dos afetos, o idílio das almas predestinadas. Deixe-me viver e sonhar na esfera da poesia; cuide de si, faça minutas.

PROENÇA – Que existência!

Cena VIII

OS MESMOS, LUCINDA e GENERAL.

VICENTINA – Pensei que não me querias aparecer! (*Beijam-se*).

LUCINDA – Estás boa? Como passa, senhor Proença? (*Cumprimentos*).

PROENÇA – Vossa excelência como passa, senhor general?

GENERAL – Não ando bom. (*Sentam-se ao fundo e conversam*).

⁷⁶ Na edição original, “o maior”.



VICENTINA – Sabes? Fui ao baile do ministro inglês, esteve magnífico, sublime. Que luxo! O meu figurino foi um dos mais bonitos, seria primoroso, se não fosse aquele casmurro. (*Apointa para o marido*).

LUCINDA – Não fales assim de teu marido.

VICENTINA – Ando fatigada de aturar-lhe as impertinências. É isto que te digo, meu amor, cada vez se torna mais impertinente, mais ciumento.

LUCINDA – Não és feliz?... Não digas, ele parece ser tão bom.

VICENTINA – Não é mau, não é... Há outras que se queixam com mais razão... Mas[,] que queres? Não nasci para esta vida circunscrita do lar. Sinto aqui esse vago indefinível... Um aspiarações que não são terrenas... “Mas, ai de mim! Essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente em minha alma e reflete-se... reflete-se...”. Não me lembra o resto. Não conheces?

LUCINDA – Não.

VICENTINA – Nunca leste *Eurico, o presbítero*?

LUCINDA – Li. (*À parte*). Pobre marido.

VICENTINA – Fala-se muito por aí no teu casamento com o Dr. Ladislau. É exata a notícia?

LUCINDA – Nem penso nisso.

VICENTINA – Não tenhas pressa de casar, é conselho que te dou; no entanto[,] é mister confessar, o Ladislau é um belo tipo!

LUCINDA – Teu marido vale dez vezes mais. Estás pensando muito mal, Vicentina; perdes a minha amizade[,] assim... Perdes-te a ti... Cuidado!

VICENTINA – *Tudieu!*

PROENÇA (*levantando-se*) – Há de conceder-nos licença, senhor general.

GENERAL – Já?

LUCINDA – Pois agora chegaram? Por que não ceiam conosco?

VICENTINA – Que dizes, Proença?

PROENÇA – Ficaré para outra ocasião... São quase dez horas.

GENERAL – Dava-nos muito prazer.

VICENTINA (*baixo[,] à Lucinda*) – É o homem mais casmurro que conheço.

LUCINDA – Tem paciência, filha, é teu marido; faze-lhe as vontades.

VICENTINA (*beijando-a*) – Até depois, meu amor.

PROENÇA (*ao general*) – Às ordens de vossa excelência.

GENERAL (*cumprimentando*) – Boa noite. Minha senhora.

(*O General e Lucinda acompanham*).

Cena IX

RAIMUNDO, só.

RAIMUNDO (*passeia agitado, pronunciando algumas palavras*) – Parece um sonho o que ouvi! Ciúmes!... Ah! Desprezou-me por causa de um vilão. Ainda bem que encontrou-me prevenido... A minha vingança será certa... Caia



embora o céu sobre mim... Embora!... Não será de outro... O segredo ficará entre mim e Deus! Deus! Palavra vã, sem significação, inventada para atemorizar os fracos. (*Pausa*). Onze horas... O momento é propício... Amanhã[,] quem saberá de mim! Por que vacilo?... Meu pai?... Não será obstáculo... Ninguém! (*Forçando a porta que dá para o quarto de Lucinda*). É minha vontade... É a minha vingança. (*Força de novo a porta e penetra no quarto; pouco depois[,] ouve-se um ruído e um gemido sufocado*).

Cena X

UM CRIADO e GENERAL.⁷⁷

CRIADO (*apagando as luzes*) – Deita-se a gente tão tarde (*boceja*), nestas casas. Estes fidalgos pensam que os outros não têm sono. Se não fossem os grilos... O dia de hoje não foi mau, não foi... A bandeja de prata rendeu-me 30\$000... (*Pausa*). Valia mais!... (*Bocejando e fazendo uma cruz na boca*). Para que Deus nos livre dos maus pensamentos. (*Escutando*). Ouço passos... Há de ser o velho, parece morcego, nunca tem sono.
GENERAL (*entrando*) – Que fazes tu[,] aqui?
CRIADO (*apagando a última vela*) – Vim apagar as velas. (*Sai*).

Cena XI

GENERAL e depois RAIMUNDO.

GENERAL – Bruto! Deixou-me às escuras. (*Começa a palpar*).
RAIMUNDO (*que abre a porta do quarto. A luz do interior ilumina parte da cena. Traz um vidro na mão. Palpando*) – Onde diabo estou eu?... Esqueci-me de prevenir José.
GENERAL (*baixo*) – Raimundo! A estas horas! (*Encontrando-se com o filho*). Raimundo!
RAIMUNDO (*surpreso*) – Meu pai!
GENERAL (*pegando-lhe na mão*) – Que é isto que trazes nesta mão? Que fazias tu? De onde vens, Raimundo?... Saíste daquele quarto? Fala, Raimundo!... Serias tu capaz de um crime?!... Eu perco a razão, se não falas. Raimundo, Raimundo! Por que tremes?
RAIMUNDO (*trêmulo*) – Meu pai!
GENERAL – Onde estavas? (*Pausa*). Ah! Aquela porta está aberta!... Aquela porta... Sim, eu não me engano... Eu vejo... Desonrada! Maldição sobre ti! (*Caindo sem sentidos*). Maldição!
RAIMUNDO – Meu pai!... (*Palpando-o*). Morto!

FIM DO TERCEIRO ATO.

⁷⁷ No original: "UM CRIADO, só."



ATO IV

PERSONAGENS:

DR. EDUARDO DE SÁ
GENERAL
RAIMUNDO
FAUSTO
DR. HORTÊNCIO
PROENÇA
VICENTINA
LUCINDA⁷⁸
UM CRIADO

QUADRO I

Uma elegante sala. Próximo ao primeiro plano[,] um piano. Ao fundo[,] três portas com reposteiros[,] conduzindo à câmara nupcial.

Cena I

VICENTINA no braço do DR. EDUARDO DE SÁ.

DR. EDUARDO – Vossa excelência é... um anjo, um...

VICENTINA (*soltando uma gargalhada*) – Que petulância.

DR. EDUARDO – Não sei porque, minha senhora? Se eu não disse tudo o que sentia...

VICENTINA (*continuando a rir-se*) – Que ingenuidade!

DR. EDUARDO – Vossa excelência tapa-me[,] assim[,] a boca, não me deixa falar. Digo-lhe sinceramente, minha senhora... que... (*vacilante*) que...

VICENTINA – Lembre-se que sou...

DR. EDUARDO – Que é?!

VICENTINA (*curiosa*) – Pois não queria dizer?...

DR. EDUARDO – Se queria!... Vossa excelência não imagina, não calcula... Ah! Eu perco-me... Perco-me[,] forçosamente!... Como não há de perder-se um homem por uma mulher como vossa excelência? (*Vicentina solta uma risada*). Não desdenhe.

VICENTINA (*com altivez afetada*) – Está falando a uma senhora casada.

DR. EDUARDO – Casada?! Então[,] este amor que despertou em mim... O fogo que esses olhos acenderam em minha alma[,] desde o momento em que a vi entrar[,] radiante de beleza, de graças, de seduções?... Casada?!... Seriamente, minha senhora?

VICENTINA – E amo loucamente meu marido.

⁷⁸ Também aqui, a exemplo do ato precedente, consta o nome “Aurélia”.



DR. EDUARDO – Quer dizer que?... Casada!... Crua realidade! E eu a imaginar tantas venturas, gozadas ao lado de vossa excelência, a criar castelos, a sonhar um mundo de poesia!... Eu sou um desgraçado!

VICENTINA (*com altivez*) – Basta, senhor.

DR. EDUARDO – Há de concordar que foi uma decepção horrível.

VICENTINA (*com gesto aflitivo*) – Ah! (*Sai apressadamente*).

DR. EDUARDO – Que foi?

Cena II

DR. EDUARDO e PROENÇA.

PROENÇA (*como quem procura*) – É singular! Não a encontro, não sei onde meteu-se. (*Vendo o doutor*). O senhor não viu?...

DR. EDUARDO (*à parte*) – Que tipão! (*Alto*). Falou comigo? (*Ouvem-se os compassos de uma valsa*).

PROENÇA (*frenético*) – Que existência, que vida!

DR. EDUARDO (*que tem ido observar o baile*) – Como é bela! (*Voltando-se para Proença*). Psiu! Desculpe se o incomodo; queira dar-me umas informações... Diga-me uma coisa. Eu cheguei ontem da Europa, depois de uma ausência de sete anos... Quase toda esta gente me é desconhecida. Conhece aquela mulher de vestido cor de rosa?...

PROENÇA (*à parte*) – Minha mulher!

DR. EDUARDO (*impaciente*) – Pergunto-lhe se conhece.

PROENÇA (*com ciúme*) – Muito!

DR. EDUARDO (*com entusiasmo*) – Não é verdade que parece um silfo? Uma fada, uma visão?... Sabe onde mora?

PROENÇA (*com ódio*) – Parece-me que... Não estou bem lembrado. (*À parte*). Isto é horrível!

DR. EDUARDO (*apaixonado*) – Meu Deus! Nunca senti uma paixão igual!

PROENÇA – Por quem?! (*À parte*). Não sei como me contenho.

DR. EDUARDO – Não ser eu essas flores que tu beijas, angélica, celestial criatura!... Como tenho ciúmes!...

PROENÇA (*à parte*) – Ciúmes! De minha mulher!... Quebro-lhe os ossos!

DR. EDUARDO – Admire, admire comigo!... Olhe... Que talhe, que corpo! Ninguém dança como ela, dir-se-ia uma ave do céu, parece que voa! A sua beleza deslumbra, os seus requebros alucinam!... (*Proença[,] fora de si, aperta-lhe o braço com força*). Que brutalidade é esta?! (*Ameaçador*).

PROENÇA – Doe-lhe?

DR. EDUARDO (*com alegria*) – Graças que terminou! (*Surpreso*). Que vejo?! Pérfida! E disse que era casada!

PROENÇA – Que foi?!

DR. EDUARDO – Vê aquela flor que o cavalheiro está colocando ao peito? Foi ela quem lha deu... Eu vi!



PROENÇA (*desesperado*) – Tem certeza?!

DR. EDUARDO (*idem*) – Como tenho de que o senhor é... um... (*Olhando com atenção para as salas. Surpreso*). Recebeu um bilhete!...

PROENÇA (*fora de si*) – Ela?!

DR. EDUARDO – Que escândalo!

PROENÇA – Tem certeza?! (*Furioso*). Só o divórcio em tal caso!

DR. EDUARDO – Pois o senhor... é... o marido?!

PROENÇA – Um desgraçado! (*Sai às carreiras*).

DR. EDUARDO (*às gargalhadas*) – Desgraçado marido! (*Sai*).

Cena III

VICENTINA e PROENÇA (que traz no braço uma capa).

VICENTINA (*depois de alguma pausa*) – Pareces louco.

PROENÇA – Nem um instante mais.

VICENTINA – Que olhar de fera!

PROENÇA (*ameaçador*) – Vamos, já lhe disse.

VICENTINA – Está falando a uma senhora.

PROENÇA – Que não sabe zelar o nome nem a honra de seu marido.

VICENTINA – Não sei quando Deus há de compadecer-se de mim!

PROENÇA – Vamos ou... Julga que não vi?... Refalsada hipócrita!

VICENTINA – Ciúmes! Recriminações!

PROENÇA (*com gesto terrível*) – Onde está o bilhete que recebeste[,] ali?

VICENTINA – Parece louco.

PROENÇA – Louca é a mulher que tem o seu procedimento, que impudicamente recebe cartas amorosas e oferece flores...

VICENTINA – Eu?

PROENÇA – Eu vi!

VICENTINA (*envolvendo-se na capa*) – Mente.

PROENÇA – Vicentina!

VICENTINA – Julga que tenho medo das suas ameaças? (*Atirando a capa no chão*). Hei de ir quando quiser; a minha vontade é soberana, não admito imposições. (*Sinal para polca*). Tenho par para esta polca. (*Saindo*). Parvo!

PROENÇA (*seguindo-a*) – Inferno!

Cena IV

D. QUITÉRIA e o DR. HORTÊNCIO.

DR. HORTÊNCIO (*súplice*) – Quitéria, faz-me esta última vontade.

D. QUITÉRIA – Já lhe disse que não.

DR. HORTÊNCIO – E a minha liberdade[,] então?

D. QUITÉRIA – Rasgarei o testamento...

DR. HORTÊNCIO – Deixa-me dançar só esta vez...



D. QUITÉRIA – Menino louco! E os meus zelos?... Zelos de tudo e de todos. Nem sabes, nem avalias que vulcão escalda aqui dentro.

DR. HORTÊNCIO – E o meu par?

D. QUITÉRIA – Uma delambida!⁷⁹ Antes dançasses comigo.

DR. HORTÊNCIO – Na tua idade?... Uma polca?

D. QUITÉRIA – Que tem a minha idade?... Ainda não cheguei à casa dos quarenta... Trinta e... Mais ou menos. (*Dando um grito*). Ai!

DR. HORTÊNCIO (*preocupado*) – Que foi? (*À parte*). Se não fossem os duzentos contos!

D. QUITÉRIA (*sentindo ansiedade*) – Ai! Que dor no estômago, parecem cólicas.

DR. HORTÊNCIO – Comeste tanto!

D. QUITÉRIA (*com náuseas*) – Foram as cocadas... Estavam tão deliciosas! (*Querendo lançar*⁸⁰). Ai! Que morro.

DR. HORTÊNCIO (*à parte*) – Deus queira que não se engane.

D. QUITÉRIA – Foram as cocadas... Foram... Tenho-as[,] aqui. (*Indicando o peçoço*). Que suores frios! As cocadas não me fazem bem... Eu morro, meu querido.

DR. HORTÊNCIO (*à parte*) – Deus te ouça. Vou procurar um médico, há muitos aí na sala. (*Saindo*). Eu já volto. (*À parte*). Depois da polca.

D. QUITÉRIA (*com abatimento*) – Não demores, filho, depressa, depressa, prenda adorada. (*Inclina-se no sofá*).

Cena V

D. QUITÉRIA e PROENÇA.

D. QUITÉRIA – Como ele tarda!

PROENÇA (*passeando e gesticulando*) – Nunca mais!

D. QUITÉRIA (*languidamente*) – Como está demorando!

PROENÇA (*observando o baile*) – Mulheres!

D. QUITÉRIA – Ah! Homens! Homens! Fiem-se neles.

PROENÇA (*com desprezo*) – Isto faz enlouquecer!

D. QUITÉRIA (*erguendo-se*) – Os ciúmes me matam, as cocadas não me fazem tanto mal.

PROENÇA – Raça de víboras!

D. QUITÉRIA (*observando a sala*) – Que vejo?! Dançando!

PROENÇA – Que namoro escandaloso! E eu a assistir estas cenas!

D. QUITÉRIA – Dançando!... Que pouca vergonha! ... Estou capaz de um crime.

PROENÇA – Oh! Felicidade!

⁷⁹ Afetada, presumida.

⁸⁰ Regurgitar, vomitar.



D. QUITÉRIA – Minhas santas ilusões!... Ai! Morreram para sempre, morreram. PROENÇA – Amanhã[,] o divórcio. (*Sai precipitadamente*).

D. QUITÉRIA – Zelos, zelos! (*Furiosa*). Nem merece os meus ciúmes, é indigno! Hei de romper o testamento. (*Sai*).

Cena VI

[LUCINDA e FAUSTO.]

(*Lucinda, pelo braço de Fausto. Vestidos de noivos. Atravessam o quarto nupcial e descem até junto ao sofá, onde Lucinda reclina-se. Fausto fica de pé.*)

LUCINDA (*meigamente*) – Por que não se senta ao meu lado?

FAUSTO (*trêmulo de emoção[,] obedece*) – Lucinda! (*Com doçura*). Anjo, que minha alma adora. (*Tomando-lhe as mãos*). Como te amo, como te desejava! Que minha mãe abençoe esta união!... Lucinda, minha esposa!... Este amor, que ainda há pouco nos uniu perante os homens, este amor, meu anjo, esta hora, este instante[,] resgata todas as lágrimas de minha vida atribulada! Serás tão feliz como eu? Tanta felicidade sufoca o coração, Lucinda!...

LUCINDA (*enlevada*) – Fausto!

FAUSTO – Tu foste a minha Providência, foste o anjo tutelar que sorriu ao desventurado órfão! Que seria de mim, se te perdesse, esposa querida? Divorciado do mundo, desta sociedade hipócrita[,] que detesto, meus dias escoavam-se tristes como as noites de um condenado; só na vida, só desde os primeiros anos! Quando ao meu lado via passar uma criança sorrindo aos carinhos maternos, eu contemplava com os olhos arrasados de lágrimas indefinidas aquele quadro da felicidade que nunca frui. (*Pausa*). O mundo foi o meu lar, a desgraça a minha companheira! Doce alma! Doce visão de meus sonhos puros!... Que esposo poderia consagrar-te mais adoração e respeito? Minha vida te pertence, porque a salvaste... Como te amo!... A luz de teus olhos foi o santelmo de vida... alentou as flores⁸¹ de minha mocidade, douradas pela aurora do teu amor!

LUCINDA – Por que lembrar cenas tristes?

FAUSTO – É que não sabes o que é o grito do órfão, quando ele pede bálsamo para a ferida excruciante⁸² e lhe respondem com a indiferença gélida, esmagadora. É que não sabes nada dessas tristezas da orfandade!... O mundo! esmagou-me com sua mão de ferro, rasgou-me o peito com suas garras de abutre, atirou-me para o desterro das desilusões. Meu ser se aniquilava, minha inteligência[,] sufocada no meio de uma atmosfera mefítica, queria erguer-se nos voos do espírito e rastejava no limbo da dúvida. Um dia[,] vi

⁸¹ Na edição original, “A luz de teus olhos foram o santelmo de vida... alentaram as flores...”.

⁸² Cruciante, pungente, doloroso, aflitivo.



abrirem-se diante de mim os caminhos da glória... Ergui-me olhando para o céu, como quem busca Deus no meio da tormenta[,] e meus lábios pronunciaram uma súplica dolorosa. Daí a um mês[,] meus pulmões respiravam o ar frio do oceano e[,] pela primeira vez[,] contemplava a vastidão da imensidade. Ao deixar o berço natal, a desgraça apareceu-me mais negra do que nunca. Só eu não tinha de quem despedir-me!

LUCINDA – Pobre Fausto.

FAUSTO – O mar foi o meu confidente, a solidão adoçava a melancolia de minha alma; estava mais com Deus ali no seio do infinito. O mar é decerto o melhor amigo dos desgraçados! (*Pausa*). Depois, na minha volta, tua imagem radiante de beleza e doçura, como o ideal do artista, pairou no meu caminho abrolhado. Uma nova época da vida desdobrou-se ante mim. Pela primeira vez[,] meu coração, rude instrumento do infortúnio, vibrou a celestial harmonia da crença, da felicidade!... De teus lábios caiu o verbo das minhas alegrias, a luz de teus olhos, como um raio da crença[,] dissipou a noite das amarguras inconsoláveis, tua imagem santa povoou a solidão do desalento, o vácuo da dúvida!... Esposa querida, anjo, minha amante!... Só a morte poderá separar-nos[,] agora!... (*Ajoelhando-se*). Deixa que te adore de joelhos, santa! Este instante compensa todas as minhas lágrimas dolorosas, já tenho família, já tenho uma religião!...

LUCINDA (*enlevada*) – Fausto!

FAUSTO – Que felicidade, Lucinda!

LUCINDA (*com emoção*) – Não esqueçamos aquele que no-la proporcionou... Seria ingratidão... (*Pausa*). Se não fosse ele, talvez este momento não chegasse nunca. Pobre tio! Aceita estas lágrimas que a saudade, os afetos, a gratidão, o respeito[,] derramam sobre (*ajoeilhando-se*) o teu sepulcro!...

FIM DO PRIMEIRO QUADRO.



[ATO IV]

PERSONAGENS:

LUCINDA
BARÃO
FAUSTO
UM CRIADO

QUADRO II

A mesma decoração.

Cena I

LUCINDA (traja um roupão branco, as tranças soltas; fisionomia profundamente abatida).

LUCINDA – Lágrimas! (*Limpendo os olhos*). Triste consolo. (*Pausa*). Dir-se-ia um sonho[,] tudo isto... Ontem[,] alegrias desejadas... Hoje[,] o aspecto lúgubre das tristezas irremediáveis!... Perdi o seu amor ou menti aos juramentos... Mudou, tudo mudou num instante... Nem amor... Nem resignação! Posso eu[,] acaso[,] suportar estas angústias?... (*Pausa*). Sinto-me humilhada diante dele... Tanta severidade[,] acabrunha. E por quê? Que lhe fiz eu?... Isso assim é para matar! (*Longo silêncio[,] em que mostra grande sofrimento*). Que mudança foi esta?!... É impossível... Não pode ser... Tanto extremo... Um amor[,] como ele dizia[,] não se finge, não morre assim[,] no fim de poucos dias! (*Pausa*). Aqui há um mistério profundo... Que será, meu Deus?!... Quem mo há de revelar? (*Cai no sofá[,] banhada de lágrimas*).

Cena II

A MESMA e o BARÃO.

BARÃO (*que ouviu as últimas palavras, dirige-se à filha, para-se[,] contemplando-a com visível mágoa*) – Que é isto, minha filha? Que lágrimas são estas?... Não és feliz?

LUCINDA (*com ironia pungente*) – Feliz!?

BARÃO – Então[,] não és?

LUCINDA – Não vê?... Dir-se-ia que a morte passou aqui, deixando a desolação e o luto... (*Pausa*). Oh! Meu pai, meu pai, como a dúvida é cruel e esmagadora!... Minhas faces desbotaram... Nem um instante de sossego... Morro, abafo, sufoco-me; o coração não pode mais, sucumbe! A fatalidade, como um raio de extermínio, caiu aqui e feriu-nos impiedosa...

BARÃO (*comovido*) – Quem sabe, filha, se não é a tua imaginação que delira?

LUCINDA (*com a voz cortada em lágrimas*) – Antes fosse... (*Com profundo desalento*). O coração da mulher não se engana nunca.



BARÃO – Então?

LUCINDA (*lançando-se-lhe nos braços*) – Onde maior desgraça, meu pai?!

BARÃO (*animando-a*) – São juízos... temerários; a verdade há de transparecer... Se é um mistério... Vamos, ânimo, Lucinda, minha filha, é preciso ânimo nestas ocasiões. Teu marido é um homem de bem... Quem sabe lá o que aquilo é?... Talvez algum embaraço na vida... Não nos quer dizer... Havemos de sanar tudo... Tudo, ouviste?

LUCINDA (*com uma alegria delirante*) – Se assim fosse!... Há de ser isso mesmo!... E eu a acusá-lo, sem razão, sem provas, sem remorsos... Por causa destes extremos, deste amor que Deus acendeu aqui, que me queima, que se ateia cada vez mais!... E eu a ver tantas sombras, com estes pressentimentos e vãos temores!...

BARÃO – Ainda bem que voltas à razão. Hoje saberemos tudo.

LUCINDA – Tire-me este peso do coração...

BARÃO – Começas?

LUCINDA – É que eu morreria, se perdesse o seu amor.

BARÃO – Anda a tua imaginação a enxergar causas que não existem... Nem ele sabe disto, nem pensa, nem sonha nas tuas inquietações. Fossem todas as tristezas como esta, que se remediavam... O que eu não posso admitir são estes receios...

LUCINDA (*querendo animar-se*) – Pensa[,] então?...

BARÃO – Penso que deves tranquilizar o teu espírito.

LUCINDA (*com a voz plangente*) – Tranquilizar o espírito!... Quem manda quietar o oceano, quando ruga a tempestade? É que não sabe que misto de ideias revolteia aqui dentro! (*Pausa*). O que sei, meu pai, o que sei é que este tormento não pode continuar!...

BARÃO (*disfarçando pesares*) – Tudo isto é uma infantilidade... É... São os teus extremos... O que supões tu a respeito de Fausto?... Que te aborreceu? Impossível.

LUCINDA – E que significa uma mudança tão estranha[,] de ontem para cá? Cada vez mais sombrio, cada vez mais triste.

BARÃO – Não se acusa sem provas, minha filha!

LUCINDA (*com desalento*) – Eu não estou acusando ninguém... Não disse...

BARÃO – Amanhã, logo mais, tu mesma te hás de rir das tuas apreensões... Vai ver tua mãe, que perguntou por ti. A propósito, vou contar-te uma de tua mãe. Quando casamos, eu, que era louco pela caça, no fim do quarto dia de lua de mel preparei a espingarda, e atirei-me para o Gravataí. Quando voltei, tua mãe recebeu-me com uma enfiada de lágrimas. Sabes qual foi a minha resposta? No dia seguinte[,] fiz o mesmo, e desta vez fui recebido com uma enfiada de abraços. Demo-nos, daí por diante[,] perfeitamente. (*Pausa*). Não te tornes uma esposa desconfiada e ciumenta. Os ciúmes têm separado muitos casais.

LUCINDA (*resignada*) – Eu entrego tudo a Deus.

BARÃO – Eu deslindo tudo isto[,] hoje mesmo. Vamos. (*Saem*).



Cena III⁸³

FAUSTO, só.

FAUSTO (*fisionomia profundamente abatida. Voz pungente*) – E por que não saio desta casa?... Que faço eu aqui? Que espero mais?... Fatal amor!... (*Deixa-se cair numa cadeira*). Tantos sonhos, tantas alegrias!... Destino nefando!... Nem alegrias... nem lágrimas... nem família... ninguém, senão a desgraça, eterna companheira de meus dias! (*Pausa*). Que fiz eu, Senhor, para merecer tua condenação implacável?! (*Amargamente*). Sonhos, glória, arte... Tudo perdido!... Onde pensava encontrar a felicidade... nem ao menos achei a... honra! (*Com desespero*). Nem honra... Arrojaram-me num abismo, infamaram-me... (*Pausa*). Nem mãe... nem esposa... Privado de todos os afetos, mais só... Ludibrio de todas as desgraças. Morre, coração, morre nas lavas desse amor que te expulsou do paraíso que sonhaste. (*Pausa*). Que faço eu aqui? Que espero?... O que me prende a esta mulher, que levantei nos arroubos de meu espírito, e que em paga de tanto afeto atirou-me para a penitência do martírio?!... Que esperas, desgraçado?... O destino asselou-te na fronte o estigma do réprobo... Morre... ou vinga-te. (*Pausa*). Foge, foge para sempre daqui... Foge... Se perdeste tudo, o que esperas? (*Pausa*). Não era um anjo, é um demônio... Fatal desilusão!... Oh! Meus sonhos delirantes, ó minha mocidade! Tudo consumido, tudo morto! (*Longa pausa*). Por que choras, coração?!... Morre, mas não te aviltes... Morre atado ao teu ecúleo como os mártires da fé, sem uma queixa, um gemido, sem um ai!... Foge, foge!... (*Vai para sair e para repentinamente[,] como se alguém o compelisse; esconde o rosto com as mãos e[,] como se lhe faltassem as forças, apoia-se numa cadeira, senta-se afogado em lágrimas*).

Cena IV⁸⁴

FAUSTO e LUCINDA.

LUCINDA (*à parte*) – Meu Deus! Sempre triste! (*Meigamente*). Fausto. (*Fausto não dá acordo de si*). Que tens tu, meu amigo?... Que te fiz eu[,] para me fugires?... Já não me amas?

FAUSTO (*como se despertasse de um sonho terrível*) – Quem me fala?! (*Vendo-a*). Ah! Estava aí?

LUCINDA – Que tens, que tens, Fausto?!

FAUSTO – Nada, é meu gênio, há de acostumar-se.

LUCINDA – Não era assim... (*Pausa*). Enfastia-lhe a minha presença? Tem saudades da outra vida? Parece-lhe monótona esta felicidade?

FAUSTO – Incomoda-se sem motivos, isto em mim é uma excentricidade comum, fique prevenida.

⁸³ Na edição original, "Cena II".

⁸⁴ Na edição original, "Cena III".



LUCINDA – Como mudaste, como mudas!... Por que me cravas esse olhar[,] que me assusta? Que te fiz eu, que te fizemos nós?... (*Soluçando*). Perdi o teu amor? Pois toda essa alegria dos esponsais já morreu nesta casa?... Fausto, meu esposo, que mudança súbita foi esta? Não me falas, não me respondes?... Olha para mim, a loucura passa na minha frente[,] como um açoite da desgraça... Antes perder a vida, do que o teu amor!... Quando a desconfiança invadir o meu peito, nesse dia... ficarás livre!... (*Caindo-lhe[,] de joelhos[,] aos pés*). Que mão oculta nos separa? Que espectro invisível se apruma entre nós... e me rasga o coração, e me exacerba o martírio!... Tu te calas, tu não me ouves?... Então[,] estes extremos, todo este amor concentrado aqui, converte-se em amargura, em desespero?... Eu não me levanto daqui sem uma palavra que me restitua a felicidade que perdi, ou me dê a morte[,] que é a felicidade dos que perderam a esperança.

FAUSTO (*respeitoso*) – Peço-lhe que se levante... (*Levanta-a*).

LUCINDA (*com a voz plangente*) – Parece que Deus castigou-me; pensei eterna esta felicidade e... Bem longe adeja ela de nós!

FAUSTO – Talvez...

LUCINDA (*dolorosamente*) – Que diz, Fausto?! (*Profundo silêncio*). Não vê que me mata, que esse silêncio me despedaça a alma? Que mão oculta nos fere?... Quem se interpõe entre nós[,] como um abismo insondável?!... Não falas?... Fausto, Fausto, meu esposo, meu amante!... Dava a vida, fortuna, mocidade[,] para ser tua esposa um dia, uma hora... Dei-te este amor incalculável, infinito e[,] agora que te pertence[,] e agora... não tenho senão a febre do desespero[,] que me queima aqui dentro, senão a palidez da morte[,] que resfria as minhas faces!... Oh! Tu te calas?... E essa felicidade que dourava a nossa existência? E esse elo que só Deus podia romper?... Tudo foi uma mentira, uma perfídia?!... Queres que enlouqueça?! Que crime cometi eu[,] para merecer tão grande castigo?!... (*Esconde o rosto nas mãos, sufocada pelas lágrimas*).

FAUSTO – Se sofre, não sofre mais do que eu, acredite... Não lhe posso dizer[,] agora[,] o que sinto... O dia ainda não acabou-se, falaremos à noite. (*Em ato de sair*). Até lá, minha senhora.

LUCINDA – Antes que a noite despregue as asas sobre a terra, esta alma que consagrou-lhe o amor mais apaixonado, que dedicou-lhe uma vida de extremos, uma adoração infinita... terá voado ao seio de Deus.

FAUSTO – Que diz?!

LUCINDA (*indo para sair*) – Até lá. (*Sai precipitadamente, entra na câmara nupcial e fecha-se dentro*).



Cena V⁸⁵

FAUSTO, só.

FAUSTO – Que mistério!... Que profunda convicção[,] em cada uma de suas palavras. Será um anjo ou um demônio?... Mas as provas de sua inocência? Onde estão elas?... Oh! Deus de bondade, Deus de misericórdia, salva-a, se é possível, ou fulmina-me, se o mereço!... *(Pausa)*. Que me importam as suas lágrimas! Cala-te, coração... Não te iludas, não te cegues... Aquela mulher é indigna do teu amor! *(Pausa)*. Oh! A minha razão se perde. *(Sai)*.

Cena VI⁸⁶

LUCINDA (vestida de preto, caminha a esmo; depois de longo silêncio[,] senta-se ao piano e começa um recitativo).

LUCINDA (*recitando, com voz soluçante*) –

Ai! Celeste visão, por que na estrada
Minha alma te encontrou e me sorriste?!
Passaste bela e meiga, eu – pobre louco,
Trememente te adorei, pálido e triste.
Deus sabe o que senti! Teu lábio rubro
Trescalava o perfume dos amores,
E teu olhar divino[,] desmaiando[,]
Acordava talvez entre langores.
E sonhei-te ao depois, por longas noites
Só tua imagem pairou na fronte ardente.
Nem mais desejos tinha[,] do que ver-te,
Adorar-te e viver de ti somente.
Libando amargo fel, mudo, sombrio,
Ao mar, ao céu, teu nome perguntava,
Cansei de caminhar, sozinho, errante
Esquecido de mim – em ti cismava!
Ai! Delírio fatal! Em toda parte
Tua face empalidecida procurava,
À brisa, à noite, às tardes, ao silêncio,
Só de ti a minha alma, anjo, falava!
Depois... Era de noite, eu contemplava
O pálido luar sobre as campinas;
Além[,] festiva orquestra, o baile, a valsa,
Luminoso clarão entre as cortinas.
Entrei. Sorria a turba delirante

⁸⁵ Na edição original, "Cena IV".

⁸⁶ No original, "Cena V".



Nos anseios febris da louca dança,
Olhei... Nem vi olhando os que passavam
Felizes no caminho da esperança!
Felizes! Na canção da mocidade
A taça da ventura ali sorviam,
E nas asas do amor enlanguescidos
Banhados de volúpia eles seguiam.
Só eu chorava[,] então. No livro da alma
Escrevia o poema da saudade:
Era a lenda do amor que se perdia
Na última canção da mocidade!

(*Parando sufocada pelas lágrimas*). Último sonho! (*Tira um papel do seio, beija-o e[,] de novo[,] o esconde*). Relíquia preciosa de um amor que esvaiu-se.

UM CRIADO – A carruagem está pronta.

LUCINDA – Coragem. (*Sai*).

Cena VII⁸⁷

FAUSTO, só.

FAUSTO (*fisionomia desvairada*) – Morrer... Sim... Que é a vida senão um sonho terrível?... São os últimos momentos de um condenado... No entanto[,] ninguém teve mais aspirações do que eu... Mas o que é a glória? Uma miragem enganadora... O mundo!... Foi para mim um chão de brasas... Pôs-me na frente uma coroa de espinhos, pôs-me nos lábios a esponja embebida em fel... Neste deserto árido, caminheiro eterno da desgraça... não foi-me dado um instante de repouso... (*Com a voz sufocada pelos soluços*). Morre, morre!... (*Vai para sair e encontra-se com o barão*).

Cena VIII⁸⁸

O MESMO e o BARÃO.

BARÃO – Não quis almoçar...

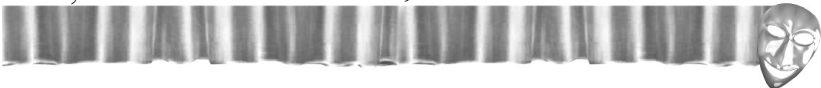
FAUSTO – Estava... Estou indisposto.

BARÃO – Sim? (*Tirando uma carteira do bolso*). É o dote que destinei àquele que esposasse minha filha. (*Oferecendo*). Peço-lhe que aceite[,] como se viera de um pai.

FAUSTO (*em cuja fisionomia desenha-se a consciência ofendida*) – Digo-lhe, senhor barão, que nem os seus milhões triplicados comprariam a minha consciência. (*Movimento do barão*). Enganou-se, pondo preço à minha hon-

⁸⁷ Na edição original, "Cena VI".

⁸⁸ No original, "Cena VII".



ra. (*Pausa*). Desligado dos laços que me prendiam à sua filha, eu não preciso senão daquela porta para sair... entre a irrisão e o escárnio da sociedade.

BARÃO (*detendo-o*) – Exijo...

FAUSTO – Que fez da honra de sua filha?

Cena IX⁸⁹

OS MESMOS e um PADRE, acompanhado pelo CRIADO.

PADRE – A paz seja convosco.

BARÃO – Que quereis? Quem vos mandou entrar? (*Dirigindo-se a Fausto*). Se é cavalheiro, demore-se um pouco.

BARÃO – De onde vindes?

PADRE – Do Paraguai.

BARÃO – Alguma carta? Será a primeira daquele ingrato.

PADRE – Trago-vos a confissão de um morto.

BARÃO (*agitado*) – De meu sobrinho? (*O padre faz sinal de afirmativo*). Morto! Ferido em combate?

PADRE – Suicidou-se, era um infeliz. No dia 15 do mês passado expirou ele[,] nestes braços. (*Baixo ao barão*). Queria falar-vos em reserva.

BARÃO – Podeis dizer, padre, (*apontando para Fausto*) é meu filho.

PADRE (*hesitando*) – Mas... Não sei se devo...

BARÃO (*impaciente*) – Falai, falai, seja o que for.

PADRE – Chamado para prestar os últimos socorros da religião ao vosso sobrinho, as suas primeiras palavras foram: “Padre, eu cometi um grande crime, eu sou um grande criminoso. Neste instante”, continuou ele, “tenho a meu lado a imagem[,] tremenda e ameaçadora[,] de meu pai, que há sete meses me acompanha como um remorso vivo; a cada momento[,] ouço o brado de sua maldição terrível”.

BARÃO – Depois?

FAUSTO – Que mais vos disse? (*À parte*). Não sei o que me adivinha o coração!

PADRE – Com a voz cortada pela agonia, prosseguiu: “Eu desonrei uma menina, que não sabe de sua desonra, (*movimento do barão e de Fausto*) porque o crime ficou entre mim e meu pai...” Se um dia passares por lá, dize-lhes que me vistes morrer como um condenado...

FAUSTO (*no auge da alegria*) – Inocente, inocente!

BARÃO – Eu vos agradeço, bom padre, Deus recompense a vossa ação! (*Chamando*). Lucinda, Lucinda!

FAUSTO – Graças, graças, Deus misericordioso!

BARÃO (*chamando*) – Lucinda, minha filha! (*Abrindo a porta do quarto nupcial*). Filha! Teu marido te espera nos braços. (*Num completo desalinho de*

⁸⁹ No original, “Cena VIII”.



ideias). Que vejo!... Acudam, acudam, que ela está morrendo! (*Dentro*).
Envenenada, envenenada!
FAUSTO – Envenenada?!

Cena X⁹⁰

OS MESMOS e LUCINDA (amparada nos braços do pai. Tem a fisionomia completamente alterada).

FAUSTO (*num estado de alienação*) – Lucinda, minha esposa! Não, não, tu não morrerás... Deus não quer que tu morras, ó anjo puro e inocente!

LUCINDA – É tarde... Meus olhos se escurecem, não vêes? A morte resfria a minha fronte... É tarde... (*Desfalecendo nos braços do pai e do padre*). Adeus, adeus, Fausto... Até lá! (*Fica morta. Fausto prorrompe num soluço desesperado, vai cair-lhe ajoelhado aos pés*).

BARÃO – Filha, filha! Morta!

FAUSTO (*erguendo-se alucinado*) – Padre, a tua religião, o teu Deus é um embuste! (*Solta uma gargalhada*).

PADRE (*apontando para o céu*) – Era um anjo para o céu!

FIM DO DRAMA.

AOS SENHORES ASSINANTES

Um motivo imperioso retardou a publicação do presente número da Biblioteca.

O extravio, da oficina da imprensa, dos originais dos dois últimos atos do drama, forçou⁹¹ o autor à sua recomposição, pois que deles não existia sequer o rascunho.

Pedindo desculpa aos senhores assinantes por esta accidental demora, prometo dar o terceiro número com a mor brevidade.

O EDITOR
Dezembro de 1875.

NOTA: No fim da edição, o autor apresenta uma “Errata”, que foi considerada na fixação do texto, sem a consignação de notas.

⁹⁰ Na edição original, “Cena IX”.

⁹¹ Na edição original, “forçaram”.



ESTRELAS E DIAMANTES

Drama em um prólogo e três atos
por
J. C. Lobo Barreto

PORTO ALEGRE

1875⁹²

⁹² Segundo J. Galante de Sousa (1960, p. 103), o drama é de 1874. A publicação ocorreu na *Revista da Sociedade Ensaios Literários* – n. 1, abr 1875, p. 10-25; n. 2, mai, p. 37-51; n. 3, jun, p. 69-80; e n. 4, jul 1875, p. 101-112. Foi representado pela Sociedade Dramática União Militar, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em setembro de 1878. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul possui os quatro números da revista, em que ocorreu a publicação.



PERSONAGENS DO PRÓLOGO

PERSONAGENS DOS ATOS

ARNALDO
ARNALDO
CÂNDIDO
CÂNDIDO
ALBERTO
MARIQUINHAS
CAMILO
FLORA
RICARDO
CONCEIÇÃO
GENEROSO
DR. SEMPRÔNIO
BRÁS
DOMINGOS
TENENTE RAMOS
MANECA
MAJOR ALBUQUERQUE
MALAQUIAS
UMA MENDIGA

A ação do prólogo passa-se no Rio de Janeiro e a dos três atos na Província do Rio Grande do Sul.

Época – a atualidade.



PRÓLOGO

Sala de hotel[,] com portas laterais e ao fundo. Mesas, cadeiras e outros móveis.

Cena I

BRÁS (hoteleiro).

Trabalha, meu Brás, trabalha[,]
Que talvez sejas barão.
Nesta terra quem é pobre
É tratado como um cão.

Ontem, vi pedindo esmolas
Um mendigo, um pobretão.
Hoje, em carro[,] todo ufano[,]
Quer que o tratem de barão.

Quanta coisa neste mundo
Que não tem explicação.
Um bandido, um traficante[,]
Chega um dia a ser barão.

Esta vida sem dinheiro
Me parece a maldição.
Trabalha, meu Brás, trabalha,
Que talvez sejas barão.

(Sentando-se[,] cansado) – Arre!... Que estes meus fregueses trazem mais poeira do que dinheiro, palavra!... Estou a suar!... Diabo, esta vida não vai lá para que digamos. Trabalho como gente e[,] até hoje, em quatro anos, só pude juntar uns magros dez contos!... E[,] assim mesmo, como? Graças ao meu borrador[,] que é mágico[,] e ao meu excelente recurso de desprezar os quebrados... Ora, também, quebrado basta que eu seja!... Em negócio[,] eu cá penso assim: ter fregueses-paios⁹³[,] que não olham preço, comprar gêneros falsificados e[,] finalmente[,] abrir contas... *elásticas* no borrador... E o mais é peta!⁹⁴... Porém[,] o que me vai cheirando a chamusco é esta pândega de estudantes[,] que se metem aqui em casa desde a manhã até à noite, tomam os bilhares, bebem cerveja, fumam charutos e... nada de pagamento!... Não é só isto, afugentam-me a freguesia! Ainda ontem, entra-me aqui um bom velho, velho não, assim da minha idade, pede-me havanos[,] dei-lhe uns sabugueiros, paga-me bem e quando se dispunha[,] talvez[,] a pedir

⁹³ Fregueses toleirões, bobalhões, crédulos em demasia.

⁹⁴ Mentira.



cerveja, um rapazola (parece-me que foi brejeirada), faz saltar uma bola de bilhar e... zás[,] na testa do freguês, que saiu gemendo e[,] ainda em cima[,] debaixo de uma assuada dos meus pecados!... Ora, isto não é brincadeira de criança... e eu para muleta não sirvo... (*Ouve-se um canto fora[,] que se aproxima*). Já vêm eles pelas escadas acima... Isto há de ter um termo... Vou assumir uma atitude enérgica...

Cena II

ALBERTO, CAMILO e GENEROSO (entram cantando a Marselhesa), e
O MESMO.

ALBERTO – Senhor Brás, saúde e bichas!... (*Em tom de discurso*). O nosso infatigável zelo pela prosperidade de sua casa não deixa-nos de trazer sempre vítimas para se lançarem debaixo das rodas de... seus carros de cerveja, como outrora em Roma as vítimas dos Césares!... O nosso amigo Generoso, chegado ontem de Minas...

CAMILO – ... dentro da estrada de ferro, são palavras de *sua generosidade*.

ALBERTO (*continuando*) – Porém[,] o senhor Generoso[,] que vem cultivar seus talentos nos bancos acadêmicos, dispõe de uma excelente mesada, que há de ser as delícias do senhor Brás.

BRÁS (*à parte*) – Este há de pagar o pato... Tem mesmo uma cara de *generoso!*...

GENEROSO (*que tem estado boquiaberto*) – Traga-nos algumas garrafas de cerveja...

ALBERTO (*interrompendo*) – E copos. Homem, o senhor Generoso parece-me que pensa que bebemos na garrafa... (*Brás sai*).

Cena III

OS MESMOS, menos BRÁS.

GENEROSO (*atrapalhado*) – Não, mas eu queria dizer...

CAMILO – Talvez seja em Minas que se use desta figura... Que recomendação para a sua terra!...

GENEROSO – Meu pai[,] que é homem...

ALBERTO – Ah! Então seu pai é homem? E esta!...

GENEROSO – É homem de bastante inteligência, e nunca me emendou isso, entretanto[,] ele tem estudos...

Cena IV

OS MESMOS e BRÁS (trazendo garrafas e copos).

BRÁS (*destapando as garrafas*) – Esta cerveja é da melhor que existe na terra...

ALBERTO – E no céu...

CAMILO – Amém.



ALBERTO – Porém, nada de silêncio... Peço a palavra... Ao destaparem-se estas quatro garrafas[,] que me parecem quatro ministros de Estado, vou fazer uma breve observação...

CAMILO – Fala, Alberto, porém não masses com discursos *para lamentar-se*.

ALBERTO – Sinto bastante que o pai do senhor Generoso não esteja aqui presente[,] com a sua inteligência[,] para esclarecer-me sobre uma dúvida...

CAMILO – Porém é o mesmo, está o senhor Generoso[,] que é filho de seu pai.

ALBERTO – Tens razão, Camilo. A cerveja seria a bebida mais insípida possível, se depois de sua espuma não tivesse a fumaça de um charuto...

CAMILO – Apoiado. A cerveja e o charuto[,] há muito tempo[,] se acham ligados pelos laços indissolúveis do bom paladar.

ALBERTO – Logo, parece-me, que o bom senso manda que, ao menos pela primeira vez, o senhor Generoso obedeça...

GENEROSO – Porém[,] eu...

ALBERTO – Senhor Generoso, uma única vez, tenha paciência...

GENEROSO (*entusiasmado*) – Eu sou companheiro, meus amigos, e viva a pândega!...

CAMILO – Senhor Brás, charutos!...

Cena V

OS MESMOS, menos BRÁS (que sai).

CAMILO (*para Generoso*) – Esta é a verdadeira vida, meu amigo, a gente diverte-se à grande!... É verdade que gasta-se alguma coisa, porém[,] nem vale a pena lembrar.

ALBERTO – Nós, Camilo, quanto pagamos? Não te lembras das ceatas⁹⁵ com vinho do Porto e *tutti quanti* havia de melhor nos hotéis?

CAMILO – É verdade... O senhor Generoso ainda veio em uma época muito boa... Antigamente...

Cena VI

OS MESMOS e BRÁS (com uma caixa de charutos). Logo depois, RICARDO.

BRÁS – Os charutos... (*Cada um escolhe e acende*).

ALBERTO (*fumando, para Ricardo[,] que entra*) – Ricardo, chegaste a propósito, escolhe charutos, nada de cerimônias, estamos em nossa casa...

BRÁS (*à parte*) – Mal⁹⁶ vai o negócio, além de não me pagarem, querem tomar-me a propriedade!... O tolo do Generoso há de pagar o pato, deixe estar... (*Sai*).

⁹⁵ Ceias lautas, abundantes.

⁹⁶ No texto original: "Mau".



Cena VII

TODOS, menos BRÁS.

RICARDO – Não obstante estarmos em vésperas de exames, venho convidar a vocês[,] para jogarmos um cristo em troca destas horas de *spleen*...⁹⁷

CAMILO (*para Generoso*) – O senhor generoso há de entrar no cristo... É companheiro...

RICARDO – Ando furiosíssimo com as toupeiras que[,] ultimamente[,] abundam lá pela escola... São a causa de todas as reprovações. Parece que tenho um mau pressentimento a respeito de exames.

ALBERTO (*com ironia*) – Nunca te pudeste esquecer do ano passado...

CAMILO (*no mesmo tom*) – Que injustiça sofreste...

RICARDO – Injustiça, sim, eu tinha estudado alguma coisa; se fui reprovado é fácil de saber-se o motivo: não puderam aprovar o mimoso filhinho do Sr. *Senador*, que é um camelo[,] como seu excelentíssimo pai, e[,] para consolá-lo, reprovaram toda a turma. Cada vez me convenço mais, que o bacharelado vai de pernas para o ar, o patronato entra em todos os exames, debaixo da forma de um lente⁹⁸, de um contínuo e até de um pedaço de papel. Eu falo em nome da dignidade da classe... Por isso, aposto que ainda não sabem?... Um viajante[,] que procura pelo mundo curiosidades arqueológicas, descobriu[,] em um dos sertões de Mato Grosso[,] um homem no estado selvagem, mal sabendo assinar o nome, porém[,] que fôra há quarenta anos formado em direito[,] em Coimbra[,] e até hoje não dispensa assinar o D-r...

CAMILO – Assinar o D-r! Em que, se ele está retirado do mundo?...

RICARDO – No rol de roupa suja!... Ele ainda mandava lavar a roupa...

ALBERTO – Pois, eu não me admiro do doutor dos sertões de Mato Grosso, porque existem muitos[,] no mesmo caso[,] pelos sertões da ignorância.

RICARDO – E que devem[,] como aquele[,] figurar nos museus arqueológicos.

ALBERTO – Ricardo, hoje existem dois entes infalíveis[:] o papa e o bacharel.

RICARDO – É justamente o que eu combato[,] é a infalibilidade[,] onde se acolhe a estupidez enfatuada... E combato, porque entendo que o sacerdócio da ciência só deve ser confiado àqueles que não o possam profanar e não se mercadeje com ele...

CAMILO – Cala-te, meu Catão... Basta, queres te arvorar em palmatória do mundo?... (*Lembrando-se*). Alberto, não apresentaste ainda o nosso amigo Generoso ao Ricardo...

ALBERTO – É boa, onde estava eu!... (*À parte[,] a Ricardo*). Vou te apresentar um bicho desfrutável[,] como todos de sua espécie.

⁹⁷ Expressão inglesa, que significa depressão nervosa, melancolia; irritação, mau humor.

⁹⁸ Professor de escola superior ou secundário.



RICARDO (*reparando*) – Ah! Tem uma cara de chocolateira bem pronunciada!...

ALBERTO – Previno-te mais, que tem as suas aspirações à poeta, que é filho de Minas e que é[,] finalmente[,] estúpido, como um cabo de chapéu de sol...

RICARDO – Queres dizer, que é um bicho[,] na extensão da palavra...

ALBERTO – Justamente. (*Para Generoso*). Meu amigo, há de permitir que faça apresentação de sua pessoa ao nosso estimável e distinto colega[,] o inspirado publicista, senhor Ricardo de Araújo. (*Cumprimentam-se*).

RICARDO – Tenho a honra de falar com o senhor...

GENEROSO – Generoso da Natividade Conceição e Canto...

RICARDO (*fingindo*) – Ah!... Já o conhecia de nome! Creio que tenho lido algumas de suas produções (cereais) no *Correio de Minas*, e o Rio de Janeiro em peso já deve conhecer o vate mineiro [,] que tão moço, quanto talentoso[,] tem sabido glorificar o renome (dos queijos) de sua terra natal...

GENEROSO (*confundido*) – Senhor[,] já sinto...

RICARDO – Não[,] senhor, chamo-me Ricardo.

GENEROSO – Quero dizer...

RICARDO – Porém[,] faz mal, porque não diz a verdade.

GENEROSO – Digo, sinto-me já comovido... e...

CAMILO (*tirando-o do embaraço*) – O senhor Generoso ainda está acanhado, porém[,] há de ir se desembaraçando lá pelo Largo do Capim, onde achou uma excelente habitação...

ALBERTO – Sim, por aqueles lados é fácil que se restabeleça depressa...

CAMILO – Porém[,] senhor Generoso, pode agora recitar a poesia de que nos falou ontem, trouxe-a?...

GENEROSO – Não de ver ela publicada, por enquanto...

RICARDO – Se a traz consigo, posso desde já me encarregar de sua publicação...

(*Generoso tira um papel do bolso*).

ALBERTO – Leia alto[,] para ouvirmos todos, há de ser uma peça literária de alto calibre...

CAMILO – Digna do imortal Bastos...

GENEROSO (*lendo*) – “Um adeus a Minas...”

RICARDO – Oh! O título é pomposo!

GENEROSO – “Recitativo...”

ALBERTO – Sim, senhor, bem escolhido o verso!... Pelo dedo se conhece o gigante.

GENEROSO (*lê cantarolando, fazendo acionados e chega a chorar[,] no fim*).

Adeus, oh Minas, minha pátria ingrata[,]

Deixo a cascata a tintilar a flux.

Não vejo as grimpas da altaneira serra,

Adeus, oh terra, que o mortal seduz.



Meu Deus, eu amo, a minha pátria infinda[,]
Oh terra linda, onde a vida está.
Eu tenho medo de deixar-te um dia[...]
Eu te sorria, como um sabiá.

Vida que corres, como a águia altiva[,]
Qual sensitiva que desmaia e morre...
Há neste mundo tanta coisa bela!...
Qual luz da estrela[,] que os espaços corre.

Meu pai, meu tio, minha irmã, madrasta...
Oh! Adeus[,] basta de chorar, carpir.
Eu vou me embora, como um passarinho
Que deixa o ninho para longe ir.

Eu vou chorando... Vou-me embora a esmo[...]

(Os estudantes acompanham a leitura com trejeitos, etc. etc.).

CAMILO (*fingindo chorar*) – Chega, senhor poeta, não podemos com tanto sentimentalismo... Não estamos na quaresma, basta... Com efeito...

GENEROSO (*cheio de si*) – É, a poesia é muito triste... Quando eu recitei para meu pai ouvir... Chi! Ele chorou até não poder mais... Também é o gênero para que eu tenho mais queda...

RICARDO – Porém[,] dê-ma que[,] talvez[,] depois de publicada no *Papagaio*, possamos apreciá-la... É uma poesia de lágrimas... Cheia de comparações... Cultive *a veia*[,] é o que lhe aconselho senhor Generoso.

ALBERTO – O Largo do Capim é um excelente lugar para se cultivar *a veia*.

Cena VIII

CÂNDIDO (entrando pálido e pensativo) e OS MESMOS.

ALBERTO (*Vendo Cândido[,] vai ao encontro*) – Ilustre representante das belas artes. (*À parte[,] para Cândido*). Vais admirar um animal de nova espécie, digno de um quadro que te poderá imortalizar[,] mais do que o que acabas de expor no Moncada.

CÂNDIDO (*aproximando-se do grupo de estudantes[,] com Alberto*) – Senhores...

ALBERTO (*notando-lhe a fisionomia*) – Porém[,] o que tens? Estás pálido! Desfigurado! Acaso procuras um novo mundo?... Descobriste mais um⁹⁹ asteróide?...

CAMILO – Qual! O Cândido anda, segundo parece-me, metido no Alcazar e as dançarinas transtornaram-lhe a cabeça. Temos mais um companheiro para a cerveja... Os apaixonados tomam calmantes... Mais um copo!...

⁹⁹ Na edição original: “uma”.



Cena IX

BRÁS (traz um copo e sai), ARNALDO (em trajes de viagem[,] senta-se a uma mesa[,] lendo um jornal, depois de ter ajustado contas com o dono do hotel) e OS MESMOS.

CÂNDIDO (*calmo*) – Não decifraram o meu enigma. (*Enche o copo e bebe*). Não podem admitir[,] então[,] que um céu onde a placidez resplandia, tolde-se[,] num momento[,] de nuvens negras?... Não sabem como se levanta a tempestade?...

RICARDO – Já vens tu com os teus devaneios de poeta.

CÂNDIDO – Antes o fossem...

ALBERTO (*batendo na testa*) – Será possível! Adivinhei... Cândido está apaixonado por alguma carinha ingênua que sorriu-lhe por entre as vidraças dos mostradores da rua do Ouvidor...

CAMILO – Então[,] temos mais um romance de Paulo de Kock!...¹⁰⁰ (*Riem*).

CÂNDIDO (*com estoicismo*) – Zombem, amigos, riam, não importa, o sonho ou realidade que vou contar-vos, talvez vos pareça mentiroso, ou pelo menos excêntrico, e então vos fará rir à vontade... Não importa, é do embate de forças opostas que se nutre a existência!... (*Cambaleando como um ébrio*). Riam... embora eu chore...

CAMILO (*com ironia*) – Tiveste um sonho dantesco... quem sabe!...

ALBERTO – Ou te embriagaste com a realidade, que é o *bitter*, como costumam, meu discípulo de Byron!...

RICARDO – Preste atenção[,] senhor Generoso[,] que pode muito bem ter assunto para mais um recitativo...

CÂNDIDO (*sentando-se negligentemente*) – Sabem o que é o ideal, nesse mundo pavoroso, aéreo, cheio de visões, que medeia esta existência de outra superior?... Pois este mundo[,] para o artista[,] é uma realidade... Amo a uma mulher[,] sem na ter visto ainda, e amo-a como um louco...

ALBERTO – E esta[,] padre!...

RICARDO – É original!...

CÂNDIDO – Em minhas fantasias, em meus sonhos de pintor[,] idealizei uma mulher – a encarnação do belo! E disse[:] esta mulher há de ser o meu amor na vida.

RICARDO – Foste o contrário de Pigmalião, ele admirou Vênus e fez-lhe a estátua, tu fizeste a estátua e procuras a tua Vênus! É extravagante, com efeito!...

CÂNDIDO (*sem atender[,] levanta-se*) – Oh! Por vezes a minha mão vacilou, pendeu-me a fronte sonolenta defronte da tela, porém[,] o ideal que eu

¹⁰⁰ Autor de vários romances escritos a partir da década de 1840, entre eles, *O amante de minha mulher*, *Um homem atribulado*, *A casa branca*, *A gravata*, *O amante da lua*, *O coitadinho* e *Um marido perdoado*.



concebera fazia-me recrudescer a luta... E[,] pouco a pouco[,] vi surgirem as suas formas... E[,] em uma das últimas vigílias[,] vi brilharem dois olhos negros, cintilantes... Uns lábios sorriram-se!... Foi um momento de loucura... O coração pulsou-me com ardor, a cabeça ardeu-me na febre... no delírio... Parecia-me um impossível!... Amava apaixonadamente aquela mulher! E eu e ela[,] a sós[,] na solidão do meu gabinete[,] fitávamos dois olhos de fogo... Quis abraçá-la, faltaram-me as forças e resvalei no assoalho...

ALBERTO – Bravo!...

CAMILO – Parece-me um dos contos orientais!...

RICARDO – Silêncio. Continua, Cândido.

CÂNDIDO (*sentado*) – No outro dia, quando acordei-me da terrível síncope, pude reunir as cenas da noite do pesadelo, procurei a virgem de meus sonhos e não encontrei-a mais...

RICARDO – Homem! Então[,] não era um retrato?...

CÂNDIDO – Era...

RICARDO – Mas[,] como desapareceu?

ALBERTO – Crês em fantasmas, ou almas do outro mundo, Cândido?!

CAMILO – Isto vai me cheirando à batata inglesa, ou à excentricidade, que é a mesma coisa...

CÂNDIDO – A vela que o alumiaava, quando caí, não sei como, fê-lo em cinzas... Por uma fatalidade, talvez, não lavrou o incêndio no meu gabinete[,] para devorar-me também...

ALBERTO – Havia de ser uma tragédia original!... Não há dúvida!...

CAMILO (*com ironia*) – E não trataste de pintar outro quadro?... É[,] na verdade[,] um sistema bastante econômico, hoje[,] que as mulheres depenam os pobres maridos... Assim valia a pena o casamento... Estamos livres de muita coisa...

CÂNDIDO – Pensei que era uma loucura de minha parte fazer outro...

RICARDO – E não pensas[,] ainda?!...

CÂNDIDO – Não, hoje estou convencido de que o meu ideal vive. E façam ideia quantos sonhos de amores me povoam a mente: ouvir a voz de uma mulher que criei para amar, ver moverem-se as suas formas angélicas, sentir as pulsações de seu coração... Oh! O seu coração há de ser de um anjo! Como isto é enlevador!¹⁰¹...

ALBERTO – Estás louco, meu pintor.

CAMILO – Procura um médico[,] que é o *ideal* que tu precisas...

RICARDO – Porém[,] como sabes que o teu ideal, que passou a retrato e[,] finalmente[,] a vela de teu quarto fê-lo em cinzas, existe ou vive?...

CÂNDIDO – Escutem-me. Passemos à segunda parte de minha história...

CAMILO – Há de ser curiosa, palavra!...

¹⁰¹ No sentido de enlevo, encantador.



CÂNDIDO – Depois desta minha fantasia[,] passaram-se alguns dois ou três anos, esqueci-me de tudo, porque a imaginação[,] quando presente o impossível, também[,] como ser criado[,] desanima, desfalece e chega mesmo a morrer. Vi passarem[,] com indiferença[,] sob meus olhos, formas sedutoras, mulheres divinas[,] talhadas pelos gênios nos momentos de inspiração, imagens deslumbrantes e fascinadoras, como um espectador abstrato que vê, mas não sente... Quantas vezes rolei por debaixo das mesas dos lupanares[,] no meio da multidão de répteis abjetos[,] que se alimentam da embriaguez e do jogo!... Quantas vezes os primeiros clarões da madrugada me acordaram neste abismo negro, hediondo, onde tantos bandidos sonhavam com a infâmia, blasfemando contra Deus!... Oh! Quantas vezes fugi deste lugar horrendo, com asco de minha própria existência... para voltar outra vez[,] à noite, para resvalar ainda na lama dos bordéis!... Mas, Senhor meu, afinal[,] salvei-me!... Há um mês, recebi uma carta de minha cidade natal. Junto da carta[,] vinha um busto de mulher[,] em miniatura. Era uma encomenda, como melhor me explicou um negociante desta praça, a quem era confiado o ajuste do mesmo trabalho. Pediam-me um busto natural[,] copiado da miniatura. Imaginem: eu[,] com a maior frieza[,] concluía[,] às pressas[,] o quadro, porque o prazo marcado para aprontá-lo expirava hoje de manhã... Quando[,] já nos últimos toques[,] senti bater-me o coração. Fitei com mais atenção! Os olhos negros, cintilantes... O seu sorriso, a expressão[,] enfim[,] da fisionomia[,] era a dela!... Oh! Era ela a mulher!... O sonho que existia!...

RICARDO – Lá na tua santa província... Faça ideia!...

CÂNDIDO – Sim, debaixo do mesmo céu onde nasci, respirando os perfumes da natureza esplêndida do Sul, embalada nas virações meigas de minha pátria.

ALBERTO – Então[,] nos deixas, Cândido?

CÂNDIDO – Breve...

CAMILO – Sim, desta vez a vela não te queima o retrato...

RICARDO (*batendo-lhe no ombro*) – Mas talvez te queime o facho da realidade, meu poeta...

CÂNDIDO – Avaliem com que ansiedade estou eu por ver o que hoje[,] para mim[,] faz abandonar o trabalho, a glória, a vida... tudo! Oh! Tudo[,] por cento, porque o amor é infinito! E eu um dia pensei que fosse impossível encontrar a mulher que idealizara, quando o homem nada cria, nada inventa, apenas descobre! E o que o gênio humano chama voos da ciência[,] não é mais do que a repercussão da primeira verdade... Deus.

ALBERTO – Cândido, o *bitter*[,] em excesso[,] é perigoso.

CÂNDIDO – Ah! Julgam-me ébrio!... Veem-me ainda coberto da poeira dos lupanares: é a existência de ontem que sela-me o corpo. Que importa, se a alma de hoje está purificada pela redenção e[,] amanhã[,] estará também a matéria!... Não sonho, não!... Penso, quero, sinto! Oh!... E sinto que vivo, porque amo!...



ALBERTO – Eu quisera te seguir[,] para ver o desenlace desse amor platônico.

CAMILO – E já sabes o nome da menina?

RICARDO – Se é de boa família...

ALBERTO – Se tem truz¹⁰²; é o principal...

RICARDO – Apoiado, Alberto, o dinheiro é o principal, supre a beleza e o espírito. O dinheiro não tem as formas da beleza nem a cor do espírito, porém tem o peso, que é o mais real, não tem nada de ilusório... As moças de hoje não são, portanto, escolhidas pelo órgão ocular, a olho; são pelo tato, a dedo. Eu cá sou capaz de casar-me com uma baleia, contanto que ela seja pesada a ouro...

CAMILO – Estás ouvindo, meu *Candidosinho*?...

CÂNDIDO – Deixa-me.

ALBERTO – Pois bem, deixemos o visionário, vamos fazer a nossa partida de bilhar. O senhor Generoso Natividade ficou tão impressionado com a história, que ainda não disse palavra; os poetas são todos sonhadores... É sina...

CAMILO – Está[,] com certeza[,] ruminando o primeiro canto de um poema erótico, platônico e estapafúrdio[,] em versos coxos ou pernetas.

RICARDO – Vai se meter em uma empresa de maior fôlego do que um recitativo e desejo que safe-se tão bem como no seu *Adeus a Minas*, [que] é uma composição de mérito...

GENEROSO – Já tenho a ideia... Em chegando em casa[,] vou escrevê-la...

ALBERTO – Não, não escreva em casa, senhor Generoso, no Largo do Capim talvez tenha mais inspirações.

GENEROSO – Ao luar, não é?...

ALBERTO – Sim, ao luar... de braços sobre a relva.

RICARDO – E a partida? Isto já está passando à maçada!

CAMILO – À partida!... Ao cristo!... (*Saem todos cantando a Marselhesa*).

Cena X

CÂNDIDO (meditando) e ARNALDO.

ARNALDO (*aproximando-se de Cândido*) – Senhor[,] ouvi o que acabou de contar[,] há pouco. Não dê mais um passo na vereda que pretende seguir[,] que tombará extenuado...

CÂNDIDO – O senhor?...

ARNALDO – Sou a pessoa a quem foi confiada a remessa do retrato que tanto impressionou-lhe. Partindo hoje para a minha Província[,] pediram-me para entregar a seu dono o quadro que foi-lhe encomendado...

CÂNDIDO (*irônico*) – Então[,] parte?

ARNALDO – Hoje mesmo. (*Olhando para o relógio*). Daqui a momentos.

¹⁰² Interjeição, que imita o som de queda ou de explosão, aqui utilizada num outro sentido, como se vê na sequência.



CÂNDIDO (*irônico*) – Aposto que não quer que eu ame a essa mulher, porque não a conheço[,] e pretende desviar-me da realização de meus projetos?... Prevejo que vai detratá-la[,] para me apagar a chama que tenho no coração?... Compreendo, talvez não lhe convenha a minha partida, também sou moço... Pode o acaso favorecer-me... (*À parte*). Será o primeiro rival?! (*Alto, apalpando um punhal*). Oh! Que nuvem negra passou-me pelos olhos?...

ARNALDO – Senhor, a Providência, creio[,] enviou-me a este lugar[,] para salvá-lo... O dedo de Deus[,] que parece dirigir os fatos humanos, apontou-me esta casa para hospedar-me e fez com que o senhor contasse[,] em minha presença[,] uma história em que eu tenha parte!... Agradecemos, portanto, à estrela que nos guia... Não preciso dizer quem sou, para convencê-lo da verdade, porque para discutir-se a verdade só deve se atender à razão!...

CÂNDIDO (*com ironia*) – O senhor tem um coração muito bondoso.

ARNALDO – Permita-me um conselho: a mocidade é cheia de sonhos... porque vê o colorido das rosas, embriaga-se nos seus perfumes, e não sentiu ainda o toque do espinho, que é a realidade!...

CÂNDIDO – Dispenso-lhe o incômodo... Pode depois arrepender-se de sua insistência...

ARNALDO – Moço, trabalhe para o futuro, enquanto é tempo, não deixe a realidade por um sonho...

CÂNDIDO (*com ironia*) – Oh! Mas o senhor interessa-se muito por mim!...

ARNALDO – É o interesse que qualquer homem sente em salvar um seu semelhante preste a rolar no despenhadeiro...

CÂNDIDO (*irônico*) – Não é o interesse, é a compaixão...

ARNALDO (*elevando a voz*) – Sim, é a compaixão! O senhor tem a centelha do gênio no crânio, a glória pode sorrir-lhe de perto; amanhã talvez seu nome perpassa de boca em boca, nessa voz entusiástica do povo[,] que é a harpa harmoniosa, onde se entoam as crenças mais íntimas e mais sublimes!... E hoje quer renegar a palma do gênio por uma futilidade...

CÂNDIDO (*com raiva*) – Senhor...

ARNALDO – Futilidade[,] sim, porque a mulher não é um ideal, é uma realidade; não é a beleza das formas, da matéria; é a beleza do espírito, do sentimento! Que importa que a forma seja bela se a essência pode ser impura?

CÂNDIDO (*indignado*) – Oh! Deixe-me!... Fuja daqui... Não queira ofuscar o belo[,] que é uma das mais sublimes manifestações da existência de Deus!...

ARNALDO – Panteísta, queres fazer da mulher a encarnação do belo, elevas a barregã, porque é bela, à altura de rainha; arrojas a donzela, porque é modesta[,] ao pântano das ruas! És curioso: a messalina formosa colhe-te adorações; a virgem[,] que não tem um físico agradável, merece-te insultos!...

CÂNDIDO – Cale-se[,] senhor moralista, lhe previno, porque...

ARNALDO – Porque assassina-me, talvez... porque lhe digo a verdade...

CÂNDIDO – A verdade!... Pois a mulher de que me fala será uma messalina? Oh!... É impossível!...



ARNALDO – Conhece-a?

CÂNDIDO – Não... Porém[,] amo-a... É um pressentimento...

ARNALDO – Ora, pressentimento! Nesse caso[,] mesmo que ela fosse... uma perda[,] a amaria?...

CÂNDIDO – Senhor!... Repito: retire-se, senão há de experimentar a ponta de um punhal. O bandido de ontem guarda ainda consigo a arma das bacanais. (*Arnaldo ri-se com sarcasmo*). Ria-se, ria-se, não pense que eu sou tão louco que[,] pelas palavras de um desconhecido, de um falsário talvez, abandone a realização de um sonho que hoje é a minha própria existência!... Sim!... É impossível que ela não seja um anjo!... Oh! É impossível!...

ARNALDO – Não é impossível, senhor. A mulher bela, em geral, é vaidosa, julga-se rainha, quer ter vassallos, que se curvem diante de seu império... E se a mulher é bela e rica[,] então[,] julga-se deusa, quer adoradores que lhe incensem em sua passagem!... (*Indignado*). Oh! Vaidade estúpida, arrogância enfatuada das mulheres que pavoneiam pelos salões[,] arrastando um bando de parvos, presos à sua cauda! E assim[,] envoltas em ouropéis¹⁰³ e cheias de orgulho[,] não têm uma alma que compreenda a sua grandiosa missão na terra, nem um coração que pulse pelo sentimento, pelo amor?... Oh! Eu quisera que esses espelhos em que elas se miram a todos os instantes, os seus primeiros corruptores, porque as iludem sempre, num momento se revoltassem e[,] quando as coquetes fossem se recrear com a sua formosura[,] vissem de improviso a sua alma negra, hedionda[,] e esse espectro implacável lhes apontasse: o lar[,] com seus segredos íntimos, divinos; a família[,] com suas crenças sagradas[,] e o coração[,] cheio de afetos[,] educado no saber e na religião! Oh! Senhor, não profane a mulher que é o sentimento.

CÂNDIDO – Oh! Não profane a mulher que é o belo!...

ARNALDO – O belo!... Não sabe o que é o belo! Julga ideal a matéria [,] que se dissolve em pó, o corpo que serve de pasto aos vermes. (*Em abstração*). Vê essas formas belas, olhos fascinantes, lábios que seduzem beijos, pois tudo isto perde o colorido pela palidez da morte, torna-se disforme com a putrefação: e a terra[,] depois de consumir os restos de um cadáver, deixa, como o abutre saciado, apenas o esqueleto hirto, medonho!...

CÂNDIDO (*quase louco*) – Céptico!... Quer pisar a seus pés a obra mais sublime do Criador?... Porém[,] para essa bocas que andam sempre, como fúrias vomitando chamas pelos umbrais da sociedade, a desviarem os crentes de seu abrigo santo... Oh! Felizmente[,] a mão da salvação se eleva pelos homens, pelos fracos. (*Avança para Arnaldo com um punhal*).

ARNALDO (*com resolução*) – Assassino, mata-me; decepa esta vida[,] que já um dia se expôs para salvar teu pai...

CÂNDIDO (*recuando*) – Meu pai!...

¹⁰³ Ouro falso, aparência enganosa.



ARNALDO – Não te lembras de Arnaldo de Vascelos?...

CÂNDIDO (*querendo lembrar-se*) – Arnaldo!... (*Reconhecendo[,] lança-se aos pés*). Amigo... Perdoa-me!...

ARNALDO – Levanta-te, criatura!... Deves compreender agora o interesse que tenho para salvar-te, sou teu antigo companheiro. O tempo fez-te esquecer-me e[,] por isso[,] eu quisera convencer-te não valendo-me da amizade, da condescendência, mas tão somente da verdade, da razão!... Foi tudo baldado... Pois agora[,] falo-te como amigo... Escuta-me: Esse amor absurdo aviltou-te[,] ontem[,] com o vício e vai hoje matar-te com o impossível! Quando o verdadeiro amor salva ao homem, sempre eleva e sempre engrandece!... É tempo de te lembrares de teu pai... Quantos sacrifícios tem feito ele para satisfazer a tua condição de artista, entretanto[,] é pobre, vive de seu trabalho... Dá-lhe a suprema felicidade que ele há tanto tempo espera... Sim, não partas, não abandones, Cândido, a glória que podes obter num dia e[,] com ela[,] o teu futuro; se a desprezares, amanhã estarás esquecido... Quem sabe se perdido!... A mulher que ideaste é rica e vaidosa, é um desses tipos da época, sem educação alguma, mas com muito orgulho!... Ela nunca te amará, tenho certeza... Salva-te, amigo, eu te peço, te suplico, e não te suicides[,] que é uma loucura, um crime!...

CÂNDIDO – Arnaldo, queres salvar a vida de um homem, matando a inspiração de um artista!

ARNALDO (*tira o relógio*) – Adeus, Cândido, a hora de minha partida aproxima-se, adeus... (*Abraçando-o*). Escuta a voz do desconhecido e do amigo[,] que estarás salvo... (*Vai a sair, mas para perto da porta da saída*). Artista!... Não renegues o futuro que te aponta a glória, caminha para adiante[,] sempre... Não lumbres um amor impuro, porque não nasceu do sentimento, não olhes para trás, senão verás uma a uma incendiarem-se as tuas esperanças, e como a fugitiva hebreia, ficarás petrificado em estátua[,] em meio de tua mocidade!... Não partas, Cândido, adeus!... (*Sai*).

Cena XI

CÂNDIDO, só.

[CÂNDIDO] (*depois de conservar-se algum tempo em pé[,] com o olhar fito no lugar por onde saíra Arnaldo, diz com comoção*) – É tarde, meu Deus!... É muito tarde!... (*Cai em uma cadeira[,] desfalecido*).

FIM DO PRÓLOGO.



ATO I

Sala de espera, ornada com divã, cadeiras, contígua ao salão de baile – Casa do capitalista Conceição. Portas laterais e ao fundo.

Cena I

[MALAQUIAS, só.]

MALAQUIAS (*a observar o baile. Toca uma polca*) – Muito bem, minha menina, assim... Dance, enquanto é tempo e[,] ainda mais hoje[,] que é dia de seus anos. O papai é capitalista, a menina é bonita, o seu noivo é bacharel, deve estar contente, contentíssima. (*Ri-se*). Ora, qual é a moça de hoje que não morre por casar?... E se o futuro é doutor... então[,] é um *achado*!... Oh! Sempre é um doutor! (*Enche a boca*). Não é um beldruegas¹⁰⁴ aqui da terra[,] sem eira nem beira!... Assim[,] minha pequena! Mas!... (*Reparando*). Querem ver que meteu-se nos cascos do pinta-monos¹⁰⁵, filho do velho Anastácio, que há de namorar a minha amazinha! Chegou (*narrando*) ontem do Rio e[,] desde ontem mesmo[,] anda a rondar esta casa. Entra hoje no baile[,] com o senhor Arnaldo[,] e se não é o amigo tê-lo pelo braço caía no meio do salão com uns faniquitos... Estes pobres diabos têm[,] às vezes[,] ideias!... Lá está ele[,] todo apalermado[,] olhando para os movimentos da senhora Flora... Chegaste tarde[,] meu *Pancrácio*[,] e ainda mais, nasceste em mês de carestia. (*Mudando de posição*). Silêncio, lá vem o *velhada* com os seus capangas de eleição... Prudência... (*Disfarça e sai*).

Cena II

CONCEIÇÃO, DOMINGOS DA SILVA e TENENTE RAMOS.

CONCEIÇÃO – Pois[,] meus amigos, aqui poderemos estar mais a cômodo e falarmos sobre os nossos últimos planos políticos... Este diabo do meu cunhado sempre há de comprometer-me!... Ele[,] que é de um partido contrário ao nosso, tem a coragem de vir espiar os meus passos, em vésperas de eleição! Ora, seja pelo demônio!...

DOMINGOS – Porém, como dizíamos, no primeiro distrito...

CONCEIÇÃO – Sim, está ganha a eleição...

TENENTE (*do outro lado*) – No segundo...

CONCEIÇÃO – Também. Falta-nos o terceiro[,] que é o meu predileto e em que a vitória deve ser completa, posso assegurar-vos. Este meu criado Malaquias há de votar[,] não obstante ser espanhol e não estar qualificado, eu cá hei de dar-lhe as tintas! Lembro-me agora, o velho Anastácio[,] que está à morte[,] há de ir à boca da urna.

¹⁰⁴ Tolo ou João-ninguém.

¹⁰⁵ Pintor de macacos ou homens feios, desajeitados.



TENENTE – Como? Será possível! O velho Anastácio[,] além de estar a decidir, é dos nossos contrários, e é homem de opinião...

DOMINGOS – Lá isso é verdade...

CONCEIÇÃO – Escutem-me: descobri um plano excelente...

TENENTE – Talvez falhe, senhor Conceição...

DOMINGOS – Conte-nos... Há de ser engenhoso[,] por força...

CONCEIÇÃO – Notei[,] há pouco[,] no salão[,] que o pintor...

TENENTE – Sim, esse tonto, que veio dizer-me que breve a guerra vai acabar-se!...

DOMINGOS – É dos modernistas[,] não tem que ver!... Porém[,] como ia dizendo o senhor Conceição...

CONCEIÇÃO (*que sorveu uma pitada*) – Parece-me que o tal filho do velho Anastácio encasquetou-se em namorar cá a minha pequena...

DOMINGOS – Não diga!... Pois um rapazola... Um artista!... Ora!...

TENENTE – Mas... o que pretende?

CONCEIÇÃO (*sorrindo-se*) – Pareceu-me que o tal filho do velho Anastácio está caído e[,] então[,] vou fazer com que a menina passe-lhe a chapa para o pai, o que me parece muito fácil... A minha Flora tem lábias...

DOMINGOS – Com efeito!... É boa!...

TENENTE – Na verdade[,] o nosso amigo Conceição tem um tino político!...

CONCEIÇÃO (*lisonjeado*) – E[,] enquanto é tempo[,] vou dar as minhas ordens para esse ataque estratégico. (*Vai sair*).

Cena III

OS MESMOS e MAJOR ALBUQUERQUE.

MAJOR (*esbarrando-se com Conceição*) – Estás muito preocupado, meu cunhado; ainda hoje não pude falar-te...

CONCEIÇÃO (*saindo*) – Ora[,] deixa-me...

TENENTE (*em posição respeitosa*) – Oh! O senhor major!...

DOMINGOS – Falávamos[,] há pouco[,] de suas belas qualidades...

MAJOR – Obrigado, meu povo. Porém[,] eu venho aqui somente para salvar-vos a ambos de uma iminente¹⁰⁶ desgraça. Sabem das minhas relações com o Presidente da Província e[,] portanto[,] já devem ter suposto que estou ao fato de tudo que vai lá por cima...

DOMINGOS (*assustado*) – Como! Pois...

MAJOR – O senhor Domingos, um empregado antigo, um pai de família que precisa do pão para viver, apresenta-se em uma reunião política como esta e contraria aos interesses do governo que o paga e que o sustenta!...

DOMINGOS – Reunião política! Como, o aniversário da senhora dona Flora?!...

¹⁰⁶ Na edição original, “eminente”.



MAJOR – Isto de aniversário foi um mero pretexto para o senhor Conceição ocultar a verdade, porque aqui hoje não se tem tratado senão de política. O meu cunhado[,] que é um pobre diabo e que tem sonhos de ser barão – porque tem dinheiro, que ganhou[,] todos sabem como; que foi sempre um ignorante, que apenas sabe assinar seu nome; um mau cidadão, um péssimo esposo, como eu posso assegurar-vos, porque minha pobre irmã morreu de desgostos...

DOMINGOS (*choroso*) – Lá isso é verdade...

MAJOR – Esse homem tem lhe comprometido[,] e o Presidente da Província...

DOMINGOS (*trêmulo*) – E o Presidente da Província?!...

MAJOR – Pretende demiti-lo.

DOMINGOS – Porém... Há um engano, eu tenho votado sempre com os seus amigos, senhor major... Ainda na eleição passada... Não se lembra?... Escute-me...

TENENTE (*detendo o major*) – Senhor major, quanto a mim, o que há?... Conte-me...

MAJOR (*impetuoso*) – O senhor vai ser removido para a Província do Amazonas...

TENENTE – Removido! Por quê?...

MAJOR – Pela mesma razão aqui de seu amigo: pois um servidor do Estado guerreia a quem lhe dá que comer e a quem deve sempre defender?...

TENENTE – Porém[,] eu...

MAJOR (*retirando-se*) – Façam agora o que bem entenderem, meus senhores[,] que eu já estou com a consciência aliviada...

TENENTE – Meu caro major...

DOMINGOS – Salve-nos...

Cena IV

DOMINGOS e TENENTE, e depois UM CRIADO.

DOMINGOS – E então[,] senhor Ramos!

TENENTE – E então[,] senhor Domingos!...

DOMINGOS (*embaraçado*) – Porém, convém sairmos desta entaladela¹⁰⁷ ...

TENENTE (*cheio de si*) – O que lhe posso afiançar é que o galão eles não me tiram...

DOMINGOS (*no mesmo tom*) – Se é lá por isso[,] também a aposentadoria eles não me tiram...

TENENTE – Mas o que havemos então de fazer?

DOMINGOS (*procurando o chapéu*) – Já lhe digo...

TENENTE (*lembrando-se*) – Boa ideia!... Podemos deixar um bilhete dizendo...

¹⁰⁷ Embaraço.



DOMINGOS – ... que[,] por termos gente doente em casa[,] deixamos o baile...

TENENTE – Sim, e... que[,] se for possível, voltaremos mais tarde...

DOMINGOS – Voltaremos!... O senhor volta?!...

TENENTE – Não, isto é uma maneira de falar, é boa!...

DOMINGOS (*chegando-se a uma mesa*) – Pois escreva, senhor tenente Ramos...

TENENTE (*à parte*) – Eu, deixar um documento com a minha letra... (*Alto*). Escrever, havia de ser bonito, com esta mão que nem posso mover... (*Afeta o que diz*).

DOMINGOS (*à parte*) – Este manata¹⁰⁸ não quer comprometer-se em nada. (*Alto*). E eu[,] que não trago óculos e... Foi o senhor que teve a ideia do bilhete...

TENENTE (*toca a campainha*).

CRIADO – Chamaram-me?...

TENENTE (*atrapalhado, para o criado*) – Como recebemos agora[,] de nossas famílias[,] um chamado às pressas...

DOMINGOS – ... Temos de deixar o baile... E diga a seu amo...

TENENTE – ... Se nos procurar! Porque ele hoje anda com a cabeça atrapalhada, que[,] se for possível[,] voltaremos ainda.

DOMINGOS – Isto, no caso de ele perguntar-lhe por nós... Toma sentido... (*Saem aos encontros*).

CRIADO (*só*) – Credo! Estes sujeitos, é impossível que não vão com dor de barriga!... Também, hoje[,] ao jantar[,] comeram como quem tinha fome de uma semana! *Caspite*, foi a primeira vez que vi comer tanta uva com bagaço. (*Sai*).

Cena V

CÂNDIDO e ARNALDO (que vem da sala do baile).

CÂNDIDO (*com satisfação*) – Porém, finalmente, ela sorriu-se para mim, não viste? A princípio[,] não me conhecia... e a indiferença é a porta do amor!...

ARNALDO – Acorda-te[,] sonâmbulo, já é tempo!

CÂNDIDO – Arnaldo, tu não sabes o que é o amor!... Decerto[,] nunca sentiste essas pulsações rápidas, porém deliciosas[,] no coração. (*Arnaldo sorri-se[,] amargamente*). Não podes fazer ideia do estremecimento que me eletrizou todo o corpo ao vê-la pela primeira vez, ouvi-la e sentir aquelas formas[,] que eu amara sem vida, moverem-se! Oh! Foi inexplicável esse momento! Sigo-a há mais de meia hora...

ARNALDO (*irônico*) – E ao Dr. Semprônio[,] que a leva sempre pelo braço...

¹⁰⁸ Velhaco, patife.



CÂNDIDO – Ora, não fales assim; depois do desdém vem a paixão. Queres que te conte...

ARNALDO – Que ela quer zombar de ti, porque já conheceu a tua fraqueza?

CÂNDIDO – Não a calunies, amigo, ela[,] em conhecendo meu amor[,] há de amar-me[,] decerto. Não crês que haja um destino no casamento, que essas almas que[,] à primeira vista[,] chocam-se e tendem a encontrar-se[,] são duas metades que procuram unir-se[,] como nos diz a Antiguidade sábia e experiente?...

ARNALDO – Se tu fosses um parvo como o Dr. Semprônio, todo adamado, sem espírito e pedante, Flora já estaria apaixonada pelos teus gestos, pelas tuas frases banais e até pelo teu fraque...

CÂNDIDO – Não a...

ARNALDO (*elevando a voz*) – Escuta-me! Estas mocinhas, todas castas e susceptíveis, quando um filho de sua terra lhes cumprimenta, ou lhes fala, são fáceis e apaixonadas quando qualquer quidam¹⁰⁹ se apresenta aqui com ares de dândi¹¹⁰, e que nunca se lhes conhece a procedência senão pelo pedantismo, – aves de arribação, aventureiros quase sempre[,] que[,] para não grasnarem em sua pátria[,] vêm pavonear em salões alheios...

CÂNDIDO – Por Deus, não me desesperes!...

ARNALDO – Não me desesperes! E pensas que essa mulher[,] por quem concebeste uma paixão louca, brutal mesmo, a esta hora não ri-se de ti[,] com o janota que a requesta...

Cena VI

FLORA com o DR. SEMPRÔNIO e OS MESMOS.

CÂNDIDO (*vendo entrar Flora*) – Cala-te, é ela que chega...

FLORA – Creio, senhor Cândido, que esta quadrilha que vai tocar é a nossa.

CÂNDIDO – Sim, minha senhora. (*Sai Cândido[,] com Flora[,] lançando um olhar vitorioso para Arnaldo*).

(*Toca uma quadrilha*).

Cena VII

ARNALDO e o DOUTOR.

DOUTOR – Esta sua terra, senhor Arnaldo, é bastante insípida, não há uma única distração. (*Recosta-se em um divã[,] fumando*).

ARNALDO (*irônico*) – É que o doutor não está acostumado à vida provinciana e tem se afeito mais aos ruídos das cortes...

¹⁰⁹ Pessoa pouco importante; um tal; um fulano.

¹¹⁰ Homem que se veste com extremo apuro. Depreciativo: janota ou almofadinha.



DOUTOR – Talvez... Além desta monotonia de todos os dias, não vi ainda por aqui uma beleza, são todas as moças vulgares, não entretêm uma conversação... Poucas dizem quatro palavras sem dois erros gramaticais...

ARNALDO – Tem razão[,] doutor, é insuportável uma mulher sem espírito e ainda mais para uma pessoa que tem passado a vida às voltas com a ciência...

DOUTOR (*bocejando*) – Oh! Que insipidez!...

ARNALDO (*com ironia*) – Mil vezes uma noite no Alcazar. Oh! Ali[,] vive-se! No meio daquela multidão de binóculos assestados para as dançarinas[,] que esperneiam no palco! Sim, ali vive-se e aprende-se: o Alcazar é a verdadeira escola da mocidade, reúne o útil ao agradável. Aposto que o doutor[,] agora mesmo[,] está recordando alguma cena, alguma página de glória do teatro da rua da Vala?... Ali, além da música de Offenbach e do can-can, há o francês por todos os lados[,] que agrada muito ao ouvido. Esta nossa língua é tão insossa!... Aprecio o seu gênio[,] doutor: a vida é um contínuo can-can, cheia de deleitosas fantasias e não esta insipidez da família. Nas cortes, um pai leva o filho ao Alcazar, aos hotéis, e o acostuma, sem que a língua estúpida do povo o censure, a ver o mundo sob todos os seus prismas, e por isso um cortesão de quinze anos já tem visto mais maravilhas do que um provinciano de trinta. O doutor não segue o carrancismo¹¹¹ de meus pobres avós!... Creio piamente que[,] em casando com a senhora dona Flora[,] voltará imediatamente para o Rio de Janeiro.

DOUTOR – Sem dúvida. Já tenho estado bastante tempo no purgatório. (*Boceja*).

ARNALDO – E[,] demais, quem durante seis anos cursou os bancos escolares[,] para colher uma ilustração, um nome com que pudesse ostentar durante a sua vida inteira o grau de doutor, esse título conferido pela ciência aos seus sacerdotes, não deve enterrar-se em vida: seria um suicídio moral...

DOUTOR (*lembrando-se*) – Oh! Com os diabos! Creio que tinha tirado par para esta quadrilha!... E era uma menina um pouco interessante. A pequena há de[,] com certeza[,] estar furiosa...

ARNALDO – Naturalmente, o doutor é um par excelente!...

DOUTOR – Há de dar-me licença. (*Sai cantarolando*).

Cena VIII

ARNALDO, só.

ARNALDO – Pobre desfrutável! Negação completa de espírito e até de senso comum! Ah! Sociedade! Sociedade! Barregã que vende a pessoa para os seus privilégios e que chega a especular até com a ciência! A inteligência humana livre pensadores[,] que não pode ser amoldada senão nos arroubos descomedidos do pensamento, na madureza do estudo; encontra hoje uma fórmu-

¹¹¹ Modo de proceder do carrança. Pessoa apegada ao passado.



la falsa[,] que faz distinção na sociedade do saber humano! E quantos infelizes talentos[,] que deviam encontrar abertas as portas da instrução[,] esbarram com o porteiro[,] que exige o óbolo, com que se mercadeja a ciência e[,] por não terem-no[,] vegetam na obscuridade! E, ainda mesmo, se esses mal-aventurados[,] lutando sempre com os reveses da sorte, pertinazes[,] chegam um dia a surgir, como náufragos, sobre as ondas populares[,] não podem[,] contudo[,] disputar posições fundadas no direito da inteligência e não no monopólio social! Miséria! Miséria!

Cena IX

ARNALDO e CONCEIÇÃO.

CONCEIÇÃO (*à parte e rindo-se*) – O rapaz é muito engraçado! Foi muito boa! (*Para Arnaldo*). Oh!... O senhor Arnaldo por aqui. Deixa o salão do baile, fuge das moças?...

ARNALDO – É verdade, senhor Conceição, como não sou apaixonado pela dança, converso ou fumo, enquanto os meus amigos se divertem talvez mais do que eu...

CONCEIÇÃO (*continuando a rir-se*) – Acabei de rir agora a bom rir! O meu futuro genro é um gaiato de conta!...

ARNALDO (*com ironia*) – Parece ser um moço de bastante espírito...

CONCEIÇÃO – O Dr. Simprônio tirou uma mocinha para uma quadrilha, toca a quadrilha e vai[,] ele não aparece!...

ARNALDO – Justamente, estava aqui a conversar e a fumar...

CONCEIÇÃO – A menina danou-se, quis chorar, ficou amuada[,] a um canto. A pequena (*piscando um olho*) gosta de doutor... Porém, como ia dizendo, de repente chega o rapaz e[,] com uma retintiva¹¹² admirável[,] diz que tinha se esquecido da marca, porque estava fumando e que[,] para ele[,] um charuto se parecia tanto com uma mulher[,] que o tinha feito por isso esquecer o par...

ARNALDO (*com sarcasmo*) – E a mocinha gostou da comparação? Naturalmente?

CONCEIÇÃO – Ora, riu-se também e fizeram imediatamente as pazes...

ARNALDO – Na realidade[,] a comparação é espirituosa: uma mulher com um charuto!

CONCEIÇÃO – Porém[,] dito pelo doutor é que tinha graça, o maganão usava de um palavreado tão interessante! Há bastante tempo que não me rio tanto! Senhor Arnaldo, decididamente[,] hoje[,] o homem que não vai para os estudos não arranja nada. É preciso a gente ir para as academias, queimar as pestanas... Olhe, o senhor[,] por que não passa de um simples guarda-

¹¹² Ato ou efeito de retinir; som de instrumentos metálicos.



-livros? É porque nunca entrou para as academias... Olhe, nunca pode ser deputado, desembargador, ministro, etc., etc...

ARNALDO – É exato, porém[,] há exceções, o senhor Conceição não bacharelou-se e[,] entretanto[,] representa em nossa sociedade um importante papel...

CONCEIÇÃO – Sim, mas[,] para isso[,] tenho trabalhado muito...

ARNALDO (*sarcástico*) – E tem o *тино* comercial[,] que é o principal, porque há muita gente que por aí trabalha somente para ser pobre em toda a vida. O senhor Conceição pode dizer que o que tem lhe valido muito é o seu conhecido *тино* comercial. Foi pena que não se formasse, senhor Conceição...

CONCEIÇÃO – Ah! Se eu nascesse primeiro que meu irmão Antônio[,] era hoje bacharel[,] sem tirar nem pôr: porque meu pai[,] quando veio ao mundo Antônio[,] disse – este há de ir estudar para Coimbra, quando eu nasci ele destinou-me para o comércio e[,] finalmente[,] quando nasceu o mais moço de meus irmãos[,] ele o preparou para ser padre. Felizmente, eu escapei de ser padre! Credo, que vida...

ARNALDO – Insípida... sem prazeres...

CONCEIÇÃO – ... Porém, mudando de assunto. O senhor Arnaldo há de vir ao casamento da minha Flora?...

ARNALDO – Farei todo o esforço para gozar dessa honra...

CONCEIÇÃO (*à parte*) – E[,] até agora[,] ainda não lhe falei no voto. (*Alto*). Porém, meu amigo, desejava... falar-lhe em particular...

ARNALDO – O senhor Conceição pode dispor de mim[,] sempre que lhe puder ser útil...

CONCEIÇÃO – Quero conversar com o senhor sobre as eleições[,] que devem ter lugar depois de amanhã, porém aqui não estamos muito seguros, vamos para o gabinete. (*Encaminham-se para o lado direito*).

ARNALDO (*à parte*) – Talvez que pretenda fazer renegar minhas crenças, estes homens do dinheiro têm certas ideias!...

Cena X

CÂNDIDO e FLORA.

CÂNDIDO – Oh! Fale-me assim, minha senhora, fale-me com essa voz doce e suave[,] como harmonias eólias, fale-me ao coração[,] que se inebria em sensações inefáveis[,] ao som de suas palavras...

FLORA – Pois bem, o senhor que[,] apenas viu-me, diz-se tão apaixonado por mim, cumprirá o primeiro pedido que vou fazer-lhe?

CÂNDIDO – Oh! Minha senhora[,] ordene-me, sou o mais submisso de seus escravos. (*À parte*). Meu Deus! Como é inexplicável[,] sublime, divina[,] a realização de meu ideal, ela ama-me. (*Alto*). Ordene-me...

FLORA – Tenho medo que o senhor Cândido me engane, não lhe peço mais...



CÂNDIDO – Enganá-la! Eu!... Não me fale assim[,] que mata-me... Oh! Eu enganá-la!... Eu que amo-a como um louco, que seria capaz de arrojar-me ao mais horrendo precipício para obedecê-la! Oh! Não me conhece ainda, pensa talvez que sou um desses adamosos que povoam os salões?... Fale-me, não temo impossíveis... Não duvide nunca do meu amor!...

FLORA – Pois bem, vou pensar ainda um pouco antes de fazer-lhe o pedido, concede-me alguns instantes?... Pode deixar-me a sós?...

CÂNDIDO – Se vossa excelência exige, minha senhora... (*Saindo*).

Cena XI

FLORA, só, depois o DR. SEMPRÔNIO.

FLORA – Pobre diabo! Julgas que eu, a filha de um dos primeiros capitalistas desta cidade, moça, bela[,] como todos me acham, que por tantas vezes tenho sido aclamada a rainha dos bailes, hei de entregar-me[,] em corpo e alma[,] a um homem de condição baixa, a um artista! Havia de ser engraçado que eu tivesse[,] em toda a vida[,] a meu lado um marido que fosse a minha vergonha; quando[,] dentre a multidão de meus adoradores[,] um só aceno meu faz lançar-se-me aos pés o mais belo, o mais galante de todos. Este pintorzinho tem ingenuidades que me fazem duvidar de seu bom senso... Ora, porque tirou-me o retrato[,] tem direito de possuir o original!... (*Entra o doutor*).

DOUTOR – Florinha!... Até que[,] afinal[,] te encontro! Há mais de um quarto de hora que não te vejo!...

FLORA (*com ciúmes*) – Pudera, o doutor[,] há mais de um quarto de hora[,] que dança com a minha prima...

DOUTOR – Qual, sua prima? Pois tem ciúmes dela?...

FLORA – Sim, a filha do major... Pensa que eu não os tenha acompanhado[,] com os olhos...

DOUTOR – Oh! Que engano de tua parte[,] Flora... Pois eu seria capaz de gastar um minuto de minha vida com a filha do major! Ora, uma atoleimada[,] que vem a um baile como este sem vestido de seda!...

FLORA (*Pensativa*) – Doutor[,] será mesmo verdade que ama-me?...

DOUTOR – Ainda perguntas? Eu não te amar, seria uma loucura!...

FLORA – Pois eu temo que ainda me venha a esquecer, trata-me com tanta frieza!...

DOUTOR – É o meu gênio[,] desde criança. Nas Cortes[,] os rapazes tem uma vida muito diferente desta aqui... Acostumam-se a ver belezas que deslumbram! Nunca ouvistes falar no Alcazar...

FLORA – Ovi, dizem que é um lugar de perdição para os moços e para os velhos...

DOUTOR – Ora, aqui temos a educação antiga. Flora, bem mostras que és filha de província e que nunca viste o mundo. O Alcazar é um teatro como



outro qualquer[,] na forma; porém[,] no espírito é superior a todos... Ali veem-se mulheres, ostentando riquezas fabulosas em brilhantes, sedas; todas belas, radiantes de lucidez! Oh! Aquilo tudo arrebatava! Depois[,] quando a música entoava as peças de Offenbach, rápidas, estrondosas e ao som da orquestra, as deidades no palco, cantam e dançam!... Oh! Tudo isto é um verdadeiro sonho, um conto fantástico!... Mas ficaste triste[,] Florinha...

FLORA – Não...

DOUTOR – Hás de ver tudo, havemos de casar e[,] então, quantas noites deliciosas passaremos juntos, presos na mesma admiração, contemplando as belezas do Alcazar! E[,] demais[,] ali tem-se completa liberdade, toma-se cerveja, fuma-se... Não gostas de cerveja, Flora?...

FLORA – Eu! Gostar de cerveja... Em um teatro[,] ainda mais?...

DOUTOR – Aí está a educação antiga!... Pois há algum inconveniente em uma moça tomar cerveja num teatro? Vai ao Rio de Janeiro: no Passeio Público, no Carceler, em toda a parte[,] as moças tomam cerveja e ninguém repara! Esta é boa! Então[,] a mulher não deve gozar dos mesmos direitos que o homem? Ela não é de carne e osso[,] como ele? Ora, Florinha, és muito criança, não sabes nada... Talvez te pareça extraordinário o que vou contar-te...

FLORA – O quê?...

DOUTOR – Nas Cortes[,] o homem e a mulher gozam, como te disse, das mesmas regalias. Um marido, por exemplo, vai hoje ao teatro lírico, e a mulher[,] que já viu a ópera, ou porque tem vontade de dançar, prefere ir ao Cassino... Achas que isto é um bicho de sete cabeças? Não te agrada uma vida toda[,] cheia de prazeres?...

FLORA (*com arrebatamento*) – Oh! Meu Deus, será possível tudo isso[,] doutor! Tire-me quanto antes deste inferno! Como eu desejo ser livre...

DOUTOR – Oh! Logo vi, que eras uma mulher de espírito, Flora! Como és bela[,] assim!... Despe-te deste carrancismo de tuas patricias...

FLORA – É[,] na realidade[,] uma vida insípida esta nossa; enquanto moça e solteira, não se pode dar um passo sem a mamãe ou o papai...

DOUTOR – ... Muitas vezes[,] uns velhos que nos envergonham...

FLORA – Depois de casada, há de se andar amarrada a um marido ou presa em casa[,] dando de mamar aos filhos!... Quando eu me lembrava disto, doutor[,] tinha medo de casar-me!...

DOUTOR – Porém[,] Deus enviou-me para salvar-te...

FLORA – Oh! Como é bondoso o seu coração! Livre-me desta vida tão cheia de sensaborias. (*Em devaneio*). Havemos de[,] todas as tardes[,] tomar cerveja no Passeio Público, sim?...

DOUTOR – ... Depois... ao cair do sol[,] tomaremos uma vitória e iremos ao Botafogo: eu fumando um havano, tu te abanando com teu leque... E ambos recostados indolentemente a olhar com indiferença para os transeuntes, sim?...

FLORA – Oh! Como é belo e adorável[,] doutor.



DOUTOR – Havemos de viver só[,] em um dos céus de Mafona, longe desta monotonía que chamam lar e à que os carranças¹¹³ consagram um culto de respeito e veneração; onde os poetas apalermados pintam cenas[,] que para eles são sublimes e que[,] para quem não gosta de lamúrias[,] são fastidiosas: uma mãe com um filhinho ao colo e outros brincando em uma esteira... A mulher canta uma *coisa* com ares de terço, os rapazinhos no chão gritam e esperneiam... De repente[,] a porta da rua abre-se, entra o pai, todos lançam-se às pernas do pobre diabo; a esposa olha-o sorrindo e o pedaço de asno deixa rolar uma lágrima pelas faces abaixo... É a isto que os poetastros chamam lar e... até os mais fanáticos chamam – templo!...

FLORA – E quando as crianças são choronas[,] que inferno!...

DOUTOR – É preciso quebrar-se com estes costumes[,] que tiveram já sua época, porém[,] que hoje não têm lugar. A mulher está no mesmo caso que o homem... Por que não pode uma moça ser doutora, negociante?... Havemos de fazer a nossa família à moderna... Não havemos de seguir esse bando de tolos que pretendem que a sociedade seja um pombal[,] em que cada pombo não deixe a sua pombinha e em que cada pombinha não deixe os seus filhotes...

FLORA – Não faz ideia[,] doutor[,] como as nossas ideias se harmonizam...

DOUTOR – Pois[,] Florinha, havemos de partir...

FLORA – E breve...

DOUTOR – Sim, breve... (*Lembrando-se*). Ah! Agora me lembro, queria te perguntar e ia me esquecendo. Com quê o pintor anda apaixonado por ti? Que ousadia! Não posso compreender o seu arrojo! Não saberá ele que é um impossível conquistar um coração como o teu...

FLORA – Ele parece-me que não é muito certo. (*Apontando para a cabeça*).

DOUTOR – Sim, parece, quando te viu pela primeira vez ficou pálido, quase caiu no meio da sala... É verdade, conversaste com ele a respeito do voto?...

FLORA – Não... Comecei a minha comédia, porém[,] ainda está no primeiro ato...

DOUTOR – Então[,] ele fez alguma oposição?

FLORA – Pelo contrário[,] jurou-me fazer tudo que lhe pedisse, porém[,] eu para torná-lo mais tonto, pedi um instante para refletir e[,] enquanto isso[,] ele está se enredando nas teias que lhe armei...

DOUTOR (*olhando para o salão*) – Olha, lá esta ele[,] no vão de uma janela, cabisbaixo, com certeza está formando seus extravagantes planos amorosos: talvez que já se julgue teu marido. (*Riem*). Que idiota-mor havia aparecer!...

FLORA – Não diga caçoando: aquele homem não é certo (*apontando para a cabeça*), por força[,] sofre...

DOUTOR – Vamos vê-lo de mais perto... Sempre há de aparecer[,] em todas as reuniões[,] um palhaço para divertimento de todos...

FLORA (*encaminham para o salão*) – Vamos[,] que[,] daqui a pouco[,] começa o segundo ato de minha comédia. (*Ao sair[,] encontram Conceição e Arnaldo*).

¹¹³ Pessoas apedagadas ao passado.



Cena XII¹¹⁴

CONCEIÇÃO e ARNALDO.

CONCEIÇÃO (*para a filha e o doutor*) – Andam arrulhando¹¹⁵, meus pombinhos... (*Para Arnaldo*). Então[,] decididamente[,] não quer servir-me, senhor Arnaldo?...

ARNALDO – Nunca! Senhor Conceição, quando o homem tem crenças e não segue a opinião inconstante das facções, nunca as renega, nunca!... Não tenho partido, tenho convicções; não sigo homens, sigo ideias... E assim, se[,] como eu, todos não esquecessem o bem da pátria, o engrandecimento e prosperidade do Brasil, se se devotassem à defesa de uma causa e não a tricas partidárias, não haveria na política de nossa terra esse jogo constante de insultos a personalidades; porque[,] na defesa de uma causa[,] só argumenta-se com a razão, com a verdade!...

CONCEIÇÃO – Ora, lá vem o senhor com o seu republicanismo... Esta mocidade de hoje tem[,] na verdade[,] ideias extravagantes!... Senhor Arnaldo, cuide mais na sua vida, o senhor depende dos negociantes, como eu... Sabe que sempre tive-lhe simpatias... E[,] se acaso precisar de alguma coisa... Posso servir-lhe... A minha bolsa...

ARNALDO – A sua bolsa! Era somente o que faltava! O senhor convida-me para uma reunião em sua casa[,] com o fim de pedir-me o voto, isto é, de fazer trair a minha consciência, como lhe nego, porque pede-me um absurdo, oferece-me dinheiro!... Quer[,] então[,] comprar um homem?...

CONCEIÇÃO (*atrapalhado*) – Não lhe digo que... O senhor é muito exaltado...

ARNALDO (*com o chapéu na mão*) – Pois saiba, senhor capitalista – homem que[,] quando se trata de crenças, fala em dinheiro, saiba que os republicanos, como eu, que dependem do mundo, afrontam os seus adversários e ao seu ouro; porque entendem que a sua pátria prosperará um dia, se tiver homens livres[,] que combatam para elevá-la[,] e não partidários corruptos[,] que se batam para elevar-se. (*Sai*).

Cena XIII¹¹⁶

CONCEIÇÃO, só (embasbacado).

CONCEIÇÃO – E não querem ver que o criança esteve aqui me insultando? Maldito pobretão[,] que prefere morrer de fome à pedir esmola!... Um dia[,] talvez[,] ainda venhas bater-me à porta! O que te valeu hoje foi falares muito depressa e eu não te entender quase nada... Senão!... (*Vai saindo e encontra Flora e Cândido. À parte*). Tu, meu pinta-monos, não poderás fazer o mesmo, porque já caíste no laço. (*Sai*).

¹¹⁴ Na edição original, “Cena XI”.

¹¹⁵ No original, “arrulando”.

¹¹⁶ Na edição original, “Cena XII”.



Cena XIV¹¹⁷

FLORA e CÂNDIDO.

CÂNDIDO – Porém, ordene-me, não me torture[,] duvidando de meu amor!...

FLORA – Já pensou bem se pode servir-me, obsequiar-me?

CÂNDIDO – Oh! Fale, não mate-me!

FLORA – É um pedido muito simples... O senhor vai admirar-me... Chamar-me-á de criança[,] por não tê-lo dito há mais tempo. (*Entregando uma chapa*). Quero confiar-lhe isto...

CÂNDIDO (*recebendo a chapa*) – Não compreendo...

FLORA – É o voto que[,] amanhã[,] deve levar[,] à igreja[,] seu pai...

CÂNDIDO – Meu pai!... O velho que geme no leito da morte! Como! Pois eu hei de pedir!... Matar-lhe! Impossível!...

FLORA (*com cinismo*) – Impossível! E amava-me tanto!...

CÂNDIDO (*de joelhos*) – Oh! Amo-lhe ainda!... Muito!... E muito!... Porém[,] tenha pena de mim... De meu pobre pai... Eu lhe peço[,] em nome de Deus!...

FLORA (*impassível*) – Não me obedece? (*Aponta para a porta da saída*).

CÂNDIDO (*corre a cena desvairado e[,] finalmente, vendo-a na mesma posição[,] sai resoluto e precipitado*). Sim[,] te obedecerei, até no inferno!...

FLORA (*com um sorriso satânico*) – Até que[,] finalmente!

FIM DO PRIMEIRO ATO.

¹¹⁷ No original, “Cena XIII”.



ATO II

Casa de Cândido – sala pobre, alguns móveis, um retrato de Cândido em uma mesa, portas laterais e ao fundo.

Cena I

CÂNDIDO, só.

CÂNDIDO (*de luto, sentado junto a uma mesa*) – Morte, sombra nefasta que persegue a vida. Na casa do pobre[,] achas sempre vítimas que te saciem... Ontem, tinha eu um pai, embora no leito de dores, porém[,] ainda lançando a bênção ao filho[,] que o consolava; hoje... Oh!... Maldição[,] cai sobre minha cabeça, descarrega-me o teu estigma horrendo... Infamante!... Miserável sou eu! Natureza, acaso ou fatalidade[,] por que me deram uma imaginação, um ideal, um amor?... Febre de artista, por que me alimentaste nestas vigílias longas, delirantes, em que[,] por tantas vezes[,] pendeu-me a fronte suarenta, para se levantar pálida, sombria, porém[,] ávida de sonhos, de amores? Meu pai!... Matei-o... com estas mãos, com estas palavras de sedução! Meu pai!... Morte!... (*Deixa cair a fronte e[,] depois[,] levanta-se com furor*). Povo, mártir de todos os séculos... Não vês teus pulsos algemados, não vês que te cospem nas faces?... Levanta-te, ergue-te[,] que és livre, não deixes ofuscar o sol da liberdade em tua pátria!... Cidadão, por que consentes que te roubem as riquezas de teu solo?... Operário, por que estatelas perante à sociedade[,] que repudia tua família, que afasta de si tuas mãos por serem calosas? Mendigo, por que não levantas teu braço de Lázaro contra o milionário que te salpica as faces com a lama das ruas?... Miseráveis! Sim, miseráveis!... Porque têm pátria, família e coração[,] e deixam roubar-lhes a pátria, desonrar-lhes a família e ferir-lhes o coração!... (*Pausa*). Oh! Porém[,] eu ainda sou mais infame!... Meu pai!... Maldição de Deus! (*Cai sobre uma cadeira*).

Cena II

CÂNDIDO e MARIQUINHAS (que traz a ceia para Cândido).

MARIQUINHAS – Meu primo... Bom dia... Está melhor, mais resignado? Chora?!... Não me esconda as lágrimas...

CÂNDIDO (*ocultando o pranto*) – Não choro... não... O que queres?

MARIQUINHAS – Trago a ceia[,] que minha mãe mandou-lhe... Não chore assim, meu bom primo, não esteja tão triste, console-se, sim!...

CÂNDIDO – Menina, deixa-me, não tenho fome, dize à minha tia que já estou bom, que posso trabalhar... Vai-te daqui, eu te peço...

MARIQUINHAS – E por que está tão triste... pálido?...

CÂNDIDO – Mariquinhas, deixa-me... Deixa-me sossegar um pouco...



MARIQUINHAS – Mas o primo não conta os seus sentimentos à minha mãe! Parece que não quer bem à sua família[,] que o estima tanto...

CÂNDIDO – Família!... Não me fales nesse nome... Não tenho família!... Morreu meu pai! E eu ter família! Foge daqui[,] louquinha... Eu ter família!...

MARIQUINHAS – Porém[,] não fale assim... Não desespere da sorte, há de ficar bom, há de ter ainda resignação... Não crê em Deus?...

CÂNDIDO – Crê em Deus!... Deus!... Eu[,] no inferno!... Vai-te daqui[,] criança... Deixa-me... Senão!... (*Sai por uma porta lateral*).

Cena III

[MARIQUINHAS, só.]

MARIQUINHAS (*só e pensativa*) – Pobre Cândido! Eu te amo tanto! Desde menina que ele me faz bater o coração, sempre que o vejo... E nunca soube de meu amor, nunca surpreendeu-me um só olhar de adoração[,] quando o via em qualquer parte. Criança ainda[,] o esperava todos os dias[,] quando ele ia e voltava do colégio. Sentia-me tão feliz, tão alegre[,] quando o via pela manhã, que trabalhava todo o dia cantando. Depois[,] ele partiu... e[,] nos cinco anos que se passaram[,] quanto pedi a Nossa Senhora que lhe desse felicidade! Meu Deus... Ele ficará bom? Meu Deus! Ele ficando bom, poderá amar-me? (*Enxuga uma lágrima*). Oh! E eu estou aqui o incomodando... Logo voltarei... (*Vai sair*). Mas deixo a ceia, ele há de ter fome... O Cândido era tão bom, tão honrado!... Nossa Senhora há de salvá-lo, ele há de ficar bom... (*Ao sair[,] vê o retrato de Cândido e furtivamente dá-lhe um beijo*).

Cena IV

[CÂNDIDO, só.]

CÂNDIDO (*ainda surpreendendo o beijo*) – Boa menina, bom coração, porém[,] é um tipo tão vulgar, tão longe da formosura[,] que não pode inspirar paixão ao artista[,] que ama o belo! Oh! Nunca! (*Começa a delirar*). O belo!... A inspiração do artista!... Ah!... É a senhora? Flora!... Não fujas de mim... Sou teu escravo... Matei meu pai[,] porque mandaste!... Oh! Não me arrependo, não, eu sou feliz... Porém[,] tu não me iludas! Encontras em mim um coração que se arroja a teus pés[,] para pisá-lo, contanto que me sorrias!... És mais do que uma mulher, és uma deidade... E eu[,] como o crente que[,] vendo a natureza esplêndida[,] ama a seu Deus, também vi-te por uma miragem, num dia em que a minha imaginação era um mundo de poesia, oh! Adorei-te! Acaso não me amas? (*De joelhos*). Ama-me... Sim!...



Cena V

CÂNDIDO e uma MENDIGA.

MENDIGA – Uma esmola[,] pelo amor de Deus...

CÂNDIDO (*Levantando-se sobressaltado*) – Oh! Onde estou eu? (*Calmo*). Eis – o mundo!...

MENDIGA – Uma esmola, pelo amor de Deus!

CÂNDIDO – Uma esmola!... A pobreza em casa da miséria... (*Procura*). Nada... Ah! (*Vendo a ceia*). Tens ali alguma coisa...

MENDIGA – Seja[,] pelo amor de Deus...

CÂNDIDO – Não sou eu quem te dá a esmola... Agradeça a um anjo. (*Consi-go*). Ela é mesmo um anjo!...

MENDIGA – Deus lhe dê resignação, senhor Cândido...

CÂNDIDO – Conhece-me? Pareceu-me ouvir dizer Cândido?...

MENDIGA – Pois não hei de conhecer o bom filho do velho Anastácio... Que Deus o tenha no céu!...

CÂNDIDO (*com curiosidade*) – Ah! Conheceu meu pai, não é?... Bom velho...

MENDIGA – Muito bom! Mas foi tão infeliz! Teve um filho tão desgraçado!...

CÂNDIDO – Então... viu ele morrer?!...

MENDIGA – Oh[,] se me lembro! O senhor não ia com ele pelo braço, eu estava à porta da igreja, o senhor Anastácio nem podia caminhar... Uma multidão de homens se precipitava por todos os lados, uns fumavam recostados nos altares, ou tinham o chapéu na cabeça...

CÂNDIDO (*com interesse*) – Porém[,] depois... Viu-nos sair e...

MENDIGA – Bem me lembro, o senhor Anastácio já vinha mais amarelo do que um defunto... Tremia... Depois tropeçou... Cambaleou... E caiu para trás... Eu estava bem perto dele nesse momento... Não se lembra de uma velha que logo molhou com água benta a testa do falecido[,] para ver se ele ainda tornava a si?... Era eu.

CÂNDIDO (*aflito*) – Mas nunca soube o motivo da morte de meu pai, não é assim?...

MENDIGA – A falar a verdade, nunca o soube[,] ao certo... Disseram tanta coisa... (*Querendo despedir-se*). Porém[,] não se lembre mais disso[,] senhor Cândido... Console-se...

CÂNDIDO – Não... Sente-se... Conte-me tudo o que ouviu. (*À parte*). Fui muito infame! (*Alto*). Porém[,] fale...

MENDIGA – Mas, senhor Cândido...

CÂNDIDO – Fale... Sim, eu lho peço...

MENDIGA – Quando o senhor Anastácio, já quase morto[,] era conduzido pelo senhor e um seu companheiro...

CÂNDIDO – Sim...

MENDIGA – Alguns sujeitos que ali estavam, principiaram a dizer: aí está a recompensa de um *fósforo*, o homem era dos nossos e foi votar contra...



Parece um castigo... (*Cândido acompanha todo o diálogo[,] com movimento de desesperação*). Outros ainda diziam mais: o capitalista Conceição comprou o voto ao velho, porém[,] agora[,] não há de pagar-lhe a sepultura.

CÂNDIDO (*à parte*) – É horrível...

MENDIGA – Mas eu não acreditei em nada disso e dirigi-me ao senhor vigário, que também foi testemunha do fato... e que[,] então[,] contou-me a verdade... Disse-me que a moléstia do senhor Anastácio, a quem Deus guarde, já estava muito adiantada e que ele teimou em querer sair de casa, ficando pior com a caminhada e a friagem... E que[,] além disto[,] falaram dele na igreja[,] o que fez-lhe então piorar... Mas, senhor Cândido, console-se, nós todos havemos de para lá ir[,] mais dia menos dia; ninguém fica por aqui[,] para semente... Console-se[,] como todos os filhos que perdem seus pais...

CÂNDIDO – E não ouviu mais nada[,] depois?

MENDIGA – Ah!... Depois[,] quando voltava eu para casa, rezando um Padre-Nosso pela alma do bom velho... (*Mudando de tom*). Porém[,] não lhe conto, porque era uma mentira o que diziam...

CÂNDIDO (*detendo-a*) – O que diziam?!...

MENDIGA – Ora[,] quem vai dar crédito ao que dizem as más línguas!...

CÂNDIDO – Porém[,] o que diziam?... Fale...

MENDIGA – Falaram do senhor Cândido...

CÂNDIDO – Ah! Falaram de mim... Diziam...

MENDIGA – ... diziam que tinha sido o culpado... porque pedira a seu pai para sair...

CÂNDIDO – ... e o matara[,] também!...

MENDIGA – Então eu não me pude sofrer, saí com quatro pedras nas mãos e gritei para os maldizentes: mentirosos, pois quem acredita lá nisso! O senhor Cândido era capaz de matar seu pai[,] a quem estimava tanto?!... Não faltam linguarudos para mentir!... (*Saindo*). Porém[,] não se lembre mais disso[,] senhor Cândido, não se aflija tanto, que[,] o que não tem remédio, remediado está... Deus há de dar-lhe felicidade... (*Sai*).

Cena VI

[CÂNDIDO e ARNALDO.]

CÂNDIDO (*só e depois de um momento de abstração*) – Porém[,] aonde estou eu? Entre estas quatro paredes, negras, como as de um cárcere!... Sonho... Meu Deus!... (*Em delírio*). Quem! meu pai!... Vivo... Ainda no leito de dores!... Olha-me sorrindo, estende-me a mão[,] para beijá-la... Porém[,] como!... Eu pedir-lhe um impossível!... Ele levantar-se[,] quando já não tem mais forças!... Flora!... Perdoa-me!... Tem compaixão de mim e dele!... Oh!... Ainda me apontas a porta do crime!... Do inferno!... (*Tomando resolução*). Porém... eu sou muito fraco! Amo-a tanto e não cumpro-lhe a primeira ordem!... Meu pai... Como ele olha-me tão satisfeito... Eu, a sua única alegria à borda do



túmulo!... Meu pai!... – Eu amo a uma mulher... – Amas[,] filho?... Eu também já amei... És feliz? – Muito, meu pai... – Nada te falta, filho?... – Uma única exigência dela para a minha suprema felicidade... – O quê?!... Depende de mim?... – Sim, pai, é o seu voto, olhe... (*Faz menção*). – Oh! Meu Deus!... Dai-me forças, meu filho, levanta-me, ai! Que dores! Não importa... Vamos... Sustenta-me em teu braço... Ai que dores!... Porém[,] tu vais ser feliz... Vamos... (*Pausa*). Meu Deus!... Morto! (*Recua horrorizado. Ouve na rua uma música e vivas a Conceição*). Cala-te música infernal! Não venhas provocar a hiena que se remorde no antro!... Não lances na face da desgraça a irrisão! Afasta-te daqui... Parricida infame! Não tens força para lançar por terra o ultraje, e o crime de que não és o único culpado? Temes!... O quê?... O castigo dos homens, quando desafias a cólera do inferno!... Oh!... Multidão que zomba do infortúnio, espera um pouco. (*Acha um punhal*). A sede da vingança é terrível. (*Aparece Arnaldo no fundo*). Homens sem coração, mundo de privilégios, sociedade de larápios, preparem-se para o castigo do inferno[,] que sou o próprio inferno... (*Corre à porta e esbarra-se com Arnaldo*).

ARNALDO (*de braços cruzados*) – Bravo!... Novo Calígula[,] queres cortar de um golpe a cabeça do mundo!... Porventura[,] matando homens[,] tens a vingança de crimes?

CÂNDIDO – Retira-te daqui[,] senão...

ARNALDO – Senão[,] praticas já o primeiro atentado, o primeiro dos homicídios... não é? Pois bem, mata-me ao menos, antes seres o maior dos assassinos, mata-me, que não defender-me-ei, aqui tens meu peito!...

CÂNDIDO (*deixando cair o punhal*) – Perdão, amigo! Perdão para o réprobo, não deve ter mais perdão!... (*De joelhos*).

ARNALDO – Levanta-te, Cândido, levanta-te, sou teu companheiro, teu amigo... Tenho estado sempre a teu lado[,] desde que morreu teu pai... Evitemos, portanto, estas cenas trágicas, tão fora da vida dos que pensam, dos que refletem... Ainda não te acordaste das tuas fantasias[,] que nunca se poderão amoldar com a realidade? Acalma-te... Tens ainda a imaginação ardente de artista[,] que não entrevê em seus arrojos nem um raio de luz, de razão?... Loucura! Queres que essa multidão[,] que neste momento se inebria com as glórias de um triunfo, embora efêmero; que esses homens [,] que são levados mais pelo entusiasmo de momento, do que pela convicção; que todos chorem contigo a morte de teu pai! Pretendes fazer do mundo uma só família? Quantas utopias!... Artista!...

CÂNDIDO – Eu sou um fátuo!¹¹⁸... Um louco!...

ARNALDO – Não és um fátuo, nem um louco, és um sonhador[,] apenas: tens coração, mas não tens cabeça; não tens ideias[,] mas tens sonhos; ainda não foste[,] um dia[,] filósofo, tens sido sempre poeta...

CÂNDIDO – Não, Arnaldo... Sabes o que eu sou? Sou um infame...

¹¹⁸ Sujeito muito tolo, insensato, vaidoso, presunçoso.



ARNALDO – Não, és uma vítima de ilusão, Cândido. Procuras a mulher pelo lado vaporoso, aéreo, ilusório, e a mulher não é esse ideal concebido pelo artista, de formas belas, olhos cheios de brilho, lábios que fascinam num sorriso; não, essas tu[,] com o teu pincel[,] fá-las viver sobre a tela; porém[,] os corações ingênuos, almas castas e puras, nascidas para a virtude e que não se patenteiam pela vaidade; a mulher, finalmente, afeita ao trabalho[,] que é nobre[,] e não ao luxo[,] que é torpe; – essas, não pode engendrar o poder humano, são criadas somente por Deus!... Cândido, a mulher não é a beleza da matéria, é a beleza do espírito, não é a face formosa, é o coração virtuoso!... Aposto que ainda amas a filha do senhor Conceição, não obstante ser a causa da morte de teu pai...

CÂNDIDO – Arnaldo, não fales assim; nunca soubeste o que é amor, esta paixão que cega[,] quando não mata!...

ARNALDO (*cruzando os braços*) – Pois tu ainda amas a filha do capitalista Conceição!... E pensas que ainda não tive amor? (*Sorri-se amargamente*).

CÂNDIDO – Arnaldo, consola-me, mas não martiriza-me... Não viste como Flora[,] no dia do baile[,] sorriu-me? Suas palavras, seus olhares! Oh[,] é impossível!... Ela é um anjo...

ARNALDO – Um anjo para assassinar teu pai!...

CÂNDIDO – Não fales assim!... Pois crês que seja possível uma mulher ter tanta crueldade? Para que havia ela de querer matar um velho inofensivo? Por simples distração?... Para depois dizer nos salões: já matei um velho[,] que estava às portas da morte!... Acreditas em semelhante barbaridade, Arnaldo? E os próprios convivas[,] que a vissem falar assim tão cheia de cinismo, compartilhariam de tanta abjeção?!...

ARNALDO – Então acreditas que Flora te ama apaixonadamente? (*Com ironia*). Pois[,] sábado à noite[,] vai à capelinha da aldeia assistir ao casamento de tua apaixonada com o Dr. Semprônio.

CÂNDIDO – Sábado!... Amanhã?... Não mintas, Arnaldo, ela seria capaz de enganar-me[,] com aqueles olhos tão cheios de brilho, com aquelas palavras tão harmoniosas, celestes!... É impossível!...

ARNALDO – É impossível!... (*Com ironia*). Pois, o senhor Dr. Semprônio[,] que gosta de certas modas; ou porque tem lido em romances, ou porque quer alarmar a população desta cidade, que na sua autorizada opinião é insípida o mais possível; delineou a festa do seu himeneu em uma verdadeira novidade para nós. Embarcam pela manhã no trapiche do senhor Conceição, os noivos *et committanti*, isto tudo debaixo de música e foguetes, aclamações, bombas, brindes, etc., etc. Seguem para a aldeia sulcando as águas do lago, passam aí o dia em jogos pueris, casam-se à noite, e[,] finalmente[,] vão habitar um palacete lá bem no meio do pitoresco arrabalde e gozar[,] a sós[,] a deliciosa lua de... cerveja... Sim, porque o doutor é admirador da Cristiania... e até da *barbante*...



CÂNDIDO (*suplicante*) – Não abuses de minha fraqueza, não me lances o ridículo... Sim, poupa-me ao menos o ridículo, Arnaldo... Queres obstar o meu amor[,] por todos os meios... Porém[,] é inútil... A princípio[,] apresentavas-me o impossível, debaixo da forma do dinheiro: que ela rica e eu pobre; venci-o, tu o viste na noite do baile... Agora[,] falas-me do Dr. Semprônio!... Eu tenho olhos, Arnaldo, como rompestes com o senhor Conceição, queres obrigar-me a romper também com a filha?... Deixa-me, eu te suplico... Vou sossegar um pouco, a cabeça pesa-me de febre, as pernas vacilam... Talvez o dormir faça-me bem, e eu quero viver para amá-la!... Não me fales mais nisso... Sim, Arnaldo... Eu não posso duvidar do destino, o destino que nos conduz na vida e pelo qual sacrificamos tudo. (*Saindo*). Porém, amigo, não duvides de mim, não me olhes com compaixão, porque eu detesto o único culpado, o capitalista! Ele foi que verdadeiramente matou meu velho pai... (*Sai*).

Cena VII

[ARNALDO, só.]

ARNALDO (*só e pensativo*) – Muito bem, decididamente é terrível uma paixão!... Com efeito! Cândido era um rapaz de bastante senso... E hoje está em um estado digno de compaixão! Pobre amigo, concebeu que a mulher bela deve ser virtuosa, habitou-se na vida de pintor a enlevar-se nas formas corretas das imagens, chegou a formar a encarnação do belo[,] para amar... Saiu deste mundo real, para voar de fantasia em fantasia: e ei-lo perdido!... Em balde a realidade o desperta tantas vezes de seus sonhos e ele torna a dormir, para novamente amar sonhando... Surdo-mudo, contempla a estátua e só pode adorar a forma, só pode compreender a eternidade! Felizmente, não és o sensualista torpe, que apenas se entrega à lascívia, aos gozos da matéria. Não, a tua estátua é a imagem que concebeste, é de espírito, é de virtude, porém queres identificá-la com a matéria: eis o teu erro!... Sonhador, sempre sonhador. (*Pausa*).

Cena VIII

ARNALDO e MARIQUINHAS.

MARIQUINHAS (*admirada*) – O senhor Arnaldo!

ARNALDO – Mariquinhas!...

MARIQUINHAS – O senhor Cândido está melhor, não?

ARNALDO – Interessas-te pela saúde de teu primo, Mariquinhas?...

MARIQUINHAS – Então?... Se o estimo tanto...

ARNALDO – Então o estimas muito?... Porém[,] ele está louco...

MARIQUINHAS – Louco!...

ARNALDO (*sorrindo*) – Sim, é uma maneira de falar, porém[,] tu parece-me que o amas?... Coras?... Não é crime dizer que se tem amor, Mariquinhas!...



Mas estás confusa... Não podes falar... (*À parte*). Alma angélica, não corrompida pela ostentação dos salões!... (*Alto*). Amas, não é assim?...

MARIQUINHAS (*hesitando*) – Mas se... eu sou tão pobre... e... não sou bonita...

ARNALDO – És pobre... não és bonita... Que engano, tu és rica, tu és muito bonita... Quem ama ao dinheiro?... Tens razão, a sociedade de hoje está corrompida; a mulher pobre é o ente mais desprezível que existe, a rica o mais incensado! Porém, eu quisera ser mulher rica; porque quando me batesse à porta um desses peralvilhos que amasse o meu dinheiro, eu também teria meia dúzia de lacaios[,] para corrê-lo escadas abaixo!... Mas... Mariquinhas, não julgues que Cândido ame ao dinheiro, não...

MARIQUINHAS – A filha do senhor Conceição... é rica e ele...

ARNALDO – Ama-a, não é assim? Há um engano, Cândido não ama a filha do capitalista...

MARIQUINHAS (*contente*) – Pois não ama!...

ARNALDO – Adora um retrato que ele fez há tempos e que é parecido com a tal senhora Flora; nada mais.

MARIQUINHAS – Como? Adorar um retrato!...

ARNALDO – Sim, Cândido pensa que a mulher é o mesmo que uma estampa de caixa de modas, toda dengosa, coberta de rendas e ouro...

MARIQUINHAS (*com ingenuidade*) – Um figurino, não é[,] senhor Arnaldo?

ARNALDO – Sim, um figurino, que quer dizer que dentro da caixa há *drogas*, muitas vezes[,] falsificadas; ora[,] muita gente se ilude com a estampa e leva a *droga* para casa.

MARIQUINHAS – Então[,] ele não ama a senhora Flora?

ARNALDO – Qual! Hás de ver ele ainda amar-te!...

MARIQUINHAS – Oh! Será possível!...

ARNALDO – Confessa. Mariquinhas, tu amas teu primo?...

MARIQUINHAS (*com os olhos baixos*) – Amo...

ARNALDO – E não querias contar-me...

MARIQUINHAS – Tinha vergonha...

ARNALDO – Tinha vergonha... O amor e assim mesmo, é uma planta muito delicada, quase é oculta no ser, que a pode profanar... Porém[,] não o oculte de mim, porque eu quero ser o seu extremado cultor, e te afianço, Mariquinhas, que a planta levantará sua haste e a haste dará a flor perfumosa e da flor nascerá o fruto!... Providência, auxilia-me!... Pois bem, senta-te Mariquinhas, conversemos... Como principiou o teu amor e quando? (*Pausa*). Cândido ia visitar teus pais, não era?

MARIQUINHAS (*com os olhos baixos*) – Todos os domingos...

ARNALDO – E[,] então[,] trocavam seus olhares. (*À parte*). O amor nasce sempre de um olhar...

MARIQUINHAS – Ele quase nunca olhava para mim, pelo menos eu não via...



ARNALDO – Talvez que ele também nunca visse um teu olhar[,] assim... (*Faz de amoroso*).

MARIQUINHAS – Nunca... Eu tinha vergonha dele, tinha medo que me achasse feia, e quase sempre o espiava, para ele não ver-me, nem o contentamento que sentia ao vê-lo...

ARNALDO (*à parte*) – Oh! Que amor tão ingênuo, tão delicado!... (*Alto*). Porém[,] o que esperavas então, Mariquinhas, se teu primo não sabia de nada?...

MARIQUINHAS (*meditando*) – E Deus?

ARNALDO – Confiavas em Deus! (*Pausa*).

MARIQUINHAS (*continuando*) – Depois que ele partiu, minha mãe soube de tudo...

ARNALDO – Sim, contaste à tua mãe, boa filha...

MARIQUINHAS – Não, eu não contei-lhe... Mas nem sei mesmo como ela desconfiou...

ARNALDO – Sim, é coisa muito sabida: as mães leem nos olhos dos filhos o que lhes vai na alma...

MARIQUINHAS – Eu[,] de tarde, já às Ave-Marias, rezava pelo meu primo[,] e todos os domingos ornava de flores os altares da capelinha da aldeia[,] onde nasci.

ARNALDO – Por isso respiras tanto perfume, tantos eflúvios de virgem; o ar da aldeia não atrofia, alimenta e vivifica...

MARIQUINHAS – E eu[,] amanhã[,] vou ver outra vez a casa, o prado e a igreja de minha aldeia... Minha avó, boa velhinha, está tão doente, vou acompanhá-la...

ARNALDO – Porém, como ias dizendo, tua mãe então desconfiou de tudo?...

MARIQUINHAS – Desconfiou... E[,] depois[,] me disse: tu gostas de Cândido, ele foi estudar, em voltando[,] há de querer uma mulher que o compreenda, estuda também, minha filha – Para os pobres a instrução é o ouro.

ARNALDO – E tu estudaste[,] desde então...

MARIQUINHAS – Há dois anos que estudo e cada vez tenho mais vontade de estudar. Pretendo ainda saber muito, para ser... como o senhor Cura em pequena me chamava – doutora...

ARNALDO (*rindo-se*) – Ah!... Doutor, quer dizer – saber muito!

(*Mariquinhas levanta-se e vai até a mesa[,] ver a ceia que trouxe*).

ARNALDO (*à boca da cena*) – Bravo!... Já[,] entre o povo[,] começa a cintilar a luz do saber. Sim, povo, sobre quem pesa a carga bruta das nações, aprendei, minai essas muralhas que a fatuidade e a estupidez elevam para sustentar hoje a sociedade, e quando um dia tiverdes completado a vossa muito sublime obra de redenção e de liberdade, prendei fogo ao rastilho; que os altos palácios abalar-se-ão[,] com suas paredes de ouro[,] e sobre as ruínas construireis o futuro que é a instrução, que é a igualdade.



MARIQUINHAS (*à parte*) – Sempre comeu alguma coisa, já está ficando melhor! (*Alto*). Senhor Arnaldo, o primo está melhor, mais descansado, não?...

ARNALDO – Pode melhorar, sim, há pouco deitou-se, talvez que o sono o restabeleça.

MARIQUINHAS – Mas ele vai ficar bom, não?...

ARNALDO – Vai... É preciso[,] entretanto[,] de muito sossego, a febre pode matá-lo.

MARIQUINHAS (*pensativa*) – Ele, morrer!... Não fale assim, senhor Arnaldo...

ARNALDO – Não há de ser nada... Tenho também medo da loucura...

MARIQUINHAS – Da loucura! Pois ele está em perigo[,] assim?...

ARNALDO – Não, tu não podes compreender a moléstia de teu primo, Mariquinhas... Cândido ainda não sabe o que é o amor... Não te posso explicar... Tenho lutado em balde para desviá-lo do erro, da ilusão[,] e ele cada vez mais se aproxima do terrível abismo... Tu não sabes[,] decerto[,] qual é o fim dos homens fracos que se apaixonam e deixam-se arrastar pelas sinuosidades dos labirintos, até esbarrar com o impossível, que é o Minotauro que os seduz, que os falseia... Não sabes, criança, decerto, não sabes...

MARIQUINHAS – Não é a morte?...

ARNALDO – Não, não é a morte, é ainda pior do que isso. A morte zomba dos apaixonados, fá-los desesperar, correr atrás de si, sem que lhes toque com suas terríveis garras.

MARIQUINHAS – Meu Deus!...

ARNALDO – Te admiras? Já viste o gato brincar com o ratinho, sua inocente presa? Primeiro, apanha-o, fere-o, cansa-o e[,] afinal[,] abre a boca e a infeliz vítima[,] já cansada[,] vai procurar sossego em seus dentes... Teu primo, se continuar na carreira de desvarios, suicida-se!...

MARIQUINHAS – Suicida-se!... Meu Deus, salvei-o!...

ARNALDO – O que é preciso é não deixar que o ratinho vá cair na boca do gato... (*Acariciando-a*).

MARIQUINHAS (*afrita*) – Mas o senhor Arnaldo não é seu amigo?

ARNALDO – Duvidas?...

MARIQUINHAS – Então[,] salve-o, eu peço-lhe, suplico-lhe; salve-o, porque ele não deve morrer... É tão moço e eu... o amo tanto!

ARNALDO (*sorrindo*) – Confessa-me[,] então, tu o amas muito?...

MARIQUINHAS (*com comoção*) – Oh! Eu o amo! Muito!...

(*Ouve-se ruído no quarto*).¹¹⁹

¹¹⁹ No texto original, esta rubrica antecede os nomes das personagens da próxima cena.



Cena IX

CÂNDIDO (sobressaltado) e OS MESMOS.

CÂNDIDO – Sim, então me amas muito... Eu ouvi... (*Procura Mariquinhas[,] que se oculta por detrás de Arnaldo*). Era uma voz de um anjo, vibrada do íntimo da alma, eras tu[,] decerto, que me falavas, era o destino que se cumpria pelo mando da Providência!...

ARNALDO (*Para Mariquinhas*) – Está salvo! Ele te ama!...

MARIQUINHAS – Meu Deus, pois será possível?!...

CÂNDIDO (*adiantando-se[,] para abraçá-la*) – Meu amor!... Flora!... (*Vendo Mariquinhas, recua horrorizado*). Mariquinhas!... (*Pausa*).

ARNALDO – E ainda não te acordaste, sonhador!...

FIM DO SEGUNDO ATO.



ATO III

Uma praça de aldeia; ao lado esquerdo[,] a capelinha; ao direito[,] uma choupana, defronte da qual há um banco[,] debaixo de uma árvore. No fundo[,] avista-se o rio.

Cena I

[MANECA e MARIQUINHAS.]

MANECA (*sentado no banco, fazendo um cigarro, escuta o canto de Mariquinhas[,] que se ouve de dentro da choupana*).

MARIQUINHAS (*de dentro*):

O sol desperta nos prados
O passarinho e a flor,
Como um olhar muitas vezes
Nos dá vida e dá amor.

Na alvorada é tudo alegre,
De manhã[,] tudo sorri:
Solta perfumes a rosa[,]
Voa e voa o colibri.

A rola[,] sempre medrosa[,]
Tem seu ninho no sertão[,]
O amor também se esconde[,]
No fundo do coração.

Quem na aurora não desperta[,]
Nunca mais despertará;
Não há manhã sem perfumes,
Sem amor[,] vida não há.

MANECA (*lascando fogo e acendendo o cigarro*) – Ah! Maricota, ah! Maricota... Não sabes como me transtornas cá por dentro[,] com estas tuas cantigas... Deixa que tu hás de ainda gostar cá da minha ginga!... Ah! Se um dia eu me meto no casório! Aí[,] sim, eu hei de te ver só no meio da roda[,] sapateando e cantando no mais. Oh! Cristo, e eu só floreado[,] também[,] muito concho[,] metido no fandango! Mas este diabinho ainda me trata de resto, anda sempre com arrelia de que eu não sei ler nos livros!... Ora, lá por isso, chô mico, também o senhor vigário sabe ler só quando diz missa, porque também ninguém ouve nada... Assim[,] também eu sei!... O padreco vai só ali para olhar para as figuras do livro e não se entende nada! Ele pensa que eu cá sou tolo[,] que não estou ali assuntando¹²⁰ tudo... Ah! Maricota[,] se tu me visse em riba do pingo... Aí[,] sim...

¹²⁰ Na edição original, “sumptando”.



Cena II

MARIQUINHAS (que sai de casa) e MANECA.

MANECA (*meio atrapalhado*) – Senhora dona Maricota...

MARIQUINHAS – Bom dia, Maneca, tão cedo já estás por aqui...

MANECA – Ora, eu ia lá pela estrada[,] tocando o carro[,] quando ouvi a sua cantiga[,] e como...

MARIQUINHAS – Ah! Estavas me ouvindo, então[,] obrigada...

MANECA – Ora, é a minha cachacinha! Ah!... É verdade, *sia* Maricota não vai logo lá pelas minhas bandas?

MARIQUINHAS – Não, minha avó está sozinha e não pode levantar-se ainda hoje...

MANECA – Ah! É verdade! Nem me lembrava que a *sia* Camila anda com as suas macacoas¹²¹[,] ainda! Esta cabeça... Mas... Senhora dona Maricota... Ainda não se lembrou daquilo? Daquilo que eu lhe disse outro dia? (*Vergonhoso*). Do negócio do nosso casamento... heim?

MARIQUINHAS – Pobre rapaz, sabes lá o que é o casamento?

MANECA – Eu! É boa... Ora essa, eu também não sou tão tolo assim!...

MARIQUINHAS – Mas[,] por que não estudas, Maneca, não sabes nada?...

MANECA – Ora, senhora dona Maricota. Vancê bem sabe, eu tinha vontade de ir lá para os estudos. Ainda quando o filho do Chico Caolho foi para a cidade[,] eu quis me botar atrás dele, mas qual!... O velho e a velha lá principiaram num alarido que eram uma coisa muita. Foi um pega dos diabos! Eu quis fazer uma arrelia! E por isso é que eu ando[,] até hoje em dia[,] abaixo e arriba[,] com o carro de lenha...

MARIQUINHAS – E assim viverás sempre...

MANECA – Não se incomode a menina, que eu sirvo sempre para alguma coisa. Pergunte[,] por aí[,] quem é o Maneca das Forquilhas! Vancê ainda não me viu, menina... Está aí pensando que eu sou um *baiano*... Qual nada!... (*Pausa*).

MARIQUINHAS (*lembrando-se*) – Então, Maneca, não acompanhas o carro, ele[,] em chegando em casa sem que tu o acompanhes, fará assustar a tua família...

MANECA – E é mesmo, a velha já é capaz de estar em um berreiro, ela me estima que é um Deus nos acuda.

MARIQUINHAS – Adeus. (*Cumprimentam-se*).

MANECA (*vai saindo e volta*) – Mas não se esqueça de mim... está ouvindo. Eu lhe quero muito bem, muito... Muito bem. (*Comovido, vai a sair*).

MARIQUINHAS (*só e[,] depois[,] sai*) – Que martírio, meu Deus... E eu não posso amar senão a quem não ama-me!

¹²¹ Doenças sem gravidade.



Cena III

TENENTE RAMOS, DOMINGOS e MANECA, que sai.

TENENTE – O que tens[,] rapaz? Chorando!...

MANECA (*indignado*) – Rapaz! Veja lá com quem fala...

DOMINGOS – Ora, dá-se! A formiga já não quer ter catarro?

MANECA – Qual formiga, nem pêra formiga, não me vá arrelhando muito[,] porque então há rolo aqui mesmo. (*Tira a faca da cinta*).

TENENTE (*com gravidade*) – Vamos lá, só rapazola, não pense que está tratando com gente de sua igualha, olhe que tem defronte de si um tenente do exército!...

DOMINGOS – E[,] ainda mais, um funcionário público, veja lá; tome mais tento!

MANECA (*arregaçando as mangas*) – Ah! Vancês querem mesmo coisa, esperem um pouco.

DOMINGOS (*trêmulo[,] por detrás do tenente*) – Senhor tenente, defenda-se como puder, que eu... Eu estou ainda convalescendo do meu ataque hemorroidal e... não sou militar... O senhor[,] com as suas campanhas... Coragem... Eu sinto bastante estar doente...

TENENTE (*com medo*) – Não, vamos usar sempre de prudência... (*Alto*). Meu amigo, há de perdoar-nos, nós pensávamos que fosse outro... Estávamos enganados... Perdoe-nos, pensávamos que fosse um nosso conhecido...

MANECA (*retirando-se*) – Sim, porque vancês comigo estão aviados... (*Sai*).

DOMINGOS – E que tal, senhor tenente, do que escapamos!

TENENTE – É verdade... Ah! Se eu estou ao menos com a minha bengala... Mas o senhor viu que ele comigo sempre teve mais respeito... O galão vale muito... Ah! Meu pirralhozinho[,] escapaste de uma...

DOMINGOS – Porém[,] a culpa destas desordens vem do desleixo do nosso governo. Pois deixa-se um rapazola destes andar de faca à cinta, e com o gênio que tem, o que não poderá ainda fazer por aí. Isto ainda vai ser um grande assassino...

TENENTE – Sim, senhor. Se o rapaz é rebelde aos estudos, metam no exército ou na marinha... Mas este nosso governo...

DOMINGOS (*lembrando-se*) – Porém, como vínhamos há pouco dizendo. Há muito tempo que não nos encontramos...

TENENTE – É exato, desde a noite em que saímos da casa do senhor Conceição, se não me engano...

DOMINGOS – Justamente. E como saímos? (*Ri-se*). Ora[,] eu estive com um ataque hemorroidal que não podia mexer-me... Esta vida sedentária que levo... Tanto que não me foi possível ir à repartição...

TENENTE – Ah! Então, o senhor não foi votar?¹²²

¹²² Na edição original, "Ah! Então, o senhor não foi votou?".



DOMINGOS – Votar! Pois se eu não podia mexer-me! Ora essa! Agora é que vou dando meus passeios[,] de madrugada, enquanto o sol não esquenta e[,] ainda em cima de tudo isto[,] ando em uma dieta de caldo de galinha. Hoje quis também vir até aqui[,] para ouvir missa pela alma do velho Anastácio, fazem sete dias...

TENENTE – Pois eu[,] pensando melhor, quando saí de casa do senhor Conceição, vi que era vítima de um grande erro e ofereci[,] no dia seguinte[,] ao major[,] os meus préstimos nas eleições, trabalhei alguma coisinha e[,] amanhã[,] parto a tomar conta de um depósito, que era os meus sonhos dourados...

DOMINGOS – Pois senti bastante estar doente, palavra! Porque eu só queria fazer tremer aqueles capangas que trago na garganta... Chegaram a dizer por aí que eu adoeci com medo de ser demitido, ora essa! Eu, que[,] não há muitos anos[,] bati o pé diante do Presidente da Província e fiz votar um fósforo pela terceira vez, havia de ter medo hoje!...

TENENTE – Porém[,] em conclusão[,] o capitalista derrotou-nos, a situação está mudada completamente...

DOMINGOS – É verdade, e tudo isso, enquanto eu estive com o meu ataque hemorroidal.

TENENTE – E se eu não me pilho tão depressa com o meu depósito, gastava o meu tempo e o meu latim...

DOMINGOS – Agora[,] também estou descansado, tenho por mim o Conceição, meu companheiro antigo, inseparável... Eu é que pouco o procuro, mas ele nada faz que não me consulte primeiro. Ora, o Conceição...

TENENTE – ... O senhor barão, pode já chamá-lo...

DOMINGOS – Quem! Pois o capitalista já é barão, o que me está dizendo?...

TENENTE – Pois não sabia? O senhor que é tão seu amigo!...

DOMINGOS – Porém[,] eu não lhe disse que tenho estado com ataque hemorroidal, homem!...

TENENTE – A notícia aqui chegou por telegrama de ontem.

DOMINGOS – E eu aqui sem ir cumprimentá-lo, que grosseria de minha parte! Como não estará admirado, ele que me considera tanto! O magano do Conceição[,] só para surpreender-me[,] não me disse nada! (*Ri-se*). Ah! Patife[,] não é a primeira que tu me pregas!...

TENENTE – Porém[,] ele é tão seu amigo e aposto que não convidou-o para o casamento da filha, que deve ter lugar esta noite, com o Dr. Semprônio!

DOMINGOS – O Dr. Semprônio! (*Fingindo saber de tudo*). Ah! Lembro-me, o Conceição já me falou nesse rapaz, dizem que é de muito talento... Mas o senhor tenente me permitirá licença[,] tenho de ir à casa vestir a casaca, e...

TENENTE (*sorrindo[,] irônico*) – E não espera para ouvir missa pelo seu amigo Anastácio?...

DOMINGOS – Não, amigo nunca fui de Anastácio. Era meu vizinho antigo, prestava-se a fazer[,] às vezes[,] em minha casa[,] alguns consertos, próprios



de seu ofício de marceneiro. Me respeitava muito... Mas nunca fui seu amigo. É verdade que os seus serviços em minha casa eram grátis, mas também[,] no fim do ano[,] lhe mandava uma bandeja de frutas deste tamanho (*abre os braços*)... Porém, vou me chegando, mesmo porque parece-me que não há missa hoje...

TENENTE (*olha para o relógio*) – Podemos ir juntos. A esta hora[,] já devia estar eu no quartel... (*Dão o braço*). Mas o senhor[,] agora[,] sente-se completamente restabelecido, não?

DOMINGOS – Completamente, não, às vezes ainda sinto uma dorzinha que corre-me pelo fio das costas.

TENENTE – Tenha cuidado, não vá exceder-se no banquete... Está a caldo de galinha...

DOMINGOS – Qual! Eu cá sempre fui de muito pouca comida... (*Saem pela direita*).

Cena IV

ARNALDO e CÂNDIDO (entram pela esquerda).

ARNALDO – Cândido[,] não seas criança, não abandones a vida por uma paixão louca... Respira o ar da madrugada[,] que vivifica... Queres então morrer[,] quando o viver te é tão necessário?... Borboleta errante[,] queres te queimar nas chamas, fugindo aos raios do sol, o gênio, que te convida a criar tuas asas!...

CÂNDIDO – Se tu concebesses um amor como o meu[,] Arnaldo... Se[,] na febre, no delírio[,] acompanhasses[,] passo a passo[,] a sombra de uma mulher bela, sedutora, não falar-me-ias assim. (*Senta-se no banco*).

ARNALDO – Muito bem, insistes na tua loucura, crês que só se ama como um louco e não como um homem, pensas que o amor é o desvairamento das faculdades e não o efeito do sentimento e da razão? Ouve-me, pois: julgas que eu[,] por não apregoar a todos os momentos que já tive amor, que nunca amei?

CÂNDIDO – E já algum dia amaste, Arnaldo?!...

ARNALDO – Oh! Muito!... Porém, amei a uma mulher e não a uma estátua!... Sabes a vida errante que levo, graças à minha ocupação de guarda-livros[,] que mais ou menos em toda parte me fornece meios de subsistência. Uma vez, ia eu desta cidade para o Rio de Janeiro. Tocamos em Santa Catarina e[,] pouco depois[,] eu[,] com um meu companheiro de viagem, passeávamos pelas ruas da cidade do Desterro[,] a admirar o pitoresco daquela ilha tão silenciosa, tão triste... Casualmente[,] em nossa digressão[,] vimos algumas flores artificiais expostas à venda[,] em uma janela. Paramo-nos a examinar o trabalho, e o meu amigo[,] que tinha família na corte[,] aproveitou a ocasião, para levar algumas lembranças de viagem. Entramos nessa casinha[,] de aspecto miserável Uma velha nos recebeu sorrindo[,] com sua filha, menina de dezoito anos[,] mais ou menos.

CÂNDIDO – Bela, naturalmente...



ARNALDO – Não, Cândido, a princípio[,] não sofri impressão alguma; porém[,] quando mais familiarizados[,] começamos a conversar, o coração dela começou também a expandir-se em perfumes sublimes, como os da violeta, e aquela franqueza de criança[,] misturada com a educação de uma virgem, a sua modéstia[,] às vezes[,] quando falava de seu trabalho, e[,] ainda mais[,] o olhar ingênuo das almas não fanadas pelas sociedades: oh! tudo encantou-me... Quando despedi-me de Júlia (era o seu nome), pensei em não sair de Santa Catarina... Com efeito, perdi a passagem, mas ganhei horas de infinitas delícias... Duas semanas depois[,] éramos dois corações que não se podiam apartar um do outro... Marcando o dia do nosso casamento, antes disso, pedi licença à minha noiva para ir ao Rio de Janeiro, onde fui aprontar-me... Um mês depois, quando voltei... (*Torna-se triste*).

CÂNDIDO – Ela estava morta!...

ARNALDO – Não estava morta... Porém[,] se ocultava de mim, não queria que eu a visse... Tinha vergonha e tinha medo!... (*Com comoção*).

CÂNDIDO – Desonrada?!...

ARNALDO – Desonrada! Oh! Não julgues que a mulher que pensa se deixe desonrar[,] nem mesmo na miséria, nunca! Júlia tinha apenas mudado de fisionomia, a moléstia terrível das bexigas tinha-na tornado desfigurada! As suas faces[,] de uma palidez cheia de poesia[,] eram uma chaga a verter sangue... E ela se ocultava na escuridão de seu quarto[,] para eu não vê-la... Tinha medo que eu[,] vendo-a[,] não a amasse!... Cândido, se a filha do senhor Conceição assim se desfigurasse, se num momento o seu rosto de neve se trocasse pela face tostada do bexiguento, e...

CÂNDIDO – Arnaldo, não fales assim!

ARNALDO – Tens horror! Pois essas faces belas não estão preservadas de se tornarem horríveis, mesmo em vida... Oh! Se houvesse um Deus vingador, quantas vezes o castigo passaria sobre as fronteiras vaidosas e quantas vezes os dândis adamados aos pés de suas deidades sairiam corridos[,] por vê-las transformadas...

CÂNDIDO – E tu, Arnaldo, amaste ainda?!...

ARNALDO – E cada vez mais. O coração nunca tem destas transformações, quando contém sentimentos emanados do céu. Casei-me com ela[,] poucas semanas depois.

CÂNDIDO – És casado!...

ARNALDO – Nunca te disse[,] porque ainda não pude falar a um homem, tenho falado a um sonhador! Sou casado, sim, a minha alma está unida à de Júlia eternamente, como institui a religião de Cristo, embora Júlia morresse quatro meses depois do nosso casamento...

CÂNDIDO – Sim, então és viúvo...

ARNALDO – Viúvo, não, não compartilho desse estado[,] que torna o homem ainda apto para novo casamento! Não, a nossa religião é sublime[,] quando estabelece eterno o verdadeiro amor, pelo himeneu; porque se a alma imor-



tal sobrevive a este mundo, mais precisa do ente que completou-lhe aqui a sua missão. Por isso[,] o amor[,] que é um sentimento divino, e que poucos o possuem, aspira o futuro e não morre diante do túmulo: pois se ele[,] entre as lágrimas dos esposos[,] faz entrever as mansões do Empírio. Meu Deus, um dia ainda me unirei a ela, porque[,] Júlia[,] amar-te-ei sempre, sempre!... (Silêncio).

CÂNDIDO (*pensativo*) – E Flora?... (Pausa).

ARNALDO (*mais para o fundo da cena*) – Ei-la... Vês aquela porção de homens e mulheres que embarcam[,] além[,] na praia... Conheces aqueles noivos? Ainda duvidas do casamento de Flora... Não sabes que é[,] ali[,] o trapiche do capitalista Conceição?

CÂNDIDO (*como louco*) – Será possível!... Ela!...

ARNALDO (*batendo-lhe no obro[,] irônico*) – Um dia[,] ainda[,] talvez te ame...

CÂNDIDO (*tira um revólver*) – Porém[,] ao menos poderá chorar a minha morte...

ARNALDO – Insensato! Crês que a mulher que nem se lembra de tua vida há de chorar por tua morte! Suicida, deixa cair a arma a teus pés, não queiras comungar os teus desvarios com o mais ignóbil dos atentados!...

CÂNDIDO – Viver! Para quê?...

ARNALDO – Viver! Para quê? Pergunta à pátria[,] se não precisa de filhos! Pergunta a Deus[,] se não precisa sempre dos missionários da ideia.

CÂNDIDO – Deus!...

ARNALDO – Ah! Não crês em Deus! Homem nascido na mais sublime religião[,] e em cada do pobre, não crês em Deus! Céptico, quando devia ser todo crente! Oh! Então[,] mata-te[,] não és homem, é um monstro!...

CÂNDIDO – Amigo!...

ARNALDO – Amigo! Vai-te, não se pode amar a criação de Deus, sem adorar ao Criador! Mata-te, desaparece da superfície da terra[,] suicida infame!... Renegado de Deus!... (*Ouve-se o canto das aves à surdina*). Ouves, são os cânticos harmoniosos[,] que nas alvoradas se elevam até o trono do Criador! São as aves do bosque[,] que entoam seu coro divino... Nesta melodias não há tanta suavidade? Não há um quê de inexplicável[,] que infiltra no coração humano uma convicção espontânea, imediata[,] da existência de Deus? Este transpirar do alaúde sublime da criação não te desperta, Cândido? Pobre sonhador!... (*Concentrando-se*). Filhos do trabalho, da realidade, almas embaladas nas dulcias¹²³ sublimadas da natureza, que vivem na religião do dever, vós sois os crentes de todos os séculos! E[,] enquanto os tronos se elevam[,] cobertos de ouro e púrpura; enquanto as sociedades prostituídas se embriagam nas mais infrenes paixões, vós[,] toscos obreiros, construíis o futuro! Salve hebreus cativos, que no meio das orgias dos modernos Baltazares, tendes fé em um Deus e sempre esperais o dia da redenção!...

¹²³ Culto prestado aos santos e aos anjos.



CÂNDIDO (*como que acordando-se*) – Arnaldo... Sim, eu sinto que existe um Deus!...

ARNALDO – Sentes? Então[,] já tens coração! Despertas!...

CÂNDIDO (*horrorizado*) – Oh! Meu pai!... E eu matei-o!...

ARNALDO – Não, não foi o filho que matou seu pai, foi um louco que iludiu um velho... Não te impelia a razão, não eras[,] portanto[,] um homem, eras um vil instrumento...

CÂNDIDO – Arnaldo, pois, se ainda mereço, dá-me alguma consolação!...

ARNALDO – Para o alimento do corpo, artista, tens o trabalho; para o enlevo da alma, homem, tens a mulher!...

CÂNDIDO (*murmura*) – O trabalho!... A mulher!...

Cena V

OS MESMOS, ao fundo, sem serem vistos por MARIQUINHAS[,]
que senta-se[,] lendo.

ARNALDO (*baixo*) – Vês aquela menina à porta de sua choupana? Tem um livro nas mãos, talvez antes e depois do trabalho procure a instrução[,] que é tão necessária à mulher; educa o coração para um dia poder ser mãe... Não vês que ali existe uma mulher criada na instrução e no trabalho, e não na ignorância e na ociosidade? Não vês que a mulher é o sentimento e não a formosura?...

MARIQUINHAS (*olhando para o livro*) – Estrelas cadentes, quando vezes tenho lido esta página[,] que tanto me anima a viver, sem que ainda[,] do céu[,] me caísse uma estrela... (*Pensativa*).

CÂNDIDO – Mas esta voz! (*Baixo*).

ARNALDO – Mariquinhas! (*Baixo*).

CÂNDIDO – Ah!... Está em casa de minha tia... Onde estava eu! Tão longe do mundo[,] que não me lembrava dela, destes lugares, onde nasceu o meu amor de criança. (*Quer adiantar-se, Arnaldo o detém*).

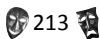
ARNALDO – Silêncio, ouçamos.

MARIQUINHAS (*lê*).

ESTRELAS CADENTES.

Qual uma estrela pelo céu erguida[,]
Rola cadente a borbulhar de luz,
Uma palavra que é de Deus partida,
Mostra ao précito a redenção da cruz!...

Se o marinheiro[,] da extensão dos mares[,]
Quase perdido[,] a salvação achou,
Foi uma estrela que rolou nos ares,
Uma palavra que de Deus tombou!...





Quando o materno coração palpita[,]
Chorando a morte dos filhinhos seus,
Lá nos espaços uma luz se agita
E desce um anjo da mansão de Deus!...

Fé e esperança[,] a salvação dos crentes[,]
Tombam dos céus para orvalhar a cruz!
São como estrelas perenes, cadentes...
Que as trevas rompem[,] borbulhando em luz!...

CÂNDIDO (*precipitando-se para Mariquinhas*) – Mariquinhas, como és bela, quanto te amo!...

MARIQUINHAS (*recuando*) – Ele!... Meu Deus, ficou louco!... (*Cai desfalecida*).

ARNALDO (*segurando-a*) – Não, não temas[,] menina... Cândido vem pedir abrigo em teus braços, salvação em teu amor. Foi[,] como dizias há pouco, uma estrela cadente, uma palavra de Deus que baixou à terra neste momento...

CÂNDIDO – Sim, agora, perdoa-me, Mariquinhas, fui culpado e muito! Insensato[,] esqueci o teu verdadeiro amor por um sonho, abandonei a virgem que acariciou-me a infância; diante dessas imagens belas que vi surgirem da tela, esqueci-me da mulher[,] para embeber-me no ideal! Perdoa-me. (*De joelhos*). Eu fui culpado, mas eu te amo agora... Perdoa-me.

ARNALDO – Ela não te ouviu, Cândido, a comoção foi grande.

MARIQUINHAS (*murmura*) – Ele! Louco!...

CÂNDIDO (*levando as mãos à cabeça*) – Compreendo, sou mesmo um louco!... (*Recuando e correndo pela cena*). Amar-te! Eu[,] que te repeli tantas vezes, que não dei-te um raio de luz, e dei-te somente trevas!... Miserável[,] bem sei, o mundo já expulsou-me de si como a um ébrio, a sociedade amaldiçoou-me como a um assassino, sim, foge, Mariquinhas, de mim[,] também como de um louco!... Foge!... (*Pausa*). E eu ainda queria amar-te! E eu ainda, como o verme nojento, ia abrigar-me entre as pétalas da rosa!... Infame... Sim, reneguem-me todos, porque também já calquei a honra e o dever por uma quimera, por uma futilidade; a vida, o amor por um sonho: reneguem-me[,] que sou um réprobo. (*Fica pensativo[,] a um canto da cena*).

ARNALDO (*para Mariquinhas[,] que desperta*) – Acorda-te, Mariquinhas, és um anjo[,] para salvar a um arrependido... Ei-lo. Cândido... Ele ama-te...

MARIQUINHAS – Porém[,] eu não sonho? Repita... Cândido ama-me?... Mas... O que ouvi ainda há pouco? Fale-me... senão enlouqueço...

ARNALDO – Sossega, criança, acalma-te. Não te disse eu[,] um dia[,] que teu primo havia de amar-te?... Os corações puros são templos que se abrem às almas dos arrependidos... Cândido não ama a filha do capitalista, a mulher de gelo, a cortesã; porém[,] adora-te, a ti[,] que és pobre de ouro, mas rica de virtudes. Ele pede-te perdão, perdoa-o.



MARIQUINHAS – E eu duvidei, porque me parecia um impossível...

(Ouve-se o som da música do lado do rio).

CÂNDIDO (*em delírio*) – Ah! É o inferno. (*Quer recuar, mas parece atraído pelo som*). São os meus algozes[,] que dão-me nas faces uma gargalhada de escárnio... Quero vê-los... Vou lançar-me nas chamas, lá onde está Flora[,] a maldita!... Não me arrastes[,] que[,] na convulsão[,] eu me arrojoo ao precipício... Cala-te... Deixa-me...

ARNALDO (*batendo-lhe no ombro*) – Para onde vais, Cândido?

CÂNDIDO – Vou para o inferno... (*Toca na capela[,] a finados*).

ARNALDO – Não ouves? É teu pai[,] que te chama do céu!...

CÂNDIDO (*despertando*) – Meu pai! Rezar por sua alma!... Mas[,] onde estou eu?... Delirava... Era o inferno que me aparecia!...

MARIQUINHAS (*adiantando-se*) – Cândido!...

CÂNDIDO – Oh! És tu[,] Mariquinhas?...

ARNALDO – É a esposa[,] que te chama da terra... Acorda-te... Mas[,] para sempre. Foste um artista apaixonado, encaravas a mulher pelo lado da beleza, das formas, da matéria; como o tosco lapidário, quiseste dar ao diamante a luz de uma estrela, quando essa luz só é dada por Deus!... Porém[,] como os apaixonados, te suicidaste e[,] pela metempsicose da regeneração, és agora um homem.

CÂNDIDO – E tu[,] Arnaldo, foste o meu anjo da guarda!...

ARNALDO – Amigo, lembra-te sempre: as mulheres são diamantes ou estrelas; essas que só brilham à luz da vaidade e da ostentação[,] e que pesam milhões – são diamantes; porém[,] as que tem esplendor próprio, que não é dado pelo mundo e[,] sim[,] pelos céus, e que mesmo nas trevas guiam os náufragos – são estrelas... Salva-te, Cândido, que ali te brilha uma dessas estrelas que nos conduzem à felicidade...

CÂNDIDO (*apertando as mãos de Mariquinhas*) – Isto parece-me um sonho...

MARIQUINHAS – Pois[,] se é um sonho, não nos acordemos...

ARNALDO – Não é um sonho, é uma realidade. Homem, ama a mulher que te ama, dedica-te ao trabalho[,] que é teu dever; porém[,] não confundas nunca a criação de Deus com a tua!...

CÂNDIDO (*caindo aos pés de Mariquinhas*) – Sim, tu és o verdadeiro amor!...

MARIQUINHAS (*olhando para o céu*) – Tu és o verdadeiro Deus!...

ARNALDO (*de braços cruzados*) – Oh! Como tudo isto é sublime: quando[,] ao sol da realidade, os nevoeiros dissipam-se e surgem esplêndida – a natureza, e límpido – o céu: e o homem ama a mulher que destinou-lhe a – Natureza e a mulher agradece a Providência enviada por – Deus!...

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO.

Nota: No fim da edição do drama, consta uma extensa “errata”, que foi levada em conta na fixação do texto, sem a inserção de notas.



BIBLIOGRAFIA

ÁLBUM de Domingo. Porto Alegre: ano I, n. 28, 13 de outubro de 1878.

ALMANAQUE Abril – A enciclopédia em um volume. 16ª ed. São Paulo: Abril, 1990.

ALMANAQUE Popular Brasileiro (para o ano de 1896). Pelotas e Porto Alegre: Echenique & Irmão – Livraria Universal, 1895.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. *A república federal*. 2ª ed. São Paulo: Leroy King Bookwalter – Tipografia King, [1881] 1885.

BARRETO, João da Cunha Lobo. Estrelas e diamantes. Porto Alegre: *Revista Ensaios Literários*, n. 1, abr/1875, p. 10-25; n. 2, mai, p. 37-51; n. 3, jun, p. 69-80; n. 4, jul, p. 101-112; e n. 5, ago/1875, p. 101-112.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*, de 1889 a 1930. São Paulo: Fulgor, 1968.

BONAVIDES, Paulo & VIEIRA, R. A. Amaral. *D. Pedro II se despede do Brasil*. (Textos políticos da história do Brasil. – Independência – Império – I). Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, s/d.

CARVALHO, José Murilo de. Brasileiro cidadão? (Palestra proferida em Curitiba, no 2º semestre de 1991). *Pontos e bordados*: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998, p. 275-288.

_____. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CELSONO, Afonso. O parlamento do Império. *Década republicana*. 2ª ed. revisada e atualizada. Brasília: INL – Editora Universidade de Brasília, 1986, v. 1.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

COUTY, Louis. *L'Esclavage au Brésil*. Paris: Librairie de Guillaumin et Cie. Editeurs, 1881.



DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro* (em Porto Alegre no século XIX). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1956.

___; CESAR, Guilhermino et alii. *O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SEC, 1975.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1976, v. 2.

FLORES, Elio Chaves. *A condição republicana: eventos de ironia e sátira*. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2003.

FORTES, Gabriel Pereira Borges. A tipografia no Brasil – Visão panorâmica da imprensa do Rio Grande do Sul. *RS no contexto do Brasil*. (Círculo de Pesquisas Literárias). Porto Alegre: EDIPLAT, 2000, p. 35-67.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1959] 2000.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

___ & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil - Sob Dom Pedro II*. 2ª Parte. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1986.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *O problema da imprensa*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, 1923.

LOBO, Aristides. Carta ao *Diário Popular* de São Paulo, em 18/11/1889.

MAGALHÃES JÚNIOR, Roberto. *Deodoro – A espada contra o Império*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957, v. 1.

MAIA, João. *A adúltera*. Porto Alegre: Globo, 1936.

PRADO, Eduardo Paulo da Silva. (Publicado sob o pseudônimo Frederico de S.). *Fastos da ditadura militar no Brasil*. 4ª ed. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1891.

RIBEIRO, Hilário. *Lucinda*. Porto Alegre: Tip. da Imprensa Literária, 1875.



ROCHA, Arthur. O filho bastardo. *Teatro de Arthur Rocha*. v. I. Porto Alegre: Oficinas do Jornal "A Federação", 1876, p. 1-75.

_____. Os filhos da viúva. *Teatro de Arthur Rocha*. v. III. Porto Alegre: "A Federação", s/d, p. 3-88.

SALLES, Alberto. *Política republicana*. Rio de Janeiro: G. Leuzinger, 1882.

SENA, Ernesto. *Deodoro: subsídios para a história*. (Senado Federal. Coleção Biblioteca Básica Brasileira). Brasília: Conselho Editorial, 1999.

SILVA, José Alves Coelho da. *Escrava e mãe*. Rio Grande: L. Salcedo & Andrade, 1885.

SILVEIRA, José Luiz. Revolução federalista de 1893. *RS no contexto do Brasil*. (Círculo de Pesquisas Literárias). Porto Alegre: EDIPLAT, 2000, p. 111-124.

SOARES, Boaventura. *Um fruto da escravidão*. 1ª ed. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1884.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, Tomo I.

TORRES, Joaquim Alves. Martírios de amor. Porto Alegre: *Revista Mensal do Partenon Literário*, 3ª série, v. 1, n. 7, p. 149; e n. 8, p. 195, 1877.

_____. O marido de Ângela. *Teatro Rio-Grandense*. Porto Alegre: Tip. do "Jornal do Comércio", 1886, p. 11-138.

VIEIRA, Damasceno. *Adelina*. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1880.

VILLA, Marco Antonio. *Sociedade e história do Brasil*. (14 fascículos). Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1999-2001.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite & MARTINS, Ari. *150 anos de literatura dramática no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: exemplar datilografado, 1968.

Vol. I – Autores primordiais e textos fundadores ◦ O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto, de Manuel José da Silva Bastos ◦ O nobre e o plebeu, de Manuel Pereira Bastos Júnior ◦ Vítor, de Félix da Cunha ◦ *Vol. II – A desonra como Machina Fatalis* ◦ Risos e lágrimas, de Hilário Ribeiro ◦ Os filhos da viúva, de Arthur Rocha ◦ Frutos da opulência, de Joaquim Alves Torres ◦ *Vol. III – O Jesuitismo na alea de mira* ◦ Os jesuítas ou O bastardo do rei, de José Manuel Rego Vianna ◦ Os lazaristas, de Antonio Ennes ◦ Deus e a natureza, de Arthur Rocha ◦ *Vol. IV – O divórcio em cena* ◦ O marido de Ângela, de Joaquim Alves Torres ◦ Arnaldo, de Damasceno Vieira ◦ Janina, de Mário de Artagão ◦ *Vol. V – O drama abolicionista* ◦ O filho duma escrava, de Apparício Mariense da Silva ◦ A filha da escrava, de Arthur Rocha ◦ Um fruto da escravidão, de Boaventura Soares ◦ *Vol. VI – O ideal republicano* ◦ Estrelas e diamantes, de João da Cunha Lobo Barreto ◦ Lucinda, de Hilário Ribeiro ◦ Escrava e mãe, de José Alves Coelho da Silva ◦ *Vol. VII – A mulher como autora* ◦ Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas e A flor do deserto, de Maria da Cunha ◦ A culpa dos pais, A calúnia e As vítimas do jogo, de Anna Aurora do Amaral Lisboa ◦ *Vol. VIII – A comédia* ◦ Político, e liberal, por especulação, de “Hum Militar Avulso” ◦ Uma manhã em casa dum autor crítico, de “O Freqüês” (Pedro Antônio de Miranda) ◦ Por um retrato, de Damasceno Vieira ◦ File-o, de José de Sá Brito ◦ Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora, de Arthur Rocha ◦ Epidemia política, de “Iriema” (Appolinário Porto Alegre) ◦ Impalpáveis, de Joaquim Alves Torres ◦ O primeiro cliente, de Gomes Cardim.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-68558-08-9



9 788568 558089